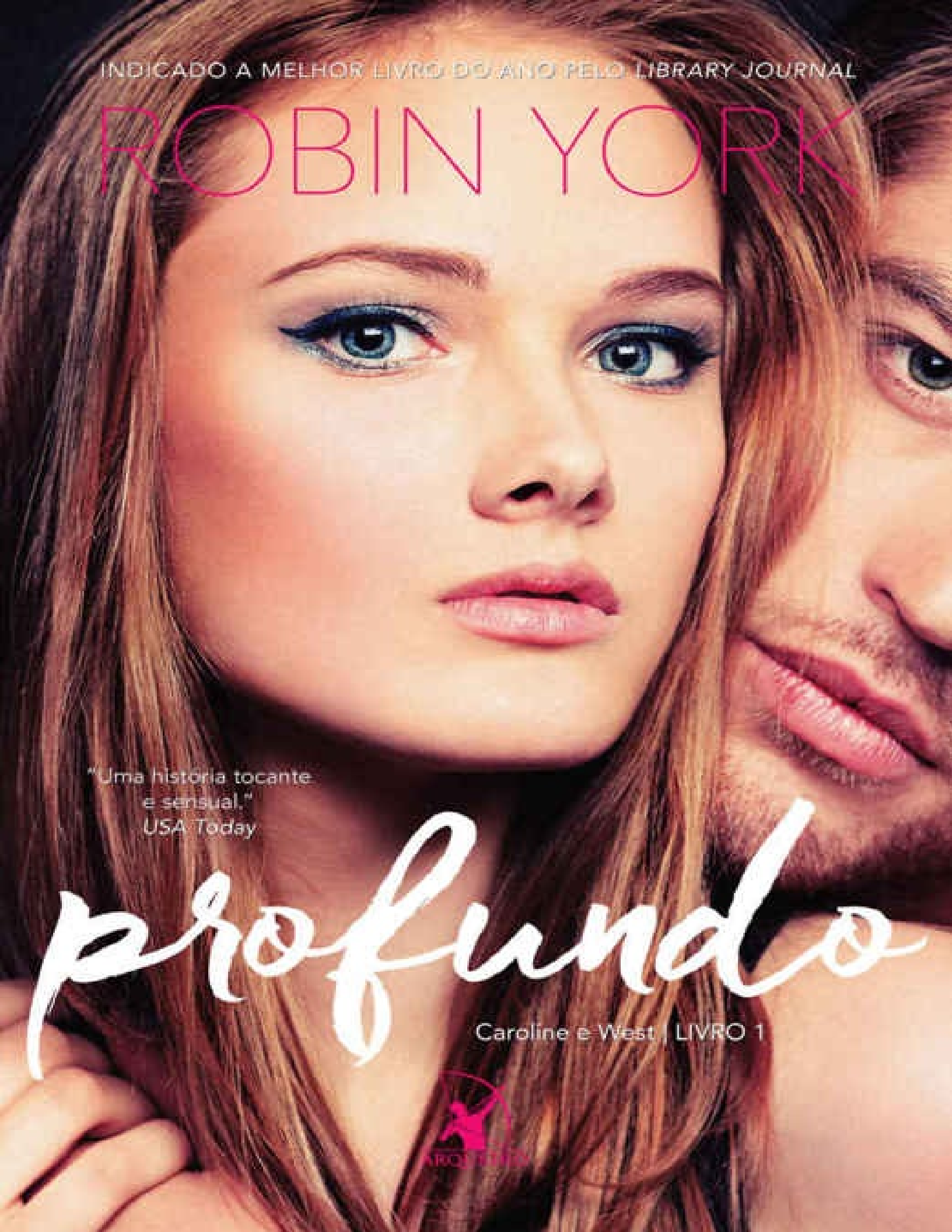

INDICADO A MELHOR LIVRO DO ANO PELO LIBRARY JOURNAL
ROBIN YORK
"Uma história tocante e sensual."
USA Today
profundo
Caroline e West | LIVRO 1

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

profundo



O Arqueiro

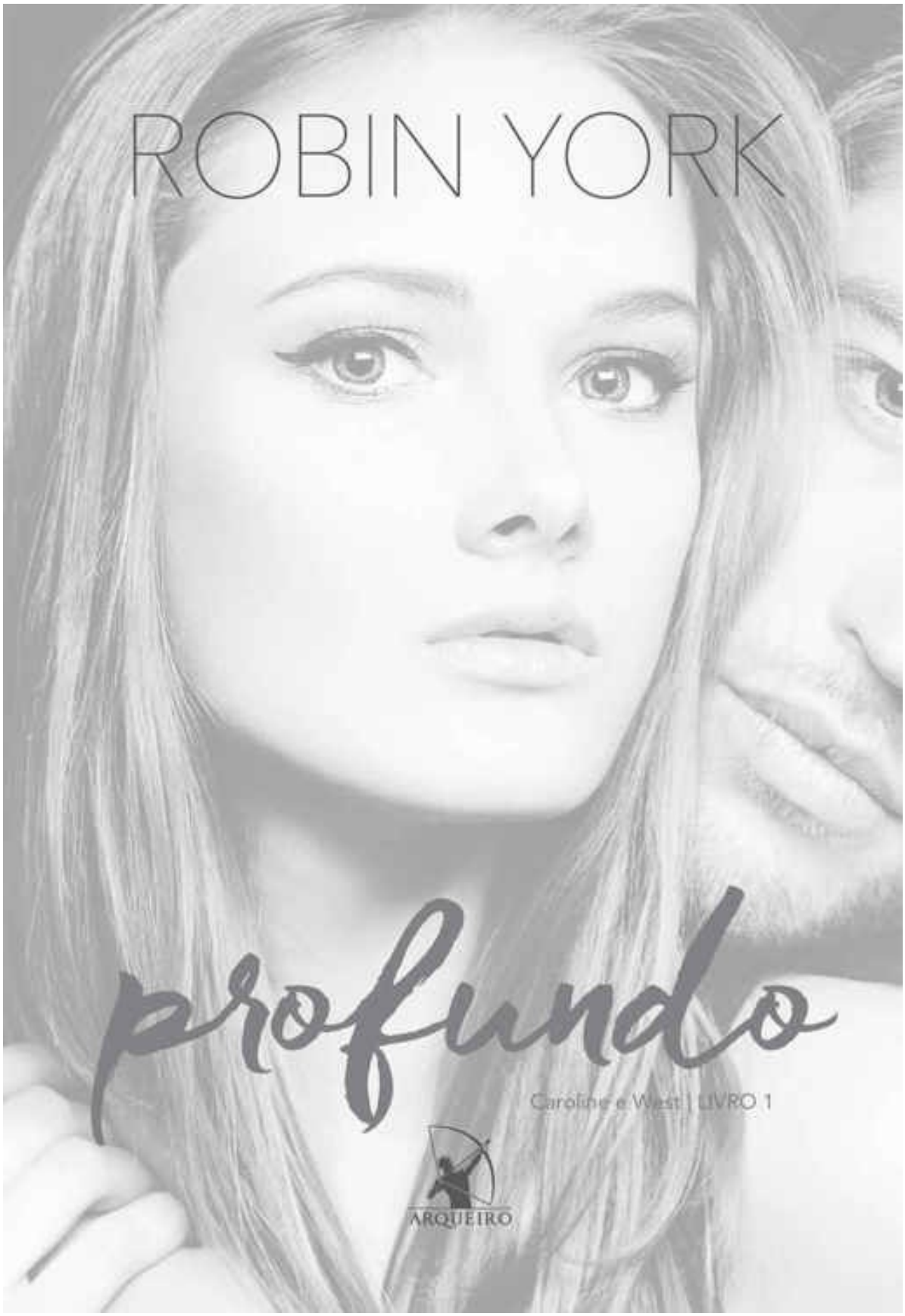
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


ROBIN YORK
profundo
Caroline e West | LIVRO 1
ARQUEIRO

Título original: *Deeper*

Copyright © 2014 por Ruth Homrighaus
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Cássia Zanon
preparo de originais: Taís Monteiro
revisão: Rebeca Bolite e Tereza da Rocha
diagramação: Abreu's System
capa: DuatDesign
imagem de capa: Kiselev Andrey Valerevich / Shutterstock
adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Y61p

York, Robin
Profundo [recurso eletrônico]/ Robin York; tradução de Cássia Zanon. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital (Caroline e West; 1)

Tradução de: Deeper
Continua com: Intenso
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-518-6 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Zanon, Cássia. II. Título. III. Série.

16-30023

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

ANTES

Às vezes detesto a garota que eu era naquela época. É como ver um filme de terror e não conseguir evitar desprezo pela virgem que vai dar uma volta no bosque de madrugada. Como ela pode ser tão burra? Não sabe que está prestes a ser morta a machadadas?

Pois deveria saber. É por isso que é tão difícil assistir a filmes desse tipo. Queremos que ela saiba. Queremos que se defenda e a desprezamos pelo perigo não passar pela cabeça dela, mesmo que a culpa seja obviamente do cara que a mata.

A questão é que o filme faz com que o criminoso pareça uma força da natureza – irrefreável –, e a virgem fica sendo a idiota que não checou a previsão do tempo antes de sair à noite, para verificar se havia um alerta para assassinatos em série.

Nos últimos tempos, se alguém me mandasse uma mensagem de texto apenas com *ahmeudeus!* escrito, eu não me perguntaria se o que estava prestes a descobrir seria ruim. Só iria querer saber *quão* ruim seria e quanto tempo eu levaria para me arrastar para longe do poço em que estivesse prestes a cair, qualquer que fosse.

Mas em agosto do meu segundo ano no Putnam College eu não me preocupei. Achei que Bridget, minha melhor amiga e colega de quarto, talvez tivesse se distraído antes de terminar o raciocínio.

Sequei os cabelos e me levantei para atirar a toalha molhada no cesto de roupa suja do closet. Errei. Enquanto eu a pegava para colocar no lugar, chegou outra mensagem no meu telefone, desta vez com um link. *Você precisa ver isto*, dizia. E então, imediatamente depois, *Eu sinto muito*.

Cliquei no link.

Acho que parte de mim já sabia. Porque ser uma boa moça significa passar a vida toda desenvolvendo um radar bastante preciso para detectar qualquer coisa capaz de fazer com que as pessoas nos amem menos.

Garotas como eu – ou como eu era em agosto – se alimentam de aprovação. Nós vivemos para isso. Então, quando fazemos algo idiota – ou, digamos, algo inacreditavelmente estúpido –, sabemos disso.

Na tela apareceu uma foto minha, sem blusa, com o pau do Nate na boca.

Olhei para a imagem e respirei fundo. Fechei os olhos e senti o chão embaixo de mim se abrir.

Sei que pode parecer melodramático falar assim, mas não consigo pensar em outra forma de descrever a sensação. Em um minuto eu estava com os pés no chão – uma garota bem-sucedida de 19 anos louca por política, a caminho da faculdade de direito e de ganhar o mundo – e, no instante seguinte, me encontrava em queda livre. Eu me apoiei na mesa. Não conseguia respirar direito.

Não demorei nem um segundo para entender a gravidade da situação. A compreensão imediata percorreu uma espécie de atalho entre os meus olhos e a área do cérebro que fez uma lista silenciosa e particular das consequências daquelas fotos no instante em que Nate as tirou.

Todo mundo vai ver você, zombar de você, odiar você.

Você não vai entrar para a faculdade de direito.

Você nunca vai conseguir uma bolsa de estudos.

Você nunca será juíza ou ganhará uma eleição.

Isto muda tudo.

Depois de ver aquelas fotos... fiquei arrasada. Imediatamente. Porque eu deveria saber.

Naquela noite, quando fiz um boquete em Nate e ele levantou o iPhone no ar, mirando a minha cabeça, meu radar de boa moça estava funcionando direitinho. *Não é uma boa ideia*, o radar me disse. *Péssima ideia*. Mas eu ignorei o sinal, porque Nate estava a fim e eu achava que, se concordasse, ele acabaria deixando aquilo de lado.

Você confia nele, eu disse a mim mesma. *Nate jamais faria nada de mais com as fotos*.

Mas ele fez. Só pode ter feito. O site me identificava como Caroline Piasecki, do Putnam College, em Iowa, e Nate era o único que tinha aquelas fotos. Ou ele as pôs lá ou as deu a alguém que fez isso.

Havia uma foto de rosto, sorrindo. Uma com biquinho que eu havia mandado de dentro do carro só para fazer graça. Outra usando meu conjunto preferido de lingerie de oncinha, tirada na frente do espelho do meu quarto, encolhendo a barriga e estufando o peito porque queria parecer sexy. Eu queria muito ser sexy para ele. E havia as outras, ainda mais safadas. Aquelas para as quais eu quase não conseguia olhar.

Três delas.

Abaixo de todas, mais uma de rosto, com um balão de história em quadrinhos dizendo: *Meu nome é Caroline Piasecki! Sou uma vaca frígida que precisa ser COMIDA!!!*

Eu não conseguia chorar.

Não conseguia respirar.

Não conseguia acreditar naquilo.

A página tinha 462 comentários.

Quatrocentos. E sessenta. E dois.

Se alguém tivesse me perguntado dez minutos antes como eu me sentia em relação a Nate, eu teria respondido *Ah, não tenho ressentimentos*.

Depois de três anos juntos, apenas tínhamos nos afastado. Acho que foi culpa da faculdade. No final do nosso primeiro ano, eu havia começado a achar que não tínhamos mais tanto em comum. No ensino médio, eu nunca havia saído com ninguém até ele me convidar para um encontro – demorei a desabrochar, como dizia meu pai. Nate era bonito, popular, inteligente. Fiquei lisonjeada por ser notada por um garoto como ele. Mas no Putnam passei a ter a impressão de que faltava algo entre nós. Química. Uma ligação mais profunda.

Eu havia terminado o namoro com ele antes da volta às aulas. Dividimos uma pizza com refrigerante e eu tentei explicar meu raciocínio sem ferir seus sentimentos. Achava que tinha me saído muito bem, porque, no fim do jantar, ele estava sorridente e agradável de novo.

Então, respondendo à pergunta anterior, eu teria dito que ele era um cara legal. Que ainda éramos amigos.

Assim, embora eu não estivesse exatamente surpresa, ao mesmo tempo estava, sim. Eu tinha obedecido às regras, me esforçado para tirar boas notas, namorado um garoto legal e o havia feito esperar bastante até fazermos sexo. Aquilo não devia estar acontecendo. Eu não imaginava que meu par no baile de formatura, meu primeiro namorado, meu *primeiro homem*, usaria a internet para me chamar de vagabunda viciada em porra na cara e diria o nome da minha faculdade e da minha escola logo abaixo de uma foto de boquete.

Quem imagina uma coisa dessas?

Afundei na cadeira e rolei as primeiras telas de comentários. E as seguintes. Uma tela após outra.

Ela tem peitos bonitos.

Eu pegava

fap fap fap fap vlw Carolina, sua puta!

Que vagabunda mais feia. Eu quero mais boceta!

Cada palavra que eu lia – cada termo nojento que algum cretino teclava sobre mim em um porão qualquer – me fazia pensar: *a culpa é minha.*

Minha culpa, minha culpa, minha culpa.

Eu nunca deveria ter deixado Nate tirar as fotos. Sabia disso. Sabia no momento em que ele as tirou, sabia depois e sabia quando terminamos e eu tive

um impulso fugaz e urgente de implorar que ele me deixasse apagar tudo. Um impulso que eu havia ignorado por não querer ofendê-lo.

Eu não quis ser *grosseira*.

Fiquei ali sentada por um longo tempo, rolando as páginas e lendo, secando as lágrimas com as costas da mão. Eu ofegava mais do que respirava, surtava mais do que raciocinava; estava desorientada demais para fazer qualquer coisa parecida com um plano coerente.

Acho que eu estava em luto pelo fim de algo que nem sabia que tinha acabado. Minha juventude, talvez. A parte ensolarada e perfeita da minha vida.

Só quando Bridget me mandou outra mensagem – *Vc tá bem?* – que eu realmente compreendi. Pensei nela voltando para o quarto depois de ter visto. Ela saberia, e eu teria que encará-la.

Pensei que não seria apenas Bridget. Seria todo mundo.

Então me dei conta de que eu nunca mais ficaria bem de novo.

SETEMBRO

Caroline

Duas semanas e meia depois de as fotos aparecerem na internet, está tudo sob controle. Até eu sair da aula de latim e entrar no cotovelo de West Leavitt.

Estou caminhando de cabeça baixa, concentrada na próxima eleição para o diretório acadêmico. Tinha pensado em concorrer este ano para representar meu alojamento, mas agora não vejo como isso seria possível. A garota que está concorrendo é... Bem, estou tentando não ser maldosa. Ela não é minha primeira escolha.

Eu sou minha primeira escolha.

Passo pela porta e sigo para a direita, para longe da maioria dos outros alunos. Eu costumava ir para a esquerda, mas Nate tem aula de macroeconomia na sala ao lado da minha e não quero cruzar com ele. Comecei, então, a pegar a direita e seguir para o refeitório pelo lado de fora do prédio.

Hoje, porém, meu caminho não está deserto – o corredor está lotado. No entanto, como estou de cabeça baixa, não percebo até dar um encontrão nas costas de alguém.

Minha bolsa cai no chão. Eu me abaixo para pegá-la, pedindo desculpas, e só então reparo quantas pernas andam por aquele corredor. Começo a me perguntar o que está acontecendo. Ainda estou tentando descobrir quando me levanto de novo e meu nariz colide com algo. No momento do golpe, não entendo que foi com a parte de um corpo, nem sei a quem ela pertence. Só percebo a agitação à minha frente.

E a dor no meu nariz.

Ah, meu Deus, como dói.

Levo a mão em concha ao nariz, para protegê-lo, e desabo, abaixando a cabeça e me encolhendo. Meus olhos se enchem de lágrimas por causa da pancada. Sinto um líquido morno escorrer pelos meus lábios. Coloco a língua para fora para lambê-lo antes de compreender que – *argh*, *sangue* – estou sangrando. Então o líquido continua a correr e chega a meu queixo. Eu nem me importo, porque meu nariz não para de latejar.

Eu nunca fui atingida no rosto antes.

É absolutamente TERRÍVEL.

Sei que há algo que eu deveria estar fazendo em vez de ficar apertando o nariz, como se meus dedos tivessem o poder de conter o sangramento. Piscando, confusa, olho ao redor para ver no que bati e por que essa coisa me odiava tanto. Considerando o estado do meu nariz, imagino que seja uma parede de tijolos ou um monstro com blocos de concreto no lugar das mãos.

Em vez disso, vejo grandes corpos masculinos empurrando uns aos outros e grunhindo. Há bastante espaço ao redor deles, mas eu o invadi, o que provavelmente explica por que fui atingida e também por que estou em uma posição perfeita para ver o soco vindo.

Eu não o vejo chegar ao alvo. O homem que o recebe está de costas para mim, de frente para o sujeito que o desfere. O golpe seco de pele contra osso faz meu estômago revirar.

O cara cai bem na minha frente. O outro monta nele, com o peito arfando, inclinado de tal modo que eu só consigo ver o topo de sua cabeça. Ele parece prestes a dar mais um golpe, e eu realmente não quero que faça isso, porque é tudo tão brutal que acho que não sou capaz de suportar.

Então ouço um barulho terrível – um som agudo, esganiçado e ofegante –, e o cara que está por cima do outro olha para mim.

Ah, meu Deus. Fui eu que fiz o barulho. Aquele grito estridente era meu. Agora é que não consigo respirar mesmo, porque o cara que me encara é o West e o rosto em que ele bateu com tanta força é o do Nate.

West arregala os olhos.

– Meu Deus, Caroline, eu bati em você?

Ele se levanta, se aproxima e me estende a mão. Parece que esqueceu completamente que está destruindo Nate. Seu olhar, a mão que ele me oferece... Tudo é tão parecido com nosso primeiro contato, há mais de um ano, que eu tenho uma espécie de déjà-vu. Minhas pernas bambeiam, o que me irrita. Meu corpo é o inimigo agora – meus joelhos fracos, o som agudo que minha garganta resolveu emitir, meu nariz cheio de sangue, a dor latejante no meu rosto.

Sem falar no meu coração, que está tentando saltar do peito, tamanha a força das batidas.

As mãos de West pousam na minha cintura, firmes, e é ridículo. Meu corpo é um idiota. Porque as mãos dele me dão uma sensação meio que incrível.

Evidentemente eu estou com uma concussão. É provável que a pancada que levei tenha sido de West e sem dúvida alguma foi ele quem bateu em Nate, que...

Caramba.

Nate está estendido no chão, com a boca sangrando.

O pior é que eu não consigo me concentrar de fato em Nate, porque a outra mão de West pousou brevemente no meu ombro e agora ele está levantando meu queixo. O sangue deixa os dedos dele escorregadios. Estou sangrando nele. E gosto disso.

É desse jeito que West me deixa. Ele só me tocou uma vez antes, mas não é o tipo da coisa que uma garota esqueça.

Meu Deus, há tantos motivos pelos quais isso é péssimo... A maioria deles nem tem relação alguma com meu nariz. Para começar, eu não gosto de caras que batem nas pessoas. No momento eu não gosto de cara nenhum, ponto. E, se gostasse, não gostaria de West, porque ele cheira a encrenca e eu sou alérgica.

– Você está sangrando – diz ele.

– Você bateu em mim.

– Deixe-me ver.

Ele puxa meu pulso e eu deixo que afaste minha mão do nariz, porque basicamente deixo West Leavitt fazer qualquer coisa. Talvez ele seja uma espécie de criatura mágica. Quero dizer, ele não é. Eu sei que não é. É um aluno de 20 anos do segundo ano de biologia do Putnam College. Trabalha na biblioteca durante o dia, na padaria na cidade no turno da noite e nos fins de semana é garçom no Gilded Pear – o único restaurante sofisticado do campus. Tudo isso, além de pelo menos duas fontes de renda nebulosas e extraoficiais, mais as aulas, faz dele uma das pessoas mais ocupadas que eu conheço.

West Leavitt é alto – 1,80 metro, talvez um pouco mais –, tem cabelos castanhos que estão sempre desalinhados, olhos azul-esverdeados e um bronzeado lindo.

É um cara que estuda no mesmo lugar que eu. Só isso.

Só que não é só isso.

O rosto dele é... Sabe aquele lance de que os seres humanos se sentem mais atraídos por rostos simétricos? Bem, o rosto de West é ligeiramente assimétrico de todas as formas imagináveis. Uma das sobrancelhas é um pouco mais para cima e a outra é atravessada por uma fina cicatriz branca. Os olhos são de uma cor que não é realmente uma cor, com umas manchinhas minúsculas que às vezes parecem brilhar de forma inexplicável, pelo menos para mim. A boca é um pouco larga demais, o que faz com que ele pareça convencido toda vez que sorri, quase sorri ou pensa vagamente em sorrir. O nariz deve ter sido quebrado uma vez – ou talvez mais de uma –, porque não está bem onde deveria. É um pouquinho virado para a esquerda. E, para ser sincera, acho as orelhas dele pequenas demais.

Mas quando ele olha para mim eu mal consigo falar.

É por isso que estou aqui parada, sangrando, deixando que ele examine meu

nariz.

– Ele ainda está aí? – pergunto.

Só que, infelizmente, a pergunta sai mais parecida com *êi aída edá aí?*.

– Está. Talvez eu tenha dado uma cotovelada em você. Mas não está quebrado.

– Como você sabe?

– Estaria sangrando mais.

Ele desliza um dedo sobre a ponte do meu nariz.

Não está mais doendo.

Um gemido vindo do chão desvia a atenção de West do meu rosto. Nesse momento, meu nariz volta a latejar e eu me lembro de quem está gemendo e por quê.

Nate está com um lábio cortado. Toda a frente da camisa dele está vermelha e molhada. Quando cospe, seus dentes ficam cor-de-rosa.

Dentes cor-de-rosa. Isso me faz voltar à consciência.

Esse é o Nate, penso. *West bateu no Nate. Ele está sangrando.* Eu *estou sangrando.*

Meu cérebro elabora todas essas afirmações, uma após outra, como se eu fosse acabar juntando-as em uma história que faça sentido. Mas a parte de mim que costuma ser responsável por analisar e processar dados está desligada.

O sangue pinga do meu queixo. Olho para baixo e vejo que as gotas caem no bico gasto da bota preta de West.

– Preciso de uma toalha de papel – digo.

Krishna, amigo de West, o agarra pelo braço.

– Você precisa sair daqui.

Krishna é alto, tem a pele escura, cabelos pretos e um rosto lindo de tirar o fôlego. Também é tão tranquilo que beira o estado letárgico, de modo que a urgência em sua voz me atinge em cheio.

Os alunos ao redor se viram para o final do corredor, onde algo está acontecendo. Alguém se aproxima.

West Leavitt deu um soco no rosto de Nate.

Eu estou sangrando.

Ele ainda está me tocando, e eu não consigo pensar.

– Tome conta dela – diz a Krishna, mas olha diretamente para mim, com um ar de quem pede desculpas.

Krishna dá um empurrãozinho nele.

– Tá, cara, agora vai.

West olha para mim mais uma vez e sai em disparada pelo corredor. Krishna

pega minha bolsa no chão – eu nem tinha percebido que a deixara cair de novo – e passa o braço pelos meus ombros.

– Vamos lá pegar uma toalha de papel para você.

– Você acha que o Nate está bem?

– Eu acho que o Nate é um babaca. Mas ele ainda está respirando. Você consegue andar um pouco mais rápido?

Faço o melhor possível. Acabamos em um banheiro feminino no segundo andar. Krishna fica parado ao lado da porta, mantendo-a aberta com o corpo, enquanto eu pressiono um papel áspero no nariz e me olho no espelho.

Pareço saída de um filme de terror. Meu rosto está todo ensanguentado, e há sangue seco nas pontas dos meus cabelos. Minha mão é só sujeira e o punho da minha camisa branca que desponta da manga do casaco está vermelho e molhado.

Recebeu o que merecia, hein? Vagabunda.

Sinto o estômago revirar, uma náusea repentina que me faz fechar os olhos e respirar fundo.

Olho para Krishna, mas é claro que não foi ele quem disse isso.

Foram *eles*. Os homens.

Eles me seguem por toda parte. Ouço sua voz o tempo todo. Suas opiniões nojentas: um fluxo interminável de comentários negativos na minha vida.

Eu comeria, dizem as vozes enquanto abro a torneira, *foderia essa vagabunda até ela não conseguir mais andar. Não me importa nem um pouco como é a cara dela* até que a água esquente.

– Tudo bem com você? – pergunta Krishna.

Ele parece desconfortável. Nós nos damos bem, mas não somos *amigos*. Ele é mais próximo da Bridget, minha colega de quarto. No ano passado nosso quarto no alojamento era na frente do de West e Krishna.

Eu gosto do Krishna, mas ele não é o tipo de cara com quem eu contaria algum dia. É meio galinha, na verdade, e preguiçoso. Imagino que ficar aqui parado me vendo sangrar não esteja na lista de coisas que ele escolheria fazer hoje.

Afasto o papel do nariz para ver como está a situação. O sangramento parece ter parado.

– Estou ótima. Pode ir.

– Eu até ficaria aqui com você, mas marquei com uma pessoa. Mas se você quiser...

– Não, estou bem.

Prefiro ficar sozinha. Minhas mãos tremem e as pernas ainda não parecem ter recuperado a firmeza.

– Vou dizer ao West que não houve danos, certo?

– Hã?

– Vou dizer que você não se machucou.

Mas me machuquei. Dentro de mim, escondido em algum lugar na minha caixa torácica, há um coração partido. Dói o tempo todo. Meu nariz inchado e o latejar na cabeça não são nada perto dessa dor.

– Diga o que achar melhor.

Krishna ainda parece sem graça, mas fala:

– Até mais, então.

Quando respondo, ele vai embora.

A porta se fecha silenciosamente.

Eu me apoio no porta-papel, fico ouvindo a água correr e respiro fundo.

Inspiro. Expiro.

Inspiro. Expiro.

Na oitava respiração, consigo me livrar quase por completo do medo e me desligar da dor. Tive algumas semanas para praticar. Estou ficando boa em não sentir coisas.

O segredo é me manter ocupada. Estabelecer metas e cumpri-las, uma após outra. Não posso passar o dia respirando fundo. Preciso almoçar, porque tenho um monte de coisas para estudar antes da reunião do meu trabalho em grupo, às três. Tenho que checar os e-mails – ouvi meu celular vibrar durante a aula de latim e sei que vou encontrar uma porção de links novinhos no meu alerta diário do Google. Reservei um tempinho para cuidar deles antes da reunião.

Agora minha vida é assim, sempre com alguma coisa a fazer.

Antes eu era uma aluna aplicada. Imprimia meu horário de aulas em cores, com sessões de estudos cuidadosamente programadas e etiquetadas nos tons correspondentes. Fazia furos nas margens de todos os meus planos de estudos e criava pastas especiais no fichário, uma para cada disciplina.

Nos últimos tempos passei a dedicar toda a energia à elaboração de planilhas para rastrear meu progresso na eliminação das minhas fotos nua da internet. Anoto o URL de cada imagem, o site em que está hospedada, a data e o horário da postagem. Virei especialista em busca por imagem e desenvolvi habilidades incríveis tanto no rastreamento de informações de contato de proprietários de sites quanto em bombardeá-los com ameaças de teor jurídico até que removam todas as fotos de seus servidores.

A única forma de ser bem-sucedida nesse jogo horroroso de que eu nem quero participar é ficar on-line por mais tempo do que eu gostaria, vendo coisas que preferiria não ter que ver. Agora sei mais sobre sites pornôs de compartilhamento de arquivos do que qualquer adolescente. Já vi mais pênis

eretos e cheios de veias do que seria possível em umas dez vidas. Sempre que deito e fecho os olhos, meu cérebro me oferece um clipe pornô, e ouço as ofensas masculinas provenientes dos recantos mais sombrios e imundos da internet.

Sua vagabunda chupadora de pau.

Vou agarrar você e foder essas tetas. Vamos ver se não vai ficar morrendo de tesão.

Eu sei o que eles pensam a respeito de mim, porque não param de deixar isso bem claro. Nas noites em que não consigo dormir, saio do alojamento, pego o carro e fico dando voltas pelo campus.

Ouço a voz desses homens porque não tenho escolha.

Dirijo sem rumo porque não sei mais o que fazer.

Mas eu não preciso me entregar ao sofrimento. No começo, quando vi as fotos, achei que precisasse, que a vida que eu conhecia havia acabado e eu simplesmente teria que lidar com isso.

Eu estava errada. Há alternativas, e não desmoronar é uma delas.

Todas as manhãs – quer eu tenha conseguido dormir ou não, quer tenha passado o dia todo sem chorar ou me acabado de soluçar no banho – o sol nasce, e eu faço a minha escolha: hoje não vai ser o dia que isso vai me derrubar.

Jogo o bolo nojento de papel ensanguentado no lixo, lavo o rosto e uso um papel limpo para me secar. Meu casaco já era. Então o tiro e jogo na lata de lixo. Não era de boa qualidade mesmo e estava começando a desfiar.

Enfio o punho da camisa embaixo da torneira, tentando lembrar se é melhor usar água fria ou quente para tirar manchas de sangue. Nunca sei. Acho melhor pesquisar no celular. Acho melhor...

... descobrir por que West bateu no Nate.

É. Isso também.

A menos que eu já saiba por quê. Mas espero que não. Meu Deus, espero que não.

Preciso encarar tudo isso como mais uma coisa com que lidar. Simples assim. Um problema a ser resolvido, e eu posso solucionar qualquer problema se me esforçar o bastante.

Os homens podem rir de mim e encher minha cabeça com seu veneno. Podem olhar para minha imagem nua, se masturbar, postar comentários com fotos de si mesmos segurando o pau coberto de sêmen com a tela do computador ao fundo preenchida com meu corpo.

Não posso evitar, Caroline, eles podem me dizer. *A culpa é sua, por ser tão gostosa!*

Eles já fizeram tudo isso. Fizeram com que eu não consiga andar pelo

campus usando um short sem me sentir uma vagabunda, uma idiota culpada por tudo o que está me acontecendo.

Mas eu não vou deixar que vençam.

Puxo os braços para dentro das mangas para torcer o punho. Vou precisar trocar de blusa mais tarde. Por ora, é o melhor que consigo fazer. Passo protetor labial. Escovo os cabelos.

Um passo de cada vez, uma hora de cada vez, um dia de cada vez, até melhorar.

Se eu continuar seguindo em frente, as coisas vão acabar melhorando.

Atravesso o campus com os braços ao redor do corpo, observando o céu azul, as alegres flores vermelhas, os alunos indo para todas as direções, sozinhos e em grupos, resolutos como formigas.

Antes eu estava tão empolgada em voltar ao Putnam College... Adoro o campus, com seus edifícios de tijolos vermelhos e a passarela ao ar livre que liga os alojamentos. Adoro as aulas e o desafio de estar em uma universidade em que não sou a mais inteligente. Ao contrário dos alunos do ensino médio, ninguém na faculdade me enche o saco por gostar demais de estudar ou por ser nerd. Quase todo mundo aqui é pelo menos um pouco nerd.

Mas, nas últimas semanas, o lugar foi arruinado para mim. Talvez para sempre.

Nate não apenas postou as fotos. Ele usou o site no qual elas foram publicadas para enviar por e-mail um link anônimo a um monte de amigos nossos. Quando obriguei Bridget a me contar se estava na lista de destinatários, ela admitiu que sim, que tinha recebido o e-mail *sete* vezes pelo provedor da universidade. Sete. Há mil e quatrocentos alunos no campus, trezentos e cinquenta na nossa turma. Não consigo imaginar quantas vezes a mensagem circulou entre os que *não são* a minha melhor amiga.

O post original feito por Nate não está mais no ar, mas as fotos continuam aparecendo em sites diferentes, e alguns dos posts ainda citam a minha universidade, a minha cidade, a mim.

Agora, quando caminho pelo campus, olho para cada cara que passa por mim e penso: *E você? Me viu nua? Salvou minhas fotos no celular? Bate punheta olhando para elas?*

Você também me odeia?

Fica difícil me empolgar com a ideia de dançar com eles em festas ou torcer por seu time em um jogo de futebol.

Meu telefone vibra no bolso de trás. É uma mensagem de Bridget me

perguntando se vou almoçar.

Digito: Sim. E você?

Sim! Gardiner?

Chego em cinco minutos.

Legal. Soube do West?

Não sei bem como responder a isso, então digito: Mais ou menos.

Ela responde com *Suspiro*.

Bridget gosta de fingir que West e eu temos um caso amoroso sensual e secreto.

Eu gosto de fingir que ele e eu somos totalmente estranhos.

A verdade está em algum lugar aí no meio.

Conheci West no dia da mudança dos alunos do primeiro ano para o alojamento, um dia bem quente. Em Iowa, isso significa um calor de mais de 35 graus e umidade de 98 por cento. O melhor a fazer nessas condições é deitar no sofá numa sala fresquinha para assistir a TV comendo ovinhos de chocolate. Se for necessário sair, que seja para ficar na sombra com um sorvete na mão.

Em vez das opções anteriores, eu estava carregando minha mudança do carro do meu pai para o quarto que dividiria com Bridget, quatro lances de escada acima. Acontece que eu tenho muita coisa. Na última leva, fiquei um pouco tonta, e meu pai insistiu em que eu me sentasse nos degraus ao lado da entrada do alojamento e esperasse.

Então, nesse momento, ele se encontrava a caminho do quarto, Bridget ainda não havia aparecido e Nate estava chegando com a própria mudança. Eu estava sozinha – suada, grudenta, com o rosto vermelho e com *muito* calor. É possível que estivesse resmungando mentalmente sobre as pernas cansadas e o fato de não existirem macacos amestrados para ajudar a carregar o peso quando apareceu o carro mais feio que eu já havia visto na vida.

Tinha cor de esgoto e era todo amassado e enferrujado, com a porta do lado do carona presa com *silver tape*. Observei-o passar por cima de uma vaga no estacionamento e continuar em câmera lenta pelo meio-fio, atravessar o gramado bem-cuidado da universidade e parar bem à minha frente.

Procurei pelo segurança do campus, com meu radar de boa moça apitando loucamente. Havia marcas de pneus na grama! O carro despejava nuvens oleosas de descarga tóxica no ar! Isso não podia ser permitido!

Nenhum guarda à vista.

A porta do lado do motorista se abriu e um cara saiu do carro.

Eu me esqueci até do meu próprio nome.

Bem, é provável que aquilo tenha acontecido por eu ter me levantado rápido demais. Estava quente e eu praticamente só tinha engolido um bolinho no café

da manhã, empolgada demais para comer os ovos com bacon que meu pai tentara me empurrar. É claro que não fiquei zonza por causa da aparência daquele cara.

Quero dizer, sim, preciso admitir que a aparência dele pode ter contribuído. A parte primitiva do meu cérebro registrou com avidez todos os detalhes de suas medidas, da forma de sua boca e daquele rosto que *ah, meu Deus,* e então a parte racional as arquivou cuidadosamente fora do alcance, na pasta mental adequada.

A etiqueta dessa pasta diria *Se você não estivesse com Nate*...

No entanto, não foi o físico do cara que me arrebatou. Foi o modo como ele se movia.

Eu poderia dizer que ele saiu *gingando* do carro, mas essa palavra dá a impressão de que estava se esforçando demais, o que está muito longe da verdade. Ele era naturalmente gracioso e descontraído e, meu Deus, nem sei. Você vai ter que acreditar em mim.

Ele relanceou ao redor e seu olhar parou em mim.

– Você é o comitê de boas-vindas?

– Claro – falei.

Ele se aproximou e estendeu a mão.

– West Leavitt.

– Caroline Piasecki.

– Muito prazer.

A mão dele estava quente e seca, o que me fez ter vergonha da minha mão úmida e grudenta e do suor embaixo dos braços. Meu desodorante havia vencido fazia horas, e eu sentia o meu próprio cheiro. *Que ótimo*.

– Você veio de carro? – perguntei.

O canto da boca dele levantou um pouco, mas ele soou muito sério quando respondeu:

– Vim.

– Veio de onde?

– Do Oregon.

– Nossa.

Isso fez o canto da boca levantar um pouco mais, quase num sorriso.

– Qual é a distância?

– Um pouco mais de 3 mil quilômetros.

Olhei para o carro dele. Olhei para *dentro* do carro dele.

Muito bem, a verdade é que eu me afastei de West, me aproximei do carro, me inclinei e espiei lá dentro. O banco de trás estava abarrotado de equipamentos de camping e havia um aquário cheio de lâmpadas e fios elétricos emaranhados, além de um saco de lixo gigantesco e transparente contendo o que

parecia ser terra. Havia também uma imensa caixa com latas de carne ensopada e algumas camisas jogadas aleatoriamente.

O carro parecia a casa de um sem-teto, e eu fiquei fascinada.

Também fiquei com um pouco de medo de olhar para West. Pude ver pelo reflexo na janela do carro que ele estava alongando os braços atrás das costas, o que esticou a camiseta e exibiu o que eu provavelmente não deveria estar vendo.

– Você veio sozinho de lá até aqui? – perguntei.

– Claro.

Ele esticou os braços para cima, para alongar os ombros. A camiseta levantou e eu desviei o olhar do reflexo dele, constrangida.

– Com as janelas abertas?

Àquela altura, eu já nem sabia mais o que estava falando.

– Éééééé – respondeu ele, bem lentamente. Quando o fitei, seus olhos estavam com um ar malicioso. – Às vezes eu pirava e enfiava um braço para fora.

Senti um calor subindo pela garganta. Voltar a ser imperdoavelmente curiosa em relação ao carro dele me pareceu naquele momento o caminho certo a seguir.

Notei um saco de dormir no banco da frente e me perguntei se ele passava as noites dentro do automóvel. Será que parava no acostamento, abaixava o banco do carona e se deitava? Será que comia ensopado de carne frio direto da lata? Porque aquilo que eu estava vendo no porta-copos era definitivamente um abridor de latas.

E era definitivamente uma caixa de camisinhas aberta e meio amassada que eu estava vendo debaixo do banco do passageiro.

– Você não tem medo de botulismo?

Agora, em minha defesa, eu de fato tinha um motivo para perguntar. Percebi que várias das latas estavam amassadas e me lembrei de uma aula de biologia do ensino médio em que aprendemos sobre bactérias anaeróbicas e sobre como elas se reproduzem. Às vezes, as latas se amassam, bactérias entram por buraquinhos microscópicos e começam a se reproduzir loucamente. Quando abrimos a lata, tudo parece normal, mas, depois que comemos, acabamos morrendo.

Tudo fazia sentido na minha cabeça. Só quando me endireitei e me virei – o que me deixou tonta de novo, talvez por ter ficado inclinada por muito tempo, espiando o interior do carro dele como se fosse uma vouyeur maluca –, percebi que nada daquilo fazia sentido para ele. A testa dele estava franzida.

– Por causa das latas. Estão amassadas – falei.

Mesma expressão.

– Bactérias anaeróbicas? Morte lenta e dolorosa?

Ele assentiu lentamente e então fez a pior coisa do mundo.

Sorriu.

Foi como um ataque nuclear.

– Você é esquisita, né?

Não sou eu que ando com camisinha e carne ensopada no carro.

Mas eu não disse isso. Estava ocupada demais sorrindo feito uma completa idiota.

O sorriso de West produz esse efeito em mim. Ele não faz isso com frequência, mas sempre que faz meu cérebro simplesmente para de funcionar.

Além disso, o mundo de repente ficou meio nebuloso e de cabeça para baixo. Meus quadris se chocaram contra algo duro, que descobri ser a porta do carro dele, e então eu comecei a me abaixar até repousar a testa no pneu quente da frente.

– É porque não tem macacos amestrados.

O que eu falei não tinha o menor sentido. Nem sei o que eu quis dizer. De súbito, me senti terrivelmente cansada e sonolenta, e ele se aproximou com a mão estendida. Senti sua respiração no meu pescoço e o ouvi resmungar alguma coisa sobre *entrar* e *você*.

Gostei do som daquilo.

Senti um peso nos ombros, que descobri ser o braço dele me envolvendo e em seguida me deitando de costas. Por um instante lento e perfeito, ele estava acima de mim, apoiado nos cotovelos, com os quadris pressionados contra os meus. O cheiro dele era ótimo. Quente e intenso, como alguma iguaria deliciosa que derreteria na minha boca.

Então ele se afastou, e nós estávamos deitados um ao lado do outro no chão. Por um rápido instante eu me perguntei se meu desejo de que ele voltasse para cima de mim me tornava uma péssima namorada. Será que contava como traição? Porque eu tinha gostado daquelas mãos em mim. Gostei do aroma dele.

Fechei os olhos e respirei o cheiro de West Leavitt, grama verde e terra quente.

Tenho quase certeza de que ainda estava sorrindo quando perdi a consciência.

Bridget, do lado das portas de vidro de correr do refeitório, acena para mim.

Sorri o tempo todo enquanto atravesso o saguão, até eu me aproximar o bastante para ela ver meu rosto com clareza.

– O que aconteceu com o seu nariz?

– Bateu em um cotovelo.

– Você vai ter que explicar isso.

– É, eu sei. Mas me dê um tempo.

Entramos no refeitório, pegamos nossas bandejas e esperamos que o monte de alunos à nossa frente na fila andassem.

– Sabe a briga? De West e Nate? Acabou sobrando pra mim.

– O Nate bateu em você? Caramba! Que horror! Você chamou a segurança? Porque isso é sério, Caroline. Não estou brincando, você não pode deixar as coisas continuarem assim ou...

Toquei no braço da minha amiga para interromper o fluxo de palavras. Bridget fala pelos cotovelos. É preciso interrompê-la se quisermos ter alguma voz na conversa.

– Não foi o Nate. O West me deu uma cotovelada, eu acho. Na verdade, ninguém tem certeza.

Ela arregala os olhos.

– Você falou com ele?

Sei o que ela está imaginando – West e eu agarrados em algum lugar reservado e íntimo, ele segurando uma compressa na minha testa. Foi assim que eu a conheci, na verdade. Eu havia desmaiado ao lado do carro de West e acordei na minha cama, no alojamento, com uma toalha fria na testa e Bridget inclinada sobre mim, com a testa franzida e os olhos azuis cheios de preocupação. Ela parecia um lindo anjo ruivo e sardento.

– Não exatamente – respondi. – Esta cor fica bem em você.

Eu estava falando sério: Bridget fica bem de azul. Mas disse isso mais por ela ser atleta – corredora de longas distâncias na equipe da faculdade – e eu ter o hábito de elogiá-la sempre que usa roupas normais, apenas para estimular a prática.

Agora estamos na fila dos pratos quentes.

– Tem frango sem ser frito? – pergunta ela ao atendente.

– Não, só o que está exposto.

– Certo, obrigada.

Como está em época de treinamento, ela é supercuidadosa com o que come.

Pego um prato de frango à parmegiana e dois brownies de chocolate com menta. Tenho coisas mais importantes com que me preocupar no momento do que calorias.

– Não pense que eu não notei você mudando de assunto – diz Bridget quando saímos da fila e vamos para a bancada de saladas, onde ela enche o prato de ovos cozidos, verduras e legumes. – Preciso saber o que ele disse. Tipo, ele ainda estava estressado por causa da briga ou foi legal? Vocês se afastaram para algum lugar reservado ou estavam no meio de todo mundo? Ele ficou muito chateado quando bateu em você? Porque o Krishna disse...

– Ele não disse nada – interrompi. – Precisou sair para não ser pego e acabar sendo expulso ou coisa parecida.

– Mas você disse que falou com ele.

– Não, não disse.

Ela revirou os olhos.

– Deixou implícito, Excelência.

– Só trocamos algumas frases. Ele queria se certificar de que eu estava bem.

Agora estamos nas bebidas. Bridget pega leite, e eu, uma Coca com gelo.

– Ele explicou por que fez aquilo? – pergunta ela.

– Não.

– Você perguntou? Escutou a discussão? Me diga alguma coisa. Só você mesmo para agir como se não fosse nada de mais West e Nate terem saído na porrada e você ter sido atingida no rosto. Ei, cadê o seu casaco?

– Tive que jogar fora. Estava todo ensanguentado. E, não, não escutei nem perguntei nada.

– Que droga. Eu gostava daquele casaco. – Passamos o cartão na saída para debitar o almoço do vale-refeição e Bridget se dirige à mesa livre mais próxima. Olhando para mim por cima do ombro, ela sorri. – Quer saber o que eu ouvi?

– O quê?

Coloco a bandeja em cima da mesa com um pouco de força de mais.

O sorriso dela vacila.

– Você está chateada.

– Não.

É verdade. Estou só... confusa. Algo está acontecendo, e nos últimos tempos raramente acontecem coisas boas. E se essa coisa envolve West e Nate, eu tenho quase certeza de que não quero ficar sabendo.

Nós nos sentamos, e eu me preparo.

– Conte logo, está bem?

– Ouvi dizer que eles estavam brigando por sua causa.

Droga droga droga droga.

– Quem falou isso?

– Alguém da turma deles de macroeconomia.

– Nate e West são da mesma turma?

– São. E a Sierra, você conhece? Ela disse que depois da aula Nate fez uma piada qualquer, West respondeu e o lance se transformou em uma discussão sobre você.

– O que eles disseram?

Sinto um embrulho no estômago. Tomo um gole da Coca e fecho os olhos com a sensação de que está tudo perdido.

– Não sei bem. – O tom de Bridget é cauteloso. – Sierra não pegou tudo, só o seu nome.

Cutuco o frango com o garfo, mas não consigo sequer cortá-lo. Quando ponho um pedaço na boca, sinto gosto de cinza. Os restos queimados da vida que eu tinha.

As pessoas falam de mim. Não na minha cara, mas pelas minhas costas. O tempo todo. Fiz Bridget prometer me contar tudo o que ouvisse, porque preciso saber. É a única forma de descobrir se eles estão esquecendo, como quero que façam.

Eu não tenho nada de especial – sou apenas uma universitária normal. Deveria ser capaz de passar despercebida andando com a cabeça baixa. Minha esperança é que, em um ano, quase ninguém mais se lembre do que aconteceu. *Que Caroline?*

Não é exatamente o que eu havia planejado. Minha ideia inicial era concorrer à presidência do diretório acadêmico no penúltimo ano, no mais tardar no último. Mas posso deixar de lado essa ambição, se for preciso. Prefiro ser anônima a ser famosa pelos motivos errados.

– Sierra disse que foi meio romântico – continua Bridget. – Ele estava defendendo a sua honra.

A ideia de que eu tenho honra – e que West a defenderia – é tão absurda...

Eu mal o conheço. Só falei com ele uma vez.

Nós não somos amigos.

E, nas últimas semanas, as únicas pessoas que se importaram com a minha honra fomos eu e Bridget. Nenhum dos meus amigos antigos é capaz de me encarar. Nate e eu éramos uma unidade, e quando as pessoas tiveram de escolher um lado, acho que o dele pareceu mais divertido.

– Eu jamais faria algo desse tipo – garantira Nate, na caradura, quando o confrontei na frente de vários desses amigos neste mesmo refeitório. – Como você pode achar isso de mim?

E então, depois de mais alguns minutos de acusações minhas, ele disse:

– Acho que essas garotas querem tanto chamar atenção que fazem qualquer coisa para conseguir.

Olho o gramado pela janela, sem conseguir aceitar a ideia de West Leavitt defendendo minha honra.

No ano passado, quando recuperei a consciência depois de desmaiar ao lado do carro dele, a primeira coisa que ouvi foi uma voz masculina irritada no corredor. Meu pai estava gritando, o que não era novidade. Como é juiz, ele passa a maior parte do tempo no trabalho sendo calmo e racional, mas, fora dele,

é pai solteiro de três filhas jovens e costuma espernear quando se sente ameaçado. O que acontece com bastante frequência.

Só é preciso saber como lidar com ele. Minha irmã mais velha, Janelle, engole. Alison normalmente chora. Eu apresento a ele argumentos lógicos, apelando para a parte racional do cérebro até a parte primitiva se acalmar.

Meu pai devia estar no corredor perto da escada, porque eu não conseguia entender o que ele dizia. Às vezes, uma voz mais baixa e mais calma interrompia seus berros.

A voz de West.

Só depois de um tempo eu me dei conta disso. Estava sentindo a cabeça pesada e dolorida, e perguntei à garota inclinada sobre mim:

– Quem é você?

– Meu nome é Bridget. Está tudo bem? Você desmaiou. Um cara fofo carregou você pela escada até aqui, e não sei o que ele disse, mas seu pai está furioso. Ele é sempre tão assustador? Porque, se for, que bom que você está aqui... Vai ser muito mais legal para você, e além disso...

Ela continuou falando até a porta se abrir e meu pai entrar no quarto, com o rosto vermelho e manchas de suor debaixo dos braços. Ele usava uma camisa polo. Sentou ao meu lado na cama, tão evidentemente agitado que quase dava para ver a fumaça saindo da cabeça dele.

– Como você está se sentindo?

– Bem.

Era mentira.

– Vou solicitar que mudem você para o alojamento feminino.

Eu me sentei.

– O quê? Por quê?

– Aquele garoto lá fora... Ele não é uma boa influência. Você não pode morar perto de gente assim.

– Assim como? O que foi que ele fez?

Bem, foi a pergunta errada. Durante os vários minutos seguintes, ouvi sobre quão incrivelmente assustador é para um pai deixar a filha mais nova sozinha por apenas alguns minutos e depois encontrá-la deitada no chão com um desconhecido em cima dela. Sobretudo quando a filha está inconsciente, o garoto tem “um ar desafiador” e você “não gosta da cara dele”.

Tudo isso foi agravado, segundo meu pai, por toda a “parafernália de drogas” no banco de trás do carro do marginal. Acho que ele se referia ao aquário, às lâmpadas e ao saco de terra, não às latas de carne ensopada. Se bem que, quem sabe? Eu estava completamente fora de mim. Ouvi as palavras “parafernália de drogas” e imaginei garrotes, saquinhos de heroína e seringas.

O sermão ainda não tinha terminado quando Nate apareceu e piorou tudo. Meu pai havia passado três anos tentando garantir que Nate e eu nunca ficássemos sozinhos perto de uma superfície horizontal, e agora ali estava ele, invadindo o meu quarto sem bater.

O rosto do meu pai assumiu um tom mais profundo de vermelho.

Rapidamente, fiz as apresentações. Sorri muito, me esforçando para parecer mais saudável do que me sentia, porque aquela era a primeira etapa do que se tornaria uma árdua campanha para garantir que, quando meu pai fosse embora – três dias depois, em vez de um –, eu ainda estivesse naquele alojamento, naquele quarto, com Bridget.

Eu venci, mas foi necessário sacrificar West. Meu pai não me deixou enquanto eu não prometi que não teria nenhum relacionamento com "aquele garoto".

Era risível, na verdade, pensar que eu poderia ter. Acontece que meu pai tinha razão sobre a história das drogas.

A porta do quarto de West e Krishna estava sempre fechada, assim como as cortinas. Eles tinham um fluxo constante de convidados, tocavam música alto e me irritavam com as festas até altas horas e o cheiro de sândalo e fumaça que empesteava todo o nosso andar.

West montou aquele aquário e aquelas lâmpadas em algum lugar secreto – ninguém parecia saber onde – e cultivou uma bela safra de maconha. Isso de acordo com Krishna, que passava muito tempo à nossa porta, conversando comigo e com Bridget.

Com Krishna eu sou autorizada a falar. Mas com West, não. O jeito como ele anda – com aquele gingado que não é exatamente um gingado – faz parecer que sabe o que está fazendo, mesmo que seja em um lugar onde nunca esteve antes. Sua autoconfiança lhe dá um ar mais velho e Bridget sempre me conta coisas sobre ele que confirmam essa impressão.

Parece que ele emprestou dinheiro a um cara da turma de psicologia de Bridget para que o sujeito comprasse uma passagem de avião para ir ver a namorada e depois cobrou juros. Isso me leva a imaginar se ele é capaz de quebrar a perna de alguém caso a pessoa não pague o que deve.

West simplesmente passa dos limites daquilo com que consigo lidar, mesmo que eu tivesse permissão de falar com ele.

Meu relacionamento com ele, então, se limita a encará-lo de longe. Na verdade, eu não faria nem isso, só que não consigo evitar. Quando ele está por perto, preciso olhar para ele.

Ele sabe disso. E às vezes sorri com malícia para mim. Certa vez passou pelo

corredor enrolado em uma toalha. Meu Deus. Acho que fiquei vermelha por uma *hora* depois de ver aquilo.

Nunca descobri o que ele disse ao meu pai. Acho que, o que quer que tenha sido, não estava defendendo a minha honra. Então, para mim, é difícil imaginar por que começaria a fazer isso agora.

Talvez eu devesse ser grata, mas não consigo. Não preciso de caras como West Leavitt me defendendo. Ele é infame demais. Entre o tráfico de drogas e aquele rosto, aquele sorriso... Praticamente todo mundo no campus sabe quem ele é.

Ele vai atrair atenção para mim, e meu principal objetivo na vida no momento é desaparecer.

Quando volto a me concentrar no presente, Bridget está descascando um ovo cozido e me observando. Ela se acostumou com meus longos silêncios. É extremamente leal e solidária. A melhor criatura que eu poderia ter a meu lado.

– Se as pessoas quiserem saber minha opinião sobre o que o West fez... – comecei.

– Sim?

– Diga que não passou de um mal-entendido. Que não teve nada a ver comigo.

Ela franziu a testa.

– Mas eu achei que fosse bom. Ter outra pessoa do nosso lado, sabe?

– Eu não quero estar em lado nenhum, Bridge – falei gentilmente. – Quero que as pessoas esqueçam este assunto.

Brigas costumam ser algo de que todos se lembram.

Ela morde o lábio.

– Não preciso de ninguém me ligando a ele, está bem? – continuo. – Tenho que ser discreta.

– Se é isso que você quer que eu diga, é o que vou dizer – garante ela. – Fim de papo.

Tento sorrir e empurro meu frango para o outro lado da bandeja. Então puxo o brownie para mais perto e afundo o garfo na grossa camada de cobertura cremosa. Marrom-escuro sobre um verde tão claro que parece néon.

Fim de papo.

Eu gostaria de acreditar nela, mas não consigo mais fazer suposições desse tipo. Aprendi que quando a cobra rasteja para fora da toca, é preciso ir atrás e esmagá-la. Então, devemos partir do princípio de que ela procriou e ir atrás dos filhotes.

Eu tenho um passado para apagar caso queira alcançar o futuro com que sempre sonhei – um futuro que exige que eu faça uma boa faculdade de direito,

para trabalhar com um juiz e começar a fazer os contatos que meu pai diz que preciso se pretendo ser juíza um dia. E eu pretendo. E quero ir ainda mais longe. Procuradoria do Estado. Washington, D.C.

Meu pai sempre diz que o primeiro passo para conseguir o que queremos é *saber* o que é e o que é preciso para alcançá-lo. Não há vergonha em sonhar alto. No meu projeto de Dia da História no sexto ano, escrevi um livro de poemas humorísticos, um para cada presidente. No nono ano, bati de porta em porta como voluntária e consegui as listas de correspondência dos democratas *e* dos republicanos do Putnam College antes mesmo de receber minha carta de aceitação.

Eu sei o que quero e sei o que é preciso para conseguir. É necessário muito trabalho e sacrifício – mas também uma ficha limpa. Sem prisões, sem escândalos, sem fotos sexuais na internet.

O que eu *não* preciso é de alguém batendo nas pessoas em meu nome. Não posso correr o risco de isso se repetir.

Preciso falar com West.

Eu o encontro no quarto piso da biblioteca.

O andar tem jornais por todo lado, estantes amontoadas no meio e mesas de estudo enfileiradas contra as paredes, além de uma máquina Xerox na qual eu passei muito tempo tirando cópias de crítica literária sobre T. S. Eliot no ano anterior.

West está parado ao lado de um carrinho cheio de livros, de costas para mim, devolvendo um grosso volume vermelho a uma prateleira. Levo um minuto para reconhecê-lo. Já havia procurado nos três primeiros andares e começava a ficar aflita. Percebi que frequentemente o vejo com seu carrinho nas tardes de quinta, mas isso não quer dizer muita coisa.

Como ele está com fones de ouvido e acho que não me viu, fico por um instante pensando no que vou dizer. Estou meio suada e desarrumada, embora tenha tirado um tempo depois do almoço para trocar de camisa e passar um pouco de gloss.

Nunca fiz isso antes.

Nunca comecei uma conversa com West.

Parece mais intimidante do que deveria, não apenas por ele ser quem é – a proibição que o ronda –, mas também porque estamos no quarto andar. É uma regra tácita do campus: o quarto andar da biblioteca é um espaço de silêncio sagrado.

West pega outro livro. Ele precisa erguer o braço acima da cabeça para

guardá-lo, o que faz com que a camiseta levante e me permita ver seu cinto grosso de couro marrom. Não combina. Suas botas são pretas, assim como a camiseta, que tem uma enorme costura irregular laranja nas costas. Parecia que uma criança de 7 anos a havia consertado depois que ela se rasgara.

Não consigo imaginar como alguém pode criar uma camiseta dessas. Ou por que alguém a compraria.

Às vezes, as roupas de West são assim. Simplesmente... aleatórias.

Eu meio que gosto.

Quando ele se abaixa e se inclina sobre o carrinho, a camiseta levanta de novo, expondo um pedaço das costas.

Pigarreio, mas o volume da música deve estar muito alto, porque ele não se vira. Eu me aproximo um pouco mais. West está com a cabeça abaixada, estendendo a mão para pegar um livro na prateleira mais baixa.

Droga. Agora estou tão perto que corro o risco de assustá-lo quando ele enfim se der conta de que estou aqui.

Não há nada que eu possa fazer para evitar. Estendo a mão com a intenção de tocar nele apenas para chamar sua atenção, mas acabo pressionando totalmente a palma da mão em sua lombar.

Foi sem querer. Tenho quase certeza disso.

Oitenta por certo de certeza.

Ele não dá um salto. Apenas para. Fica tão imóvel que consigo ouvir a música tocando nos fones. É uma música alta, com vocais furiosos e uma batida insistente e forte que combina com a pulsação repentina que sinto entre as pernas.

Ah, penso.

Talvez não tenha sido sem querer, afinal.

Sinto as costas de West quentes contra a palma da minha mão. Fico olhando para meus dedos, ordenando que se mexam, mas eles demoram vários segundos para obedecer. Quando afasto a mão, ela parece magnetizada. É como se houvesse uma atração, uma força que a puxasse de volta para a pele dele.

Estou quase certa de que a força se chama desejo.

West se endireita e se vira, e eu sei – antes que ele mesmo se dê conta – que calculei mal e agora estou totalmente à sua mercê, o que significa que estou perdida. Não sei muito bem se ele é um cara misericordioso. Sem dúvida, não parecia ser quando estava batendo em Nate com tanta força que quase chegou a *me* nocautear.

Ele tira os fones e eu tento pensar em outra coisa além da palavra “perdida”. *Perdida, perdida, perdida*.

Tento lembrar o que ia dizer a ele – eu tinha um discurso todo preparado –,

mas não consigo.

Em vez disso, olho para o cinto dele. Penso em agarrá-lo e puxá-lo para mais perto. Como se fosse algo que eu pudesse fazer, algo que algum dia tivesse feito com qualquer pessoa, ainda mais com West Leavitt.

Perdidaaaaa.

– Oi – diz ele.

Isso significa que preciso olhar para cima.

Quando faço isso, nossos olhares se cruzam. As pupilas dele são imensas, e ele me encara com tanta intensidade que chega a ser assustador. Quero dizer, assustador não é a palavra mais adequada. Eu senti muitas coisas assustadoras nas últimas semanas, e esta sensação é diferente.

É mais parecida com o sentimento de parar no topo da subida mais íngreme de uma montanha-russa, preparando-se para cair.

– Oi – respondo.

– O que manda?

– Posso falar com você?

Ele pensa por um instante.

– Não.

Não era o que eu esperava. Só consigo dizer:

– Ah.

Então tudo fica em silêncio novamente, a não ser pela música que escapa pelos fones e essa... essa *atmosfera*. Acho que deve ser ele. Acho que West está *produzindo* a atmosfera com a pele e os olhos, que parecem quase prateados agora, e talvez também com os músculos dos antebraços, que se contraem e relaxam de uma forma que é simplesmente... Não sei. Intensa, acho. *Ameaçadora*, mas sem a ameaça.

Estávamos muito próximos. Eu não havia ficado sozinha com ele desde o dia em que estacionou o carro bem em frente a mim e me fez desmaiar.

Nunca me senti tão excitada, constrangida e estupidamente preocupada em toda a minha vida.

Até ele dar um passo na minha direção e fazer tudo ficar pior.

E melhor também.

As duas coisas ao mesmo tempo. Algo incrível.

Recuo.

West deveria parar de vir na minha direção com o meu recuo, mas continua avançando. De repente invade meu espaço pessoal e eu me vejo imprensada contra a estante, com as mãos dele nas laterais da minha cabeça.

– Estou trabalhando – diz.

Como se eu fosse um livro e ele estivesse me colocando na prateleira.

Tento dizer que vou voltar mais tarde, mas, em vez disso, deixo escapar um barulhinho meio estridente e agudo. Posso sentir meu rosto ficando vermelho. De alguma forma, consigo dizer:

– Tudo bem, eu posso... voltar depois. Ou eu l-ligo para v-você.

Eu não tenho o telefone dele. Ou qualquer intenção de telefonar.

Não sei por que estou achando que sinto o calor da pele dele, já que isso é impossível. Ele não pode estar tão perto assim. Ergo os olhos, tentando medir quantos centímetros separam nossos rostos.

É, realmente não são muitos.

West não toca em mim, mas está muito mais próximo do que o necessário, e a forma como me olha, com a respiração intensa e as faces rosadas... Não consigo deixar de pensar no punho dele atingindo o rosto de Nate, na forma como Nate caiu no chão, pesado e flácido.

Ele fez aquilo por você, eu penso.

Estou aqui para perguntar isso a ele, mas já sei a resposta.

Ele fez aquilo por mim, e era assim que estava depois: com todos os poros dilatados, a pele quente e a respiração rápida e superficial.

É assim que ele deve ficar na cama também.

Fecho os olhos, porque preciso me recompor. Eu havia imaginado uma conversa formal. *Por favor, não faça aquilo de novo*, eu pediria. *Tudo bem, se é o que você quer,* ele responderia. *Sim, é isso que quero*, eu diria a ele. Então talvez eu lhe passasse um sermão sobre a importância de resolver conflitos sem violência, em seguida um rápido aperto de mãos.

Não imaginei a pele avermelhada do pescoço dele perto da gola da camiseta. A barba rala no maxilar, perto da orelha. O cheiro, um misto de hortelã, livros e sabonete.

Meu Deus, o cheiro de West é *fantástico*, mas ele também é meio assustador, e eu não faço a menor ideia de quais sejam as regras agora.

Preciso de regras para conseguir passar por essa situação. É esse tipo de garota que eu sou.

– West – sussurro.

Minha intenção é soar calma e formal, mas pareço implorar alguma coisa, e acho que ele interpreta como uma deixa, então abaixa a cabeça na direção do meu ombro. Os lábios dele... Não sei bem, mas acho que estão muito perto da minha pele. Sinto sua respiração perto do ouvido e meus mamilos enrijecem.

– West, o que você acha que está fazendo?

– Por que você veio aqui, hein?

E então – esta é, de longe, a pior-melhor parte – ele vira a cabeça e beija o meu maxilar, com a boca aberta.

Parece cetim. Parece um relâmpago.

Na verdade, não sei o que parece.

Só sei que não é, de jeito algum, o que deveria estar acontecendo.

O problema é que a atmosfera criada por West me faz sentir que é o que deveria estar acontecendo. Exatamente isso. Ele é, tipo, sexo em forma de aerossol. Seu corpo exala sensualidade e agora estou coberta com essa fragrância.

Meu corpo está adorando. Está totalmente entregue à sensação.

Meu corpo é um grande traidor.

– O que você veio fazer aqui? – pergunta ele, com a voz baixa, rouca e lânguida.

A voz dele é um anzol me prendendo. Me dominando.

Ouço a batida da música escapar dos fones de ouvido e West não move as mãos nem um centímetro sequer. Eu, ao contrário, movo as minhas. Deslizo-as para o pescoço dele, enfio os dedos em seus cabelos e puxo sua cabeça para baixo.

Tudo bem, elas não fizeram isso. Mas queriam fazer. Estão loucas para se libertar, e talvez ele veja isso nos meus olhos, porque deixa escapar um som que mal chega a ser um som. É apenas uma respiração profunda que faz coisas incendiárias entre minhas pernas.

– Me diga – insiste ele.

Dizer o quê? Não faço ideia do que West está falando. A única coisa que sei é que, se ele não me beijar logo, vou morrer. Ele é tão gostoso, e eu consigo sentir toda a energia da briga fluindo pelo corpo dele. A adrenalina e outras substâncias químicas ainda correm por suas veias. Neste momento, West não é ele mesmo. Não sei muito bem de onde vem essa ideia; só sei que ela existe. West não é West, e eu não sou Caroline. Não com essa proximidade. Ele está tão perto agora, me aquecendo, respirando contra o meu pescoço... Parece mal conseguir se controlar. Parece um cara que poderia sair na porrada com qualquer pessoa que se atrevesse a passar por perto, mas que preferiria gastar essa energia fodendo com alguém pelo resto do dia, até cansar.

Esse alguém poderia ser você.

Não acredito que acabei de pensar isso.

– Me diga – repete West.

– Dizer o quê?

– O que você veio fazer aqui.

Desvio o olhar, porque quero que West me beije e não deveria querer. Não o conheço. Não sei bem se gosto dele. Ele me *assusta*. Os nós de seus dedos –

agarrados com tanta força à prateleira de metal que ficaram brancos – estão feridos.

West reluta contra o que quer fazer comigo e eu me pergunto o que vai acontecer se ele parar de resistir.

Será que vou deixar que ele me vire, me incline sobre a prateleira e se enfie dentro de mim?

Tento ficar indignada com a ideia, mas, meu Deus, tenho uma vaga ideia de como seria. Eletrizante. Quente e vertiginoso, pleno e rápido, a coisa mais erótica que vai ter acontecido comigo. Eu sei disso. Apenas sei.

Mas depois que terminasse, acho que sei como seria também. West silencioso e tenso. Uma porta fechada.

Eu nunca tive sequer uma *conversa* com ele.

Empurro seu peito de leve, tentando quebrar o encanto.

– West. Precisamos conversar.

– Nós estamos conversando.

Mas ele não está prestando atenção. A atenção dele está mais embaixo, e em que momento o joelho dele entrou no meio das minhas coxas? Eu estou realmente...? Ah. Estou. Estou meio que cavalgando nele.

– Saia – digo.

Estou sussurrando, tensa com a possibilidade de atrapalhar as pessoas estudando – embora eu não tenha visto nenhuma – ou, pior, de me verem aqui fazendo isso. Todos falariam para sempre de mim, eu cavalgando a coxa de West na biblioteca pouco mais de uma hora depois de ele ter dado um soco em Nate.

É a pior coisa que eu poderia fazer no momento.

– West, *saia*.

Ele levanta a cabeça. Os cabelos escuros estão caindo no rosto e seus olhos parecem um pedaço do céu.

Ele se afasta.

– O que foi?

– Preciso conversar com você.

– Não estou a fim de conversar agora, Caro.

Minha mente está clareando. Ninguém vai me inclinar sobre prateleira nenhuma.

São apenas hormônios. Adrenalina. Só pode ser. West é biologicamente compelido a querer copular com qualquer coisa depois de sua demonstração de masculinidade, e eu sou... acho que sou biologicamente compelida a ser copulada.

Mas sou forte. Consigo suplantar meus impulsos biológicos.

Acho.

– Que pena – digo. – Porque foi por isso que eu vim procurar você. Para conversarmos como seres civilizados.

West apenas me encara.

– Não como animais copulando – acrescento.

– Eu sou um animal – retruca ele lentamente – e nós estamos copulando?

Ele não gosta da palavra copulando, porque a pronuncia com desprezo.

– Como você chamaria isso?

– Não sei. Talvez você devesse me dizer por que está me caçando.

– Eu não estou caçando você. Eu só...

– Shhhh – exige uma voz masculina furiosa.

Quarto andar. Merda.

Quando abro a boca de novo, meus pensamentos estão completamente desordenados e eu mal consigo olhar para West. Ele cruzou os braços. Agora os nós dos dedos feridos estão em torno dos bíceps. Parecem duros.

Tudo em West é duro.

Fale, Caroline, ordena meu cérebro. *Palavras. Frases. Vamos lá.*

– Eu queria, hã... Sobre mais cedo. Sabe, fiquei sabendo pela Bridget que...

– *Shhhhh.*

A mesma voz irritada de novo. Perco a habilidade de falar, fico confusa e prestes a dar o fora dali correndo.

– Tem outros três andares, parceiro – diz West, muito calmamente. – Escolha um deles ou cale a porra da boca.

– Este é o andar silencioso – reclama o cara.

– Me mostre onde está escrito isso.

– Todo mundo sabe.

West balança a cabeça.

– Eu não sou todo mundo.

O lugar fica em silêncio por um instante e então ouço uma cadeira sendo empurrada. Depois o zíper de uma mochila. Em seguida, passos anunciam a aproximação – um aluno lança um olhar furioso para West, mas segue em frente e escuto a porta da escada se abrindo.

Um instante depois, pouco antes de a porta se fechar com uma batida, as palavras “vagabunda idiota” saem por ela.

A feiura dessas palavras penetram fundo na minha dor.

Ele não é a primeira pessoa a me chamar de vagabunda, mas é a primeira a falar para que eu ouça. E, sinceramente? Não ajuda o fato de ter dito isso logo depois que eu deixei West me empurrar contra a estante e enfiar o joelho no meio das minhas coxas.

Não ajuda o fato de a minha calcinha estar molhada. Eu me *sinto* uma

vagabunda. Tenho a sensação de que vou desmoronar, de que não vou conseguir ficar de pé por mais cinco minutos.

Vadia burra que dá para qualquer um, diz o homem dentro da minha cabeça.

Queria vê-lo comendo ela. Pagaria para ver isso.

Olho para West. Eu me sinto desprezada e impotente, e é tão frustrante que ele me veja assim, que me olhe com tanta atenção e realmente veja o que eu não deixo ninguém ver, nunca: o fato de eu estar prestes a desmoronar. O tempo todo.

Os olhos dele se tornam suaves, gentis e cheios de pena, e isso piora ainda mais as coisas.

Vadia burra e digna de pena.

– Está tudo bem – digo. – Não é a primeira vez que ouço isso.

– Não está tudo bem.

Aceno com a mão, porque não tenho uma resposta. Sei que não está tudo bem, mas minha vida é assim agora.

– Caroline, não está tudo bem.

West põe as mãos nos meus ombros.

Eu estico os braços para afastá-lo e dou um passo para o lado para me desvencilhar dele.

– Eu sei, tá legal? Não precisa *gritar* comigo. Eu sei. Ele vai contar para todo mundo, e aí o campus inteiro vai ficar fofocando sobre como nós estávamos praticamente transando no quarto andar da biblioteca. Eu saquei. Foi mal, ok?

Acho que o olhar dele poderia perfurar meu corpo, tamanha sua ferocidade. As manchas na íris parecem cintilar. As covinhas ao lado da boca ficam mais profundas.

– Foi mal o quê?

É mais fácil dizer o que *não* foi mal. Eu me arrependo de tudo o que já fiz com um cara. Meu primeiro beijo, que aconteceu depois de uma festa no oitavo ano, com um menino chamado Cody. Meu primeiro beijo de língua, que foi com Nate. Ter deixado Nate tirar meu sutiã e enfiar os dedos em mim. Dormir com Nate e achar que estávamos fazendo amor. Comprar lingerie nova, pagar boquete para ele, deixar que ele tirasse as fotos achando que isso nos aproximaria mais.

West também. Eu me arrependo do que acabou de acontecer com West.

– Tudo – sussurro.

Foi a coisa errada a dizer. Ele leva as mãos aos cabelos e agarra as mechas.

– Meu Deus, eu não consigo nem... Qual é o seu problema, hein?

– Nada que você possa resolver.

– Então *por que você veio aqui*?

Respiro fundo. Isso eu consigo fazer.

– Eu preciso saber que não vai acontecer de novo. Que você não vai sair por aí batendo nas pessoas por minha causa.

Ele franze a testa.

– Quem disse que foi por sua causa?

A pergunta me pega desprevenida.

– Eu fiquei sabendo... fiquei sabendo que vocês dois estavam discutindo a respeito de mim. A Sierra contou para a Bridget.

– Eu não conheço nenhuma Sierra.

– Acho que ela conhece você.

O rosto dele fica ainda mais sombrio.

– Não é da conta dela. Ou da sua. É assunto meu e do Nate.

– Acho que nós já passamos muito do ponto em que você poderia usar o trunfo "não é da sua conta".

Isso o deixa ainda mais agitado. Ele se afasta pisando forte e vai até o final do corredor. Então volta e agarra o carrinho com as duas mãos. Parece querer atirá-lo em mim.

– Ele me deixou puto. É tudo o que você precisa saber.

– É, mas...

Com a cabeça abaixada, ele chuta o carrinho. Não com força, mas faz bastante barulho.

– Você precisa me contar o que aconteceu – peço, com o máximo de calma que consigo. – Depois deixo você em paz.

Ele levanta a cabeça.

– Você acha que é isso que eu quero? Que você me deixe em paz?

Como não sei o que ele quer, fico em silêncio.

– Ele me deixou puto porque é um cretino presunçoso e arrogante – diz West. – E eu estava de saco cheio de ouvi-lo falar, está bem?

– Então não teve nada a ver comigo.

Ele passa a mão pelos cabelos de novo. E se vira.

– West? – chamo.

– Eu não diria isso.

Fico esperando.

Então me ocorre que eu sou boa em esperar e que talvez essa seja uma vantagem minha em relação a West. Ele é mais experiente, mais confiante, mas tem o pavio curto. Já eu posso ficar aqui parada até ele me contar o que aconteceu.

Continuo esperando.

Ele se vira de novo.

– Eu não fiz aquilo por sua causa, está bem? Eu só não aguentava mais. Ele

merecia levar uma surra e ninguém tinha feito isso ainda. Mas se você tem alguma espécie de fantasia comigo no papel de herói, pode esquecer.

– O que você quer dizer com isso?

– Você sabe. Se você estiver adorando a ideia de eu ter batido no seu ex porque sinto alguma coisa por você.

– Você está falando sério?

– Por que eu não estaria falando sério?

Por alguns segundos, não consigo responder. Ele me fez cruzar tão rápido a fronteira entre envergonhada e constrangida para furiosa e orgulhosa que meu cérebro tem dificuldade em acompanhar.

– Que coisa mais... pretensiosa – consigo dizer, finalmente. – Muito, muito pretensiosa. Depois do que você acabou... Por que você diria uma coisa dessas?

Ele se aproxima. Está vibrando de emoção e eu não consigo decifrá-lo. Não sei o que está pensando, nem como se sente. Só sei que está sentindo *algo*.

– Por que você tocou em mim? – pergunta ele.

– Eu estava tentando chamar a sua atenção.

– As pessoas dão tapinhas quando querem chamar a atenção de alguém. Aquilo não foi um tapinha.

– Foi...

Eu não tenho nada a dizer. Toquei nele e nós dois sabemos disso. A única coisa que posso fazer agora é mentir.

– Foi sem querer.

Odeio quando ele faz isso, quando se aproxima de mim com esses olhos, esse rosto, e me encara assim. É a coisa de que eu menos gosto agora: ser encarada por West. Como se ele estivesse tentando transar comigo até os dois caírem mortos.

– Querida – diz ele, afinal –, durou muito para ter sido sem querer.

– Não me chame de querida.

– Acho que você gosta.

– Acho as suas orelhas pequenas demais.

Quase deixo escapar um gemido depois de dizer isso. Maldita boca impulsiva.

Mas eu não podia ficar calada, porque *querida* é degradante demais, absolutamente inadequado. Além de ser inesperado. E de eu ter meio que gostado.

West solta uma risada pelo nariz.

– O espaço entre os seus dentes da frente é grande demais.

– É útil. Eu consigo cuspir por ele.

– Eu gostaria de ver isso.

– É, mas não vai.

– Não?

– Não. Nós não vamos ser amigos. Não vamos ser nada. Era isso que eu queria dizer para você.

Ele não gosta do que ouve. Tudo na expressão dele dá a entender isso.

– Não era o que você parecia querer me dizer há um minuto.

– Não me interessa o que parecia.

Se ele continuar se inclinando para perto de mim, vou beliscá-lo.

Ele se aproxima. Eu o belisco.

Bom, pelo menos tento. Mas quando minhas mãos chegam perto do braço dele, sou sugada pelo desejo e acabo meio que acariciando a manga dele.

O bíceps dele é tão duro quanto parece. Afasto a mão antes que ela possa declarar sua aliança com o inimigo.

– Fiquei com a impressão de que você queria que eu a beijasse – diz West.

Cruzo os braços e examino os livros na prateleira atrás dele, uma fileira de lombadas grossas azuis que pertencem a uma coleção de ensaios.

– Não importa o que eu queria – retruco. – Não posso me dar a esse luxo. Se as pessoas acharem que estamos juntos, ou que a briga entre você e Nate teve a ver comigo, vão continuar falando e essa confusão não vai ter fim. Não é isso que eu quero. Eu quero que tudo desapareça.

– Você quer que tudo desapareça.

A dúvida na voz dele alimenta minha raiva novamente. Odeio o fato de algumas pessoas pensarem que eu mesma publiquei aquelas fotos, só para chamar atenção. Odeio que *ele* possa pensar isso.

– Quero. – Como a palavra sai um pouco mais alta do que eu pretendia, repito: – Quero.

– Rich Diehms chamou você de vagabunda há três minutos e você não disse nada. Foi como dizer que está tudo bem.

– O que quer que eu faça? Que vá atrás dele e lhe dê um soco na boca?

– Talvez. Que grite com ele, pelo menos.

– O que eu conseguiria com isso?

– Tudo o que você faz precisa ser para conseguir alguma coisa?

Esta, pelo menos, é uma pergunta a que eu consigo responder com facilidade.

– Precisa.

– Então o que está tentando conseguir agora?

– Estou tentando tirar as minhas fotos da internet e manter a discrição para que as pessoas se esqueçam de que aquilo algum dia aconteceu.

Ele ri.

Minha mão levanta tão rápido que eu nem sequer me dou conta de que estou

prestes a lhe dar um tapa, até ele segurar meu pulso.

– Querida...

– Não me chame de querida. – Estou muito irritada, lutando para me desvencilhar do punho dele. Ele me segurou com tanta facilidade... Eu nunca tentei bater em alguém antes. Estou ofegante e com as emoções à flor da pele, praticamente à beira das lágrimas. – Me solta!

– Você vai me bater?

– Talvez.

– Então não.

Puxo o braço com força e tento dar um soco no peito dele. Ele segura meu outro pulso.

– Não adianta lutar – diz West. – É tão inútil quanto a ideia de que você pode apagar alguma coisa da internet ou fazer as pessoas esquecerem que a viram nua. Totalmente inútil.

Depois que assimilo as palavras dele, paro de me debater e ele me solta. Lanço-lhe o olhar mais frio e furioso que consigo produzir.

– Obrigada pela conversa motivacional, mas você é a última pessoa neste campus a quem eu pediria conselhos.

Alguma coisa em seu semblante se fecha.

– Ah, é? Por quê?

Porque você é um traficante.

Porque é o tipo de cara que bate em pessoas que irritam você.

Porque você significa encrenca.

Não posso dizer a ele nada disso. Não posso falar como se fosse um anjo. Eu chupo pau na internet.

– Porque eu era namorada do Nate. E você...

Quando paro de falar, ele levanta a sobrancelha com a cicatriz.

– E eu...?

– Não é o Nate.

Desta vez, a risada dele é amarga.

– Não. Eu não sou o Nate.

Quero pedir desculpas, mas não sei bem como, nem o que dizer.

West não fica esperando que eu descubra. Pega o carrinho, confere a lombada do próximo livro e começa a se afastar de mim pelo corredor.

– Eu sinto muito – falo. – Eu não quis dizer aquilo.

– Não se preocupe, princesa – retruca ele, sem se virar. – Não vou contar a ninguém.

– Certo. – Passo os braços ao redor da barriga. – Obrigada.

Ele não responde. Acho que está tudo terminado e me sinto aliviada. Mais ou

menos.

Também estou trêmula e fraca. Talvez eu vomite.

West faz uma pausa antes de passar para a fileira seguinte. Ele se inclina por cima do carrinho e fica com os braços esticados acima dos livros. Olha fixamente para eles por um minuto tão longo que mais parece um ano.

Então levanta a cabeça e olha direto para mim.

– Não foi um bom dia para a gente ter esta conversa.

– Não – concordo. – Provavelmente não.

Ele expira com força.

– Eu não deveria ter batido nele. Foi uma idiotice e eu ainda estou naquele clima de briga. Desculpe por... – Ele acena a mão na minha direção. – Desculpe por tudo isso.

Como não sei o que dizer, assinto.

– O seu nariz está bem?

– Está.

– Dói?

– Um pouco. Mas não é nada de mais.

Ele abre e fecha a mão inchada algumas vezes, olhando para ela. É a esquerda.

– E a sua mão? – pergunto.

– Vai ficar boa.

O andar inteiro está em silêncio. Eu me pergunto se há alguém por perto, alguma garota sentada em silêncio do outro lado, ouvindo tudo.

Talvez ela esteja como eu. Assustada e paralisada, sem conseguir se mover.

– Sabe, você não fez nada de errado – diz West.

– É. É o que a Bridget fala.

Mas ela só faz isso porque é o que deve dizer. Eu sei o que ela realmente pensa: a mesma coisa que eu – que todo mundo.

Eu *fiz* algo errado. Confiei em quem não devia. Cometi um erro idiota. Deixei uma brecha para que Nate se aproveitasse de mim, e a responsabilidade é minha.

West balança a cabeça, como se pudesse ouvir todos esses pensamentos, mas não concordasse com eles.

– Você tirou umas fotos sexy com seu namorado. Um monte de garotas faz isso. Se minha namorada me desse fotos assim, eu jamais as colocaria na porra da internet, não importa quão puto eu estivesse.

– Você viu as fotos?

– Todo mundo viu.

Fecho os olhos para diminuir a pressão que sinto na cabeça.

Chorar não está nos meus planos.

– Ele diz que não foi ele – sussurro.

– Porque é um babaca. Babacas mentem.

– Podemos não falar sobre isso?

West abaixa a cabeça de novo e volta a olhar para os livros.

– Eu só queria dizer que não acho que você vai conseguir fazer tudo desaparecer. Não da forma que está agindo.

Não tenho resposta. Dói demais ouvi-lo falar isso – o meu maior medo –, e pela segunda vez neste dia tenho a sensação de que é ele que está me ferindo, mesmo que nas duas ocasiões eu mesma tenha feito isso.

Eu apenas fui de encontro ao cotovelo dele de novo.

– Caroline.

O jeito como West diz meu nome me obriga a olhar para cima.

– Quer saber de uma coisa? – pergunta ele.

– O quê?

Ele começa a empurrar o carrinho de novo. Vira a cabeça para mim, dá um pequeno sorriso e diz:

– A não ser por essa falha entre os dentes, você estava gostosa pra cacete.

Então ele vira no fim do corredor, as rodas do carrinho rangendo.

Ele é um escroto.

Não vou pensar no que significa o fato de eu não estar furiosa.

Ou o fato de estar ali parada, com os braços ao redor do corpo, olhando para baixo e sorrindo.

É totalmente errado, então não vou pensar nisso.

Não vou imaginar se ele tem razão, se tudo o que fiz para tentar salvar meu futuro foi inútil e se eu deveria estar agindo de outra forma. Lutando por mim mesma, de alguma maneira.

Não consigo lidar com isso agora. Consigo apenas respirar fundo e tentar lembrar qual é meu próximo compromisso. Aonde eu devo ir. O que preciso fazer para conseguir chegar ao fim do dia.

Esta é a minha luta. A única coisa que sei que tenho que fazer para conseguir minha antiga vida de volta. Enterrar as fotos, reconstruir minha reputação.

Esta é a minha luta, e não vou desistir.

Duas semanas depois, um pesadelo me acorda.

Isso acontece muito.

Saio da cama e arrasto os pés pelo piso frio até encontrar os chinelos no

escuro. Pego as chaves na cômoda. Seguro o molho com firmeza para não fazer barulho.

Enquanto visto um casaco, prendendo a respiração, o edredom de Bridget se mexe na cama de cima do beliche. Ela enfia a cabeça para fora das cobertas.

– Aonde você vai?

– Dar uma saída. Volto em algumas horas.

Eu me sinto culpada por acordá-la, mas realmente não consigo evitar. É difícil ser insone quando se tem uma colega de quarto.

– Tome cuidado.

– Pode deixar.

Ela vira para o lado e, embora já esteja acordada, eu fecho a porta bem devagar até travá-la com um clique silencioso.

Eu sempre tomo cuidado.

Vou até o carro com as chaves bem presas no punho, olhando para os dois lados ao longo de todo o estacionamento, com atenção máxima. O carro está estacionado embaixo da luz de segurança. A 3 metros de distância, destravo as portas com o controle remoto e meu coração bate muito, muito rápido. O som arfante de alívio que deixo escapar quando fecho a porta depois que entro soa alto demais no interior seguro e limpo do Taurus.

Ligo o som, aumento o volume e piso no acelerador.

Sempre que saio com o carro, dou uma série de voltas com ele. Primeiro traço um círculo ao redor da universidade, que tem quatro quarteirões de comprimento e três de largura. Então faço círculos cada vez maiores, em volta dos edifícios de propriedade da universidade, do centro, da rua das lanchonetes e das lojas, da quadra da liga mirim de beisebol e do barracão. Passo pelos milharais, que estão começando a ficar irregulares e amarronzados. Os faróis altos iluminam a paisagem do meu estado natal.

Uma dessas voltas costumava ser o trajeto da minha corrida noturna, mas eu precisei parar. Depois que meu corpo nu e minha localização se tornaram informações de domínio público, estar sozinha na rua perdeu o encanto.

Só faço curvas para a direita. Detesto virar à esquerda e meu pai não está aqui para me dizer que preciso superar isso.

Não consigo mais conversar com meu pai. Quando ligo para ele, tenho dificuldade em lembrar as palavras que eu teria dito antes, na época em que não precisava pensar de antemão no que falar. Eu sabia exatamente como fazê-lo rir e me amar. Agora, quando conversamos, é como se eu estivesse representando um papel, só que eu não sei as minhas falas e sou péssima em improviso.

Não sou mais a Caroline Piasecki que, na formatura do ensino médio, subiu

ao palco de toga e chapéu para ser a oradora da turma, com o sorriso branco e perfeito ao ver as duas irmãs e o pai na primeira fila, orgulhosos.

Não contei a ele sobre as fotos. Não consigo.

Sou uma boca com o pau de um cara dentro. Sou um corpo para se olhar, sou pernas para serem abertas.

Faço mais uma curva para a direita. Sempre para a direita.

Não vejo West há treze dias, mas penso nele. Repasso na mente aquela tarde na biblioteca, tentando me lembrar de todos os detalhes da nossa conversa. Por que West me empurrou contra a estante? O que ele estava pensando quando disse para aquele cara ir embora? O que estava tentando fazer?

Penso nele me perguntando se tudo o que faço é para conseguir alguma coisa.

Procuro me lembrar de cada aspecto do meu relacionamento com Nate, na tentativa de responder a todas as perguntas sem resposta.

Ele sempre foi mau e eu não percebia? Ou *se tornou* mau?

Como pude confiar nele?

Penso em West dizendo: “Você não fez nada errado.”

Penso na coxa dele no meio das minhas pernas.

Uma vez, no ano passado, eu estava escrevendo um trabalho na minha mesa e ouvi gritos e risadas no corredor, além de pancadas periódicas que fizeram com que me encolhesse. Nate estava deitado na minha cama, lendo seu livro de introdução à economia. Bridget saiu para ver o que estava acontecendo e não voltou. Então ouvi os risos dela e a voz alta de West.

– O que eles estão fazendo lá fora?

Tentei soar como se não me importasse. Como se estivesse ligeiramente irritada, não sentindo um aperto no peito, uma necessidade de participar daquilo.

Nate deu de ombros.

– Vá ver.

Ainda não consigo lembrar exatamente como me senti quando me levantei e saí. Eu transitava na fronteira entre minha parte boa e a má, sem saber ao certo qual lado venceria, mas de alguma forma consciente, pela pressão no peito e a tensão nos ombros, de que algo estava prestes a acontecer.

Naquela noite, no corredor, encontrei Bridget e Krishna jogando boliche com galinhas de borracha.

É. Também demorei um minuto para entender.

Não sei onde Krishna conseguiu as galinhas – era provável que as tivesse roubado –, mas, sem dúvida, ele estava se divertindo mais com elas do que seu antigo dono. Krishna e as galinhas ficaram famosos no ano passado. Os animais de borracha apareciam em todos os lugares – nos banheiros, pendurados das

vigas do refeitório, encarapitados no topo da grande estrutura fálica de metal no meio do campus, suspensos nos barris de chope das festas.

Mas, naquela vez, Krishna estava de pé em uma ponta do corredor, a uns 5 metros de uma porção de pinos cuidadosamente arrumados, girando a galinha várias vezes no ar. Enquanto eu olhava, ele a arremessou pelo ar a uma velocidade surpreendente. Ela atingiu os pinos em cheio e eles se espalharam por todo o corredor. Bridget deu um gritinho e então se dobrou de tanto rir.

Era tudo bem juvenil: o jogo, a reação de Bridget, os olhos vermelhos e o sorriso doidão de Krishna. Eu tinha um trabalho para entregar no dia seguinte e muitos detalhes ainda a resolver. Precisava terminar o dever de latim e se tivesse que ir para a biblioteca por causa deles, eu...

De repente, a porta bem em frente à minha se abriu. West saiu com uma galinha em cada mão e uma garrafa de dois litros de refrigerante debaixo do braço.

– Muito bem, eis o que eu acho sobre foguetes de galinha – falou, antes de me ver e parar.

Nos encaramos. Minha sensação foi de que o momento durou dez minutos, mas é claro que não ficamos nos olhando por tanto tempo. Ainda assim, foi um instante bem longo, considerando que eu quase nunca me permitia fitá-lo por mais que poucos segundos. Pareceu um dia inteiro olhando a boca dele se contorcer, as narinas se alargando, os olhos verde-azulados brilhando de malícia.

Fiquei totalmente presa àqueles olhos, sem conseguir me desvencilhar.

West arqueou uma sobrancelha.

– Quer brincar?

Ele não quis dizer nada com isso. Tenho quase certeza.

Na verdade, acho que *quis*, mas sem segundas intenções. Se eu respondesse que sim, que queria brincar, apenas ganharia minha própria galinha e passe livre para participar daquela bobagem, esquecer o dever de casa e agir como uma garota diferente.

West não quis dizer o que eu desejava ouvir: se eu gostaria de aprender a me libertar. Se queria poder ser diferente.

Mas, mesmo assim, meu coração batia de modo acelerado e eu não consegui recuperar o fôlego direito para responder que não, obrigada.

Isto não é para mim.

Você não é para mim.

A negação estava formando um bolo na minha garganta. Se eu tentasse responder em voz alta, acabaria me engasgando no não, porque queria dizer sim.

No final, acabei não dizendo nada. Nate apareceu atrás de mim e passou o braço pela minha cintura, pousando o queixo no meu ombro.

– Qual é o lance desse barulho todo?

Uma porta se fechou no semblante de West e eu dei um passo em direção ao terreno conhecido e corriqueiro da minha vida chata, afastando-me da fronteira em que estava alguns instantes antes, entre minha parte boa e a má.

– Só estamos tentando nos divertir um pouco – disse West.

– Será que podem fazer menos barulho? – perguntou Nate. – Precisamos estudar.

– Claro.

Então Nate me puxou para dentro, fechou a porta e beijou o meu pescoço. As mãos dele passaram por baixo da minha camiseta, por cima do sutiã, e então eu o interrompi, porque Bridget estava no corredor e eu tinha um trabalho para escrever.

E também porque eu estava sentindo um vazio no peito, como se alguma grande possibilidade tivesse sido tirada de mim. Algo além de uma brincadeira adolescente no corredor.

A alquimia de um garoto capaz de transformar garrafas de dois litros de refrigerante em foguetes de galinhas.

Às vezes eu me pergunto se minha atração por West foi o motivo pelo qual terminei com Nate. Se ela se tornou tão forte que sobrepujou todos os outros sentimentos, sem que eu me desse conta.

Sempre que penso em Nate e em West, é difícil, para mim, dizer o que é culpa minha e o que não é.

Quando durmo, não há paz no meu sono. Sonho que estou sendo perseguida, atacada, ferida. Sou uma vítima e os sonhos começam a parecer cada vez mais reais.

Há caminhões parados atrás do supermercado. O cara do posto de gasolina já me conhece e pergunta como estão as coisas quando pago o combustível e um suco de laranja. Ele tem 40 e poucos anos e barba grisalha. Parece um sujeito legal, mas até que ponto alguém pode ser legal trabalhando no turno da noite de um lugar chamado Kum & Go?

No início eu achava até engraçado o duplo sentido do nome, que pode ser lido como “vem e vai” ou como “goza e sai”. Agora ele me traz lembranças ruins, e passei a dirigir 30 quilômetros até a cidade mais próxima para abastecer.

Sempre passo por grupos de estudantes bêbados voltando de bares, agarrando os cotovelos uns dos outros, rindo e se empurrando. Uma vez, vi uma garota cair. Ela estava sozinha com um cara e eu achei que ele iria estuprá-la, mas a ajudou a se levantar. Parei o carro e comecei a respirar fundo, quase hiperventilando. Porque, sério, o que há de errado comigo para eu ter pensado isso?

Eu jamais teria pensado isso antes. Jamais.

Não quero ser assim pelo resto da vida. Se eu tivesse um botão DESFAZER, o apertaria com toda a força. Se existe alguma forma de voltar a ser quem eu era, porém, ainda não descobri qual é.

Na maioria das noites, acabo na padaria em que West trabalha.

Digo que não farei mais isso. No entanto, faço.

Ordeno a mim mesma que pare de vir até aqui, que pare de estacionar na frente e que pare de procurar um vislumbre dele pela janela.

Mas aqui estou.

A luz passa pela vidraça da cozinha, nos fundos da loja, e chega à calçada. Puxo o freio de mão, mas deixo o motor ligado. Com o carro parado, a música parece alta demais, então eu me inclino para a frente para abaixar um pouco o volume.

Imagino que o ar na cozinha esteja quente e cheiroso. Penso num odor adocicado, um antídoto a todas as horas que passo diante do notebook, navegando pelo pior que a humanidade tem a oferecer.

O vulto de West passa pela porta. Quando saio do carro, uma mão segurando a porta aberta e a outra enfiando as chaves no bolso do casaco, ele já desapareceu. Uma rajada de vento frio sopra nos meus pés expostos e na minha nuca. Eu me encolho e afundo ainda mais as mãos nos bolsos do agasalho.

Os homens na minha cabeça querem saber o que estou olhando e por que sou uma vagabunda tão burra.

Eu não sei. Não sei por quê.

Estou prestes a voltar para dentro do carro quando o vento me atinge novamente, um sopro frio bem no rosto. Estreito os olhos e coloco a mão na frente deles para protegê-los.

Estou irritada.

Com raiva.

Puta da vida.

Encontro-me parada na frente de uma padaria às quatro da manhã, furiosa, olhando fixamente para uma janela vazia.

Aperto as chaves com tanta força que elas deixam marcas na palma da minha mão. West passa mais uma vez pela porta aberta da cozinha.

Entre lá e diga que você sente muito. Diga que gosta dele. Diga alguma coisa.

Mas não faço isso. Não consigo. West não é o que preciso. É apenas o que quero.

Eu o quero porque ele bate nas pessoas quando está bravo. Porque dirigiu por 3 mil quilômetros um carro caindo aos pedaços, sozinho, comendo carne

enlatada, como se isso não fosse nada de mais. Porque ele olha para uma garrafa de refrigerante e vê um foguete de galinha. Porque eu tenho a sensação de que, se ficasse com ele, ele poderia me salvar.

West poderia me perguntar “Quer brincar?”, e desta vez quem sabe eu dissesse que sim.

Mas sei que as coisas não seriam assim. Ele não me salvaria. West me destruiria, e eu já estou bastante destruída.

Então me viro, entro no carro e vou embora.

OUTUBRO

West

Levei dez anos para aprender a odiar meu pai.

Ele passava pela cidade com frequência suficiente apenas para ferrar com a cabeça da minha mãe até ela perder o emprego, dar todo o dinheiro que tinha para ele, entregar-lhe o coração mais uma vez, só para vê-lo ir embora de novo.

No verão em que fiz 10 anos, minha mãe chorou por uma semana. Eu visitava os nossos vizinhos no estacionamento de trailers e contava-lhes a história de modo que tudo parecesse engraçado, esperando que me dessem algo para comer.

Na cidade nos cafundós do Oregon de onde eu sou, costumava haver empregos em madeireiras, mas agora não há nada além de trabalhos de meio período que pagam por hora e com os quais é impossível sustentar uma família.

Lá as mulheres trabalham e os homens só prestam para duas coisas: brigar e trepar.

Aprendi bem cedo a brigar e, quando eu tinha 12 anos, a amiga do meu primo Kaylee me levou para o armário da área de serviço e me mostrou como trepar.

Com alguma prática, fiquei bom nisso também.

Talvez isso devesse ter bastado para mim. Parecia o suficiente para todo mundo.

Mas há algo em mim que é como uma erva-daninha, sempre forçando caminho pelas frestas em busca de luz, em busca de uma raiz mais profunda em solo inadequado.

Eu sou curioso. Gosto de saber como as coisas funcionam, consertar as que estão quebradas, melhorá-las. Sou assim desde sempre. Quando três das cinco secadoras paravam de funcionar na lavanderia do estacionamento de trailers, eu precisava saber por quê. Se não conseguisse uma boa resposta, desmontava aquelas merdas e tentava descobrir.

Quando algo pode ser feito, eu preciso fazer.

Acho que é isso que faz um homem de verdade. Não as brigas que

arranjamos nem nossas trepadas, mas o que fazemos. Quanto trabalhamos pelas pessoas que dependem de nós. O que conseguimos lhes dar.

Aquela vez que meu pai apareceu quando eu tinha 10 anos – a vez que o enfrentei e ele me bateu tanto que eu enfim comecei a odiá-lo –, ele engravidou minha mãe antes de ir embora.

Minha irmã, Frankie, veio ao mundo já com dois pontos de desvantagem. Nossa mãe não havia planejado outro filho e não ficou muito empolgada. Frankie nasceu pequenininha demais e dormia muito.

Como sou curioso, li um panfleto que veio do hospital, dentro da embalagem de leite em pó. O texto dizia que bebês devem acordar a cada três ou quatro horas para mamar, mas Frankie não fazia isso. Não mesmo.

“Que bebê boazinha”, todo mundo dizia.

Ninguém queria ouvir que ela estava faminta.

Eu não queria amar Frankie. Só queria consertá-la. O problema é que, ao tomarmos conta de um bebê – preparando a mamadeira no meio da noite, cobrindo-o, trocando suas fraldas e passando as unhas pela sola de seus pezinhos até ele estar suficientemente desperto para comer –, quando menos esperamos, ele já enrolou os dedinhos ao redor da nossa alma, para nunca mais soltar.

Eu precisava fazer as coisas para Frankie. O que fosse necessário, eu precisava fazer.

Então descobri o horário de funcionamento do departamento de assistência social, os documentos que era preciso apresentar no escritório, a pessoa para quem deveria ligar se não houvesse crédito no cartão do benefício porque minha mãe perdeu o prazo para recarga e não avisou. Descobri aonde ir para conseguir roupinhas usadas, as pessoas que doavam leite em pó e em que dias, como trocar latas vazias por moedas para usar na lavanderia, onde conseguir trabalho quando todos diziam que não havia trabalho disponível.

Descobri tudo. Tenho talento para isso.

Quando fiz 14 anos, ganhava mais do que a minha mãe, e acho que comecei a pensar que era o homem da casa. O porto seguro da família. Invencível.

Então meu pai apareceu.

Se eu era o porto seguro, ele era a correnteza. Não havia nada que eu pudesse fazer para evitar que meu pai arrastasse minha mãe de volta para o mar. Tudo o que consegui foi evitar que Frankie fosse levada junto.

Depois, comecei a pensar no que mais eu poderia fazer.

Só trabalhar e dar conta das coisas, como eu já vinha fazendo, jamais seria o suficiente. Eu precisava proporcionar à minha irmã uma vida em outro lugar, um lugar melhor, ou ela acabaria como as outras garotas, dando para garotos de 12

anos em armários, trepando com qualquer infeliz imprestável por quem se apaixonasse.

Eu não podia suportar essa ideia.

Quando tive idade suficiente para dirigir, consegui um emprego num campo de golfe chique, a 40 quilômetros de distância. Fiz de tudo para ser contratado porque sabia que aquele era o lugar ideal para conhecer as pessoas certas, estudá-las e descobrir como *virar* uma delas.

Depois de algum tempo, me tornei caddie, basicamente um carregador de tacos, e conheci o Dr. Tomlinson. Substituí o caddie dele certa vez, quando o sujeito ficou doente, e passei a ser o principal desde então.

Esse campo de que estou falando é tão chique que pessoas do mundo todo vão até lá só para jogar golfe, e quando escolhem um caddie, ficam com ele pelo tempo que quiserem. É uma ostentação.

O Dr. T. é um anestesista rico cuja esposa é herdeira de uma família cheia da grana. Eu estive na casa deles, no alto de uma encosta com vista para o campo. É imensa e limpa, com tudo imaculado. Não há nada quebrado ou fora do lugar.

Aquela casa era tudo o que eu queria para Frankie, uma fortaleza que a protegeria do meu pai, do sofrimento, de decisões idiotas que acabariam com sua vida.

Eu vi aquela casa e a desejei. Eu queria o que o Dr. T. tinha.

Acho que ele viu alguma coisa em mim também. Minha inquietude. Minha disposição para trabalhar, para seguir qualquer vestígio de luz que pudesse encontrar. Segundo o Dr. T., ele, na minha idade, era como eu: um garoto pobre da zona rural de Iowa, desesperado para fazer alguma coisa da vida.

O que ele queria dizer é que eu fazia com que ele se sentisse importante. Mostrava quão longe ele tinha chegado.

O Dr. T. me transformou no seu projeto. Ele me ensinou a falar direito e não parecer um ignorante. Ele me alertava quando eu agia como um pobretão e me ensinava como me comportar entre as pessoas do nível dele. Como o Dr. T. e a esposa não têm filhos, ele meio que me adotou.

A mulher dele não queria filhos. Ela me levava para o meio do mato e me mandava levantar sua saia. Me levava para a piscina e para o quarto dela quando o marido não estava por perto.

Ela não foi a única mulher a me usar, nem a primeira. A Sra. T. queria o que havia dentro das minhas calças e eu queria o dinheiro dela. Uma troca justa, eu pensava.

O Dr. T. me disse que eles me mandariam para a universidade onde ele havia estudado, que era a melhor. Se eu conseguisse entrar para o Putnam College, ele

e a esposa pagariam as mensalidades. Moradia e alimentação ficariam por minha conta.

Os Tomlinson gostavam tanto de mim que fariam isso.

Ralei horrores para ser aceito. Fiz coisas de que me orgulho e outras que fariam o Dr. T. me matar se descobrisse. Fiz todas elas para entrar aqui, para conseguir um bom diploma e conhecer as pessoas que me ajudarão a subir na vida.

Fiz todas elas por Frankie e pela minha mãe.

Não tenho vergonha de nada. O mundo não é um lugar perfeito onde tudo funciona. Na verdade, é uma confusão do cacete, e se eu tiver que cortar caminho ou desobedecer à lei para chegar aonde preciso, tudo bem. Se precisar trocar sexo por dinheiro e oportunidades, ainda vai ser melhor usar meu pau do que desperdiçar minha vida e perder o meu coração.

Amor é o que acaba com as pessoas. Amor é ressaca, é contracorrente.

Aprendi com minha mãe.

No Putnam, eu não era a mesma pessoa que sou em casa. Era um aluno, um empregado, um ator interpretando. Um impostor, mas dos bons. Sabia exatamente como devia me comportar, o que podia dizer e fazer, quando tinha que calar a boca e manter a cabeça baixa, mesmo sem querer isso.

Eu conhecia as regras. Sabia onde elas podiam ser burladas e era bom nisso, porque, para um cara como eu, essa é a única maneira de conseguir as coisas.

Mas burlar é uma coisa e quebrar é outra. A não ser por aquela única cagada com Caroline, eu não quebrei as regras. Infringi a *lei*, mas não quebrei as *regras*.

Acho que quando faço alguma cagada, faço pra valer.

– Tire os dedos daí.

Krishna está debruçado sobre a tigela, cutucando a massa de pão nove grãos. Tiro o pano de prato da cintura e lhe dou um peteleco na nuca.

– Ai!

– Eu disse para tirar os dedos daí.

Ele se endireita e limpa a mão na calça jeans. A farinha forma uma nuvem ao redor dele.

– Eu só queria ver se é igual a uma bunda.

– Que mente mais pervertida.

– Foi você que me disse isso.

– Eu jamais diria isso. Lave as mãos primeiro, se quiser tocar na massa.

– Eu lavei.

– Lavou nada.

– Lavei, sim. Eu sempre lavo as mãos depois.

Depois, no caso, significa *depois de sair da cama dela*. Na metade das vezes que Krishna aparece na padaria à noite, ele está bêbado. Na outra, acabou de transar.

Hoje, tenho quase certeza de que são as duas coisas.

– Talvez você devesse lavar as mãos antes, para parar de espalhar sarna pelo campus.

– Sarna? Cara, que nojo. Meu corpo é praticamente um templo.

– E eu tenho certeza de que as suas mulheres o adoram, mas, como eu não sei por onde esses dedos andaram, você vai lavar as mãos de novo antes de tocar nessa massa ou eu vou acabar com a sua raça.

Ele levanta as duas mãos, rendido.

– Tudo bem, cara, tudo bem. Que bicho mordeu você?

– Nenhum.

Krishna lava as mãos. Lavo a tigela da batedeira com um raspador, água e sabão, então seco e esfrego até brilhar.

Gosto de trabalhar sozinho, sem ninguém por perto para encher o saco sobre o meu temperamento.

Agora, por exemplo, ninguém irá perceber que estou há semanas de mau humor porque, toda vez que vejo Nate Hetherington, quero bater nele de novo.

Não devo ter batido com força suficiente da última vez, porque ele continua desfilando com aquela porra de sorriso ordinário.

Krishna põe as duas mãos na massa e começa a massageá-la com os olhos fechados e uma expressão de êxtase. Ele está agindo como um verdadeiro idiota. Olhando para ele, ninguém diz que é um gênio da matemática.

– Eu não vou deixar você trepar com a massa, se é nisso que está pensando.

– Shhh. Estou só fazendo uma comparação.

– Com quem?

– A garota com quem fiquei hoje. Penelope.

– A de cabelo preto? Meio grandona?

– É.

– Meu Deus...

– Por quê? Você gosta dela? Se tivesse me dito, eu não teria...

– Não, tudo bem. Ela é minha parceira de laboratório.

– Ela tem uma senhora bunda.

– Eu não quero saber.

Eu não tenho nenhum interesse em Penelope. Só não quero ir para o laboratório e precisar pensar em Krishna em cima dela ou coisa parecida.

Ele me contaria todos os detalhes se eu não o proibisse. Krishna conta

qualquer coisa a qualquer um. Na minha cidade, um cara que se vangloriasse tanto quanto ele apanharia com bastante regularidade. Quando o conheci, no ano passado, pensei que provavelmente o mataria em uma semana e, com isso, perderia a minha grande oportunidade.

Mas ele tem um jeito de fazer a gente gostar dele. Não consigo dizer o que é.

Ele bate de leve na massa.

– Nem se compara. É toda cheia de caroços.

– É uma massa nove grãos. É para ser cheia de caroços.

Quando pensa que não estou olhando, ele dá um beliscão na massa e põe na boca. Então lambe o dedo.

– Chega. Se tocar em mais alguma coisa, você vai embora – ameaço.

– Você ficaria tão solitário sem a minha companhia...

– É. Vou chorar em cima das baguetes e dizer para o Bob cobrar um extra dos otários pelo sal artesanal.

Bob é o dono da padaria. Ele me contratou como mão de obra temporária para a época de Ação de Graças em novembro, mas eu me tornei tão indispensável que ele me manteve, me dando algum trocado por semana, à noite. Bob já está quase se aposentando e realmente não se importa com nada, desde que o lugar abra e feche e haja alguma coisa para vender. Agora ele me deixa fazer experiências com o pão, produzir novos tipos para ver se os clientes gostam. É muito divertido.

Além disso, a padaria é um ótimo lugar para vender maconha. Bob já costumava vender de madrugada bolinhos e cookies recém-saídos do forno a universitários – maconheiros com larica e alunos enfrentando noites em claro, estudando. Eu mantenho a tradição, mas quem me manda mensagem de texto ou me liga antes e põe um maço de dinheiro na minha mão recebe mais do que um bolinho no saco de papel da padaria.

Krishna está passando o dedo que lambeu na borda da tigela da massa. Pego o pano de novo, mas ele vê e o arranca da minha mão. Eu deixo. Não vou brigar por causa de um pano de prato.

– Eu tenho trabalho a fazer, sabia?

– O que exatamente? Ver a massa crescer? Esse é o trabalho mais chato do mundo.

Desde que Krishna chegou, estou lavando louça em água quente o bastante para escaldar a pele dele, que nunca pensou trabalhar um dia sequer na vida.

Não sei por que ando com Krishna. Ele está sempre matando aula, não faz nada, vive enchendo a cara e parece que achou o pau no lixo. Eu não deveria gostar dele.

Ele simplesmente se anexou a mim.

Eu havia planejado morar sozinho este ano. Encontrei um apartamento barato e consegui permissão da universidade para morar fora do campus, o que economiza uma fortuna em moradia e alimentação.

Krishna viu o contrato do aluguel na minha mesa e me implorou que o levasse comigo.

Ele acabou achando um lugar maior, em cima de uma loja, e prometeu pagar o aluguel se eu fizesse o contrato no meu nome e o deixasse ficar com um quarto. Concordei, porque ele pode fazer isso. Os pais de Krishna são cheios da grana.

Ele limpa o balcão com o pano de prato, senta nele e desenha uma grade na farinha espalhada sobre a superfície de metal frio.

– Você vai ficar mais alegre se eu disser que a sua namorada está ali na frente, dentro do carro, de novo?

Ergo o olhar, o que é uma idiotice. Primeiro, porque não consigo vê-la de onde estou. Só conseguiria se fosse para o outro lado da sala e olhasse pela janela – e então ela poderia me ver, e não quero isso.

Segundo, porque ela não é minha namorada.

Terceiro...

– Rá! – diz Krishna. – Você é tão previsível...

É. Esta é a terceira coisa. Ele sacou a minha fixação em Caroline bem rápido no ano passado, e usa isso para me provocar.

Desde que briguei com Nate, no mês passado, ela tem parado na frente da padaria umas duas vezes por semana. Não entra. Só fica sentada lá fora quando deveria estar dormindo.

Eu a vi na biblioteca hoje, debruçada sobre o notebook, escrevendo alguma coisa. O sol batia na mesa dela e fazia seu cabelo e sua pele brilharem em tons de dourado. Ela parecia frágil.

Cansada.

Não suporto a ideia de ela estar lá fora. Quero que vá embora.

Quero não ter de pensar nela.

Claro que ela pode nem estar lá. Talvez Krishna esteja só pegando no meu pé. Ele espera que eu pergunte, e eu não quero lhe dar essa satisfação.

– Você conhece algum vietnamita? – pergunta ele.

– O quê? Não.

– Preciso arrumar um vietnamita que me ensine a jogar jogo da velha. Estou trabalhando numa fórmula de análise combinatória...

– Ela está lá fora ou não?

Ele sorri. Os dentes são ofuscantes. O sorriso de Krishna é pelo menos 50 por cento responsável por todas as mulheres que ele pega.

– Sim, está.

– Você falou com ela?

– Você me disse para deixá-la em paz.

– Ótimo.

Guardo o fermento na geladeira e verifico a lista de coisas que preciso terminar antes do fim do expediente.

Olho para o relógio.

Krishna ainda está falando sobre jogo da velha.

Meu telefone vibra no meu bolso. Eu o pego e vejo o número da minha mãe, mas o texto parece da Frankie.

Q q vc tá fazendo?

Respondo: Trabalhando. Por que você está acordada?

Não consigo dormir. Cante pra mim

Passa das dez lá. Ela deveria estar dormindo há muito tempo. Só tem 9 anos.

Por que não pede à mamãe?

Ela saiu.

Era o que temia.

Que música você quer?

Star one

Eu digito o primeiro verso de “Dream a Little Dream of Me”. Ela responde com um sorrisinho.

Vá dormir, Frank.

Tô tentando

Se comporte direitinho

Sempre me comporto

Te amo.

Boa noite, West

Boa noite, pequenininha.

Quando ponho o celular de volta no bolso, parece mais pesado.

Não gosto que Frankie, uma criança, precise me mandar mensagens depois das dez da noite.

Não gosto que minha mãe não esteja em casa ou que tenha me mandado um e-mail hoje de manhã pedindo 500 dólares sem dizer para que era. Tentei falar com o Bo, o namorado dela, com quem elas moram, mas ele não atendeu e não ligou de volta.

A 3 mil quilômetros de distância, só posso saber o que elas me contam, e minha mamãe só me conta o que acha que quero ouvir. Preciso acreditar que as duas vão ficar bem sem mim.

Quando se teve a vida que eu tive, a fé não é algo constante.

E, caramba, não gosto de saber que Caroline está lá fora no escuro, sozinha, acordada quando precisa descansar. Estou exausto de me preocupar com ela o tempo todo. Isto é o pior nessa história toda com Caroline: a preocupação infinita com ela. O que aconteceu no ano passado já foi bem ruim, quando num só dia eu a conheci, me apaixonei e jurei a mim mesmo que nunca mais voltaria a tocar nela.

Já foi bem ruim quando comecei a sonhar com ela, acordando com o pau duro e me masturbando nos lençóis, pensando na boca dela em mim, nas pernas dela ao redor da minha cintura, na expressão dela ao gozar.

Tudo isso foi muito ruim, mas tudo bem. Que seja. Eu posso ignorar esse tipo de coisa. Poderia me masturbar um milhão de vezes pensando em Caroline e mesmo assim não precisaria falar com ela.

O problema não é eu querê-la. O problema é querer ajudá-la, conhecê-la, consertar o que está errado na vida dela, e não poder fazer isso. Não posso me prender a ela, ou ela vai me distrair e eu vou estragar tudo.

Há muita coisa em jogo para eu me deixar prender por uma garota impossível.

Eu não vou lá fora.

Olho para o relógio novamente.

Krishna enfia a cabeça dentro da grande geladeira industrial.

– Tem massa pronta de cookie aqui?

– Não. Está na hora de você ir embora. Preciso começar a assar logo.

Ele inclina a cabeça para o lado e me lança um olhar avaliador. Está com uma faixa de catarro em uma bochecha e farinha no cabelo.

– Você está tentando me fazer sair para ir lá falar com ela, não é?

Foda-se, eu vou.

Vou, porque não consigo mais *não ir*. Faz semanas que não falo com ela.

– Levo um café da manhã para você mais tarde – digo a ele. – O que você quer? Um bolinho de limão com semente de papoula?

– Leva um daqueles com gotas de chocolate.

– Posso levar todos os de gotas de chocolate. Só dê o fora daqui.

Eu o empurro na direção da porta dos fundos, que dá para o beco.

– Longe de mim ficar entre você e a sua namorada.

– Você sabe que é por dizer coisas como “sua namorada” que quero que saia daqui, não sabe?

– Nada disso. É porque você tem questões sérias de privacidade. Você poderia ser um assassino em série e ninguém saberia. Ou, tipo, um stripper secreto.

– Como se eu tivesse tempo para mais um emprego.

– Isso é verdade. Só se parasse de dormir. Mas deve valer a pena ter garotas enfiando dinheiro na sua cueca.

– Elas já fazem isso sempre que eu saio para dançar.

– Ah é? – O rosto de Krishna se ilumina. – Você tem gingado?

Eu não danço. Quando quero transar, vou a um bar na cidade que não peça identidade, encontro alguém que não seja da universidade, levo para a minha casa, faço a mulher feliz e pronto. As mulheres da cidade não esperam nada de mim.

– Não – respondo. – Não preciso de gingado. Tenho calças justas e um pau de elefante.

Krishna ri.

– Você não vai dirigir assim, né? – pergunto.

– Vim a pé. Posso bater na janela dela e dizer para ela vir até aqui, se você quiser.

– Obrigado, mas não precisa.

Eu o viro para a direção onde fica o apartamento. São apenas dois quarteirões e eu nunca ouvi falar de assalto nenhum por ali.

– Não se esqueça do meu bolinho – grita ele quando vira a esquina.

Depois que Krishna sai, a cozinha fica tão silenciosa que parece ecoar. O que vem a seguir é a minha parte preferida da noite: o momento em que eu despejo a massa crescida, separo em pedaços, modelo os pães, preencho as formas e ligo o forno. É um ato de criação, e eu sou o deus do pão.

Olho para o relógio e calculo os minutos. Dez.

Dez, no mínimo, antes de eu olhar pela janela.

Talvez ela já tenha ido embora e eu não precise fazer nada além de reinar neste mundo minúsculo, brincando com temperaturas, tempo de crescimento da massa, quantidade de farinha e líquido e de minutos no forno. É como puxar alavancas. Para cima ou para baixo. Mais ou menos. Simples.

Queria que Caroline me deixasse fazer apenas isto, permitisse que eu fosse o deus do pão e me deixasse em paz. Mas ela está lá fora, atrapalhando meu reino, e meu desejo de ir falar com ela é tão grande que me assusta.

Penso em Frankie no telefone. No dinheiro que mandei para minha mãe naquela tarde.

Prometo a mim mesmo que não vou até a porta antes de quinze minutos.

Foda-se, vinte. Só vou depois de vinte.

Não posso dar o braço a torcer, porque a pior coisa em relação a Caroline é que eu nunca lhe prometi nada, mas ela está aqui mesmo assim. É como se soubesse.

Ela não sabe. Não tem como saber.

Não tem como saber que, quando faço uma promessa, eu a cumpro.

Ou que eu tenho medo de começar a prometer coisas a ela, porque, se fizer isso, jamais serei capaz de desistir.

– Quer entrar?

Só precisa disso. Quando ela diz “Tá, claro”, eu me viro e começo a voltar para dentro enquanto ela fecha o carro e vem atrás de mim.

Ponho meu iPod no modo aleatório e aperto o play. Gosto de escutar música nesta parte da noite – antes disso, o barulho das batedeiras não me deixa ouvir nada. Enquanto lavo as mãos, Caroline circula lentamente pela cozinha.

Ao contrário de Krishna, ela não toca em nada.

Amarro o avental na cintura e volto ao que estava fazendo.

– O Bob faz os doces – digo a ela. – Eu só os coloco no forno no final do meu turno. Não sei se você vai querer esperar tanto tempo.

Como se ela estivesse aqui por causa de um cookie, e não por... sei lá por quê. Eu meti a porrada no ex dela, depois ela apareceu na biblioteca, eu dei uns amassos nela e ela me disse que não quer nada comigo. Então começou a me perseguir no trabalho.

O que eu devo pensar?

Ela dá de ombros.

Passo um pedaço de massa de pão da balança para a superfície enfarinhada da mesa.

– E aí, como vão as coisas?

Caroline apoia o quadril na beirada da mesa, na outra ponta.

– Tudo bem.

Tudo bem.

Todo mundo diz que está tudo bem. É papo furado.

Não que toda conversa que eu tenha na minha cidade seja profunda e significativa, mas nunca perdi tanto tempo sendo educado como em Iowa.

Caroline está usando uma calça de moletom, chinelos de dedo e um casaco com capuz sete vezes o tamanho dela. O esmalte das unhas está lascado e o cabelo está preso em um rabo de cavalo frouxo, como se ela tivesse começado a fazer o penteado mas houvesse se cansado e abandonado o trabalho antes de acabar.

Algumas garotas se vestem desse jeito o tempo todo, mas Caroline não é assim. No primeiro dia, na aula de história, ela estava usando calça jeans e um casaco azul-claro, mesmo fazendo 30 graus lá fora. Ela alinhou a caneta e o

marca-texto de forma perpendicular ao fichário, com o livro e o plano de estudos à frente dela.

Há algo nela que é totalmente arrumado, mesmo quando está apenas de jeans e camiseta. Não me refiro à aparência. É algo *dentro* dela. Como se Caroline tivesse tudo calculado, como se soubesse o que quer e que merece conseguir.

Ainda consigo me lembrar de sua expressão quando ela estava bisbilhotando o meu carro, conferindo todas as minhas coisas e me perguntando se eu não tinha medo de ter botulismo.

Hoje – nos últimos tempos, na verdade – ela está toda errada. Não está tudo bem. Não mais.

E eu não consigo deixar passar.

– Por que todo mundo mente quando perguntamos isso?

– O quê? Como estão as coisas?

– É. A gente pergunta "Oi, como estão as coisas?" e todo mundo responde "Ah, tudo bem". As pessoas poderiam estar com os cabelos em chamas e ainda assim diriam isso. Ninguém diz "Você está com uma cara péssima", ou "Estou sem dinheiro para pagar o aluguel", ou "Acabei de ir ao médico por causa de uma crise horrorosa de hemorroidas".

– As pessoas não gostam de falar sobre hemorroidas. É constrangedor.

– Mas quem decidiu que é o fim do mundo se sentir constrangido? É isso que eu quero saber.

Ela dá de ombros de novo.

– Acho que deve ser tipo um lubrificante social para as pessoas.

– Um lubrificante?

– É, tipo vaselina.

Faço uma careta e atiro um pão em cima do balcão. O espaço está acabando e logo vou ter que começar a colocá-los perto de onde Caroline está. O pão seguinte levanta uma pequena nuvem de farinha que suja o casaco preto dela, mas ela não espana o pó.

Eu entendo o que é um lubrificante social. Só não entendo por que nós dois precisamos disso.

Não tínhamos precisado na biblioteca, quando eu ainda estava tão tomado pela sensação de ter batido em Nate que esqueci que deveria ao menos tentar ser educado.

Foi muito bom bater naquele idiota.

Foi maravilhoso empurrá-la contra a estante, sentir seu cheiro, encher meu nariz de Caroline e enfiar a perna entre as dela, com o gosto dela na minha língua.

– Meu pai diz isso – acrescenta ela. – Ser educado é um lubrificante social.

– Achei que fosse o álcool.

– O quê?

– Achei que bebidas alcoólicas fossem lubrificantes sociais.

Ela dá um sorrisinho.

– Também são.

– Não acho que nós dois precisemos de lubrificante.

Isso faz com que ela me lance um olhar estou-muito-ofendida, com aqueles imensos olhos castanhos quase fechados.

Queria vê-la fazer essa expressão para mim quando eu estivesse com a língua entre as pernas dela.

E isso está muito longe de ser algo em que eu deveria estar pensando.

Mas é impossível *não* pensar em fricção, lubrificação, línguas, dedos e bocas quando ela fica vermelha desse jeito. Quando sei que a estou deixando confusa e ao mesmo tempo excitada. Ela corou assim uma vez quando eu voltava do banheiro para o meu quarto, enrolado em uma toalha. Ficou me encarando sem parar, com o pescoço vermelho e os olhos arregalados.

Fiquei de pau duro por uma semana.

– O que você veio fazer aqui?

– Você me chamou.

– Antes disso. Por que você tem vindo aqui e fica parada ali na frente? O que você quer?

Atiro o último pedaço de massa em cima da mesa. Ele desliza pela superfície enfarinhada e para bem na frente dela.

– Eu não quero nada.

– Não acredito em você.

Ela me encara, alargando as narinas e levantando o queixo. Está começando a ficar irritada com a minha pressão.

Ótimo. Que fique. Quando fica irritada, ela fala.

– *Como estão as coisas, Caroline?*

Desta vez, eu alongo as palavras como poderia esticar a massa de pão, apertando com força com a palma da mão. Eu quero uma resposta de verdade, porque estamos no meio da noite e já mentimos um para o outro mais cedo, no campus, na biblioteca. Toda vez que passo por ela no corredor e não a agarro, não a empurro contra uma parede e não lhe dou um beijo, toda vez é uma mentira.

Estou cansado disso. Arranjei este emprego esperando ficar sozinho, trabalhar quando todos estivessem dormindo, sem necessidade de ser educado ou dizer coisas que não queria, sem necessidade de agir como se fosse diferente do que sou. Preciso do trabalho para isso, porque de outra forma eu não consigo, e é

uma merda quando Krishna aparece e nós precisamos falar por meio de insinuações sobre o fato de que ele bebe demais e se odeia. É uma merda Caroline ficar sentada no carro dela lá fora, sem entrar. E agora que ela está aqui, é uma merda ela falar que está tudo bem.

– Estão indo – diz ela.

– É? Está curtindo o outono? As aulas estão bacanas?

Ela aperta a ponte do nariz e fecha os olhos.

– Você tinha razão. É isso que quer que eu diga?

– Eu quero que você diga a verdade, qualquer que seja.

– *Por quê?*

– Porque acho que você nunca diz a verdade a ninguém. Você está acordada às duas da manhã. Está com uma aparência horrorosa. Está exausta. Quando a convido para entrar, quando pergunto como estão as coisas, você acha que eu vou acreditar que você está *bem*? Acha que é isso que eu quero que diga?

– É o que todo mundo diz.

– É, é isso. E se você vai sair da cama e vir aqui para falar comigo, o mínimo que pode fazer é partir do princípio de que eu não sou todo mundo. Quando eu pergunto, eu realmente quero saber como você está.

– E se eu não estiver a fim de dizer?

– Então responda assim. “Como estão as coisas, Caroline?” “Não é da sua conta, West.” Está vendo como funciona? É simples.

Ela fica em silêncio por um minuto e eu tenho a chance de perceber como sou babaca. Eu não tenho o direito de tratá-la assim. Não sei por que sempre *quero* fazer isto – pressioná-la, desmascará-la, descobrir o que ela está escondendo –, mas quero.

Meu problema com Caroline é este. Eu quero despi-la e depois continuar. Quero aprender o que a move. Não é nem que eu queira. Eu *preciso*.

E é disso que devo me proteger. É a coisa mais perigosa na minha história com ela. Porque se eu necessitar dela, Caroline vai me ferir, me distrair, talvez até mesmo me partir em pedaços e pisar em cima. Vi isso acontecer com a minha mãe.

Não que eu seja idiota a ponto de achar que o amor faz isso com todo mundo. Bo, o namorado da minha mãe, a ama, mas não *deste* jeito – como um tufão, uma porra de um tsunami que o tira do prumo. Eu sei que existe um tipo de amor que é tranquilo, lento e constante.

Mas não é esse que eu sinto por Caroline.

Ela poderia simplesmente acabar comigo.

Não foi para isso que vim para Iowa.

Ela expira longamente.

– Tá bom – diz. – Tá certo. – E então, depois de uma pausa: – Pergunte de novo.

– Como estão as coisas?

– Horríveis. – Ela olha para o chão, depois sussurra: – Cada dia... cada dia que passa é o pior da minha vida.

Enfarinho a mesa na minha frente, me preparando para dar forma aos pães.

Quando agimos direito, o pão praticamente se faz sozinho. É preciso apenas não brigar com ele.

Caroline observa as minhas mãos. A forma como meus dedos moldam e puxam, depositam o pão em um tabuleiro para crescer... Eu tenho um jeito de não brigar que parece que estou brigando. Acho que estou tão acostumado a brigar por tudo que é difícil lembrar que há outras maneiras de fazer as coisas.

No entanto, acho que nunca fui como Caroline. Nunca fui privilegiado como ela, confiante do meu lugar no mundo, com a certeza de que o futuro era um ovo dourado que eu podia simplesmente tirar do ninho e levar para casa. Eu sempre soube que o mundo não é bacana, que é um lugar arruinado, que nos deixa na mão quando menos esperamos.

Quando temos essa consciência, é mais fácil assimilar os golpes. Revidar é automático.

– Eu não consigo fazer tudo desaparecer – continua ela, baixinho. – Não sozinha. Não sem...

– Não sem o quê?

Ela franze a testa.

– Contar ao meu pai.

– O que ele pode fazer que você não pode?

– Muitas coisas. Mas a principal é... Bem, existe uma empresa que varre o nome da internet. Ela empurra os resultados que o cliente deseja para o final da lista dos mecanismos de busca. Mas é caro.

– Ah.

– É.

– Que droga.

– Pois é.

– E quais são as outras novidades?

Ela pisca para mim, evidentemente não esperando a mudança de assunto.

– Não tem muitas.

– Hum. – Empurro um pouco de massa na direção dela. – Quer tentar fazer isto?

– Não, obrigada.

– Vamos lá, eu ensino.

– Obrigada, mas não. Acho que meus talentos são outros.

E isso soa tão parecido com a antiga Caroline que eu quase sorrio.

– Sem problema.

Ela volta a circular pela cozinha.

– Já pensou em outra coisa que não fosse você pelada na internet desde que aquelas fotos apareceram pela primeira vez? Quando foi? No mês passado?

– Dia 24 de agosto. – Ela inclina a cabeça, refletindo. – Sim.

– Em que mais você anda pensando?

Caroline espia dentro da batedeira vazia. Quando enfia o dedo na tigela e percorre sua curva – a curva que eu esfreguei até que brilhasse tanto a ponto de chamar sua atenção –, não digo para ela parar, embora vá ter que esfregá-la de novo depois que ela for embora.

Caroline pode tocar no que quiser.

– Na minha aula de direito constitucional. No dever de casa de latim. No casamento da minha irmã, que está chegando. Se meu pai está comendo direito agora que não estou mais em casa para encher a paciência dele. Em como disfarçar minhas olheiras. Em estupro. Em maldade. Se as comissões de admissão de faculdades de direito têm o costume de pesquisar os candidatos no Google ou apenas em circunstâncias especiais. – Ela olha para mim. – Se eu deveria usar aparelho para corrigir este espaço que tenho entre os dentes. As coisas de sempre.

– Só isso? Não quer acrescentar nada? Aquecimento global, por exemplo? A queda na venda dos jornais?

Ela quase sorri.

– E você? Em que *você* anda pensando?

Acho que eu deveria fazer uma lista também, mas foda-se.

Tenho pela frente três anos de curso antes de começar a faculdade de medicina, depois mais quatro anos até me formar e outros cinco para poder ser um anestesista. Então mais alguns anos de trabalho duro para me tornar conhecido na área. Tenho três empregos e preciso pensar em cuidar de Frankie e da minha mãe.

Talvez o que eu possa ter de Caroline é esta fatiazinha de espaço e luz nas horas mais escuras da noite. Posso dar a ela permissão para não estar bem. Deixar que ela fale sobre o que a incomoda. Distraí-la de seus problemas.

Se ela quiser vir aqui, farei tudo isso, mas não tratarei os problemas dela como se fossem meus e não entregarei minha alma a ela.

– Nas minhas orelhas, principalmente – respondo. – Você acha mesmo que elas são pequenas demais?

Toco nelas com as mãos cobertas de farinha, tentando parecer encabulado.

Funciona: ela sorri.

Aquele espaço entre os dentes dela me mata. Preciso medi-lo com a língua.

– Tem certeza de que elas já pararam de crescer? – pergunta ela. – Porque meu dentista me disse que pode levar alguns anos até que os meus dentes do siso nasçam. Talvez seja a mesma coisa com as suas orelhas.

– Você está dizendo que eu posso ter um salto de crescimento. E ficar com orelhas mais masculinas.

– É possível.

– Mas você sabe o que dizem... Orelhas pequenas, equipamento grande.

– Ninguém diz isso.

– Não? Talvez seja só no Oregon, então.

Ela ri, um som rouco. Não gosto da forma como a risada dela me afeta. Consigo praticamente me ver guardando o som para fantasiar com ele mais tarde, e detesto isso. Sei que vou pensar na risada de Caroline enquanto abro seu sutiã. Vou pensar nela sorrindo enquanto tiro aquelas calças de moletom sem graça e vejo o que há dentro delas, vejo como ela é nua.

Você já sabe como ela é nua. Todo mundo sabe.

Afasto da mente todos esses pensamentos. Eles não têm importância, e não vai acontecer nada entre nós dois.

– Mas é isso que eu queria dizer – continuo. – Tem um monte de outras coisas com que você poderia se preocupar, mas fica perdendo tempo pensando em algo que não pode consertar.

– Tipo o quê? Ficar preocupada com o tamanho das suas orelhas não me toma muito tempo. Eu ainda tenho, tipo, 23 horas e meia por dia para pensar em outras coisas.

– Como assim, você está dizendo que só se preocupa com as minhas orelhas por meia hora?

– Talvez nem isso. Preciso ser sincera com você.

– Por favor, seja.

– Tá bom. Acontece que se eu nunca mais precisar ver as orelhas de outro cara durante toda a minha vida, eu vou ser uma garota feliz.

– Agora você está começando a parecer amargurada.

– Talvez eu *esteja* amargurada. Talvez eu tenha visto muuuuuitas orelhas de perto ultimamente.

– Orelhas vermelhas e inchadas?

Ela se inclina para a frente, como se fosse me contar um segredo muito importante.

– Orelhas horrorosas, gigantescas, nojentas, cheias de veias e *pingando*.

Isso faz com que eu caia na gargalhada.

– Qual é a graça que vocês veem em tirar fotos das orelhas? – Ela está indignada agora. – É como se vocês morressem de orgulho delas.

– Se conseguisse cuspir coisas com as orelhas, você também ficaria orgulhosa.

Caroline está mordendo o lábio, olhando para a batedeira como se ela pudesse resgatá-la da conversa sobre paus em que havíamos engrenado. Ela quer rir, mas não se permite fazer isso.

– Acho que precisamos de outro assunto.

– Alguma coisa mais educada?

– Isso. – Então ela olha para mim de sob aqueles cílios enormes e, por um incrível segundo, é maliciosa: – Alguma coisa menos *lubrificada*.

Preciso desviar o olhar dela. Respirar fundo.

Aponto para uma porção de massa.

– Vá lavar as mãos e eu deixo você amassar isto aqui.

– Deixa, é?

– É. Vou ensinar você a fazer o melhor pão de fermentação natural do condado de Putnam.

– Tem tanta gente assim no condado de Putnam fazendo pão de fermentação natural?

– Não que eu saiba.

Ela faz uma careta para a massa e tira o casaco pela cabeça.

– Tá bom, eu topo.

A camiseta que veste por baixo deve ser a que usa para dormir. Ela está sem sutiã.

Apronto mais quatro pães enquanto ela lava as mãos na pia. Só depois de dois é que consigo afastar a surpresa.

Preparo outro com os olhos fechados, tentando tirar da cabeça o balanço suave dos seios dela.

Quando Caroline volta da pia, está com a expressão fechada.

– Olha só... eu... eu vou dizer logo. Eu estava falando sério sobre aquilo que conversamos na biblioteca.

– Sobre qual das coisas?

Ela está cutucando o polegar com a unha do indicador.

– Eu não posso ser sua amiga. Nem... nem outra coisa.

Eu entendo.

Não quer dizer que não doa um pouco ouvir isso de novo, mas eu entendo.

Assim como eu tinha meus motivos para não falar com ela no ano passado, ela tinha as próprias razões. Havia o Nate. Havia o pai dela, que me odiava antes

mesmo de eu provocá-lo deliberadamente. Mas, por trás de tudo isso, havia outra coisa.

Caroline não é o tipo de garota que se envolve com um cara que vende drogas. Ela é do tipo que não se arrisca, que faz o que deve ser feito, que segue todas as regras.

Se eu fosse quem finjo ser quando estou em Putnam, talvez pudéssemos ter algo juntos. Mas eu não sou. Nós não temos sentido juntos.

Tudo bem.

– Vamos fazer o seguinte – digo. – Hoje, vou ensinar você a preparar um bom pão e assá-lo. Se voltar amanhã, ensino outra coisa. Nós não precisamos ser amigos. Podemos apenas fazer esta... você sabe, esta coisa noturna. Se quiser.

– Podemos?

– Quando o Bob não está aqui, a padaria é minha. Posso fazer o que quiser, desde que deixe os pães prontos.

– E você não vai...

Quando ela olha direto para mim, minhas mãos se fecham.

Você não vai, West.

Não vai mesmo.

– Nós vamos fazer pão e ser não amigos. Você não precisa chegar a menos de 3 metros das minhas orelhas. Eu nem quero isso de você, de qualquer maneira.

Mais uma mentira além de todas as outras.

Ela cutuca experimentalmente a massa diante dela.

– Muito bem. Então me mostre como fazer isso.

Eu mostro e depois explico o resto do processo. Ela fica até o pão que modelou sair do forno. A essa altura, está bocejando. Eu a mando para casa, para a cama, com um pão quente debaixo do braço. Peço que me envie uma mensagem de texto quando estiver dentro do quarto, segura atrás da porta trancada.

Na noite seguinte ela volta.

Volta noite após noite e eu deixo.

É assim que acabo sendo não amigo de Caroline Piasecki.

NOVEMBRO

Caroline

Quando penso na padaria, penso em tudo junto.

O barulho das folhas secas de outono empilhadas na frente da porta dos fundos, sopradas para o beco, onde ficaram presas.

O brilho das tigelas da batedeira e dos balcões sob as luzes fluorescentes depois de West terminar de limpar tudo e fechar.

O cheiro do pão assando, o fermento vivo esfarelando entre os dedos, a voz de West atrás da minha orelha, inclinado por cima do meu ombro me vendo jogá-lo na tigela e dizendo: “Assim mesmo. Exatamente.”

A maneira como ele movia o braço em golpes curtos e certeiros ao cortar a parte de cima dos pães, pouco antes de colocar a grelha cheia de formas dentro do forno.

O inverno chegou tarde. Outubro virou novembro e eu passei um longo e frio outono atrás de balcões repletos de farinha e massa crescendo, dedos grudentos, música alta e West trabalhando com o boné virado para trás, um avental amarrado na cintura e aquele sorriso pretensioso no rosto.

West é a padaria. Não consigo imaginar o sentido dela sem ele lá, e não consigo imaginá-lo – a sua melhor versão, a que ele raramente deixa as pessoas verem – sem aquela cozinha como cenário para seus movimentos.

West se abaixando para pesar uma porção de grãos.

West fechando a porta do forno com o ombro e ligando o cronômetro.

West sovando a massa com as duas mãos, com farinha até os cotovelos, movendo-se no ritmo tranquilo de alguma música dance brega escolhida por Krish.

Lá, na padaria, enquanto o resto do mundo estava dormindo, o tempo parava e nós encontrávamos alguma coisa fora dele. Eu e ele nos tornamos *nós* naquela cozinha. Muito antes de West me beijar, eu passei uma vida ali com ele, banhada em luz amarela, batizada em água morna da pia, consagrada ao nascer do sol quando abríamos um pão, quando enfiávamos a mão nele e provávamos o que havíamos feito.

O que fazíamos não era perfeito. Certa noite, esqueci o sal. Outra vez, coloquei água muito quente e matei o fermento. Havia noites em que West se esquecia de me dizer alguma coisa vital e outras em que ele decidia não me lembrar de algo, só para ver se eu faria certo.

Ele se continha e eu nem sempre era corajosa o suficiente. Eu não confiava em mim mesma.

Nós fracassávamos na mesma medida em que éramos bem-sucedidos.

Mas penso no que teria acontecido se ele não tivesse saído para me buscar.

Acho que eu poderia ter ficado no meu carro para sempre. Poderia ter continuado fazendo curvas apenas para a direita.

Talvez nunca tivesse aprendido a não ter mais medo e aqueles homens continuariam me seguindo, para sempre.

Só posso ficar feliz pelo fato de as coisas não terem sido assim.

Em vez disso, West saiu, e eu entrei.

Depois daquilo, eu raramente queria estar em qualquer outro lugar.

– Você está zumbindo de novo.

Estou no meu canto, uma pequena área entre a pia e a mesa comprida que fica encostada na parede, na qual West alinha as tigelas. Gosto desse espaço porque normalmente consigo ver apenas um pedaço de West por vez.

Observo as botas dele, as pernas das calças dos joelhos para baixo, o avental.

Nessa hora da noite, quando sova as massas, West está sempre se mexendo. Alterna o peso do corpo de um pé para o outro enquanto alimenta e mexe o preparador de massa. Vai da pia para a batedeira, depois para a geladeira e o depósito, em seguida volta à batedeira, então à pia, depois vai até o balcão para pegar alguma coisa que esqueceu.

A forma como ele se mexe é quase mais do que eu consigo suportar. Sua graciosidade preguiçosa. Sua habilidade.

Seus braços aparecem no meu campo de visão quando ele tira uma tigela da bancada e põe a seguinte. Ele se abaixa e eu vejo o boné e o pescoço dele. Vejo seu rosto de perfil, sua calça jeans justa na perna dobrada, o formato da panturrilha.

Consigo lidar com ele aos pedaços. São todos belos pedaços, mas não me fazem suar de nervoso, como ontem à noite, quando chegou a hora de ir embora e ele me acompanhou até a porta dos fundos, pôs a mão na maçaneta e disse alguma coisa que o fez sorrir e se inclinar na minha direção. Não sei o que foi. Não consegui ouvir, porque a forma como ele mexeu o braço fez a manga da camiseta se levantar e revelar todo o seu bíceps, uma curva definida de músculo

retesado no braço apoiado no batente da porta. Depois de ver o bíceps exposto, cometi o erro grave de olhar para a boca dele, para o formato dos lábios, em seguida para as maçãs do rosto, o queixo e os olhos. E me esqueci de escutá-lo.

Esqueci como respirar ou existir fora do rosto de West.

É. Aparentemente isso pode acontecer, e, quando acontece, é muito forte. Ele precisou estalar os dedos na frente do meu nariz para me tirar do transe. Isso fez com que eu levasse um susto, desse um passo para trás e quase caísse. West apenas sorriu com indulgência.

– Me mande uma mensagem quando chegar em casa – disse ele, e eu respondi algo que parecia um grunhido.

Acho que ele está acostumado com o fato de eu ficar perdida perto dele. Ambos fingimos que isso não acontece. Meio que funciona.

West e eu somos assim. Nós meio que funcionamos.

Tenho vindo à padaria duas ou três noites por semana – em quase todos os turnos dele, eu estou aqui. A insônia está me castigando, mas isso não tem muita importância quando posso ficar perto de West e estudar no meu cantinho. Eu cochilo depois das aulas. Estou me transformando numa criatura notívaga, mas tudo bem. Acho que prefiro ser Bella Swan na casa de Edward Cullen do que a Bella da escola – toda irritada e defensiva, andando pesadamente pela Forks High, convencida de que todo mundo a odeia.

Os homens na minha cabeça ficam em silêncio quando estou na padaria. Acho que, se eles me ofendessem, West olharia para eles com fúria e os mandaria calar a boca. Se eles fossem reais, quero dizer. O que não são.

O telefone de West ainda está zumbindo, vibrando a caminho da borda da mesa. Com o dedo, eu o empurro de volta à segurança.

– Moço da massa – chamo alto, porque é difícil escutar com a batedeira ligada. – Seu telefone.

– O quê?

– Seu telefone.

Aponto e West enfim compreende. Ele se aproxima e pega o celular no balcão de metal ao meu lado.

Cometi o erro de pegá-lo uma vez, para entregar a ele. A expressão de West... Ele tem um jeito de fechar a cara completamente que faz parecer que não tem sentimento algum.

Ele é divertidíssimo quando quer, muito inteligente, extrovertido e provocador. Então, de repente, eu ultrapasso alguma linha invisível e ele se transforma em um robô. Ou começa a reclamar sem parar sobre alguma coisa que acha que é bobagem, como naquela primeira noite em que apareci aqui.

Ele leva o celular até a frente da loja, de onde não consigo ouvi-lo.

Volto para meu dever de latim, embora seja difícil me concentrar sabendo que em dez ou quinze minutos alguém aparecerá na porta dos fundos. West vai encontrar a pessoa lá e se posicionará de forma que eu não consiga ver quem é e falará com a voz baixa que o faz parecer qualquer outro cara, um vagabundo qualquer. Ele deixará os ombros caírem e ficará enfiando e tirando as mãos dos bolsos, movimentando-as ao ritmo da voz suave e amigável.

Eu tento não ver. É melhor me ater aos pedaços. É o único jeito de conseguirmos ser amigos – ou não amigos, acho.

E eu preciso ser não amiga de West. Ele é a única pessoa da minha vida que não me trata como se nada tivesse acontecido, mas que também não me trata como se *tudo* tivesse acontecido. Ele pergunta "Como estão as coisas?" quando entro e eu lhe digo a verdade. Mas, depois, é só isso. Não falamos mais sobre o assunto.

Enfiada no meu cantinho na padaria por algumas horas, duas ou três vezes por semana, me sinto eu mesma.

Quando volta, ele senta na mesa mais próxima de onde estou e pergunta:

– O que é isso, latim?

– É. Tenho um teste amanhã.

– Precisa de ajuda com os verbos?

– Não, está tudo certo.

– Você vai ficar por tempo suficiente para eu lhe ensinar todos os detalhes sobre cobertura para bolinhos?

– Provavelmente não. Preciso escrever um artigo para um trabalho de direito constitucional e não trouxe o laptop.

– Devia ter trazido. Gosto quando você escreve aqui.

Eu também gosto. West fica quieto se preciso e, quando quero uma folga, me ensina alguma coisa sobre pães. Se eu leio um rascunho em voz alta, ele sugere alguma mudança que parece pequena mas que sempre acaba deixando o texto mais conciso e o argumento mais forte.

West é inteligente. Muito. Eu não fazia ideia – a única vez em que frequentamos a mesma aula, não ouvi sua voz.

É possível, inclusive, que seja mais inteligente do que eu.

– Na semana que vem, então – diz ele. – Na terça-feira você vai aprender os segredos do glacê.

Sorrio. Acho que ele gosta de me ensinar coisas quase tanto quanto gosta de aprender. A curiosidade de West não tem fim. Não importa qual dever de casa eu esteja fazendo, ele acaba perguntando cinquenta coisas diferentes a respeito.

– Parece uma boa. Vai trabalhar no restaurante neste fim de semana?

– Vou. E você? Quais são os seus planos?

Queria passar um tempo com você. Vá lá em casa no domingo, para vermos programas ruins na TV.

Vamos sair para beber.

Vamos jantar juntos em Iowa City.

Às vezes eu invento uma vida em que ser mais do que não amiga de West é uma possibilidade. Uma vida em que conseguimos ficar juntos em outro lugar além de uma cozinha no meio da noite.

Então me belisco mentalmente, porque, não, eu quero *menos* escândalos, não mais.

– Bridget está tentando me convencer a ir a uma festa amanhã à noite.

– Onde vai ser?

– É de um pessoal do time de futebol.

– Ah, na Bourbon House?

– É. Você vai?

– Vou estar trabalhando.

– E depois que sair?

Ele sorri.

– Não, não. Mas você devia ir.

Quando Bridget me convidou, a ideia me deixou apavorada. Uma porção de gente, um monte de rostos que eu precisaria avaliar em busca de sinais de julgamento, pena, nojo. Não consigo me divertir quando estou ocupada monitorando meu comportamento, escolhendo as roupas certas, fingindo um sorriso perfeito e observando tudo ao meu redor, enquanto os homens na minha cabeça dizem que eu pareço uma puta e que deveria escolher logo algum cara para levar para o quarto e deixar chupar meus peitos, porque é só para isso que uma vagabunda como eu serve.

Bridget acha que eu preciso sair mais, retomar a minha vida do ponto onde a deixei. Senão o Nate vai vencer.

Eu entendo o que ela quer dizer, mas não consigo me obrigar a querer isso.

Olho para a sola das botas de West, a alguns centímetros do meu rosto. E para os nós dos dedos dele, dobrados na borda da mesa. Para a costura na altura dos cotovelos.

Se West fosse à festa, eu iria.

– Talvez eu vá.

– Vai te fazer bem – diz ele. – Tomar um porre, dançar um pouco. Talvez você até encontre alguém que possa ocupar as suas noites para não ficar mais por aqui me perturbando o tempo todo.

Ele sorri ao dizer isso. É brincadeira, Caro, o sorriso diz. *Nós dois sabemos que você tem a cabeça fodida demais para ficar com alguém.*

Antes que eu possa recuperar o fôlego, ele salta da mesa e vai para a pia, onde enche um balde de água com sabão para limpar os balcões.

Olho para o meu livro de latim, que realmente é sobre verbos, e pisco para afastar a ardência nos olhos.

Video, videre, vidi, visus. Ver.

Cognosco, cognoscere, cognovi, cognotus. Compreender.

Maneo, manere, mansi, mansurus. Permanecer.

Eu sei o que ele está fazendo. De vez em quando, West solta algum comentário meio provocador para me lembrar de que eu não sou namorada dele. Sorri ao me dizer algo que significa: *Você não é importante para mim. Nós não somos amigos.*

Ele me puxa para mais perto com uma mão e me dá um soco imaginário no rosto com a outra.

Eu sei por que faz isso. Ele não quer que eu me aproxime.

Não sei por quê.

Mas eu vejo. E compreendo.

Eu fico.

West e eu somos uma confusão só.

Ele limpa as mesas com movimentos abruptos e desajeitados. Agitados. Quando começa a lavar a louça, atira as formas em vez de empilhá-las. Está tão absorto pelo barulho que não percebe quando um vulto aparece na porta dos fundos.

Mas eu percebo. Levanto os olhos e vejo Josh ali parado. Ele era meu amigo. Agora, só anda com Nate. Acho que ele está saindo com Sierra. Josh está parado na porta com a carteira na mão, parecendo constrangido.

– Oi, Caroline – cumprimenta.

– Oi.

West se vira na minha direção e acompanha meu olhar até a porta. Sua testa fica muito franzida e ele vai até lá pisando forte. Josh levanta a carteira e West meio que a empurra para baixo e para o lado ao sair para o beco, obrigando Josh a recuar.

– Guarde a porra do seu dinheiro – eu o escuto dizer enquanto as portas se fecham. – Meu Deus.

Então a cozinha fica vazia – ficamos apenas eu e o barulho de fundo da batedeira e da água correndo na pia.

Quando West volta, está sozinho, enfiando alguma coisa no bolso.

– Você não viu aquilo – diz.

O que é uma bobagem.

Talvez ele ache que está me protegendo. Se eu não posso vê-lo traficando,

não sou cúmplice. Sou a garota distraída que fica no canto, incapaz de somar dois e dois e obter quatro.

– Vi, sim.

Ele me encara. *Não force a barra.*

Não via esse olhar desde a biblioteca. Um olhar que me faz largar o livro no chão e me levantar. E, quando me levanto, consigo sentir mais. Consigo sentir meu peito ainda doendo pelo que ele disse alguns minutos antes. Meu coração bate acelerado, porque West me magoou de propósito e eu sinto raiva disso.

Estou *furiosa*.

Ele se vira de costas para mim e começa a lavar uma tigela.

– Qual é o lucro que você tem? – pergunto. – Uma venda dessas chega a valer a pena? Porque eu procurei saber, e vender é crime. Você iria para a cadeia se fosse pego. Com uma sentença mínima obrigatória de cinco anos.

West continua lavando a tigela, mas seus ombros estão tensos. O nervosismo no ambiente é palpável, e eu não sei por que estou tocando nesse assunto que me faz tão mal.

Ele está certo em tentar me proteger. Meu pai morreria se descobrisse que eu estava ali enquanto West vendia maconha com bolinhos na porta dos fundos. Ele me perguntaria se eu perdi a cabeça, e o que eu responderia? “É só maconha”? “Acho que o West nem fuma”?

Desculpas. Meu pai odeia desculpas.

A verdade é que eu não invento desculpa nenhuma para isso. Eu me transformo em cúmplice toda vez que venho até aqui e me sento no chão ao lado de West, e não me importo. Realmente não me importo. Antes eu me importava. No ano passado, eu ficava escandalizada com a maconha. Agora, estou ocupada demais com meu fascínio por West.

E também existe a questão do dinheiro. Eu penso no dinheiro. Me pergunto quanto ele tem. Sei que as mensalidades estão pagas, porque West me disse, e sei que ele trabalha como caddie em um campo de golfe no verão, porque já perguntei por que ele volta das férias tão bronzeado.

Imagino que pague o próprio aluguel e a comida, mas, pelo que posso perceber, West não tem nenhum hobby ou vício. Não consigo entender por que trabalha em tantos lugares e ainda vende maconha, se não precisa de todo esse dinheiro só para viver. E ele não deve precisar, certo? Deve ganhar mais do que o suficiente se está comprando maconha em grandes quantidades e fazendo empréstimos por aí.

– Pare com isso – diz West.

Mas não consigo parar. Não hoje. Não quando a dor no meu peito se

transformou nessa insistência e nessa irritação. Estou furiosa com ele e comigo mesma.

– Vou ter que perguntar ao Josh – provoco. – Ou ao Krish. Aposto que ele me diria. Aposto que quando as pessoas aparecem no seu apartamento você não vira as costas para o Krish e o deixa sozinho enquanto vende maconha do lado de fora, na escada de emergência.

Eu nunca estive no apartamento dele. Só sei da escada de emergência porque passei em frente.

É possível que eu tenha virado uma perseguidora.

West larga a tigela dentro da pia e se vira para mim.

– Por que você está irritada? Quer que eu venda na sua frente?

Quero?

Por um instante, não tenho certeza. Olho para o chão, depois para a farinha espalhada ao lado da fileira de tigelas.

Lembro a primeira vez que entrei aqui e a primeira coisa que ele fala todas as noites desde então. *Como estão as coisas, Caroline?*

– É ridículo – digo.

Ele estreita os olhos. Eu continuo:

– É ridículo fingir não estar vendendo maconha na porta dos fundos, como se fosse me proteger de saber a verdade sobre você. Não é justo que eu venha até aqui e abra meu coração todas as noites enquanto você não me deixa nem tocar no seu maldito celular.

West cruza os braços. O maxilar está tenso.

– Você é um traficante. – É a primeira vez que digo isso em voz alta. A primeira vez que penso nisso dessa forma. – E daí? Você tem umas plantas secas em um saco plástico no bolso e troca essas plantas por dinheiro. Grande merda.

Ele me encara. Não por um instante, o que seria normal, mas por *muito* tempo.

Por uma eternidade, ele olha bem dentro dos meus olhos e eu respiro pela boca, com um aperto no peito, os ouvidos zunindo com o barulho da batedeira, que continua sem parar.

Então o canto da boca dele levanta um pouquinho.

– Grande merda?

– Cale a boca.

Não estou com saco para provocações.

– Podia pelo menos ter usado um palavrão de verdade.

– Não preciso dos seus conselhos sobre palavrões.

– Tem certeza? Sou bom pra caralho nisso.

Eu me viro e pego a bolsa e o livro de latim no chão. Não quero mais ficar

aqui. Não se ele vai me magoar, mentir para mim e me provocar. Não foi para isso que eu vim, e odeio a forma como a expressão dele me afetou.

– Caro – diz West.

– Me deixe em paz.

– Caro, eu tive um lucro de 40 pratas. Está bem? É isso que quer que eu diga?

Paro de guardar as coisas e fico imóvel, olhando para a bolsa.

Ele teve um lucro de 40 dólares.

– Quanto você cobrou?

– Sessenta e cinco.

– Por quanto?

– Três gramas.

Eu me viro.

– Isso é muito?

– Muito dinheiro ou muita maconha?

– Hã... As duas coisas.

Ele me oferece um sorriso – sincero agora – e balança a cabeça.

– É um pouco mais do que todo mundo cobra, mas a qualidade da maconha é melhor. É a menor quantidade que eu vendo. Por que estamos falando sobre isso?

É nesse momento que eu perco a coragem. Dou de ombros. Olho para além da orelha esquerda dele.

Não quero pedir nada.

Até este ano, nunca pensei muito sobre dinheiro. Meu pai tem uma situação bem confortável. Fui criada numa casa bacana em um bairro tranquilo em Ankeny, perto de Des Moines, e embora Putnam não seja um lugar barato, não preciso me preocupar com os valores. Sempre soube que meu pai pagaria meus estudos, independentemente do valor.

Mas isso foi antes das fotos e de eu me dar conta de que, não importa o que fizer, não vou conseguir fazê-las desaparecer. Não sozinha.

Preciso de 1.500 dólares – talvez mais – para contratar a empresa capaz de tirar meu nome do topo dos resultados de buscas e limpar minha reputação on-line. O cara para quem liguei me disse que casos como o meu podem ser mais complicados, o que significa um valor mais alto.

Eu não trabalho. Tive um emprego no ensino médio, mas meu pai acha melhor eu me concentrar nos estudos agora. Tenho 100 mil dólares em uma poupança – minha parte do seguro que recebemos depois da morte da minha mãe, de câncer, quando eu era bebê –, mas não posso tocar nesse dinheiro antes dos 21 anos.

Sem renda e sem histórico de crédito, só posso sacar 1.500 dólares do cartão de crédito com a autorização do meu pai. Já tentei.

– Caroline? – chama West.

– O quê?

Ele se aproxima.

– Em que você está pensando?

Eu respondo a coisa mais idiota do mundo:

– Que você não precisa me proteger.

Porque eu estou cansada disso. De ser protegida. De *precisar* ser protegida.

– Não estou te progetendo.

Mas quando meu olhar cruza com o dele, vejo a verdade.

Ele está. Ele *quer* me proteger.

– Sabe o que é pior nisso tudo? – pergunto. – Saber que eu sempre fui burra, protegida e... *inútil*. Todo mundo fala que sou inteligente, como se isso fosse incrível e importante. Entrar numa boa universidade. "Nossa, Caroline, que maravilha." Mas quando uma coisa ruim acontece comigo, eu não consigo nem...

Paro de falar, porque acho que vou começar a chorar e estou com muita raiva para me render à emoção.

West dá mais um passo na minha direção e começa a acariciar meu braço. A palma da mão dele pousa na minha nuca, por cima dos meus cabelos, e ele me puxa até a minha testa encostar no peito dele.

– Você não é inútil.

– Não, sério, eu não posso... Preciso que você me escute agora, está bem? Porque a questão é que...

– Caroline, cale a boca.

O jeito como ele diz isso é, sem dúvida, o jeito mais legal de alguém me fazer calar a boca. Então a mão dele desce até as minhas costas e me puxa na direção dele. E isso é legal também. Consigo sentir sua respiração. O cheiro da sua pele. Sinto meus cabelos roçando na barba rala do queixo dele.

Assim está melhor. Eu gosto.

Gosto demais. Tanto que passo o máximo de tempo possível aproveitando o calor que emana dele, o peso da mão dele na minha nuca, a forma como a bota dele parece presa entre as minhas sapatilhas. Mas eu preciso perguntar.

Preciso.

– West?

Ele faz um barulho tipo *hã*.

– Você tem muito dinheiro?

Levanto a cabeça para perguntar, o que me deixa espantosamente perto do

rosto dele. Estou próxima o bastante para ver sua testa começar a franzir. Para ver um olhar desconcertado tomar seu rosto. Depois irritado. Então indiferente.

Ele solta minha nuca.

– Por que você quer saber isso?

É tarde demais para não responder, mas o prazer que eu estava sentindo se transforma em desespero e eu sei que está tudo errado. Simplesmente sei. Só que não sei por quê, nem sei como sair dessa.

– Eu, hã... Preciso de um empréstimo.

Ele dá um passo para trás.

– Para quê?

– Lembra quando eu falei sobre a empresa que pode limpar minha reputação on-line?

– Você disse que era caro e que precisaria contar ao seu pai.

– É.

Espero um instante.

– Você não contou ao seu pai.

– Eu não posso, West. Pensei nisso, mas eu... E se ele vir as fotos?

Pode acontecer a qualquer momento. Meu pai pode estar sentado na mesa dele e digitar meu nome no Google, só por digitar. Ou alguém que trabalha com ele pode sugerir algo assim. Um amigo. Uma das minhas irmãs. Qualquer um.

Fecho os olhos, porque a humilhação, a vergonha de pedir a West que me ajude a consertar isso, é de mais para mim.

Não consigo nem olhar para ele.

– De quanto você precisa?

– Mil e quinhentos dólares. Eu ouvi você... ouvi você dizer que às vezes faz isso.

Ele suspira.

– Você tem alguma fonte de renda?

– Eu recebo uma mesada.

Abro os olhos, mas não consigo encarar West e continuo olhando para baixo. Minhas sapatilhas pretas estão cobertas de farinha, que entrou para baixo da fivela. Duvido que eu consiga limpá-la, mesmo que queira.

– Quanto tempo você levaria para me pagar?

– Posso pagar 150 por mês.

Se não comprar nada nem comer fora do refeitório.

West chuta a ponta do meu pé com a bota. Espera que eu olhe para ele. Seus olhos ainda estão inexpressivos.

– Vou cobrar juros.

– Imaginei que cobraria.

– Terei o dinheiro na terça.

E não há mais nada a ser dito. É como se ele não estivesse mais ali e eu fosse apenas dor e decepção.

– Obrigada – digo. – Eu vou... vou embora. Preciso fazer aquele trabalho.

Ele só resmunga algo para mim e pesa um pouco de massa. A mil quilômetros de distância.

Não vejo West na sexta, porque ele está trabalhando no restaurante, e nós não somos amigos.

Não vou à festa do time de futebol. Bridget faz de tudo para me convencer, mas não consigo. Digo que preciso estudar e me escondo na biblioteca, pensando obsessivamente na conversa com West, repassando-a na cabeça. Eu jamais deveria ter pedido dinheiro a ele. Não sei a quem deveria ter pedido, mas não a ele. A expressão de West... Não consigo parar de pensar nisso.

Não o vejo no sábado, porque ele está trabalhando no restaurante, e nós não somos amigos.

A semana seguinte é igual às outras. Na terça, ele me dá o dinheiro e me ensina a fazer glacê de limão para os bolinhos. Tudo parece normal, mas há uma fina camada de constrangimento em nossas conversas, e quando não estou perto dele parece que ela se acentua.

Troco as cédulas que West me deu por uma ordem de pagamento e a envio para o cara que contratei para cuidar da minha reputação on-line, mas queria não ter feito isso. Gostaria de jamais ter aberto a boca.

No fim de semana seguinte, janto com Bridget e depois vamos até o Dairy Queen, na cidade, para comer a sobremesa. As folhas estalam sob os nossos pés enquanto andamos. Como um brownie com sorvete e calda de chocolate quente tão grande que preciso deitar no banco pintado com tinta a óleo vermelha e desabotoar a calça jeans. De cabeça para baixo, olho para a rua pela janela da frente. Vejo o pequeno quadro de sugestões do lado de fora do restaurante Gilded Pear.

Nate me levou para jantar lá no ano passado, antes do baile da primavera. West foi nosso garçom. Cada vez que ele vinha até a mesa era mais constrangedora do que a anterior. Quando ele trouxe a conta, sua conversa com Nate estava tão permeada de ironia que tive a impressão de que os dois interpretavam a cena de uma peça.

O tipo de peça com duelo de espadas.

Eu não terminei com Nate por causa de West. De verdade.

Mas provavelmente terminei por causa da possibilidade de conhecer alguém

como West.

– Você terminou o trabalho ontem à noite? – pergunta Bridget.

Como estou distraída com a lembrança de West em seu uniforme de garçom – calça social preta e camisa social branca –, respondo com um grunhido.

– E está estudando para a aula de direito constitucional?

– É.

Ele usava as mangas dobradas. O bronzeado profundo contrastava com o algodão muito branco.

– Então não tem desculpa para não ir à festa da Aliança comigo.

– O quê? Não.

Eu me sento. Bridget está dando seu pior e mais maldoso sorriso.

– Sim.

– Eu realmente não quero ir.

– Você realmente não tem escolha. Não precisa estudar mais. Está na hora de começar a sair, e essa é a melhor festa, a mais fácil, porque pelo menos metade das pessoas que estarão lá é gay. Talvez dois terços, se contarmos os bis e os "curiosos". – Ela faz as aspas no ar com os dedos. – Além disso, nós nos divertimos tanto no ano passado. *Por favor*.

Duas horas depois, estou com uma cerveja na mão enquanto Bridget puxa o cotovelo do meu outro braço, me levando para a pista de dança.

A festa da Aliança Gay acontece no Minnehan Center, a construção do campus usada para diversão em grande escala. O prédio tem o cinema e esse salão, um ambiente imenso de pé-direito alto com um palco, um globo de discoteca e um pequeno espaço em uma das paredes onde os donos da festa entregam uma quantidade interminável de bebidas em copos de plástico para os alunos.

Não se pode entrar nas festas no Minnehan Center sem carteirinha de estudante, mas, uma vez lá dentro, não existe menor de idade. O aluno que trabalha entregando as pulseirinhas para os maiores de 21 anos faz uma checagem apressada nas identidades, cuja consequência é que todos na festa podem beber.

A cerveja é sempre de graça. A música é sempre alta.

As festas da Aliança têm uma trilha sonora que desperta o ABBA interior de todo mundo – e também causa surtos de exibicionismo. Até onde eu sei, sou a única pessoa no local usando jeans e camiseta. Bridget está com um top de lantejoulas dourado, uma calça flare preta e saltos plataforma.

Parece uma rainha disco.

Ela escolhe um ponto na beirada da pista de dança justamente quando

começa a tocar “It’s Raining Men”. Com os braços para o alto e pulando sem parar, ela dança junto a outras cem pessoas.

– Dance comigo! – grita.

Faço que não com a cabeça.

Então bebo a cerveja bem rápido para poder me livrar da decepção dela e vou pegar mais uma.

Depois de terem tocado metade da trilha sonora de *Priscilla, a rainha do deserto* e todas as músicas boas da Lady Gaga, a pista está lotada e eu me sinto relaxada o suficiente para entrar na pista, remexendo o quadril e batendo palmas com Bridget. Sorrio ao ver Krishna despontar atrás dela. Ele a agarra e ela revira os olhos, mas gosta. Krish nos leva até o grupo com o qual está dançando. São pessoas que eu não conheço, embora tenha quase certeza de que uma das garotas se chama Quinn.

Eu a reconheço porque ela frequentava o quarto de Krishna e West no ano passado. É loura e alta – uns 10 centímetros maior do que eu, com um quadril largo, seios generosos e um sorriso que parece ter muito mais dentes do que o comum. Ela agarra a minha mão para me girar e eu fico suada e um pouco tonta. Krishna traz mais uma rodada de cervejas e nós bebemos rápido, lambendo a espuma dos lábios. Ele pega o celular. A tela ilumina seu rosto no salão escuro, fazendo com que ele pareça travesso e quase encantado. Krishna olha para mim, sorri e digita alguma coisa.

– O que você está fazendo?

– Mandando uma mensagem para West.

Ele levanta o aparelho e, antes que eu possa impedi-lo, tira uma foto minha.

Agarro o braço dele, ofuscada pelo flash e pelo pânico.

– Não faça isso.

O clarão repentino me faz lembrar da noite fatídica com Nate. A surpresa do flash. A mão dele na minha cabeça, o pau dele na minha boca, me fazendo engasgar quase a ponto de vomitar.

– Krish, *não faça isso*.

Mas ele não me ouve. Sorri, tocando na tela, enquanto tento arrancar o telefone da mão dele. Só que é tarde demais. Pela expressão dele, a foto já foi enviada.

– Que merda!

Dou um soco no ombro dele, frustrada e chateada, frustrada comigo mesma por estar chateada. É só uma foto.

Não tem importância.

Só que eu estou chorando.

– O que foi que eu fiz?

Quinn estende a mão para mim, mas eu já estou saindo dali. Passo correndo pela porta, empurrando quem está no caminho. Bebi mais do que deveria. Baixei a guarda e me senti segura, me senti bem, mas não estou nada bem.

Congelada na tela do celular de Krishna, suada, com os cabelos caindo no rosto, a camiseta muito decotada, toda torta, eu pareço um erro esperando para acontecer.

Então vejo Nate e me lembro de que sou um erro que já aconteceu.

Ele está no meu caminho até a porta. Quando me dou conta, está olhando para mim e não há para onde fugir. Não posso voltar para a pista de dança. Preciso sair dali. Então sigo em frente, com o queixo erguido, torcendo para que meu rímel não esteja escorrendo e fingindo que os homens na minha cabeça não estão gritando a todo o volume.

Me deixa ver essa xoxotinha gostosa, gata. Quero comer você todinha. Vou te foder até você não aguentar mais.

– Caroline! – Nate põe a mão na porta para barrar minha passagem. Sorri para mim, bêbado. – Não achei que fosse encontrar você por aqui.

Penso em West apoiado na porta da padaria ao me acompanhar para fora. Dizendo para eu mandar uma mensagem de texto quando estivesse em casa.

Olho para Nate bloqueando minha saída. Seus olhos descendo pela minha camiseta.

Ele sempre foi assim?

Tem uma cerveja na outra mão e os cabelos castanho-claros estão meio compridos, formando cachos ao redor das orelhas. Veste uma camisa polo – que realça o azul de seus olhos – e aquela calça azul-marinho horrorosa com minúsculas baleias verdes estampadas que ele adora usar em festas. Ele afirma que usa a calça ironicamente, mas eu sempre dizia que não é possível vestir uma calça com ironia. Se você veste uma calça com estampa de baleias, está apenas usando uma calça com estampa de baleias.

Babaca, West diz na minha cabeça.

– Por que eu não estaria aqui?

– Você não tem saído muito.

– Ando ocupada – digo, tentando me parecer com West quando ele fica indiferente.

Como se não desse a mínima para Nate.

– Josh disse que viu você com aquele grosseirão do quarto em frente ao seu no ano passado. O traficante.

– E daí?

– E daí que eu estou preocupado com você, Caroline. Primeiro aquelas fotos e agora você fica andando com aquele cara... O que está acontecendo com você?

Estou sem palavras. Literalmente. Não consigo dizer nada. Há tantas palavras querendo sair ao mesmo tempo que elas se acumulam na minha língua. E, de qualquer forma, não sei quais eu diria mesmo que conseguisse colocá-las para fora.

Que audácia a dele. Que audácia.

Nate levanta o braço mais um pouco e toma um gole da cerveja, como se fôssemos ficar por ali curtindo a brisa.

– Nós ainda somos amigos – continua. – Nós sempre seremos amigos, você sabe disso. Eu só não quero que você se magoe.

É isso que liberta as palavras presas. *Nós ainda somos amigos*.

Ele me traiu. Destruiu a minha vida, depois negou e tentou me convencer de que fui eu que fiz isso. Mentiu, porque é um babaca e babacas mentem. E agora está aqui, *bloqueando a minha saída*, dizendo que ainda somos amigos.

– Quer saber, Nate? Vá se foder.

Passo por baixo do braço dele, meio que esperando que ele me segure. Tenho quase certeza de que Nate me odeia tanto e quer tanto me magoar que será capaz de fazer isso.

Mas não faz. Eu passo por ele, disparo pelo corredor até o banheiro, me tranco em um cubículo e me sento na tampa do vaso sanitário, com os pés sobre o assento, para poder enterrar a cabeça entre os joelhos.

Fico assim até conseguir respirar, até descobrir que o zumbido baixo que estou ouvindo não vem de dentro da minha cabeça. É meu celular vibrando no meu bolso.

É uma mensagem do West. Você está bem?

Não estou bem. Nem um pouco. Mas ver o nome de West no meu celular – ver que ele quer saber como estou quando nunca me mandou mensagem nenhuma, exceto uma ou duas palavras para responder às vezes que avisei que tinha chegado em casa – ajuda.

Tô bem, digito.

Bom, na verdade, digito to nrm. Mas, de alguma forma, o milagre da autocorreção entende o que eu queria escrever.

Onde você está?

Festa no Minnehan.

Eu sei. K mandou sua foto. Onde no M’han?

Banheiro.

Depois de um tempo: K é um idiota.

Eu exagerei na reação.

Tudo bem. Todo mundo tem noites malucas.

Por que quando outras pessoas dizem coisas que já sabemos nos sentimos

reconfortados?

Por que, quando West me diz que estou bem, acredito nele? Não que ele consiga me fazer ficar bem, mas me faz ter esse critério.

Quero contar a ele sobre Nate, mas quero mais ainda esquecer o que aconteceu.

Ainda está no trabalho?

Não. Acabei de sair.

Sorrio para o telefone.

Volte para a festa. K disse que você está ajudando ele a pegar minas. Depois de um tempo: Mas são todas sapas.

Homofóbico!

Eu não. Pergunta pra Quinn. Todas aquelas garotas se chamam assim.

Elas se chamam de matas, digito, mas não era o que eu queria dizer.

Gatas, tento uma segunda vez, mas o celular corrige para matas.

Tento uma terceira vez. G-a-t-a-s. Porra de corredor.

Há uma pausa, e então West envia: Corredor? Estou morrendo de rir.

Pisco para a tela. Ah. É, pelo visto eu digitei isso. Que bom que eu divirto você.

Respiro fundo. Preciso de três tentativas para conseguir escrever as palavras: Vem dançar?

Uma pausa mais longa.

Preciso dormir.

Tenho certeza de que é verdade. Ele dorme apenas quatro horas por noite durante a semana. E me disse que tenta recuperar o sono nos fins de semana.

Ok. Bons sonhos.

Mais uma pausa, e estou começando a achar que a conversa acabou, que eu devia sair do banheiro e ir para casa dormir quando mais um balãozinho salta na tela.

Caroline?

Oi?

Terça é dia de cookie.

Terça, na padaria. Eu não quero esperar tanto tempo para vê-lo, mas é assim que as coisas são. Certo. Nos vemos lá.

Aliás.

Nada por vários segundos.

Você está gata pra caralho.

Nem vi o espaço entre os dentes.

O que essas palavras fazem comigo... Meu coração fica tão leve que acho que posso sair flutuando e passar através do espaço entre meus dentes da frente.

Faço uma captura da tela e guardo o telefone.

Ainda sorrindo, me levanto do vaso e lavo as mãos, ouvindo a batida no salão. Meus dedos dos pés se movem minimamente, um minúsculo reconhecimento do ritmo.

Meus olhos estão assim também. Brilhando por causa do minúsculo reconhecimento.

Foi a segunda vez que ele me disse isso.

Quando saio do banheiro, Bridget está vindo na minha direção com Quinn.

Ou, mais especificamente, está andando em zigue-zague pelo corredor enquanto Quinn a observa como um falcão, aproximando-se para firmá-la toda vez que parece que ela vai cair.

O triste é que Bridget só bebeu duas cervejas. Ela não tem nenhuma tolerância ao álcool.

– Caroline! – grita minha amiga.

– Bridget! – exclamo em resposta.

– Eu vi o Nate.

– Eu também.

– E dei um chute no saco do Krish por ter tirado uma foto sua. Quero dizer, não de verdade, mas metaforicamente.

– Ela deu uma dura incrível nele – comenta Quinn.

– O Nate fez você chorar? – pergunta Bridget.

– Não. Estou bem.

– Quer ir para casa? Ou podemos tomar outro sorvete.

Penso na proposta. Mas reconheço a música que está tocando e decido que não quero voltar para o quarto e me esconder.

– Não, eu quero dançar.

– É mesmo?

Bridget olha para mim piscando muito.

– Mais ou menos. Na verdade, eu quero dar um chute no saco do Nate. Ou dar um soco no nariz perfeito dele.

– O seu namorado já fez isso – diz Bridget.

Arregalo os olhos para ela fazendo o gesto universal de *ai, meu deus, cala a boca, sua idiota.* Espero com todas as forças que Quinn não tenha ouvido ou entendido o que ela disse.

– O seu namorado? – pergunta ela, levantando uma sobrancelha.

Aquela sobrancelha sabe *tudo*.

– A Bridget está um pouco bêbada – digo, como que me desculpando. – E nós temos uma piada particular sobre o West...

– Que é...?

Tento pensar em uma maneira diplomática de dizer, mas Bridget é mais rápida do que eu:

– Que ela quer arrancar as calças dele.

Sim. Essas palavras realmente saíram da boca de Bridget.

– Eu vou *matar* você – sussurro.

Não consigo olhar para Quinn. É possível que nunca mais olhe para ela de novo.

Ela pigarreia. Bate o pezinho no chão.

Meu Deus. Não tenho escolha. Olho para ela.

Quinn ainda está com a sobrancelha arqueada. Aquela sobrancelha não se cansa. É uma atleta de resistência.

– É mesmo?

Não sei como responder. Quero dizer, sim. É claro que eu quero arrancar as calças dele.

E não. Não, não, não, eu não quero que ela saiba, ou que o West saiba, ou que qualquer pessoa viva saiba, inclusive Bridget.

Digo alguma coisa parecida com *Hummm?*

Ela sorri.

– Claro que vou contar para ele.

– Eu mato você se fizer isso.

– Cara, você está cheia das ameaças hoje. Primeiro aquele cara, o Nate... Ah, merda, foi ele quem publicou as suas fotos nua?

Ela diz isso na minha cara, sem qualquer vergonha ou o menor reconhecimento de que é um assunto sobre o qual não devemos falar.

Fico tão chocada que apenas digo:

– Foi.

– Não é de admirar que esteja morrendo de raiva. Sabe o que você devia fazer? Jogar rúgbi. Você é rápida?

– Hum, não.

– Ela é *muito* rápida – diz Bridget.

Quinn está sorrindo.

– A gente pode derrubar as pessoas no chão. É incrível.

– Parece incrível. – Bridget de novo.

– Nós treinamos aos domingos, às onze. Quer ir? Precisamos de mais uma jogadora.

– Obrigada, mas tenho que guardar meu talento atlético para as pistas.

– Ah, certo. Vou me contentar com a rainha do boquete aqui, então. – Quinn diz isso completamente sem malícia. Esfrega as mãos uma na outra. – E aí, vamos dançar ou ficar paradas aqui sem fazer nada o resto da noite? Porque

vocês sabem que se a gente não voltar em dois minutos, o Krishna vai estar enfiando a língua na garganta de alguma pobre garota.

Bridget franze o nariz.

– É mesmo. E eu quero dançar com ele. Ele é tão bonito.... Parece um enfeite de Natal.

– Ele seria o gay mais lindo do mundo – concorda Quinn. – Vamos resgatá-lo.

Eu não cheguei a falar nada sobre o rúgbi, mas Quinn engancha os cotovelos nos nossos e saímos as três assim meio correndo, meio pulando pelo corredor, como mosqueteiras bêbadas. Mostramos as pulseirinhas para o cara da segurança, que está completamente entediado e mal olha para a nossa cara.

Quando chegamos à pista de dança, estou com outra cerveja na mão e rindo, pensando em Quinn, Bridget e Krishna.

Pensando no celular no meu bolso de trás e na captura de tela que fiz.

Não tenho um pensamento para dedicar a Nate.

– Trouxe um presente para você.

West levanta os olhos da balança, onde está pesando farinha na tigela maior.

– É?

Balanço o saco plástico branco que tenho na mão.

– Salgadinho de milho, chocolate, dois brownies.

– Você sabe como me conquistar.

– Eu sei como evitar que você se transforme em um mala nas noites de quarta.

West sorri e pega o saquinho. Abre uma bebida energética e fecha os olhos enquanto toma um gole direto da lata.

Parece cansado. Quartas-feiras são os piores dias, porque ele tem aula no laboratório à tarde. Nos outros dias ele costuma dar um cochilo depois do turno da manhã, mas nas quartas assiste a todas as aulas depois de ter dormido só quatro horas à noite e ainda vai para o laboratório, em seguida para a biblioteca e depois para a padaria, para o turno da noite.

– O que você está misturando, o pão francês?

– É. Quer começar o de endro?

– Claro.

Confiro a prancheta pendurada ao lado da pia para ver de quantos pães Bob precisa. West vem logo atrás de mim, repousa a mão no armário onde a prancheta está pendurada e encosta a lata gelada no meu pescoço.

– Aaai! Não faz isso!

Ele dá uma risada e se afasta, mas não muito.

Se eu me mexesse alguns centímetros... Se me encostasse nele... Se pressionasse o corpo todo contra o dele...

– O dia foi bom? – murmura ele.

Ai. O que ele está fazendo comigo? Eu nem acho que West precise conferir a prancheta. Já sabe tudo de cor.

Ele está com a camisa de flanela xadrez desabotoada. As mangas estão dobradas, com os punhos soltos, e balançam quando ele mexe os braços. Penso em passar a mão no antebraço dele. Sentir os pelinhos macios, a pele acetinada.

Penso em me virar para encará-lo.

Mas só inspiro. Expiro. Mantenho a voz normal ao responder:

– É, foi tranquilo. Cruzei com a Quinn no almoço, e Bridget e eu acabamos sentando com ela e Krish.

– É a segunda vez esta semana que você teve companhia para almoçar.

Reúno coragem suficiente para me virar e sorrir como se não esperasse nada dele, como se não *precisasse* de nada dele.

– Pois é. Vida social intensa, né?

West quase sorri. Eu me sinto como se fosse uma experiência que ele está fazendo. *Como ela vai agir se eu fizer isto?*

– Dormiu antes de vir para cá?

– Algumas horas. E dei um cochilo beeeeeeem longo depois da aula também. Aqui, tá vendo? – Viro o rosto para mostrar a marca da almofada na bochecha. – Eu estava tentando ler um texto de inglês, mas caí no sono no sofá e fiquei com o veludo cotelê da almofada marcado para sempre no rosto.

Ele se aproxima ainda mais para ver as marcas quase apagadas depois de tantas horas. Passa os dedos de leve pelo meu maxilar e vira meu rosto na direção dele.

Seria assim que ele me beijaria. Exatamente assim, com uma bebida na mão e um meio sorriso casual, os dedos experientes direcionando meus lábios para onde ele quisesse.

Inspiro. *Não fique empolgada demais, Caroline. Ele só está olhando porque você disse para ele olhar.*

– Legal – diz ele. – Fiquei com inveja.

– Do meu cochilo?

– Da sua almofada.

Fico ali parada com o calor subindo pelo meu rosto, respirando pela boca, tentando me convencer de que ele não quis dizer aquilo.

Fermento, idiota. Endro, cebola em flocos e sementes de papoula. Foque no trabalho.

Mas não consigo, porque é impossível desviar o olhar dos olhos dele. Estão azul-acinzentados, como nuvens de tempestade com minúsculos relâmpagos cintilantes.

O que você quer de mim? Pegue. O que quer que seja. Por favor.

Ele bebe o resto do energético e eu fico observando seu pescoço. Ele está com a barba por fazer, como em todas as noites de quarta. Não tem tempo de se barbear. Desse jeito, com a cabeça virada para trás e os olhos fechados, percebo como a pele de suas pálpebras está escura e magoada, como a aba do boné preto pressiona sua nuca, como seus cabelos estão mais compridos do que no mês passado, enrolando atrás das orelhas e por cima do tecido do boné. Ele parece cansado e... sei lá. Precioso. Queria poder lhe dar algo mais do que porcarias que comprei no mercado no caminho para cá.

Queria poder lhe dar descanso. Calma.

Queria que ele parasse de me torturar assim, quando fico tão ligada nele que me sinto como se pudesse explodir, e ele é tão doce que não consigo nem saber se está fazendo de propósito.

O antebraço dele se tensiona quando ele afasta a bebida da boca e se contrai quando ele amassa a lata. Minha atenção é atraída pelo que parece uma algema de couro preto no pulso dele.

– O que é isso?

Ele olha.

– Uma pulseira.

– Eu sei, seu bobo. É nova?

– É.

De repente, ele se vira, atira a lata do outro lado da sala, no lixo seco, e volta a pesar os ingredientes.

Eu nem penso. Só vou até ele e agarro sua mão quando ele está despejando mel do pote dentro da tigela.

– Cuidado!

Não acho que ele esteja me alertando sobre o mel.

– Eu quero ver.

É o tipo de pulseira que se compra em feiras de artesanato – uma faixa de couro rígido com um padrão estampado de rosas vermelhas e azuis e o nome dele impresso e pintado de branco. A tinta preta deixou o pulso dele meio azulado.

– Que chique.

Ele puxa a mão e eu olho nos olhos dele. Quero que me diga de onde veio a pulseira, porque alguém deve ter dado a ele. É nova. Como está usando para

trabalhar, embora seja meio brega, deve *significar* alguma coisa para ele. Mas não posso simplesmente dizer tudo isso e sinto que realmente não deveria.

– Minha irmã mandou para mim – diz ele, afastando o pulso de mim.

Embora não haja quase nenhum espaço entre nós, ele se agacha, me obrigando a dar um passo para trás para que ele possa tirar a tigela da balança e colocá-la na batedeira. Eu não consigo nem levantar as tigelas quando estão cheias, mas West faz parecer fácil. Ele liga a batedeira. O gancho da massa inicia sua canção batida e agitada.

Ele tem uma irmã.

– Quantos anos ela tem?

– Nove. Vai fazer 10 daqui a alguns meses.

– Como ela se chama?

– Frankie.

– De Frank?

– De Francine.

– Ah.

Quando levanta os olhos da batedeira, eles estão ameaçadores.

– Mais alguma pergunta?

Eu não deveria falar mais nada. Sei como são as coisas. Quanto mais perguntas eu fizer, mais rapidamente ele vai se fechar.

– Por que você nunca me disse?

– Você nunca perguntou.

– Se eu tivesse perguntado, você teria me dito?

West dá de ombros, mas está emburrado.

– Claro. Por que não?

– Não acredito em você.

Ele balança a cabeça, mas não diz mais nada. Observo enquanto vai até a prateleira, passa a primeira receita de pão para baixo da pilha e começa a trabalhar no que quer que esteja a seguir na lista. Seus lábios se movem em um sussurro, palavras que ele diz apenas para si. Poderia estar repetindo os ingredientes na lista, mas, assim como a prancheta, sei que já sabe todas aquelas receitas de cor.

Volto a atenção para o pão de endro, furiosa, com o coração partido.

Ele tem uma irmã chamada Frankie. Está usando o amor dela por ele no pulso, e eu fico feliz por ele. Fico feliz que haja mais alguém no mundo que goste de West o suficiente para imprimir seu nome numa pulseira de couro, uma palavra na pele, um ato de lembrança.

Eu faço isso às vezes, no escuro. Deitada na minha cama, fico olhando para

as molas que sustentam o colchão de Bridget acima da minha cabeça enquanto traço as letras do nome dele no meu corpo.

W-E-S-T na minha barriga, nas laterais. Uso apenas uma unha, que deixa minha pele arrepiada.

W-E-S-T em meu esterno. Sobre a clavícula até embaixo dos seios, tropeçando e parando um pouco nos mamilos.

O nome dele parece um segredo, e agora ele o está usando no pulso. Quero saber sobre essa menina que o colocou ali. Como ela é. Se tem sardas, cabelos claros ou escuros, como os dele. Se é brigona ou calma, divertida ou séria, moleca ou mocinha.

Sei que o ama, então quero saber todo o resto.

Mas West não quer dividi-la comigo.

Eu não deveria continuar tentando escalar esses muros que ele ergue à minha frente. Eu escalo muito mal.

Não gosto de discutir, e ele não me deve nada.

– Fique de quatro – diz Quinn, apontando. – E passe o braço pelas costas de Gwen.

A grama está fria. A umidade encharca os joelhos da minha calça de moletom quase imediatamente, mas tenho a impressão de que isso não será a pior coisa que me acontecerá nos próximos minutos. Estou me agachando na posição que Quinn me disse se chamar *scrum* e que é bem desconfortável.

Mas não tão desconfortável quanto passar o braço pelas costas de uma estranha.

Formamos um agrupamento bastante apertado: três fileiras de mulheres, mãos agarradas às camisas, ombro no ombro, quadril no quadril. Quinn diz que em um minuto nossos oito integrantes se atirarão contra os oito integrantes adversários, então a bola vai rolar no meio e... alguma coisa vai acontecer. Ela me antecipou muitas das regras no caminho até aqui, mas quando ela disse que eu teria que derrubar pessoas, esqueceu de mencionar o tamanho delas.

Atrás de mim, uma jogadora abaixa a cabeça e enfia os ombros entre as duas jogadoras da segunda fileira que estão ao meu lado. Agarra minha camiseta com a mão.

– Pronta? – pergunta Quinn.

– Hum... Não?

Ela me dá um sorriso bem aberto.

– Você vai dar um jeito. – Então começa a correr de costas para as laterais, onde agarra uma bola. – Muito bem, vamos lá!

Segundos depois ela está rolando entre as duas metades do *scrum* e toda a minha fileira de formação está indo para a frente. Preciso me esforçar para me segurar em Gwen enquanto a grama tenta sair de debaixo dos meus tênis. Há gemidos e empurrões, depois mais uma rápida guinada para a frente e alguém grita:

– Bola!

A formação toda meio que desmorona e se dissolve ao mesmo tempo, e eu fico ali parada, confusa, enquanto todo mundo no campo sai correndo.

– A bola é sua, Caroline! – grita Quinn. – Vá atrás dela!

Passo a meia hora seguinte me sentindo uma irmã caçula muito burra, correndo atrás das garotas mais velhas e gritando *Ei, me espera!*

Como tenho duas irmãs mais velhas, esse, pelo menos, é um papel que conheço bem.

Sempre que pego a bola, me livro dela o mais rápido possível. Descubro que tenho um pavor profundo de ser derrubada.

Derrubar também me assusta. Em certo momento, uma jogadora do time adversário vem com a bola na minha direção e eu digo a mim mesma *Vou derrubá-la*, mas, quando chega a hora, eu só agarro a camiseta dela de qualquer jeito. Porque eu sou péssima.

Ainda assim, é meio divertido. Até o momento que o estacionamento ao lado do campo começa a se encher de carros e uma van com a inscrição "Universidade Carson" na lateral para.

A Carson é uma faculdade a uns 40 quilômetros de Putnam.

A van está cheia de garotas vestindo camisetas de rúgbi pretas e shorts combinando.

De repente me ocorre que talvez Quinn tenha me feito vestir uma camiseta azul por um motivo. E que Quinn é, na verdade, uma baita de uma mentirosa que me manipulou para aceitar participar de uma partida de rúgbi, não de um treinamento.

As garotas da Carson que saem da van são muito maiores do que nós. Muuuuuuuito maiores.

Além disso, elas têm uma treinadora – uma *treinadora* de verdade, adulta, membro do corpo docente da universidade. O time de rúgbi feminino do Putnam College não tem sequer uniforme. É só um clube aparentemente composto apenas por amigas de Quinn, muitas das quais estavam reclamando de ressaca poucos minutos antes.

Enquanto isso, as integrantes do time da Carson parecem estar com sangue nos olhos. A treinadora tem um assistente que deve ter nossa idade, mas carrega um apito e uma prancheta e, portanto, passa uma impressão muito mais oficial.

Estou muito fora da minha realidade. Começo a tentar pensar em um bom motivo para implorar para sair.

Preciso estudar.

Péssimo.

Torci um tornozelo.

Quando?

Preciso fazer... coisas. Em outro lugar.

Certo.

Cruzo os dedos atrás da cabeça e olho para o céu em busca de inspiração, mas o que descubro é que o dia está lindo. O azul está perfeito e o vento me dá uma sensação boa quando bate no meu rosto.

As jogadoras da Carson conversam com as do nosso time, Quinn conversa com a treinadora delas e todas parecem muito felizes.

Eu não tenho nenhum outro compromisso para hoje e de repente me dou conta de que não há nenhum outro lugar onde eu gostaria de estar neste momento.

Gosto disso.

Tento me lembrar da última vez que fiz algo completamente novo, assustador e de que eu tivesse gostado e penso em West na padaria, com o boné preto virado para trás e o avental branco.

Queria mandar uma mensagem para ele contando que estou jogando rúgbi com a Quinn, mas, em vez disso, corro até ela e peço que me dê uma ideia melhor sobre o que eu deveria estar fazendo no jogo.

Agora as coisas vão ficar sérias.

Meia hora depois, Quinn está toda enlameada, sorrindo, e grita para mim do outro lado do campo:

– Não é o máximo?

Nós estamos levando uma surra do time da Carson. Em 80 por cento do tempo eu não tenho a menor ideia do que estou fazendo.

– É incrível! – grito de volta.

E é mesmo. Estou adorando tudo. Penso em como é bom correr e, quando agarro a bola e a seguro firme embaixo do braço, penso em como ela é dura.

De repente, sou atropelada por um caminhão.

Tá, tudo bem, o caminhão é uma pessoa. Mas ela parece um caminhão, e me deixa totalmente sem ar. Fico deitada de costas, piscando para o céu, tentando respirar. Dobro os joelhos e levanto os quadris por motivos que não ficam claros para mim. Deve parecer que estou tentando transar com o céu, mas não tem importância, porque do outro lado do campo alguma coisa emocionante acontece e ninguém presta atenção na minha quase morte.

Um vulto bloqueia a minha visão do céu e ouço uma voz masculina dizer:

– Você ficou totalmente sem ar.

Não estou morrendo. Que ótima notícia.

Fico tão grata que poderia beijá-lo.

Mas ainda não consigo respirar.

– Vire de lado – diz o sujeito, levantando meus quadris na sua direção.

Eu obedeço, porque ele tem uma voz tranquilizadora e eu gosto do apito dele. Fico olhando para as canelas peludas e as meias pretas que parecem ser feitas especificamente para a prática de rúgbi, com travas e tudo.

Tento respirar de novo. Nada acontece. Começo a ficar com a sensação de que meus olhos vão saltar das órbitas.

– Não entre em pânico. O seu diafragma está tendo um espasmo, mas logo vai relaxar. Apenas se acalme. Feche os olhos.

Faço o que ele manda. Depois de alguns segundos, o aperto no peito diminui e consigo inspirar.

– Ótimo – diz o homem.

Respiro. Abro os olhos. A grama está embaçada. Pisco, mas não consigo focar.

– Não consigo enxergar.

Ele se abaixa e observa meu rosto, estreitando os olhos.

– Você usa lentes de contato?

Ah.

– Uso.

Pisco de novo e então reconheço o que vejo. É assim que fica o mundo quando estou só com uma lente.

O cara também está meio fora de foco, mas de um jeito legal. Tem cabelos castanhos cacheados bem curtos e um furinho no queixo.

– Será que a lente pulou para fora do olho?

– Acho que sim. Aquela mulher era feita de tijolos?

Ele sorri. Tem covinhas.

– Ela deve ter uns 50 quilos a mais do que você. Foi bem violento. Quer uma mão para se levantar?

Seguro na mão dele pensando no que tinha acontecido. *Levei uma porrada* tão forte que perdi uma lente.

– Meu nome é Scott – diz ele.

Estou tão distraída que mal o escuto. Penso *Caramba, fui derrubada e não morri. Sou dura na queda.*

– Caroline – digo, mas acho que devo ter murmurado, porque ele passa os cinco minutos seguintes me chamando de Carrie, enquanto me traz um pouco de

água do isopor do Departamento de Esportes da Carson e insiste em que eu me sente em sua cadeira dobrável.

Assisto ao jogo e tento entender melhor as regras. Peço que Scott me explique as partes mais complicadas. Ele me atende e, quando sorri com suas covinhas, eu retribuo o sorriso.

Que mal pode haver nisso? Ele não sabe nem o meu nome.

O apito soa alguns minutos depois. Quinn olha para mim com aquela sobrancelha levantada. Aceno com a cabeça e volto correndo para o campo.

Depois, fico sabendo que todas as partidas terminam em um bar. Isso, aparentemente, é inegociável. A treinadora do time da Carson aperta a mão de Quinn e vai embora, depois o restante de nós forma uma imensa massa feminina enlameada e machucada – mais Scott – e segue pelos trilhos do trem que dividem o campus em dois. Passamos pelo centro de ciências e pela escultura fálica que me faz lembrar da galinha de borracha de Krishna. Uma das garotas da Carson tenta escalá-la.

Quando entramos no bar, a maioria das jogadoras está cantando uma música tão pornográfica que chego a corar. De alguma forma, Scott está ao meu lado justo neste momento totalmente inoportuno.

– Não vai cantar? – pergunta ele.

– Não sei a letra.

Ele sorri.

– Você é mesmo nova nisto, né?

– Eu nunca havia tocado em uma bola de rúgbi antes.

Minha visão está um pouco embaçada só com uma lente, mas ainda consigo ver todas as covinhas dele se aprofundarem. São duas na bochecha esquerda, uma na direita e o furinho no queixo. Covinhas quádruplas. Quando vai até o balcão com uma das garotas do time dele para pedir a primeira jarra de um fluxo interminável de cerveja, fecho um olho para conseguir apreciar a largura de seus ombros e a forma definida das panturrilhas.

As jogadoras do Putnam começam a juntar mesas na parte principal do bar. Como são apenas duas da tarde, o lugar é todo nosso. Sento e fico aliviada, alguns minutos depois, quando Scott senta ao meu lado e não perto de alguma jogadora da Carson.

Quando ele põe um braço por trás da minha cadeira, me sinto empolgada e cautelosa, e não sei o que fazer com essa combinação de sensações.

Ele está dando em cima de você. Ele gosta de você.

Ele parece legal, mas até que ponto uma pessoa é realmente legal? *Como será que ele fica quando se masturba?*

Talvez Scott tenha visto as minhas fotos e por isso esteja sendo tão amistoso.

Ele acha que eu sou fácil. Está imaginando minha boca no pau dele. Está pensando que sou uma vagabunda.

– E então, Carrie? – Ele está com um meio sorriso, totalmente relaxado e tranquilo. – O que a levou a jogar rúgbi hoje?

Lembro a mim mesma que, só porque as minhas fotos estão on-line, não quer dizer que todos os homens as viram. Eu nunca tinha ouvido falar desses sites nojentos de fotos pornôs até agosto, e embora saiba que garotos são seu público principal, acho que isso não significa que todos eles passam cada segundo livre da vida procurando fotos de genitália na internet.

Talvez Scott seja apenas um cara que acha que meu nome é Carrie e queira me conhecer melhor.

Provavelmente é isso.

Então respiro fundo. Sinto o cheiro de cerveja, terra e suor. Olho ao redor da mesa e penso: *Estou segura aqui. Essas mulheres são minha cobertura. Se elas confiam em Scott – se gostam dele, o que evidentemente* é o caso *–, então posso confiar nele também. Pelo menos um pouco.*

– Quinn me obrigou.

– É mesmo? – Os olhos dele meio que me avaliam, mas não de um jeito tarado. Uma avaliação normal, um cara olhando para uma garota antes de dizer: – Você não parece o tipo de pessoa que seja fácil de obrigar a fazer alguma coisa.

– Bem, eu estava meio bêbada quando concordei.

– Ah, sei como são essas coisas.

Uma das garotas da Carson está em pé em uma cadeira, com o copo de cerveja no ar. Todas estão gritando e felizes, e só consigo me concentrar em pequenos trechos da conversa.

– Boquetes.

– Seis tentativas.

– O melhor do universo.

– Copa do mundo.

Quinn está com um sorriso enorme, mexendo os dedos e dizendo:

– Algumas mulheres *não precisam* de um pau para gozar.

Gwen enche um copo de cerveja e o empurra na minha direção.

– Beba!

Quando ela se vira, digo para Scott:

– Só para você saber, não vou beber tudo isso. Tenho um teste amanhã.

– Tudo bem. Não estou bebendo também.

Olho para o copo dele e vejo que pediu água em vez de cerveja. Eu não havia notado.

– Sou o motorista da vez.

– Isso é, tipo, o seu trabalho?

– Não. Eu sou pago para ajudar a treinadora durante os jogos, mas nesse momento só estou aqui porque muitas dessas garotas são minhas amigas e não quero que elas dirijam bêbadas.

– Legal.

Ele sorri.

– Não é nenhum sacrifício. Quer que eu peça uma água para você?

– Não, obrigada. Está tudo certo.

Ele levanta o próprio copo e brinda com o meu.

– Ao seu primeiro jogo de rúgbi. Saúde.

– Saúde.

– Espere, primeiro jogo de quem? – pergunta uma das jogadoras da Carson.

Scott aponta para mim.

– Da Carrie. Ela nunca havia jogado antes.

– Moças, temos uma virgem na casa!

Antes que eu me dê conta do que está acontecendo, estou de pé em cima de uma mesa com quarenta mulheres cantando para mim.

As jogadoras de rúgbi são as maiores
E as melhores
Nós nunca desistimos
E nunca descansamos
Nós jogamos melhor
E trepamos melhor
E nunca cansamos de jogar
No campo!
No scrum*!*
Jogadoras de rúgbi te fazem gozar!

Estou morrendo de vergonha, mas com um sorriso no rosto.

É impossível não sorrir. Eu me sinto forte e rápida, cercada de solidariedade e afeto.

Me sinto normal de novo, como costumava me sentir antes de tudo sair dos trilhos.

Em Massachusetts, há um prédio comercial onde alguém tem a tarefa de apagar a vulva de Caroline Piasecki da internet. Se funcionar, em um ano aquela garota não existirá mais. Ela estará morta, e parte de mim terá morrido com ela.

Talvez o que eu deva fazer nesse meio-tempo seja me envolver em algo

novo. Encontrar alguma coisa em mim para alimentar e ver crescer. Me transformar em uma garota que joga rúgbi, dança em festas e flerta com caras alegres e abertos que não vendem drogas nem evitam falar até mesmo sobre os menores detalhes de sua vida pessoal.

Rúgbi é incrível.

Eu sou tão durona que mal consigo acreditar.

Na primeira vez que vejo o interior do apartamento de West, ele não está em casa.

Eu me sinto estranha com isso, mas não invadi o lugar. Bridget e eu cruzamos com Krishna no diretório acadêmico e ele nos convidou para ir à casa dele com Quinn para ver programas ruins na TV e beber coisas piores ainda. Nenhuma de nós conseguiu resistir ao atrativo do misterioso "coisas piores ainda".

Então aqui estamos nós, largados em um sofá grande de couro, bebendo uma garrafa de licor de caramelo que Krishna tirou das profundezas do armário na entrada e assistindo a episódios de *Esquadrão da Moda* que ele gravou em uma quantidade que me assusta um pouco.

West está trabalhando na biblioteca, mas deverá chegar logo. Mando uma mensagem para ele: Já saiu?

Já, ele responde. Estou indo para casa. E você?

Tô na sua casa, mexendo nas suas coisas.

Não é verdade, mas chama a atenção dele. VOCÊ ARROMBOU A PORTA?

Arrombei, eu ando com um arame escondido na boca.

O grande mágico Houdini costumava fazer isso. Acho a ideia nojenta, mas ao mesmo tempo me fascina.

Muito engraçado. Você está mesmo aí?

Estou, K me convidou. Gostei da decoração.

É uma piada, óbvio. Está claro o que aconteceu aqui: Krishna comprou tudo o que considerava importante – o sofá, a TV, as bebidas, uma cama king-size que consigo ver pela porta aberta do quarto dele –, e ele e West compraram todo o resto em um brechó, por uma ninharia. As louças só devem ter custado alguns trocados, porque estou bebendo licor em um copo de geleia dos Flintstones. Estou só de meia, com os pés apoiados na mesa de centro feita de compensado e blocos de concreto.

Fiz um grande esforço criativo, digita West.

Dá para notar.

Se encontrar a minha coleção de cachorros de pelúcia, NÃO TOQUE EM

NENHUM.

Eles estão no quarto?

Você pode entrar e descobrir. Vá lá procurar.

Por quê?

Eu guardo meus bichinhos em uma rede.

Sorrindo, olho para a porta fechada do quarto dele.

Eu poderia entrar. Poderia sentar na cama dele. Tocar no lençol, ver o que ele pendura nas paredes, quais livros estão nas estantes, quanta roupa suja há no cesto.

Quero fazer isso.

Está no meu quarto, Caro?

A pergunta faz meu coração bater tão rápido quanto se ele me perguntasse o que estou vestindo, ou como se estivéssemos fazendo sexo virtual, o que não é o caso – nem perto disso. Então por que, ao tomar um gole do meu licor, acabo me engasgando e começo a tossir descontroladamente?

– O que você está fazendo aí? – pergunta Quinn.

– Falando com o West – diz Bridget. – Dá para perceber porque ela está mordendo o lábio e está meio inclinada sobre o telefone, como se balas fossem sair de dentro dele, ou um arco-íris, e...

– Eu sei disso – interrompe Quinn. – Só quero saber o que ele disse para fazer ela se engasgar.

– Nada – resmungo.

– Ahhh, o quê? – pergunta Bridget.

– Vocês dois precisam trepar e acabar logo com isso – sugere Krishna.

– *Cale a boca*.

Minhas respostas são sempre geniais.

A porta se abre e West entra. Ao me ver no sofá, sorri.

– Achei que fosse encontrar você na minha cama.

Eu fico em chamas. Não literalmente, claro, mas bem que poderia. Seria um jeito melhor de dissipar calor do que ficar sentada ali, com a cara toda vermelha.

– Com essas orelhas? Nem pensar – digo.

West ri e larga a mochila ao lado da porta.

– Oi, Quinnie. Bridget. O que o Krish deu para vocês beberem?

– Licor de caramelo – responde Quinn.

– Que nojo.

– É horrível mesmo – diz ela.

– Eu acabei de dizer para a Caroline que vocês dois precisam trepar – fala Krishna.

– De novo isso? Você está obcecado demais com a ideia de com quem eu

trepo ou deixo de trepar.

– Não estou obcecado. Estou preocupado. Você é um cara de 20 anos que trabalha demais e está sempre com essa cara de solitário. Se não começar a usar isso para transar, provavelmente vai morrer reprimido. E Caroline...

– Será que vocês podem parar de falar de mim como se eu não estivesse aqui?

– E parem de falar "trepar" – pede Bridget. – É degradante. E eu acho...

– Está vendo? Seu problema é esse – diz Krishna a ela. – Você acha que trepar é degradante.

– Como se fosse eu que tivesse um problema. Isso vindo do maior galinha do campus, que...

– Claro que é você que tem um problema! Você nunca se diverte.

– Eu estou aqui, não estou? Isto é diversão, certo?

– Só para vocês dois – resmunga Quinn.

West vem por trás de mim e põe a mão nos meus ombros. Viro a cabeça para trás e olho para ele, preocupada com o que está achando daquilo tudo, mas ele está com a boca relaxada e os olhos alegres.

– Não é isso que rola entre mim e a Caro.

Sorrio para ele, porque sua negação parece uma confirmação e porque as mãos dele agora estão acariciando meus ombros. Seus polegares encontram um ponto de repouso e pressionam minha nuca, o que me deixa com uma sensação de completude no peito.

Estou ridiculamente contente com a insinuação de Krishna de que West está no meio de uma longa seca. Ainda que, considerando a fonte, isso poderia significar apenas que West não transa há uma semana.

Não gosto de pensar em West transando. Não gosto nem um pouco.

– Então o que rola entre vocês? – pergunta Krishna.

– Eles são amigos – diz Bridget.

– Não, não somos – corrige West.

Bridget parece confusa.

Eu entendo. É meio confuso.

– Podemos não falar sobre isso? – peço.

Mas agora Krishna não quer parar:

– Não, eu preciso entender. Todas as vezes que fui à padaria nas últimas semanas, você estava lá, Caroline. De repente, parece que West está sempre mandando mensagens para você. Ele acabou de entrar aqui sorrindo para você como se o sol nascesse e se pusesse na sua bunda, e agora está com as mãos em você.

Quinn contribui:

– Ele está sempre com as mãos em você.

– Não está nada.

Mas, na verdade, está, certo? A sensação das mãos dele nos meus ombros já é bem familiar. Na padaria, ele está sempre me tocando. É uma coisa casual – dá um tapinha no meu joelho ao passar, faz um carinho na minha cabeça quando vou embora, massageia meus ombros quando estamos parados conversando com Krishna.

Ele é uma pessoa que toca. Não significa nada para ele.

Sou eu que fico com o coração acelerado, toda vez.

– Isso não é da conta de ninguém. Só da nossa – diz West.

Qualquer pessoa normal seria dissuadida pelo olhar ameaçador dele ao falar isso, mas Krishna não é normal.

– Se vocês não treparem logo, vamos arranjar alguém para Caroline. Já está na hora de ela voltar para o jogo, não acha?

Bridget dá um soco no braço dele.

– Não é um *jogo*.

Krishna fala com uma voz aguda, imitando Bridget:

– Não é um jogo, não é divertido, a bunda dela não é gostosa. – Então, com a voz normal, diz: – Porra, Bridget, parece que você tem alergia a qualquer coisa que poderia ser maneira.

– Babaca.

– Puritana.

Ela mostra a língua para ele e Quinn resmunga algo que parece com *Por falar em pessoas que precisam trepar...*

– O quê? – grita Bridget. – O que você está insinuando? Se estiver tentando dizer que...

– Deixa pra lá – responde Quinn.

Fico esperando Krishna se manifestar sobre esse comentário, mas ele me surpreende se levantando do sofá e desaparecendo na cozinha. Volta com uma cerveja, embora já tenha uma bebida. Abre a garrafa e toma um longo gole. Não olha para Bridget, e nós ficamos observando-o, fascinados.

Ou, melhor, eu preciso me contentar com relances, porque West afundou os polegares nos músculos do meu pescoço, forçando minha cabeça para a frente. Meus cabelos caem sobre o rosto. Os polegares dele são como ferros de marcar, duros e quentes, traçando linhas paralelas na minha pele desde o final do couro cabeludo até a gola da minha blusa, várias vezes. Os dedos dele agarram meus ombros como se ele fosse meu dono, e eu fico toda derretida.

Sou dele.

– Não vamos esquecer o assunto em pauta – diz Krishna. – A questão é que

Caroline precisa de uma transa para dar a volta por cima.

– Ah, preciso?

Pareço drogada.

Estou drogada.

Bridget protesta por mim:

– Não precisa, não.

– Sério, Krish, você está sendo um babaca – diz Quinn.

– Precisamos arranjar alguém para ela. Depois do feriado de Ação de Graças, o objetivo da minha vida vai ser arrumar alguma diversão para a Caroline.

– Ela é capaz de fazer isso sozinha – retruca Bridget. – Quero dizer, se ela quisesse, o que...

– O que eu não quero – interrompo.

– Porque está traumatizada – acrescenta Quinn.

– Não estou *traumatizada*.

Estou confusa e com calor. Espero, quase desesperadamente, que essa sensação nos meus mamilos não signifique que eles estão enrijecidos e que todo mundo na sala consiga ver como West está me deixando, bem na frente deles.

– Está tudo bem – continua Quinn. – Ninguém aqui está julgando você. Esta é sua zona de conforto.

– Caroline não precisa de uma zona de conforto – retruca Bridget. – Ela está se saindo muito bem sozinha. Conte para eles sobre...

Ela vê a expressão que faço e para, mas é tarde demais.

– O quê? – pergunta Krishna.

– Nada.

– Não parece nada.

– Não é nada. Sério – digo.

Estendo a mão para a frente e pego minha bebida, interrompendo o contato com West, porque a situação está prestes a ficar feia.

Posso sentir. O ar ficou pesado. Minha excitação foi embora como um coelho assustado correndo de volta para a toca.

Bebo um longo gole de licor e me engasgo *de novo*, o que é um erro tático, porque, enquanto estou impossibilitada de falar, Krishna vai atrás de Bridget.

– O que você ia dizer? – insiste ele.

Eu me viro de lado no sofá, tossindo tanto que preciso levantar os joelhos. West esfrega as minhas costas.

– Respire – sussurra ele.

Até isso é sexy. Estou quase morrendo de tossir, toda culpada pelo que Bridget quase revelou, e meu cérebro ainda consegue se abalar com o nível de gostosura de West. Sou um caso perdido.

Bridget cruza os braços, enfrentando Krishna.

– Não vou dizer.

– Vai, sim.

– Não vou.

– Vai sim vai sim vai sim vai sim vai sim vai sim.

– Ah, *tá bom*. Eu só ia falar do cara que ela conheceu.

– Tem um cara? – pergunta Quinn.

Mal consigo inspirar. Quando digo "Não tem cara nenhum", babo um pouco no sofá e preciso limpá-lo com a palma da mão.

Não consigo olhar para West.

– É tarde demais para negar – diz Krishna. – A Bridget já contou. Quem é o cara?

Não vejo outra saída senão contar para eles. Eu me endireito no assento.

– Lembra o Scott? – pergunto a Quinn.

– O Scott do rúgbi?

– É.

– Ele te convidou para sair?

– Não! Não. Não é nada. É só que... eu comentei com a Bridget que talvez tentasse descobrir o sobrenome dele. Com você. No caso.

– Para ligar para ele?

– Talvez.

– Ele ficou a fim de você – diz ela. – Com certeza deve ligar para ele.

– Você acha?

– Claro. Por que não?

– Quem é o Scott do rúgbi? – indaga Krishna.

– Ele estuda na Carson – explica Quinn. – Você não conhece. Ele é muito legal. E *gostoso*. Mandou bem, Caroline.

– Eu ainda não fiz nada.

Ela me dá um empurrão no ombro.

– Ainda, mas devia fazer. Voltar à vida, sabe?

Abaixo a cabeça. De lado, olho de relance para West.

Ele está inexpressivo.

Krishna está olhando para ele também, e eu não consigo entender se ele forçou West a essa expressão de indiferença de propósito ou se não se deu conta. Isso me incomoda em Krishna – eu nunca sei se ele está sendo um babaca de verdade ou se está fingindo ser um.

Enfim.

Ele se joga no sofá ao lado de Bridget, bebe o resto da cerveja e diz:

– Acho melhor a gente procurar outra coisa para ver.

West abre a porta do quarto dele.

– Preciso estudar.

Então se fecha lá dentro e agora os únicos sons no apartamento são o barulho da TV e o ruído de Bridget se remexendo desconfortavelmente na ponta do sofá.

– Eu não fiz nada – digo. – Nem sei o sobrenome dele.

Mas não sei ao certo com quem estou falando.

Ninguém responde.

– E aí, quando você vai para casa? – pergunta West.

– Amanhã.

É a terça-feira antes do Dia de Ação de Graças – ou quarta, acho, já que são três da manhã. O campus está deserto desde a hora do almoço e West passou o dia todo na padaria. Teve que vir cedo hoje. E vai ficar até tarde. Tem uma quantidade absurda de pães para assar, para ajudar Bob a dar conta de todas as encomendas do feriado.

Ele me disse que não se importa. Tem todo o resto do feriado para dormir.

– Cedo? – diz.

– É.

– Pode ventilar o forno para mim?

Vou até o forno – que mais parece um armário de metal com vidro na porta – e aperto o botão para ventilar o vapor, para os pães começarem a secar durante os últimos minutos do cozimento.

– Obrigado.

Sento no balcão e olho ao redor. Desde outubro, este ambiente se tornou quase tão familiar para mim quanto meu quarto, e eu parei de perceber como ele está sempre cheio de coisas, como o vapor cheira a massa úmida, crua e molhada, como as mãos de West estão sempre ocupadas, e o chão, sempre sujo, e como eu me sinto segura aqui, mesmo que nem sempre esteja confortável.

Oficialmente, é feriado, e eu deveria estar em casa.

Casa se tornou um conceito cada vez mais difícil. Ainda falo com meu pai uma vez por semana, mas passei a temer nossas conversas. Fui a filhinha do papai a vida toda e agora não sei o que dizer a ele. Ele quer saber como estou indo em direito constitucional, se é tão difícil quanto eu temia. Me lembra de que eu deveria procurar estágios para o verão, porque preciso ter alguma experiência antes de mandar minha inscrição para as faculdades de direito, daqui a alguns anos. Diz que me ama e que é para eu me cuidar.

Desligo o telefone com uma dor perfurante no estômago. Eu me sinto uma mentirosa, embora não tenha dito nenhuma mentira.

Pela primeira vez desde que cheguei a Putnam, não quero ir para casa num feriado. Meu pai fica envolvido com o preparo do peru e eu fico encarregada do recheio. Minha irmã Janelle e o noivo fazem o molho e os pães. Alison, minha outra irmã, está em Lesoto, trabalhando com o Corpo da Paz, mas, se estivesse em casa, seria responsável pela torta de abóbora.

Talvez eu faça a torta.

Preciso experimentar meu vestido de madrinha para o casamento de Janelle, que vai ser no verão. Ela me manda e-mails contando sobre as opções de local, as cores de que gosta, os convites que mandaram fazer. Sei que deveria estar empolgada, então ajo como se estivesse, mas não consigo sentir nenhum entusiasmo.

– Você ligou para aquele cara? – pergunta West.

Faz dois dias que ele se fechou no quarto. É a primeira vez que um de nós dois menciona aquela história.

– Scott – digo.

– Eu não me esqueci.

– Não, ainda não liguei.

O telefone dele vibra. West confere e digita uma mensagem para alguém. Ficou a noite inteira colado no aparelho, distraído. Não me disse com quem está falando. Pode ser com a irmã, a mãe, alguma namorada na cidade dele de quem nunca falou.

Ele não me conta nada.

Hoje West não tem nada para me ensinar. Depois de todas essas semanas fazendo glacê e provas, tenho a sensação de que nunca conversamos sobre o que eu deveria de fato estar aprendendo.

Nunca pedi a ele que fosse meu professor. Não é o que quero dele.

Mas, por outro lado, encontrei provas dos ensinamentos de West em todos os aspectos da minha vida. Prova de que o que Nate fez comigo não é o único assunto relacionado a mim digno de conversa. Prova de que, da mesma forma que fui capaz de entrar na padaria em uma noite qualquer, também posso entrar em uma festa ou em um campo de rúgbi.

Ainda estou viva. Estou basicamente bem. Não preciso ser mimada e não vou mais cair em qualquer papo furado.

Estou escolada, farta de fingimento. Porque a outra descoberta que fiz desde outubro é que West não me conta *nada*, e se não há nada que eu possa ensinar a ele, nós nunca seremos mais do que somos na padaria.

Ele vai ficar na cidade durante o feriado. A passagem para Oregon é muito cara e a viagem é muito longa para os poucos dias de folga que temos. E, de qualquer maneira, Bob precisa da ajuda dele.

West me disse tudo isso.

O que ele *não* me disse é se gostaria de ir para casa, mas tenho certeza de que quer, embora eu não saiba ao certo onde é a casa dele, de que cidade ele é, o que costuma fazer lá. Não sei, porque ele não *diz*. Também não me conta por que está tão obcecado com esse celular, por que tem andado tão distraído o tempo todo, o que o preocupa.

Sei que ele está preocupado, sei que tem alguma coisa o incomodando. Mas também tenho plena consciência de que ele nunca vai levantar os olhos do pão e me dizer *Caro, posso te contar uma coisa?*

Um tipo constrangido de objetividade se instalou entre nós hoje, e acho que deve ser por causa daquele papo no apartamento.

Mas talvez eu esteja enganada. Talvez isso tenha acontecido quando ele me entregou o envelope cheio de dinheiro. O dinheiro mudou alguma coisa.

Se West dividisse a própria maconha com os amigos, seria um cara divertido com quem sair. Como ele a vende, é um criminoso. A culpa é do dinheiro.

Eu deveria ser a rica, e West, o pobre. Mas ele me deu 1.500 dólares e agora alguma coisa está diferente entre nós, só que ele não me diz o que é e eu também não pergunto.

Não tenho coragem suficiente para pressioná-lo, mas queria que ele me dissesse. Queria que *precisasse* de mim. Não sei por quanto tempo mais posso suportar ser a única nesta cozinha a admitir a própria vulnerabilidade. Também não sei ao certo por quanto tempo mais vou precisar ir de carro tarde da noite até a padaria, para passar horas com West trabalhando.

Há tantas coisas que poderíamos estar dizendo um ao outro...

Hoje o barulho da batedeira parece um lamento e eu não sinto nada além de dor. Acordei de um pesadelo antes de vir até aqui. No sonho, eu estava no campo de rúgbi com um vestido de noite, passando por uma névoa espessa, e não conseguia encontrar algo de que precisava, não conseguia escutar ninguém me chamando. Me senti totalmente perdida.

Esta noite – este momento – é o fim de alguma coisa, e nós fracassamos.

– Vou sentir saudade – digo a ele.

West está de costas para mim. Sem responder ou mesmo demonstrar ter me escutado, ele aumenta a velocidade da batedeira. O aparelho bate tão alto que não consigo ouvir a música. Tapo os ouvidos, fecho os olhos e escuto as batidas do meu coração. A mão dele na minha coxa me faz abrir os olhos e o vejo parado bem na minha frente.

Seus olhos estão azul-prateados, impressionantes e intensos.

Krishna e Quinn têm razão: West está sempre me tocando.

A mão dele na minha coxa me faz pulsar bem no meio das pernas. No

coração. Na garganta. Em todo lugar.

Garota idiota.

Quando ele move a mão, eu a seguro. Cubro-a com meus dedos e aperto com força.

West olha para as nossas mãos e suspira.

– O que eu devo fazer em relação a você? Acho que é melhor você me dizer, Caro, porque eu não faço a mínima ideia.

Olho para o ossinho do pulso dele. Para os pelos escuros nos antebraços, o pomo de adão, a faixa abaixo dos lábios em que sobraram alguns pelos quando ele fez a barba.

A boca. Os olhos. A boca.

Sempre a boca, larga e esperta, generosa e contida.

Espero que a boca de West produza palavras que eu nunca vou escutar.

Vou sentir saudade.

Eu gosto de você.

Não quero que você saia com aquele cara, porque quero você para mim. Quero que sejamos mais do que isto.

Eu quero dizer *Me conte tudo, West, por favor. Por favor.*

Mas amanhã de manhã vou pegar o carro e vou para a casa do meu pai. Qualquer coisa que West tenha a dizer, esta noite não é o momento certo para fazer isso e eu não sou a pessoa certa para ouvir.

Não é apenas ele. Sou eu. Não sou corajosa o bastante.

Traço as formas do rosto dele com as pontas dos dedos. O arco da sobrancelha e a cicatriz que a divide em dois. A curva da orelha. A beleza carnuda da boca.

Quero inspirar quando ele expira, repousar contra o corpo dele, passar as pernas ao redor de sua cintura e colocá-lo dentro de mim.

Não sei como me livrar desse desejo.

Não sei como desistir dele.

O cronômetro do forno toca. West se afasta de mim e o desliga. Abre a porta. Tira o pão.

Durante todo o resto da noite, ele mantém distância.

De manhã, pego o carro e dirijo quase 100 quilômetros para longe dele, mas não é longe o suficiente.

Não sei a que distância eu precisaria ir para ficar longe o suficiente.

FERIADO DE AÇÃO DE GRAÇAS

West

Não se envolva, alertei a mim mesmo no começo. *Ela não é problema seu.*

Mas já estava envolvido. No feriado de Ação de Graças, estava tão envolvido com Caroline que quase não suportei vê-la.

Tudo o que disse a ela foi mentira.

Não vamos ser amigos, eu tinha prometido. Mas de que se pode chamar uma pessoa para quem mandamos milhões de mensagens de texto por dia e que ficamos ansiosos para ver mesmo quando acabamos de estar juntos?

De que se pode chamar alguém cuja rotina conhecemos intimamente – seus horários de aula, quais matérias vão cair na sua próxima prova –, que sabe todos os nossos horários de trabalho e há quantas horas estamos acordados, e traz nossos lanches preferidos só para nos manter acordados?

Caroline e eu éramos amigos.

Eu estava mentindo sobre isso.

Eu disse que não iria tocar nela, mas fazia isso toda vez que tinha uma chance. Roçava o braço nela. Me inclinava sobre ela. Quando ela virava de costas, eu olhava para sua bunda e pensava como seria passar a mão nela. Quando ela se inclinava sobre a mesa, trabalhando a massa de pão, eu olhava para dentro da blusa.

Sempre encontrava motivos para invadir o espaço pessoal dela. Via sua pele ficar rosada e cheia de placas, e adorava isso.

Eu não era nenhum santo. Embora não pudesse tê-la, fazia de tudo para que ela me quisesse, para que estivesse sempre pensando em mim, e não parei ao saber que ela pretendia ligar para um cara que conheceu jogando rúgbi.

Perdi o controle.

Eu a tratei como se ela fosse minha, apesar de não ficar com ela e tampouco a deixar ficar comigo.

Falei para Caroline admitir como estava se sentindo – como estava *realmente* se sentindo –, mas quando ela me perguntava o que se passava pela minha cabeça, eu não dizia *Estou preocupado com a minha mãe, porque ela falou que*

está com dor nas costas e acho que pode estar faltando ao trabalho na prisão. Se ela for demitida, vai ficar reclamona, e Bo nunca fica por perto com ela assim. Vai acabar abandonando-a por ser uma chata inútil – o que ela é; sério, minha mãe é a pessoa mais chata do mundo – e eu vou ter que voltar para casa se isso acontecer.

Qual seria o sentido disso?

Eu sou duas pessoas diferentes, e apenas uma delas é real. O verdadeiro West Leavitt morava em um trailer em Silt, Oregon. Ele fala comigo o dia todo. *Ligue para saber da sua mãe. Fale para ela ir ao mercado, para Frankie ter alguma coisa decente para comer. Pegue mais um turno na biblioteca, porque nunca se sabe. Nunca se sabe.*

Enquanto isso, o cara que eu sou em Iowa é meu disfarce para chegar aonde quero. Sou eu fingindo ser o tipo de pessoa que Caroline foi a vida toda.

Não conseguimos simplesmente nos livrar de quem somos de fato. Gostamos de fingir que conseguimos – este é o sonho americano, afinal: sem limites. Mas a verdade é que podemos ficar ricos, mas não podemos mudar nosso jeito de pensar. Apenas vestir as roupas certas não significa que nos encaixamos. Ainda vamos pensar como pobres, sonhar como pobres e desejar como pobres. Vamos hesitar sempre que alguém perguntar o que nosso pai faz ou onde vamos passar o feriado.

É difícil aprender a não hesitar. Aprender a ser outra pessoa.

É isso que estou fazendo em Putnam. Estou trabalhando. Não estou aqui pela diversão, pelas festas ou para encontrar a garota com quem quero passar o resto da vida. Estou aqui para fazer o resto da minha vida *acontecer*, e isso é um projeto de tempo integral.

Pessoas como Caroline não têm que se preocupar com as compras de mercado ou com o aluguel. Elas já têm tudo isso garantido, então só precisam decidir o que querem e ir atrás.

De onde eu vim, pensar em entrar na faculdade de medicina é como querer caminhar sobre a água. É um conto de fadas, e quem acredita em conto de fadas é idiota.

Não entrei em Putnam com nada garantido. Entrei graças à caridade de um ex-aluno rico cuja esposa eu comi.

Eu sabia o que estava fazendo. E faria de novo.

Detestei ter feito, mas faria de novo.

Detestava mentir para Caroline, mas mentia. Se lhe contasse a verdade, eu a magoaria.

Eu não podia ficar com ela. Essa era a verdade.

Eu só poderia ter uma coisa, mais nada, e mesmo assim se trabalhasse o

bastante.

No sábado, Caroline me manda uma mensagem de texto: O que você está fazendo?

Eu estava dormindo.

Acordei bem cedo e caminhei pelo campus sob a névoa. Me senti como um fantasma perdido assombrando o lugar. Fiquei na rua por tempo de mais sem roupas apropriadas para o clima úmido que estava fazendo.

Quando voltei para casa, tremia de frio, e fazia um silêncio tão absoluto que tive uma sensação sinistra de que eu talvez nem existisse. Peguei o telefone e reli as mensagens que troquei no dia anterior com Caroline, Frankie e a minha mãe.

É feriado de Ação de Graças, disse a mim mesmo. *Não é o fim do mundo*.

Mas continuei me sentindo estranho. Fiquei sentado na cama observando a neblina e tomei os últimos goles do licor de caramelo de Krishna.

Depois olhei para o teto até cair no sono.

Quando a mensagem de Caroline me acorda, o telefone está marcando quatro horas, mas levo uns segundos para me dar conta de que é da tarde. Dormi o dia todo. Meus dedos estão enrijecidos, estou com gosto de cabo de guarda-chuva na boca e meu pau está meio duro sem motivo.

Nada. E você?

O telefone toca. É ela.

– Oi.

– Oi.

– Você está com voz de sono. Acordei você?

– Acordou.

– Desculpe. Posso ligar depois. Sei que esta é sua grande chance de ser preguiçoso.

– Não, sem problema. E aí, como está o feriado?

Trocamos poucas mensagens desde que ela viajou, na quarta. Eu não sabia o que dizer. Ela está puta comigo. Eu estou puto comigo. Acho que é melhor não nos vermos de jeito nenhum, mas, se isso vier a acontecer, vai ter que ser por iniciativa dela.

– Tudo bem, acho. Quero dizer, o Dia de Ação de Graças foi legal. Agora não tem mais ninguém aqui e ficou meio chato.

– Aonde foi todo mundo?

– A Janelle e o noivo já voltaram. Meu pai foi à casa de uns amigos da família em Marshalltown.

– Ele deixou você aí sozinha?

– Ele queria que eu fosse junto, mas eu não estava a fim.

– Quando ele volta?

– Tarde, acho. Foi jantar com um amigo que é juiz também. Eles normalmente ficam bebendo depois de comer e passam horas contando histórias jurídicas.

– Hum. E o que você está fazendo?

– Nada. – Ela faz um barulhinho baixo, meio que rindo sozinha. – Estou entediada. Três dias de folga e eu não faço ideia do que fazer. Além disso, estou deitada na cama do meu quarto, que é a mesma desde o ensino médio, então estou me sentindo meio num túnel do tempo esquisito, como se nunca tivesse ido para a universidade e nada do que aconteceu em Putnam fosse real.

Eu me abaixo para me arrumar. Imaginá-la na cama não está ajudando a acabar com minha ereção. Na vida real, ela provavelmente está com um conjunto de moletom e o cabelo preso num rabinho de cavalo frouxo, mas na minha cabeça está usando a parte de cima do pijama, a daquela primeira noite na padaria, calcinha branca e mais nada. Calcinha de renda, do tipo que parece um shortinho, a boceta uma sombra rosada por baixo.

– Mas aí você não estaria conversando comigo – digo. – Já que a gente se conheceu lá.

– É. Mas ainda tenho essa sensação.

– Que sensação?

Minha respiração está arfante. Estou com a mão no pau, acariciando-o.

Merda. Eu não devia fazer isso. Ela está interessada em outro cara, e eu sou um babaca.

Mas não paro. Faz alguns dias que não ouço a voz dela. Ando tão sozinho que não sei se *consigo* parar. Minha mão está seca e quente, puxando com tanta força que quase dói.

– De que é tudo irreal – diz ela. – Como se os meus mundos estivessem colidindo. Não exatamente colidindo, mas se misturando ou algo do tipo.

– Você está sóbria?

Ela ri.

– Estou. O que só deixa tudo mais esquisito. E você?

– Estou, por quê?

O motivo pelo qual estou imaginando aquela calcinha branca de forma tão vívida é o fato de ela a estar usando numa daquelas fotos da internet.

Sei que a boceta dela é rosada, depilada, porque vi por baixo da calcinha.

Eu não mereço ser amigo dela.

Preciso parar.

– A sua voz está esquisita – comenta ela. – Não parece você.

Eu não sou quem você pensa que eu sou.

Eu sou um babaca se masturbando pensando em você, porque eu quero você.

Quero você o tempo todo, e isso está tornando tudo impossível.

– Parece quem?

Ela fica em silêncio por um instante, então ri de novo, agora tímida.

– Não sei.

Quero que ela diga alguma sacanagem. Quero transar pelo telefone, quero que ela me diga que está chupando meu pau, que eu a estou comendo e que ela não quer que eu pare nunca.

Eu sou desprezível.

Isso só faz a minha mão se mover mais rápido.

– Me conta como é o seu quarto – peço.

Me conta o que está vestindo. Me diz o que quer que eu faça com você.

Então ela descreve o quarto – paredes roxas pintadas pela última vez quando tinha 11 anos, uma mesa em que escreveu o próprio nome e levou uma bronca por isso, um sofá-cama. Nesse momento, eu afasto o telefone do rosto para ela não ouvir minha respiração entrecortada.

– West?

– O quê?

Minha voz sai estranha. Perdi a noção de tudo, a não ser do som da voz dela e da pele escorregadia na minha mão.

– Você vem, West?

O som do meu nome, a forma como a voz dela o envolve, a intimidade suspirante do pedido... Ela me quer, e eu vou. Então eu gozo na minha mão.

– Claro. – Estou tão acabado que preciso pigarrear e tentar de novo: – Claro. Sim, eu vou.

Só quando entro no carro e peço a ela as orientações do caminho é que percebo que é uma péssima ideia.

Mas aí é tarde demais para recuar.

– Me empurra – diz ela, e ri como uma criança. – Anda, West! Me empurra!

Caroline está com as mãos em cima do telhado, um pé apoiado na calha – que já está bem detonada naquele ponto; ela deve subir assim sempre – e a bunda balançando na minha cara. Eu estou apoiado no parapeito da minúscula varanda do quarto de Caroline, no segundo andar de sua casa gigantesca, com o frio do metal atravessando meu casaco. Me pergunto como me meti nessa situação insana.

Ela escorrega, dá um gritinho e cai em cima de mim. Sem pensar, passo um

braço pela cintura dela, com os dedos da outra mão apertando o parapeito. Imagino o que está sustentando aquela varanda. Alguns parafusos? Qual é o limite de peso que ela suporta? Para que serve essa porra, afinal? Ela com certeza não pendura roupa para secar na janela.

– Você é maluca – digo, mas ela só ri.

– Já fiz isso um zilhão de vezes. Me empurra que depois eu ajudo você a subir.

– É inverno.

– Não tem nem neve nem gelo. As estrelas são lindas lá de cima. *Vamos*.

Concluo que ou a ajudo a subir ou passo a próxima hora tentando convencê-la a não fazer isso. Além disso, se continuarmos tentando subir do jeito dela, vamos morrer.

Ela já está com o pé no parapeito, pressionando a bunda na minha virilha. Seguro seu quadril de forma automática, guiando aquela pressão doce e suave para onde a quero.

Eu me esqueci completamente de ajudá-la, mas Caroline consegue dar impulso com o outro pé e então sobe sozinha.

Acabei de ajudar uma garota chapada a subir no telhado de sua mansão no subúrbio. Depois de deixá-la chapada.

Vou para o inferno por causa disso.

Ela balança a mão branca e pequena na frente do meu rosto.

– Eu te ajudo.

– Não precisa. Vá mais para lá.

A mão dela desaparece e eu subo. Caroline está deitada de costas, olhando para o céu. Seu casaco preto meio que desaparece contra as telhas escuras e o luar reflete na fileira de botões prateados, parecendo uma pista de pouso que leva ao sorriso dela e cintila no gorro de tricô.

– Deita aqui – diz ela.

Fico ali parado, só olhando, por um minuto, porque ela é perfeita. Seus cabelos estão soltos. Ela está relaxada. Me disse que tinha medo de a maconha deixá-la paranoica, mas quis experimentar de qualquer maneira. Ela ficou tranquila e receptiva, com as pupilas dilatadas deixando seus olhos imensos e de um escuro misterioso.

Eu me sinto como se tivesse realizado um milagre.

– Nossa. Você parece tão esquisito daqui... – comenta ela.

Isso me faz sorrir. Eu me ajoelho no telhado ao lado de Caroline, fascinado pelos dentes dela. Só dei um trago no baseado que trouxe, mas fazia um tempo que não fumava. Poderia ficar olhando para ela por horas. Quero tocar em seus cabelos, sentir sua maciez, passar os dedos por eles, pelo pescoço dela, corrê-los

por aquela fileira de botões e depois subi-los por baixo da blusa, tirando-a do caminho para expor sua pele ao luar. Quero deixá-la com frio para poder aquecê-la com meu corpo, minha boca, minhas mãos, minha língua.

Quero tomá-la para mim.

– O que foi?

– Prometa que você não vai cair do telhado e morrer.

– Não vou. Já disse. Fiz isso um milhão de vezes.

– Então por que precisava de ajuda?

– Eu nunca venho *sozinha*. A Janelle normalmente vem comigo.

– Vocês têm permissão para fazer isso?

– Claro! Ah, espere, você quer dizer do meu pai? Não. Bom, mais ou menos. Ele sabe que a gente faz isso, e nunca levamos bronca nem nada, mas com certeza ele não gosta muito. Nós nunca subimos quando ele está em casa.

Assim que cheguei, Caroline me disse que ele vai demorar horas para voltar. Que provavelmente vai acabar passando a noite na casa dos amigos em Marshalltown, porque eles sempre bebem muito e ele não pode dirigir depois. Mas me fez estacionar na rua lateral, por garantia.

Se ela fosse uma garota da minha cidade, não haveria nenhuma dúvida no convite. *Meu pai não está em casa. Venha para cá. Traga maconha.*

Se ela fosse uma garota da minha cidade, eu estaria com uma porção de camisinhas no bolso e um sorriso de orelha a orelha estampado no rosto.

Mas é Caroline, e eu não sei muito bem se ela faz ideia do efeito que provoca em mim. Não que eu tenha sido sutil, mas eu disse que não daria em cima dela e ela falou que não quer que eu faça isso. Ela está interessada em outro cara. Scott.

Então não sei. Se ela tem algum plano, não faço ideia de qual seja.

– *Deite* – diz ela. – Você está tapando as minhas estrelas.

Eu me deito com os braços cruzados atrás da cabeça e olho para cima.

– Está nublado.

– Shh.

– Não tem estrelas.

– *Shhhhhhh* – dispara ela de novo, de um jeito dramático. – Cale a boca e desfrute o firmamento.

Sorrio para o céu. Chapada, Caroline é ainda mais mandona do que o normal. E ainda diz coisas como *firmamento*.

Ficamos olhando para aquela bagunça nebulosa no céu por um tempo. Na verdade, a noite está bem bonita. As nuvens estão espessas, mas se movimentando em grandes grupos, e às vezes a lua aparece junto de algumas estrelas. Melhor do que o céu de Iowa, sempre branco-acinzentado, cheio de

umidade. Opressivo pra caralho. Na minha cidade, o céu de alguma forma parece mais alto.

Está frio aqui fora, mas não tanto quanto deveria para a época do ano. Estou usando um casaco de moletom de zíper por cima de uma camisa de flanela e uma camiseta, e estou suficientemente aquecido, exceto pela faixa de pele que ficou exposta quando levantei os braços para cruzá-los atrás da cabeça. Sinto o telhado através da calça jeans, o que deixa a minha bunda dormente.

Não tem importância. Ficar chapado deixa tudo mais claro e acentuado, mas também faz com que eu não dê a mínima para coisas como estar ou não aquecido. O barato diminui o som da minha estação de rádio mental, quase sempre sintonizada em Oregon, e a sintoniza em Caroline.

Ela está deitada de lado, me encarando.

Sinto sua respiração no meu rosto. O calor de seu corpo.

Sei exatamente quantos centímetros teria de me mexer para beijá-la, e não são muitos.

– Consigo enxergar todos os pelos do seu rosto – comenta ela.

– Eu fiz a barba.

– Não, quero dizer, tipo, seus poros. Consigo ver todos os lugares por onde os pelos saem. É esquisito.

– Não é esquisito. É o meu rosto.

– Mas o seu rosto é esquisito, West.

– Obrigado.

Ela ri, lançando um sopro de hálito com aroma de menta na minha orelha.

– Por favor. Você não precisa que eu diga como você é bonito.

– Homens não são bonitos.

– Você já viu o seu colega de quarto? Ele é a garota mais bonita do campus.

– Você deveria dizer isso a ele um dia. Ele ficaria muito puto.

– Não está prejudicando ele no quesito namoro.

– O Krish não namora, Caro.

– Você sabe o que eu quero dizer.

Ela se aproxima mais.

– Por que você está pairando sobre mim feito um abutre? – pergunto.

– Gosto de ver o seu maxilar se mexendo quando você fala. Posso ver, tipo, os músculos e tal. Nunca tinha notado isso.

– Talvez porque a gente não costume conversar com o seu rosto a 5 centímetros do meu.

– É, deve ser por isso – diz ela, solenemente.

– Ou porque você está chapada.

– Outra forte possibilidade.

Fecho os olhos. Sinto como se algo importante estivesse escapando de mim, algo que eu deveria querer de volta, mas não quero. Não quero nada que signifique que eu devo me afastar dela.

– Mas você é – diz ela.

– Sou o quê?

Quero que ela diga o que eu sou. Entrei aqui nesta casa enorme, com essas colunas brancas na frente e esses tampos de granito, e um tapete branco felpudo na sala que deve ser novo, porque não tem uma mancha sequer. Entrei aqui e me perdi.

Não sei quem sou. Ela é a única coisa que reconheço, e isso torna mais difícil lembrar por que eu não devo pôr as mãos no quadril dela, puxá-la para cima de mim, beijar seus lábios frios e enfiar os dedos embaixo do gorro para sentir o calor de seus cabelos, a cabeça dela nas minhas mãos.

A única coisa que conheço neste lugar é Caroline.

Sou o quê?

Quando abro os olhos, ela está olhando para mim. Para dentro de mim.

Passa um dedo de leve pela parte superior do meu nariz, fazendo uma pausa na ponta. Então segue para o sulco acima da minha boca, depois para meu lábio superior. Ela está me desenhando com o dedo e desperta algo que guardei bem no fundo, enterrei, cobri com uma pedra.

Não sei como chamar isso. Desejo. Necessidade.

Caroline me toca como se eu fosse frágil, precioso, e isso me deixa com vontade de virá-la de costas, segurar seus pulsos e fazer coisas que a desestruturem, que a deixem desesperada, até que a única coisa que ela consiga dizer seja meu nome, sem parar. Quero conhecer todos os cantos mais frágeis do corpo dela e quero enfiar a língua em cada um deles, meu nome inscrito em algum idioma secreto que apenas nós dois conheçamos.

– Você é lindo – diz ela.

Eu sou perigoso.

Eu me sento e me afasto alguns centímetros, tentando não ser muito evidente. Minhas mãos estão tremendo.

– Você está chapada – observo.

– Eu sei.

– Como a internet vem tratando você ultimamente? – pergunto, porque quero lembrá-la do dinheiro.

Quero que sejamos práticos, lógicos, restritos. Sinto falta das paredes da padaria. Quando estou trabalhando e ela não passa de uma visita, nós temos papéis para desempenhar. Já neste telhado não existem limites.

Eu os estabelecerei de novo, se for preciso.

– Aquela empresa que você contratou está fazendo o que você queria?

Ela se afastou ligeiramente de mim, sem virar as costas, mas sem mostrar o rosto também. Acho que devo tê-la magoado. Mas ela pediu isso, me tocando daquele jeito.

– Eles têm que me mandar um relatório por mês, mas até agora não recebi nenhum. Talvez estejam atrasados por causa do feriado ou coisa parecida.

– Você *acha* que está dando certo?

– Não sei. Decidi que era melhor parar de buscar meu nome no Google o tempo todo.

– Faz sentido.

Ela passa os braços ao redor dos joelhos.

– Andei pensando em mudar meu sobrenome.

– Sério?

Ela não responde. Está olhando para o quintal.

– Para qual?

– Fisk. Era o sobrenome da minha mãe.

– Não deixe que ele faça isso com você.

– Eu não estava vendo por esse ângulo. Eu só acho que...

– Não deixe aquele cara vencer. Você não é assim. Não é covarde.

Ela se vira rapidamente, os olhos faiscando.

– Eu não disse que iria fazer isso. Só pensei. E tenho todo o direito de pensar nisso se quiser.

Levanto as mãos.

– Tudo bem. Pense nisso.

Isso a irrita ainda mais.

– Você não faz ideia de como é. Ando pelo campus sabendo que as pessoas estão falando de mim pelas costas. Olho ao redor nas aulas e sei quem me viu com as pernas abertas. Você aguentaria, se fosse com você?

– Se todo mundo no campus tivesse visto o meu pau? Claro. É só o meu pau. Não sou eu.

– Talvez. Mas é diferente para os homens. Ninguém chamaria você de vagabundo se isso acontecesse. Só achariam que você queria mostrar o pau e pronto. Ou que bebeu demais. Não diriam que você não vale nada.

– Se as pessoas pensam assim, são idiotas. Por que se importar com o que um bando de idiotas pensa?

– Porque o mundo é cheio de idiotas, West! E porque isso tem importância para pessoas que não são idiotas. Meu pai não é um idiota, está bem? Ele é inteligente. Mas se descobrir... Se as minhas irmãs descobrirem... E se eu for

para a faculdade de direito e não conseguir um bom emprego num escritório bacana porque a minha vagina está na internet? Sabe como isso seria horrível?

– Sim, seria, eu entendo isso. Mas mudar seu nome... Seu nome é quem você é. É *você*.

– As mulheres mudam os nomes quando se casam.

– Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

– Não. É *sempre* arbitrário. É uma decisão que eu posso tomar se quiser. E estou surpresa que você esteja sendo um babaca em relação a isso. Achei que estivesse do meu lado.

– Eu estou do seu lado, eu só... Ele pôs aquelas fotos lá para as pessoas xingarem você. Ele estava puto com você, certo? Queria que se sentisse péssima. Acho que se mudar seu nome... É isso que ele quer. Provavelmente é mais ainda do que ele esperava. É o que todos querem, que sinta vergonha de si mesma, mas você não fez nada de que devesse se envergonhar. Tirou a roupa para um cara, chupou o pau dele, trepou com ele... Grande merda, Caroline. Aí eles chamam você de vagabunda e de frígida, o que não faz nem sentido. Quero dizer, ou uma coisa ou outra, né? Nada disso tem a ver com quem você é. Aquelas fotos não são você.

– Só que elas *são*. Eu sou as fotos. As fotos sou eu. Agora é só isso que existe. Esse cara que eu conheci, o Scott. Sabe por que não liguei para ele? Porque fiquei me perguntando: *Quanto tempo ele vai levar para encontrar as fotos?* Ele ainda não sabe meu nome. Quando nos conhecemos, ele entendeu "Carrie", então acha que meu nome é Carrie, e tipo... E se fosse? E se eu fosse Carrie Fisk? Então eu não precisaria pensar em coisas como *Quanto tempo vai levar para ele descobrir? O que ele vai pensar? O que ele vai fazer?*

– Se ele julgar você por isso, ele é um babaca, e é melhor nem vê-lo de novo.

– Não é... Não é nem ele, West, é todo mundo. Todo mundo diz *Cuidado com o que você faz com suas fotos. A internet é para sempre. Não poste fotos bêbada no Facebook.* Eu posso ter 60 anos e elas ainda estarão on-line. Talvez fiquem ali para todo mundo ver pelo resto da minha vida. E daí se Scott não se importar? E se nós namorarmos durante anos, ficarmos noivos e aí a mãe dele descobrir? Ou o pai, ou a tia-avó, ou quem quer que seja? E se ele tiver um primo tarado que se masturba com as minhas fotos e esse primo contar para ele?

– E se você morrer em um acidente horroroso na semana que vem? E se o seu filho tiver leucemia? Meu Deus, Caroline, não transforme isso no centro da sua vida, porra!

Percebi, no silêncio que se seguiu, como eu tinha soado. Furioso. Acusador.

Eu me sinto a pior das criaturas. Pior do que um verme. Me sinto podre, nojento. Alguma coisa estragou em mim.

Eu sou tão ruim quanto qualquer um dos caras com quem ela tem se preocupado. Eu me masturbei falando com ela ao telefone há algumas horas, e se isso não faz de mim um tarado ou um filho da puta, não sei o que faz.

É que detesto ouvi-la falar sobre esse outro cara. Detesto que sua esperança esteja vinculada a alguém que não seja eu, que seu futuro esteja relacionado a um nome que não seja o dela.

Sou tomado pela vergonha e em seguida pela fúria por ela não falar nada, permitindo que eu preencha o silêncio com mais estupidez.

– É normal. São peitos, boceta, pernas e uma bunda. Não é o fim do mundo, Caro. Você acha que é muito especial, mas há um milhão de bocetas de outras garotas na internet, e a maioria delas não está se lamentando, achando que a vida acabou porque um cara qualquer está batendo punheta olhando para as fotos delas.

Silêncio de novo. No bairro chique em que fica a casa de Caroline, todo mundo já está dormindo. Isso também faz com que eu me sinta desprezível. O fato de ela viver num lugar cercado de segurança, que é exatamente o que sonho para Frankie. O fato de eu ser, hoje, o que a deixa insegura.

Arrisco olhar para ela. Parece que lhe dei um tapa.

De certa forma, foi isso que fiz.

E o pior é que não há motivo para eu estar bravo com ela. Na verdade, não estou – estou bravo de um modo geral.

Estou bravo pelo fato de o mundo ser tão injusto, por isso ter acontecido com ela, por ela se sentir tão mal.

Estou bravo pelo fato de sexo não poder ser apenas sexo e precisar estar atrelado a todo o resto também – dinheiro, poder, infelicidade e prazer, tudo misturado. Porque eu a quero, sou louco por ela, e é uma estupidez do caralho.

A situação toda. Uma estupidez.

Suspiro e me levanto. Começo a descer do telhado, nesta casa gigantesca onde Caroline passou a vida toda protegida de qualquer coisa remotamente tão ruim quanto a que o ex-namorado escroto fez com ela. Ele deve ter crescido em uma casa assim também. Provavelmente destruiu todo o mundo dela sem pensar duas vezes.

Volto na direção de Caroline.

– Me desculpa – digo. – Isso saiu... Desculpa, está bem?

Ela balança a cabeça. Está abraçando as pernas dobradas, olhando para o outro lado.

– Sabia que eu nunca chamei assim?

– O quê?

– Boceta – responde ela, como se a palavra deixasse um gosto ruim em sua

boca. – Xoxota. Racha. Peitos. Pau. Todas essas palavras... Elas não tinham a ver comigo antes.

Ela vira a cabeça para mim e eu vejo seus olhos cheios de lágrimas.

– Eu não quero que elas tenham a ver comigo – diz.

Eu me sento a alguns metros de distância dela. Neste momento, não sei bem o que falar.

– Tem tantas coisas que eu não sei se conseguirei recuperar – continua Caroline, baixinho. – Quero dizer... eu entendo o que você está falando. Entendo que a vida não acaba por causa de algumas fotos na internet. Mas, de certa forma, acaba, sim, sabe? Porque agora tudo o que as pessoas disseram é parte de mim. Eu tenho uma boceta, eu *sou* uma boceta, eu me visto como uma puta, eu sou uma puta, sou frígida, sou uma vagabunda, eu quero porra, quero que gozem na minha cara... Todas essas coisas imundas que nunca tiveram nada a ver comigo e que agora têm. Elas simplesmente me consomem. Então, se eu sentir algo, se eu quiser ficar com um cara, se eu ficar... se eu ficar molhada por causa de um cara, se eu quiser que alguém me beije... não vai ser mais a mesma coisa. Sempre vai ter alguma ligação com aquilo tudo, ou porque eu estarei fugindo daquelas palavras ou porque estarei tentando descobrir como me apropriar delas. E eu odeio isso.

Queria não saber a que ela se refere, mas sei. Não consigo excitar uma mulher, lutar por um sorriso dela, fazê-la gozar com minha língua dentro dela sem pensar no que vou ganhar com isso.

Esse é o problema de trocar sexo por favores. Faz tudo parecer um negócio.

– Você quer que alguém te beije? – pergunto. – Isso é tudo em teoria ou...

Ela abraça as pernas com mais força.

– Não é em teoria.

– Scott?

– Claro, o Scott. Quero dizer, talvez. Acabei de conhecê-lo. Mas posso querer, certo? Por que tudo precisa estar arruinado antes de começar?

– Não tem nada arruinado.

– Minha *sensação* é essa.

– Que merda.

– É. – Ela traça um círculo no joelho com a ponta do dedo. – A gente só conversou por alguns minutos. Gostei dele. Ele é tranquilo, sabe? E a Quinn conseguiu o telefone dele para mim, mas eu simplesmente... não quero pensar nele assim. Quero que todas aquelas palavras e partes do corpo não tenham nada a ver com isso. Só que elas têm.

– É, isso é inevitável, se você quiser namorar com o cara.

Ela olha para mim por um instante, então volta a encarar o telhado.

– Hoje mais cedo, eu estava quase sentindo que poderia fazer isso, que poderia ligar para ele e convidá-lo para sair depois do feriado. Eu pensei... Mas preciso dizer que você meio que acabou com a ideia, então obrigada por isso.

Há um sorriso na voz dela, porém. Pequeno, mas há.

– Sei que fui um babaca, mas não entendi com que ideia eu acabei. Você vai ter que me explicar.

– Acho que não vou mais conseguir sair com ninguém. Vou virar freira.

– Isso seria um desperdício.

Agora consigo ver o sorriso, a maçã do rosto levantando, embora ela ainda não esteja olhando para mim.

– Não, agora eu vejo que é a única maneira.

– Irmã Caroline – digo. – Mártir da pornografia na internet.

Ela levanta a cabeça. Não consigo desviar o olhar do brilho dos olhos dela, dos lábios, porque subitamente tive uma ideia terrível e incrível e estou tentando de todas as formas evitar que ela saia da minha boca.

Eu poderia beijar você, é o que estou tentando não dizer. *Poderia fazer você esquecer todas essas malditas fotos. Poderia fazer você se sentir bem, apagar toda essa vergonha, mostrar o que deve passar pela sua cabeça quando você estiver com um cara. Eu poderia. Eu.*

– Você gosta dele – digo, em vez disso.

Porque ela já fez a escolha dela, e não sou eu. Eu nem sequer era uma opção.

– Ele é divertido – comenta Caroline.

– Divertido é meio sem graça.

– Não, não faça isso. Não implique com ele. Ele é ótimo. Ou poderia ser. Parece ser.

– Uma pena que seja tão feio.

– Não, ele é gostoso. A Quinn também acha.

– Quinn gosta de garotas.

– Ela é bi.

– Sério?

– Você não sabia?

Faço que não com a cabeça.

– Bom, ela é. E acha o Scott gostoso – diz Caroline.

– Então convide o cara para sair e dê um beijo nele. Veja o que acontece.

Fico olhando para ela quando digo isso, porque vou memorizar qualquer que seja sua reação. Vou usá-la sempre que precisar lembrar: *Ela não é minha. Eu não posso tê-la*. Ponto final.

– Vou fazer isso – diz ela. – É uma ótima ideia.

Mas a expressão que ela faz não é a que eu esperava.

– Você parece estar pensando em lamber uma lesma.

– Não me provoque. Estou me esforçando.

Mas eu quero provocá-la. De repente, a ideia que tive começa a parecer ótima. Acho que ela tomou conta do meu cérebro, chegando ao meu sistema nervoso com uma rapidez inebriante.

Agora a única coisa real é Caroline e esse oceano de escuridão em que estamos navegando. A forma como me sinto mais leve quando ela sorri. Quando a provoco, tenho a sensação de que sou alguém, afinal, e não apenas um filho e um irmão, um funcionário, uma trepada rápida. Sou mais do que um aluno, um impostor, uma seta apontando para um objetivo.

Como se eu tivesse importância para ela. Como se eu tivesse importância pelo que sou, não pelo que posso fazer por outra pessoa.

– Se eu tivesse falado para você pagar um boquete para o sujeito, talvez, *talvez* eu esperasse essa cara. Mas beijar? Como você pode estar a fim de alguém e fazer essa expressão quando pensa em beijá-lo?

– É complicado. Cale a boca.

– Vou calar a boca quando você responder à pergunta.

– Não. Eu não vou... Por que nós estamos falando sobre isso?

– Porque você está chapada. Não consegue filtrar o que diz.

– Não é verdade.

– Nós acabamos de conversar sobre a sua boceta. Seu filtro definitivamente está desligado.

Ela ri e enterra o rosto nas mãos.

– Isso foi culpa sua.

– Tudo é culpa minha.

Não consigo evitar. Não consigo parar. Não quando ela faz com que eu me sinta assim.

Os ombros dela estão sacudindo. Não sei quando ela desiste de rir e começa a chorar, ou mesmo se desiste. Talvez seja tudo a mesma coisa. Riso e choro juntos.

Só sei que quando ela olha para cima, as lágrimas fazem seus olhos brilharem e é ali que estão as estrelas. Pelo menos é a sensação que eu tenho. Como se as estrelas estivessem em Caroline e o mundo todo fôssemos apenas ela e eu.

Porque estou chapado. E porque estou apaixonado por ela.

– Isto também, Caro – digo, me inclinando para a frente. – Isto também é totalmente culpa minha.

Quando nossos lábios se encontram, ela inspira, e isso é tudo o que acontece. Talvez por um segundo, talvez para sempre – é difícil dizer quando estamos

chapados. O tempo fica impossível de contar. O sexo toma uma dimensão muito maior e muito menor ao mesmo tempo, porque conseguimos sentir tudo. Cada pelo, cada respiração, cada batida do coração, cada centímetro quente de pele. É perturbador, e eu fico perturbado com a sensação da boca de Caroline, que é macia mas seca, e este beijo parece um aperto de mãos. Parece que estou tomando as medidas de sua boca. Dizendo olá. Não é sexy. É... interessante.

– Estranho – diz ela, ainda com a boca colada à minha.

– Você é estranha.

– Olhe quem está falando.

Dou uma lambida em seu lábio interior e ela se deita, apoiada nos cotovelos. Eu a acompanho e dou outra lambida.

– Ainda está estranho?

– Você está me lambendo – sussurra ela.

– E o que você está achando?

Caroline fecha os olhos.

– Acho...

Puxo o lábio dela para dentro da boca e mordo levemente. É carnudo e eu quero fazer isso com seu corpo todo. Lamber e provar, morder, experimentar. Consumi-la, pedaço por pedaço.

– Não pense. O pensamento não é seu amigo.

– Você também não é meu amigo.

– Engraçadinha.

Levo a mão aos cabelos dela, passo o polegar pelo maxilar, virando sua cabeça para onde quero para poder realmente beijá-la.

Penso por um instante *Não faça isso*, e então faço.

Nossas línguas se encontram. Nossos dentes se batem de leve e ela faz um som com a respiração que seria uma risada se ela não estivesse tão ocupada passando os dedos pelos meus cabelos e retribuindo o beijo.

Se fôssemos amigos, seria desagradável. Saliva e línguas, dentes e lábios.

Mas não somos.

É simplesmente incrível.

Eu a beijo com força. Eu a controlo, usando sua boca, direcionando sua cabeça.

Depois a beijo com delicadeza. Passo a língua pela falha sexy entre os dentes dela. Recuo, deixando que ela assuma o controle e me mostre do que gosta, como quer.

E ela quer. Talvez apenas esta noite, talvez pelos motivos errados, não sei. Não quero pensar nisso. Estou beijando Caroline, que é muito melhor do que pensar.

Entramos numa espécie de transe. Não existe mais nada além das nossas bocas se tocando, nossas mãos acariciando cabelos, pescoço, ombro. Estou de pau duro, mas essa parece uma informação distante, sem importância. Isto não é sexo. É um beijo. O tipo de beijo eterno, atemporal, em que não há urgência. Um beijo como ondas batendo. Um beijo perfeito.

– Ainda está estranho?

– Muito estranho.

Ela está sorrindo quando puxa a minha cabeça de volta.

Caroline está sorrindo, e nós estamos nos beijando, e tudo está perfeito até uma luz passar pelo rosto dela e ela dizer:

– Ah, merda.

Há faróis na entrada da garagem.

– Meu pai.

Sua varanda estilo Romeu e Julieta por acaso tem a altura perfeita para que eu salte para o quintal e meu carro por acaso está no ponto exato para eu ir embora sem ser visto.

Mas o trajeto entre Ankeny e Putnam é curto demais para eu descobrir o que diabo achava que estava fazendo e longo demais para suportar a lembrança da boca de Caroline na minha.

O apartamento parece esquisito quando volto. Pequeno, frio e feio. Vazio.

Entro no meu quarto e fecho a porta. Me jogo de costas na cama, me sentindo cansado e usado.

Meu telefone toca. Quase decido não atender, porque sei que deve ser Caroline.

Não posso falar com ela. Preciso colocar os pensamentos em ordem primeiro, descobrir o que *foi* aquilo. Descobrir por que, quando passei escondido pela entrada da garagem da casa de Caroline, com os faróis apagados, parte de mim esperava que eu não fosse flagrado e outra parte estava decepcionada, envergonhada, furiosa com ela, por fazer com que eu me sentisse um segredo sujo.

Porém, quando olho para a tela, não é ela. É a minha mãe.

– Oi, e aí? – digo.

É a voz de Frankie.

– O papai está aqui.

Meu coração dá um salto. Eu me sento tão rápido que minha visão embaça. Preciso colocar a palma da mão na testa para voltar ao normal.

– Onde você está?

– Em casa. Na casa do Bo. Ele... ele não está indo embora, West. Você precisa fazer com que ele vá embora.

Ela parece prestes a cair no choro, com a voz alta e esganiçada, quase perdendo o controle.

Frankie nunca chora.

– Tudo bem. Respire fundo, meu bem. Você está dentro de casa, certo?

– Estou.

– E ele está do lado de fora.

– Aham. E eu tranquei a porta da frente, mas ele fica batendo sem parar. Estou com medo de ela quebrar!

Depois que ela diz isso, começo a ouvir as batidas. Estou a milhares de quilômetros, e o barulho me apavora. Ainda me lembro dele do lado de fora do trailer, berrando pela minha mãe no meio da noite: “Michelle! Me deixe entrar! Me deixe entrar na porra da minha casa, sua vagabunda imprestável!”

Ele estava bêbado, minha mãe me disse. Estava nervoso. Não queria dizer aquilo. Eu não deveria me preocupar, porque ela nunca, jamais o deixaria me machucar.

Não levou nem 48 horas para ela deixá-lo entrar no quarto dela.

Ele me machucou muito.

– West? – A voz de Frankie está chorosa. – Estou com medo, West.

Minhas mãos estão tremendo pela adrenalina e eu vou me arrastando para trás até estar encostado na parede. Preciso de algo em que me apoiar.

– Eu sei, querida, mas é uma porta forte e ele não vai conseguir passar por ela. Onde estão a mamãe e o Bo?

– Saíram.

Acho que ela quer dizer que estão bebendo. São só dez da noite em Oregon. Eles vão demorar horas para voltar.

– Você trancou a porta dos fundos?

– N-não.

– Tudo bem. Pode fazer isso agora?

– Posso, mas West...

– Apenas tranque a porta dos fundos. Uma coisa de cada vez, Franks.

As batidas ficam mais fracas. Ela está com a respiração pesada e rápida, apavorada. Tento me concentrar no som das minhas próprias inspirações e expirações.

Quando Frankie era pequena e tinha um pesadelo, eu a levava para a minha cama e a deixava se enroscar ao meu lado, acertando o ritmo da minha respiração com o da respiração dela até cairmos no sono de novo.

– Pronto – diz ela.

– Em cima e embaixo?

– Isso.

– Certo. Agora, as janelas.

– O que tem as janelas?

– Confira se estão trancadas, só por precaução.

Uma característica marcante de Bo é ser um sujeito paranoico. Pense em qualquer teoria da conspiração: ele acredita. Além disso, tem uma plantação de maconha em uma clareira no bosque atrás da casa e trabalha como guarda na prisão libertando homens que em geral passaram a odiá-lo. A casa de Bo é uma casinha frágil de um andar só, mas tem travas sólidas nas portas e barras em todas as janelas.

Eu sussurro frases tranquilizadoras:

“Vai ficar tudo bem, meu amorzinho.”

“Ele não vai machucar você.”

“Ele não vai entrar.”

Mas eu não sei. Não estou lá. Me esforço ao máximo para não pedir mais detalhes.

– Já conferi – diz ela, finalmente. – Estão todas trancadas.

– Muito bem, meu amor. Agora vá para o mais longe da porta que conseguir, para não ouvi-lo.

– Ele está chorando, West.

– Apenas pare de prestar atenção.

– Estou com pena dele.

– Não fique. Ele está colhendo o que plantou. Vá sentar dentro da banheira, está bem?

– Por quê?

– Não vai conseguir escutar lá de dentro. Vai ser como estar em uma bolha.

– Que bobeira.

– Ei, quem foi que pediu ajuda?

Eu a imagino sorrindo, embora eu não esteja. Não tenho motivo nenhum para sorrir.

Ouço as argolas da cortina do chuveiro deslizando pelo varão. Então a respiração dela fica mais alta.

– Já está na banheira, Franks?

– Tô.

Ela deve estar com os braços ao redor dos joelhos, exatamente como Caroline no telhado. Imagino Frankie de camisola, com os cabelos escuros caindo sobre os braços e nas costas. Penso nas pernas magricelas, com picadas de mosquito, cheias de feridas, e nos dedos dos pés sujos. Frankie no verão. Mas

é novembro, e quando falei com minha mãe no Dia de Ação de Graças ela disse que havia neve no chão. Fazia três meses que eu não via minha irmã.

– Será que é melhor eu chamar a polícia? – pergunta ela.

Penso na plantação de Bo, nos pés de maconha que vão até a altura do queixo dele. Sei que não está assim agora, porque ele já fez a colheita da temporada. Na última vez que falamos, ele me contou que estava deixando os botões de *Cannabis indica* amadurecerem, mas que logo desceria para a Califórnia para vender.

Ele normalmente não guarda nada em casa. Conhece a lei e me ensinou que é fundamental saber o que pode fazer você ser preso. Nunca se deve andar com quantidade suficiente para ser acusado de porte ilegal.

Ainda assim. E se ele não estiver seguindo as próprias regras? Não quero ser responsável por chamar os policiais para a casa de Bo e deixá-lo encrencado. Se ele perder o emprego e for para a cadeia, é bem provável que minha mãe perca o emprego dela também, e aí todos nós nos ferramos.

Frankie é apenas uma menininha indefesa, aninhada na banheira.

– O que aconteceu? – pergunto.

– Eu estava vendo TV. A mamãe disse para eu ir para a cama às nove, mas estava passando um filme e eu sabia que ela não ia voltar logo, então fiquei assistindo. Aí o ouvi batendo. Ele estava batendo tão alto, West.

– Você abriu a porta para ele?

– Não. A mamãe disse para não abrir.

– A mamãe sabe que ele voltou?

– Nós cruzamos com ele na cidade. Ele está morando no trailer.

– Não pode ser. Franks... Diga que você está brincando.

– Não, ele está, sim! Ele diz que o trailer é dele e que nós não temos o direito de tirá-lo de lá.

– Filho da puta. O que aconteceu com a Hailey?

– Foi morar com o namorado.

Eu havia colocado minha prima Hailey naquele trailer de propósito. Paguei pelo aluguel do terreno pelo ano letivo inteiro. Queria que minha mãe e Frankie tivessem um lugar aonde ir se as coisas dessem errado com Bo, mas nunca havia pensado nisso. Nunca pensei que estaria pagando para aquele filho da puta dos infernos ter uma base de onde pudesse aterrorizar minha irmã.

Pressiono os calcanhares em cima do cobertor, forçando as molas do colchão para baixo. Estou com a cabeça abaixada, os cotovelos entre os joelhos, e queria estar com Frankie. Queria estar lá para ajudá-la.

Queria estar onde é o meu lugar.

– O que ele falou?

– Como assim? Agora?

– Não, quando chegou aí. O que ele quer?

– Ele disse “Abra a porta, meu amor. Papai quer ver você”. E chamou a mamãe de vaca, mas aí falou que não queria dizer isso, que ela partiu o coração dele e toda aquela bobagem.

– Não abra a porta para ele, Frankie.

Ela bufa.

– Eu sei, West. Não sou burra.

– Ele parecia bravo?

– Parecia bêbado.

– Por que está dizendo isso?

– Ele parecia estar babando.

– Meu Deus.

Ela fica em silêncio por um instante.

– Não estou mais ouvindo ele bater.

Ela está mais controlada agora. Acho que se sente mais segura dentro do banheiro, com as portas todas trancadas. Além disso, Frankie gosta quando sabe de alguma coisa que eu não sei. Adora quando sou eu que pergunto algo, para variar.

– Vou ver se a caminhonete dele ainda está lá fora.

– Tome cuidado.

– Pode deixar.

Ouço a cortina do chuveiro de novo e então sua respiração está mais silenciosa, mais equilibrada, enquanto ela vai até a janela.

– Ele foi embora.

– Ótimo. Mas mantenha tudo trancado.

– Pode deixar.

Ficamos em silêncio, apenas respirando.

– Fique um pouco na linha – pede ela.

– Pelo tempo que precisar.

Ela demora horas para dormir. Vemos um filme juntos, falamos sobre nada – seus dramas com as amigas, as tiaras novas que comprou para os cabelos, uma cantora que ela adora e fez um filme que ela quer ver na próxima folga da nossa mãe.

Desligo, finalmente, ao som da respiração de Frankie, pesada e lenta.

Ela está segura. Está bem.

Mas eu tenho a sensação de que estou caindo e que não há nada em que me agarrar.

DEZEMBRO

Caroline

Às vezes eu me pergunto por que não conseguia ver o que estava acontecendo.

Quero dizer, era óbvio para absolutamente todo mundo. Deveria ser óbvio para mim. Depois daquela noite no telhado, não consegui pensar em mais nada por dias. Só na forma como ela terminou, em como meus lábios ficaram macios e diferentes por horas depois, em como eu continuei tocando neles.

No acordo ridículo que fizemos.

Na minha impaciência para Bridget sair logo para a aula nas terças e quintas de manhã, para eu ficar sentada na cama esperando a batida dele. Duas batidas, sempre duas. Eu ia até a porta e a abria, e lá estava ele, acabando com o medo que eu tinha de aquele ser o dia em que ele não apareceria.

Lá estava ele deitando na minha cama e correndo a boca por todo o meu corpo, passando as mãos por todo o meu corpo, respirando ofegante e quente no meu pescoço enquanto eu fingia que meu coração não estava prestes a explodir com os sons, o cheiro e o gosto dele.

Não sei por que eu não compreendia. Acho que estava com medo.

Nunca imaginei que pudesse haver tanto êxtase no medo.

Ele está me evitando há uma semana. *Mais* de uma semana. Dez dias.

A princípio, não me dei conta. Estava cega demais sobre o que quer que estivesse acontecendo, então fui encontrar meu pai para um brunch. Ele queria conversar sobre o "meu futuro". Só que a conversa foi mais desconfortável do que nunca, porque parte de mim assentia alegremente, pensando *Sim! Vou conseguir um ótimo estágio no verão,* mas outra parte só ouvia o coro de cretinos dizendo *Não com a sua boceta na internet!*

E, enquanto isso, a nova parte do meu cérebro dedicada a só pensar em West estava ocupada comemorando feito uma adolescente: *Eu fumei um baseado e fiquei com West no telhado, ahmeudeus.*

Isso quer dizer que viajei várias vezes durante a conversa, disse coisas

estranhas e recebi como resposta algumas franzidas de testa do meu pai, que não entendia por que eu estava tão esquisita.

Voltei para a universidade no domingo à tarde e mandei uma mensagem de texto para West avisando que tinha chegado. Ele respondeu: Bacana.

Bacana.

Quem é que diz *bacana*?

Não sei, mas me convenci de que era até bom ele não parecer tão animado para me ver. Nós provavelmente precisávamos de algum tempo separados, alguns dias para entender o que aquele episódio no telhado significava. E como eu havia acabado de ter uma conversa séria com meu pai, admito que imaginei que talvez fosse melhor ficar um pouco afastada de West, para pensar no que iria fazer.

Assisti muito a TV e vi um monte de filmes ruins com a Bridget. Fui ao quarto de Quinn com Krishna, bebi cerveja e dei risada com *Madrugada muito louca*.

Não pensei no que estava fazendo.

Também não apareci na padaria. Teria ido na terça à noite, mas West em geral me manda uma mensagem perguntando se eu vou, e não mandou. Então não fui. Preferi dormir. A noite toda, como uma pessoa normal.

Fiz o mesmo na quarta à noite.

Na quinta, mandei quatro mensagens, mas ele não respondeu.

Na sexta, mandei outra. Porra, West?

Ele respondeu três horas depois. Desculpe. Ocupado.

Sábado, domingo – nada. Fui ao treino de rúgbi e consegui fazer meu primeiro bloqueio de verdade. Depois saí com Quinn e Bridget. Perguntei a Quinn se tinha visto West depois do feriado e ela respondeu:

– Sim, por quê?

Por nada.

Na segunda, porém, todas as coisas em que eu não queria pensar ficaram evidentes. Eu estava começando a me sentir péssima. O coro de cretinos ficou mais barulhento.

Você sabia quando o convidou, eles diziam. *Sabia quando pediu que ele levasse a maconha. Você queria que ele comesse você em cima daquele telhado.*

Queria? Não me lembro. Não consigo decidir. Tudo parece muito nebuloso.

Naquela noite, eu desmoronei e contei a Bridget o que havia acontecido. Ela ficou furiosa com West.

– Ele não pode tratar você assim! Não está certo!

Ela me convenceu a ligar para ele. Deixei um recado furioso na caixa postal. Mandei outra mensagem de texto, exigindo que ele entrasse em contato. Bridget

agarrou o telefone da minha mão e o chamou de “escroto”, pelo que eu pedi desculpas depois, mas mesmo assim ele não me respondeu.

Não consegui dormir depois disso. Enquanto Bridget roncava baixinho na cama dela, peguei meu celular e digitei: Estou me sentindo péssima pelo que aconteceu no telhado.

Estou me sentindo suja.

Envergonhada.

Por que você não está falando comigo?

De manhã, queria poder apagar aquelas mensagens. Meio dramática demais, não é, Caroline?

Mas elas haviam sido enviados e pronto.

Ele me responde na terça depois da aula. O celular toca quando estou deitada de bruços, olhando fixamente para as unhas das mãos e tentando reunir algum ânimo para almoçar.

Não tem nada de sujo naquilo, ele escreve.

Uma frase inteira. Que tal?

Então por que está me evitando?

Não estou. Estou ocupado.

Isso nunca atrapalhou você antes.

Desculpe.

Espero para ver se ele vai me dar uma explicação melhor, mas isso não acontece e eu estou de saco cheio. De saco cheio dele.

De saco cheio de mim mesma também. Como estou permitindo que isto aconteça? Depois do que Nate fez, eu não deixei a tristeza me derrubar. Eu agi. Agora, um beijo de West e eu fico reduzida a esta pessoa que implora atenção através de mensagens de texto?

Foda-se.

Venha até o meu quarto para conversarmos, escrevo. Agora.

Tenho aula.

Olho para o relógio. Só daqui a uma hora.

Por um instante, nenhuma resposta. Repasso os balões verdes e azuis da nossa conversa, tentando me reconhecer naquelas exigências. Tentando reconhecer o West que massageou o meu pescoço na casa dele, que pôs a mão na minha coxa e me perguntou o que devia fazer a respeito de mim. O West que disse “Isto também é totalmente culpa minha” pouco antes de me beijar enlouquecidamente.

Ok, ele responde.

Então fico esperando. Tudo bem: visto uma calça jeans, solto os cabelos e então fico esperando.

Não sei por que costumamos usar como exemplo de demora o tempo que a água na panela leva para ferver. Seria melhor usarmos o tempo que o garoto que beijamos no telhado demora para chegar e se explicar.

Péssima comparação, eu sei.

Por fim, depois de uma eternidade, ele bate duas vezes. Abro a porta e fico paralisada. Os olhos claros são os de West, o rosto é o de West, e eu penso como pude ficar dez dias inteiros sem vê-lo. Como pude me esquecer do efeito que ele causa em mim?

Eu quero afundar nele, enrolar meus dedos nos dele, beijar seus olhos e lhe dar boas-vindas.

Mas não faço isso. Não estou louca. Porém a vontade está ali, opressiva como uma mão me puxando para baixo. É meio bonita também.

Desvio o olhar, desesperada para me controlar. Ele está usando um casaco que à primeira vista parece cinza, mas quando me aproximo vejo que é preto e branco, com listras bem finas, numa estampa tipo chevron. Não consigo imaginar onde alguém arranjaria um casaco como aquele, exceto talvez no armário do meu avô. Deveria ser estranho ou feio, mas, como tudo o que West veste, faz com que pareça sexy. Como se casacos de velho fossem a tendência da moda.

– Belo casaco.

Ele me lança aquele olhar indiferente, como se eu fosse a mulher que passa o cartão dele no refeitório. Alguma pessoa desconhecida.

– Obrigado.

Dou um passo para trás. West nunca entrou no meu quarto. É surpreendente como o ambiente fica menor só com a presença dele.

– Quer tirá-lo?

Ele tira o casaco de velho e o joga no sofá. Então se joga ao lado dele.

Uma das sobrancelhas está um pouco levantada, o que imagino que queira dizer *E então, Caroline?*

Eu me sento na cama. Coloco meu travesseiro no colo e fico puxando a fronha com estampa dos Smurfs. Era para ser uma fronha irônica, mas talvez seja o mesmo caso da calça irônica com estampa de baleias: uma impossibilidade.

Lembro a mim mesma por que fiz West vir até aqui. Porque fiquei com Nate e ele pôs minhas fotos nua na internet. Depois fiquei com West e ele parou de falar comigo. Estou cansada dessa merda.

– Qual é o problema com você?

– Nenhum.

– Você está bravo comigo.

– Não estou.

Ele olha fixamente para um ponto no chão, como se todos os segredos do mundo estivessem escritos ali, em letras minúsculas.

– Você está com nojo de mim.

– Não.

– Queria jamais ter me beijado.

Ele me encara por uma fração de segundo e volta a fitar o ponto secreto no chão.

– Queria. – Mas então olha de novo para mim. – Não.

– Qual das duas coisas?

– As duas.

– Como eu devo entender isso, West?

Ele suspira. Os cabelos dele caem para a frente, cobrindo seus olhos, e ele prende as mãos entre os joelhos. Vejo a pulseira com o nome dele escrito, um símbolo de tudo o que não compartilha comigo.

– Eu disse para você desde o começo como seriam as coisas entre a gente.

– Você disse que não tocaria em mim.

Ele assente, mas não me encara.

– Mas tocou – acrescento.

– Eu *sei*, Caroline. Que merda.

– Não fique nervosinho comigo. Você não tem esse direito. Nós dois estávamos lá em cima. Nós dois nos beijamos.

– É, mas fui eu que precisei pular da varanda, não foi?

– É por isso que está puto comigo?

– Eu não estou *puto* com você!

Finalmente ele está olhando para mim, mas isso não ajuda em nada. A testa enrugada e a boca contorcida significam que ele está bravo com algo. Se não é comigo, então é com quê?

– Mas parece.

Ele se levanta. Anda para a frente e para trás algumas vezes. Olha para o beliche, para a mesa de trabalho vazia de Bridget, para a minha, cheia de coisas. Pega o porta-retratos com a foto em que estou com meu pai e minhas irmãs na minha formatura do ensino médio e a devolve ao lugar.

Aponta para a foto.

– Sabe o que eu disse a ele?

– A quem, ao meu pai?

Ele cruza os braços.

– Eu disse: “Então aquela é a sua filha?” Isso foi depois que eu carreguei você para cá e a coloquei na cama. Eu fiquei parado em pé, olhando para os seus

peitos, e falei: “Meu quarto é aí em frente. Cara, dormitório misto... Isso vai ser muito bom.”

Ele usa sua voz de traficante, a voz de chapado – absolutamente falsa quando conhecemos West, mas terrivelmente convincente quando não o conhecemos. Consigo imaginar muito bem o que meu pai deve ter pensado. Que sua garotinha ia morar na frente de um estuprador ou, no mínimo, de um tarado nojento.

É um milagre que meu pai tenha me deixado ficar aqui.

– Por quê?

– Para que você tivesse um bom motivo para ficar longe de mim.

– É, isso eu entendi, mas não entendi *por quê*. E não me venha com alguma desculpazinha sobre eu ser rica e você ser pobre ou sobre você ser nobre demais ou coisa parecida.

Ele faz uma careta. Vai até a janela e fica de costas para mim.

– Eu não sou nobre.

– Então o que você é?

Nenhuma resposta. O silêncio baixa sobre o quarto, o relógio de Putnam de Bridget marca os segundos – um, dois, três, quatro, cinco, nada de resposta –, até que de repente West se vira e diz:

– Eu sou uma porra de um egoísta, está bem? Eu tenho planos para o futuro e você não está neles. Nunca vai estar, Caro, então faz mais sentido eu ficar longe de você para conseguir focar no que é importante.

No que é importante. Que não sou eu.

Olho para a Smurfette no meu colo, com os cabelos dourados, o vestido e os sapatos idiotas, e quero dar um soco nela. Quero dar um soco em mim mesma, bem onde dói, bem onde as palavras de West penetraram na dor que eu já conheço tão bem, naquele ponto vital em que ele continua batendo de propósito sem nem se importar.

Ele não está tentando me magoar. Ele só é egoísta.

– Não fique com essa cara – diz.

– Eu fico com a cara que eu quiser – respondo, pronunciando cada palavra lenta e cuidadosamente, porque não quero que ele saiba que me magoou.

Viro o travesseiro. Contorno o chapéu do Smurf Gênio com o dedo. Eu sempre me identifiquei com ele.

– Caro...

– Talvez seja melhor você ir embora.

Ele pega o casaco e vai até a porta. Fico esperando que saia, esperando pelo começo da minha vida sem West.

Mas ele fica ali parado, então se inclina na direção da porta e a chuta três vezes com tanta força que dou um salto. Os pelos nos meus braços se eriçam.

A violência me deixa em estado de alerta. É o anúncio de que algo está começando, de que alguma coisa foi libertada.

Ele se vira para mim.

– Eu não quero ir. Está bem? Este é o meu problema, Caroline. Eu nunca quero ir.

– Então o que você quer?

Estou quase chorando, quase berrando, porque não sei. Nunca soube.

Ele se aproxima de mim, larga o casaco na cama de Bridget, segura a estrutura de metal do beliche com as duas mãos. Está com os pés afastados ao lado dos meus, bloqueando a luz do teto. Não consigo ver seu rosto, mas quando ele diz “Eu quero beijar você de novo”, ouço a suavidade em sua boca. Quase consigo sentir.

West toca no meu pé com o dele, prende meu joelho.

– Eu poderia dizer que quero isso porque acho que você precisa de alguém que mostre que não está estragada, que é linda, sexy e safada no bom sentido, como uma pessoa normal. Eu poderia dizer isso, e seria verdade, mas a realidade mesmo é que eu sou egoísta e quero você. Não sei como parar de querer. Só estou muito cansado de tentar.

Ele se mexe um pouco, deixando um pouco de luz passar. A luz ilumina sua orelha e me me deixa ver seus olhos. Estão duros, brilhantes e cheios de algo que vi uma centena de vezes, mas nunca soube o que era. Necessidade. Desejo.

É assim que West fica quando deseja algo.

Quando me deseja.

Não consigo pensar. Só consigo dar conta de respirar. E de olhar para ele.

– Eu te quis desde o primeiro minuto em que nos vimos – continua ele. – Eu te quero agora, e você mal consegue me suportar. *Eu* mal consigo me suportar, e não sei por que você aguenta as minhas merdas. Mas mesmo neste momento em que eu me odeio e em que você está furiosa comigo, ainda quero empurrar você nesta cama, tirar suas roupas e entrar em você. Entrar fundo, e depois mais fundo, até estar tão dentro de você que a gente não saiba mais quem é quem.

Ele se agacha, cruza os braços em cima das minhas coxas e se aproxima. Nossos narizes estão quase colados. Quero virar a cabeça para o outro lado, só que não faço isso. A boca dele fica tão perto da minha que parece que estamos nos beijando quando ele diz:

– É isto que eu quero, Caroline. É isto que eu nunca disse a você. Vejo o seu rosto toda vez que fecho os olhos. No feriado, quando me ligou, eu me masturbei ouvindo sua voz. Eu sou egoísta e não sirvo para você, não tenho nada para oferecer e a minha vida não tem espaço para você. Mas eu te quero mesmo assim.

Estou imóvel. Totalmente paralisada, porque tenho que assimilar o que ele disse.

Não tanto para entender. Vou levar um tempo para isso e, neste momento, não me importo. Só preciso sentir no meu corpo o que ele disse, porque o desejo de West – sua necessidade – está ao meu redor, tocando a minha pele, e meu coração quer guardá-lo.

Fundo e depois mais fundo, exatamente como ele disse.

Então, enquanto ele espera, guardo suas palavras no coração. Sei que não devo, porque não são as palavras certas. É perigoso querer tanto West a ponto de aceitar qualquer migalha que ele me dê – qualquer pedaço profano e estragado dele – e transformá-la em uma carta de amor.

É perigoso, ruim, estúpido e errado.

Eu não me importo. Não me importo.

– West – sussurro.

– Oi.

Nossos lábios estão se tocando. A boca dele roça na minha quando ele fala e depois... Acho que depois significa que isto é um beijo, embora eu não tenha admitido estar aberta a mais beijos.

– Você é um péssimo amigo.

– Nós não somos amigos.

As mãos dele estão no meu rosto de novo, segurando meu maxilar, emoldurando minha orelha, deslizando os dedos pelos meus cabelos.

– Você seria o pior namorado na história dos namorados.

Ele cai de joelhos no chão, envolve meu quadril com um braço e me puxa para mais perto de modo que eu quase caio da beirada da cama, só que ele está ali para me segurar. West está com a boca aberta, a língua quente, me lambendo e pedindo que eu o deixe entrar.

– Não vou ser seu namorado.

– Então o que... O que...

Não é uma pergunta. Não consigo me concentrar o suficiente para lhe fazer uma pergunta, porque estou caindo em cima dele, encontrando um espaço entre seus cotovelos e suas mãos para ficar mais perto dele, o corpo mais junto do dele. Meus lábios se rendem à língua de West. Estou pulsando, quente, alerta, flutuando, perdida e tonta, e isto é melhor do que qualquer coisa.

Ele está com um dos joelhos entre as minhas pernas e me puxa para cima da coxa dele com as duas mãos na minha bunda. West me beija com força, com tanta força que chega a doer, mas eu não me importo, porque tudo o que quero é que ele fique mais próximo. Não me importo que ele puxe a minha cabeça para trás e morda meu pescoço enquanto eu olho para o teto, onde a luz é tão forte

que machuca meus olhos. Fecho os olhos, zonza, e a claridade fica piscando como um estroboscópio por dentro das minhas pálpebras. Como o flash de uma câmera.

Isso é uma loucura.

É imprudente.

– West – digo.

– Caroline – sussurra ele.

– Pare.

Ele para.

Quando levanta a cabeça, seus olhos estão chapados de sexo e sonolentos. Os lábios estão vermelhos, a pele por baixo da barba por fazer no queixo está corada e eu sinto pinicar no ponto do meu pescoço onde ele a estava roçando. Quero que ele faça isso por todo o meu corpo – que o deixe marcado, que me faça sentir cócegas e dor e depois *cure* isso tudo –, e não reconheço essa versão de mim mesma. Não sei quem sou quando fico assim.

– Eu preciso...

Ele põe as mãos nos meus ombros e me afasta. Mas me mantém ali, à distância de um braço.

– Do que você precisa?

– De regras. Limites. Preciso ter alguma ideia... do que seja isto.

Ele olha para baixo, mas seu olhar se fixa nos meus peitos. Olho para baixo também e vejo o sorriso malicioso tomar conta de seu rosto enquanto ele encara meus mamilos duros embaixo da blusa.

– Pare com isso – digo.

– Você está a fim de mim.

– Cale a boca.

– Você está *muito* a fim de mim. Aposto que está molhada agora.

– Aposto que você está duro.

– Parece que o martelo do poderoso Thor está dentro da minha calça.

Ele diz isso com um sorriso.

– O martelo não tinha um nome?

West diz algo parecido com Mol-nir.

– Soletre.

– M-j-o-l-n-i-r.

– Meu Deus. Por que você sabe isso?

– Uma pergunta melhor seria: por que estamos falando sobre isso?

– Por que os homens gostam tanto de falar sobre quão grandes e duros são seus martelos?

– E sobre o que querem fazer com eles. Não se esqueça disso.

Me afasto das mãos dele e me sento na cama de novo.

– É. Tem essa parte.

West senta ao meu lado, mas me dá um tempo para pensar.

Então eu penso. Sobre a mão dele em seu martelo.

– Você fez mesmo aquilo quando nos falamos pelo telefone?

Ele sorri, mas parece um pouco encabulado. Não é uma expressão que eu costume ver em West com muita frequência.

– Quero dizer, de verdade? Não disse isso só para me agradar?

– Se eu quisesse agradar, diria que você fica bem com esta blusa. Ou que seus olhos são bonitos. Alguma coisa que fosse, sabe, legal mesmo.

Olho para meus joelhos e sorrio.

Penso no que quero e de que preciso, o que posso suportar e o que não consigo viver sem.

Talvez eu esteja traumatizada. Talvez esteja sendo irracional. Sei lá.

Mas eu quero West. Qualquer versão dele que eu possa ter, de qualquer forma que ele me dê.

E, de qualquer maneira, se ele estivesse disposto a me dar tudo, eu não poderia aceitar. Como meu pai me lembrou há bem pouco tempo, tenho que pensar no meu futuro. Aí entra a minha reputação, que eu realmente não posso colocar à prova namorando o traficante do campus.

Não quero namorar West. Quero que ele me mostre qual é a sensação de ir mais fundo.

Fundo e então mais fundo. Até o fim.

– Tudo bem – digo. – Eis o que vamos fazer.

Duas vezes por semana. Terças e quintas, das dez às dez e cinquenta da manhã, enquanto Bridget está na aula, West está no intervalo e eu não tenho compromisso nenhum até a hora do almoço.

Não vamos namorar e não vamos contar a ninguém. Essas são as nossas regras.

Na quinta, antes de West aparecer, passei o tempo todo com a cabeça longe. Tipo, eu fico achando que tenho tudo sob controle, mas aí minha mente vagueia como uma criança perdida e eu não consigo evitar. Bridget não para de perguntar o que aconteceu com West, mas não posso contar. Ele e eu fizemos um acordo. E, de qualquer maneira, o que eu diria a ela? Que decidi ser amiga colorida de West? Que ele é meu pau amigo? Que nós vamos fazer um programa de treinamento duas vezes por semana para colocar a Caroline de volta no mercado?

Sou inteligente o bastante para saber que qualquer pessoa acharia a ideia péssima.

Bridget não aprovaria. Meu pai teria um ataque. Os cretinos da internet, previsivelmente, acham que eu sou apenas uma boceta molhada precisando de um pau ou coisa parecida.

Estou ficando meio de saco cheio dos cretinos da internet. Eu sei como as garotas direitas fazem, e não é assim.

Mas, de qualquer maneira, coloco na minha agenda: cinquenta minutos duas vezes por semana, que eu arredondei para uma hora e colori de laranja porque laranja parece ser a cor dele. WEST, digito.

Bridget e eu penduramos luzinhas de Natal na janela do quarto. Vou ao mercado e compro um fio extra para enrolar na madeira da cama e pendurar nas beiradas. Depois que Bridget sai, apago a lâmpada do teto e vou para debaixo do meu cobertor. As luzes brilham, verdes e vermelhas, azuis, amarelas e laranja.

Fecho os olhos e passo os dedos pela pele, pensando em West.

Nunca me senti tão excitada.

Ele aparece logo depois da aula. Bate duas vezes, abre a porta e entra. Está com aquele casaco de novo, um livro e um caderno embaixo do braço. Não olha direito nos meus olhos.

– Estive pensando... – diz, sem preliminares.

Ô-ôu.

– Eu não quero que isso... prenda você. Então acho que devemos combinar que só faremos isso até... até você se sentir pronta. Para alguma coisa normal.

– Tipo... o quê?

– Scott. Você tem que me prometer que quando estiver pronta para sair com Scott, ou com outro cara como ele, alguém que queira levá-la para jantar e, tipo, conhecer seu pai e essas coisas, você vai me dizer. E a gente para.

Com West no meu quarto, acho difícil lembrar quem é Scott ou por que eu desejaria alguma outra coisa além do que está acontecendo. Mas reconheço que ele está tentando agir corretamente. Até onde isso é possível, pelo menos.

Eu meio que adoro isso nele. Ele diz que não é nobre, mas tem o próprio código de ética e precisa de limites, de regras, tanto quanto eu.

Nós vamos fazer isso, mas primeiro vamos encontrar uma forma de tornar a situação aceitável. De fazê-la funcionar.

– Tá beeeem – digo a ele.

Com isso resolvido, ele desamarra as botas e as deixa ao lado da porta. Eu nunca o vi sem elas antes. Suas meias são simples, de cor cinza, e não me dão motivo para criar expectativas. Nenhum motivo.

West deixa suas coisas em cima da minha mesa e pendura o casaco na

cadeira. Tira o celular do bolso e também o coloca em cima da mesa, bem ao lado da cama, perto do meu travesseiro.

Eu vou deitar a cabeça naquele travesseiro. West vai me beijar e então vai olhar por cima de mim para o celular e verificar quantos minutos ainda temos.

Antes, cinquenta minutos pareciam um tempo razoável. Nem muito, nem pouco. Agora, minha sensação é que eu pisco e eles já passaram. Tudo o que fiz foi beijá-lo, mas ninguém beija por cinquenta minutos. Isso é loucura.

Olho para West em busca de conforto, mas ele não está ajudando. Seus olhos encontraram o mesmo ponto mágico no chão que ele ficou encarando na última vez que esteve ali.

Para mim, penso. *Olhe para mim.*

Como ele não olha, vou até o ponto específico que ele se acostumou a encarar e fico ali.

Fico ali porque, loucura ou não, eu me preparei para este momento. Acendi as luzinhas de Natal. Vesti minha calça jeans preferida, uma blusa branca um pouco mais justa do que seria confortável, um sutiã bonito. Escovei os cabelos e deixei-os soltos.

Mas não calcei sapatos. Estou descalça, com as unhas pintadas de rosa, e quero que West veja meus pés e pense no resto do meu corpo nu. Quero que confesse seu desejo de novo, apesar de já ter dito vezes suficientes para que eu acredite. O jeito como me agarrou há dois dias, me puxando para ele... Ainda fico arrepiada só de lembrar.

Sinto mais um arrepio neste momento, vendo seus olhos subirem para as minhas pernas, pararem nos meus quadris, nos meus seios, nos meus lábios. Aquela expressão de cobiça voltou a seu rosto.

Ele *quer* me tocar.

A questão é que nenhum de nós parece saber como.

Parece até que somos virgens, e não uma garota famosa na internet por suas fotos sem roupa e... o que quer que West seja.

Não um virgem, tenho certeza. Noventa por cento de certeza.

Ele senta na cama.

– Venha aqui.

Obedeço.

Sento-me bem ao seu lado, coxa com coxa, e olho para o rosto dele. Por cinquenta minutos, tenho permissão para olhar. Não sei ao certo o que mais tenho permissão para fazer, mas olhar está bom.

O rosto de West é lindo. As luzinhas de Natal lançam um brilho sobre a pele dele, azul na maçã do rosto, vermelho atrás da orelha. Seus olhos, ligeiramente estreitados, parecem cintilar. A palavra que surge na minha cabeça é ávido.

Como se qualquer coisa que eu venha a fazer, não importa o que seja, ele fosse observar, aproveitar, pegar e levar embora.

Gosto de ser o motivo da avidez de West, porque me sinto da mesma forma em relação a ele. O esforço que preciso fazer para não tocá-lo é como um zumbido baixo que estou sempre tentando ignorar.

Só que agora não preciso ignorar.

Assim que penso nisso, meus dedos sobem para tocar seu pescoço. Sinto a aspereza da barba por fazer, a textura irregular que vai ficando mais macia à medida que minha mão desce, até que encontro um ponto em que sua pele parece cetim quente.

– Posso fazer isso?

O que estou realmente perguntando é *Até que ponto posso avançar? Quanto você vai me dar?*

Ele sorri, uma bufada leve que não é nem uma risada nem uma crítica, apenas um ruído satisfeito.

– Pode.

West desenha uma linha ao longo do meu colo, acima do volume dos meus seios.

– Daqui para cima.

Inspiro e sinto a linha subindo. O rastro do toque dele.

Ele acaricia meu braço até a mão.

– E até aqui – diz, roçando o polegar sobre o osso do pulso.

– Aí?

– É onde vou tocar em você.

– Só isso?

Ele lança um olhar longo e intenso para o meu corpo. Cada parte de mim que estava adormecida desperta e diz *Venha, venha, venha.*

Ele dá um tapinha no meu joelho e diz:

– Daqui para baixo.

Escondo os olhos nos ombros dele, querendo reclamar. Ele vai pular as melhores partes.

– Existe algum motivo esquisito e pervertido para isso que eu não esteja compreendendo? – pergunto.

West põe a mão nos meus cabelos e levanta meu rosto para que eu precise encará-lo.

– É só... o que eu quero.

Sua expressão ao dizer isso é cautelosa. Como se confessar o que deseja fosse a coisa mais assustadora que ele fez desde que abriu a porta. Isso me dá a certeza de que ele nem sempre conseguiu definir os limites, nem sempre

estabeleceu os termos. E faz com que eu me pergunte com quem ele esteve antes, e como.

– Quer que eu faça a mesma coisa? – Deslizo o dedo pelo peito dele. – Daqui para cima. – Desço pelo braço até o pulso, parando na pulseira. – Todo este caminho. – Dou uma palmadinha acima do joelho dele. – Daqui para baixo?

– Pode ser. – Ele contrai a coxa sob meu toque, que se transformou em uma carícia no músculo que encontrou. Quero acariciar acima dali, preenchendo minha mão com o jeans macio e o calor firme até chegar à virilha e daí decidir aonde ir. Mapeá-lo com o toque. – Ou você pode apenas seguir o fluxo e confiar em mim.

Tento pensar em algo inteligente ou divertido para dizer. Mas aquelas palavras – *confiar em mim* – acabam com a minha segurança.

Apressadamente, penso nos motivos pelos quais não posso confiar. Mau hálito e cheiros corporais, zíperes fechados, mordidas. As palavras na tabela de controle de natalidade pendurada dentro dos cubículos do banheiro, que eu venho querendo pesquisar mas nunca pesquisei. *Frottage*. Anilíngua. Não sei o que significam, não de verdade. Não sei com quantas garotas West fez sexo, e descobrir isso parece uma necessidade de primeira ordem para poder me comparar com elas desfavoravelmente.

Há camisinhas na gaveta da minha mesa, mas elas podem ser do tamanho errado.

Confiar em mim, ele diz, e eu não consigo desligar meu cérebro. Na última vez que nos beijamos, eu estava chapada, então foi diferente. Agora eu não tenho defesa, nenhuma forma de me esconder da proximidade dos olhos de West, da exposição a eles.

Era assim com Nate. Com o tempo, eu melhorei, mas o descontrole mental costumava estar sempre presente nos nossos amassos, até eu descobrir que ficava menos nervosa se bebesse um pouco antes. Então tentava planejar o máximo possível dos nossos encontros sexuais para festas.

Não lembro se algum dia fui beijada à luz do dia.

Eu não confio nisso. Não confio em *mim mesma*.

– Acho melhor ligarmos o som – disparo.

West suspira, então me empurra para a cama.

Estou deitada de costas, com West em cima de mim, os olhos enevoados, a boca carnuda experiente e segura de si.

– Confie em mim – repete ele, antes de me beijar.

Então fica tudo bem. Muito mais do que bem.

O beijo de West não tem nada a ver com o de Nate. A boca dele é quente e segura, e diz *Cale a boca, Caro. Feche os olhos. Pare de pensar. Sinta.*

Eu obedeço. Não consigo não obedecer. Com a boca de West na minha, sentir é a única coisa que sou capaz de fazer.

Nós nos beijamos. O tempo passa e nós nos beijamos.

Queria transformar este momento em palavras e imprimi-las na memória. O escorregar quente e molhado de língua contra língua, lábios macios e cabeças inclinadas, se ajustando e se reajustando. Essa pulsação linda, essa confusão úmida, esse desejo indistinto, quente e ansioso.

Há mais formas de beijar do que eu imaginava, e eu quero todas elas.

Eu as tenho. Tenho West, sua boca, seu peso, seu cheiro.

Nós nos beijamos.

As linhas que traçamos em nossos corpos para demarcar os limites não têm importância. São apenas fronteiras que precisamos estabelecer em torno desse sentimento que é tão grande que pode ficar assustador, se deixarmos.

Beijar West é colocar as mãos em seus cabelos, em seu pescoço, em volta de seus ombros. É agarrar suas costas quando ele mergulha a língua na minha boca, encontrar sua cintura, enfiar a mão por baixo de sua camiseta para roubar o calor e a maciez de sua pele.

É ele em cima de mim, um peso que nunca é o bastante para compensar o tempo em que não esteve. É a palma da mão dele aninhando minha cabeça enquanto os dedos da outra mão se enroscam na manga da minha blusa, apertando o tecido com força, porque querem perambular pelo meu corpo e ele não vai deixar.

São os olhos claros dele, a íris azul ao redor de pupilas imensas e escuras, os cílios longos e as pálpebras sonolentas.

É o peso suspirante da testa dele contra a minha quando ele precisa respirar.

Calor preguiçoso. Conexão. Segurança e silêncio num lugar onde estive sozinha e amedrontada e onde as vozes na minha cabeça gritavam fazia semanas. Meses. Ele lança um feitiço sobre mim, me joga em um transe maravilhoso em que eu poderia beijá-lo para sempre e ficar perfeitamente satisfeita com isso.

Nós temos cinquenta minutos.

O pensamento funciona como dedos estalando na minha consciência.

Cinquenta minutos. Quantos minutos restam? Sinto os lábios inchados, sensíveis e molhados. Não me lembro de ter beijado por tanto tempo assim. Devo ter beijado, nos primeiros meses de namoro com Nate, certo? Mas quando penso naquela época me lembro basicamente de discussões. Nós nos beijávamos, então ele queria mais, aí eu o interrompia e ele se distanciava, irritado, chateado.

Você não sabe como é, Caroline.

West apoia o próprio peso em um cotovelo, com as pernas e os quadris para

o lado. Não sei se ele está duro. Não me importei com isso, não pensei nisso. Estava ocupada demais beijando.

Provocadora, dizem os cretinos da internet, mas desta vez eles têm razão. Eu simplesmente me esqueci. Eu me esqueci dele.

Interrompo o beijo para olhar as horas no celular. Restam dez minutos. Estamos nos beijando há trinta e cinco, quarenta minutos. Mas dez minutos devem bastar, se precisarmos fazer alguma coisa diferente. Para aliviar West.

A ideia é desconfortável.

– Você está...? – pergunto.

– Hummm.

Ele está beijando meu pescoço. Não presta atenção nenhuma à minha tentativa de questioná-lo.

Enrosco os dedos em torno do couro grosso do cinto dele. Toco na fivela, pesada e ameaçadora. Puxo o couro.

A mão de West cobre a minha.

– O que você está fazendo?

– Se você estiver... você tem aula, então...

West rola para o lado e senta. Ele precisa abaixar a cabeça para não batê-la na cama de cima do beliche.

– Eu tenho aula?

– Eu não quero que você... – Não consigo dizer. – Deixe pra lá.

Ele agarra meu queixo, vira a minha cabeça e me faz olhar para ele. Não me deixa desviar o olhar. É muito irritante, e eu detesto isso.

– Confie em mim – diz. – Eu preciso que isso seja... Preciso que a gente faça isso direito. Você vai me dizer do que gosta e nenhum dos dois vai ficar tentando adivinhar ou fazer coisas que não queira. *Preciso* disso.

Não consigo negar. Nada de que ele precise. Por mais que deteste, preciso dizer a ele:

– Achei que talvez você estivesse desconfortável. De tanto... me beijar. Talvez isso estivesse deixando você... ereto, e como só temos alguns minutos antes da aula, seria melhor eu... terminar.

Ele fica ali sentado, olhando para mim com a testa franzida. Não consigo saber se está irritado ou frustrado, confuso ou talvez desejando estar em outro lugar. Com alguma garota que não fosse tão esquisita e cheia de questões.

Então West se inclina na minha direção, me segura pela cintura e me puxa para o colo dele.

Beija os meus cabelos, bem ao lado da minha orelha.

– Ele realmente estragou você, não foi?

Penso em dizer *Quem?* ou *Não*, mas estou tremendo, com um gosto amargo

na boca, então, sim. Acho que sim.

– Preciso ir daqui a pouco – diz West, baixinho. – Não quero, mas preciso.

– Eu sei.

– Eu gosto de beijar você, Caro. – Ele leva os lábios ao meu pescoço. Os braços estão nas minhas costas, a mão pesando no meu quadril. O peso desse toque é perfeito. – Você gosta de me beijar?

– Gosto.

– Ótimo.

A boca dele desce até meu ombro, para o pedaço de pele exposto na gola da minha blusa. Segue para a parte de trás da minha orelha e sua respiração me faz estremecer. Sua boca finalmente encontra a minha, e nossos lábios se colam de novo, quentes, molhados e perfeitos. Perfeitos.

– Você gosta disso?

A voz dele é um grunhido baixo e explícito como dedos entre as minhas pernas.

– *Gosto*.

– Então é isso. Você gosta. Eu gosto. Começo, meio, fim. Não tem o que terminar. Por ora isto aqui é tudo.

Como West está me beijando de novo, não consigo decidir se o que disse é verdade. Apenas enrosco os braços no pescoço dele, enterro os dedos em seus cabelos, contorno sua orelha com a ponta dos dedos e o beijo de volta sob as luzinhas de Natal, na nossa caverna. Beijos caçando beijos, mãos e bocas.

Tudo. Tudo.

E então nosso tempo acaba. Demoro para me dar conta de que o bipe que escuto é o telefone dele.

– Você programou o despertador?

– Eu sabia que não iria parar de outra forma.

Relutantemente, ele me tira do colo, pega o celular e silencia o alarme. Então se levanta, ajeita o cinto e calça as botas.

Quando ergue a cabeça, seus olhos estão sonolentos e sensuais, os lábios inchados, o rosto corado. Olhar para ele faz alguma coisa louca comigo, me causa uma sensação quente e molhada entre as pernas, um calor que se espalha pelo meu corpo. Queria ter desabotoado a camisa dele quando tive a chance. Ter visto mais dele. Ter me encostado contra a pele nua dele.

Da próxima vez. Meu Deus, espero que haja uma próxima vez.

– Você vai à padaria esta noite? – pergunta ele.

– Vou.

– Legal. Eu volto na terça. Se você quiser.

– Eu quero.

Ele pega o casaco na cadeira e veste. Quando está com a mão na maçaneta, diz:

– Só para você saber, Caro...

– O quê?

– Duro como uma pedra.

Ele sai pela porta e eu ainda estou sorrindo feito uma idiota quando Bridget volta da aula.

Terça-feira.

Cinquenta minutos.

Lá fora, o céu está escuro. Os flocos de neve caem inclinados, cinza e tristes. Pus Bing Crosby para tocar apenas para fazer West balançar a cabeça e fingir lamentar meu péssimo gosto musical.

Seus cabelos estão frios e úmidos, e o nariz está gelado quando encosta no meu, mas os lábios estão quentes. Seu sorriso, mais quente ainda. Estamos no quarto escuro, a cama cercada de cores, os pés entrelaçados, o corpo dele pressionando o meu.

Trocamos beijos lentos e profundos que vão ficando cada vez mais profundos.

Levanto a camisa dele e acompanho o caminho da coluna até o pescoço. Os músculos dos ombros se flexionam ao meu toque. Volto para baixo. Minha camisa se levanta. Nós nos beijamos e nos beijamos, e eu dou um jeito de me mexer até minha barriga nua tocar a dele.

Está sentindo isto? A sua pele e a minha?

Porque eu estou sentindo em todos os lugares.

Eu quero isto. Quero você.

Deslizo as mãos pelas laterais do corpo dele. Pelos seus ombros, por dentro das mangas da camisa até os bíceps rijos. Os quadris dele vêm na direção dos meus, a fivela do cinto me beliscando. Cravo as unhas na pele dele e me abaixo mais um pouquinho, em busca de um alinhamento melhor.

Em busca da pressão entre as minhas pernas.

Quero saber o que faço com ele, o calor do que fazemos um com o outro.

Quando chego lá, ele geme e morde meu lábio. Seus olhos estão cerrados e suas narinas se alargam enquanto ele respira profunda e rapidamente.

– Caroline.

Eu me levanto contra o monte quente dentro da calça jeans de West, adorando ser capaz de provocar isso nele. Adorando a pressão, o peso, a forma

como seus beijos ficam mais profundos e mais desesperados e como nós nos movemos juntos, em movimentos sincronizados.

Não é sexo. É melhor do que sexo.

É West.

Quinta-feira. Estou com uma blusa que é uma piada. É um modelo feito para cair no ombro e se usar por cima de outra blusa, mas não digo isso a West, e assim que nos deitamos para começarmos a nos beijar, ela desliza pelo meu ombro e expõe a alça do sutiã e um pedaço do bojo. Renda vermelha.

Vamos lá, West. Fique tentado.

Tudo está mais rápido desta vez. Nosso primeiro beijo é faminto e eu adoro isso, porque senti saudade dele, saudade disso. Não pensei em mais nada durante dois dias. Suas mãos estão desesperadas, subindo e descendo, se enfiando nos meus cabelos, voltando para os meus braços. Famintas.

Não é mais suficiente. Os limites que ele desenhou no meu corpo se apagaram. Eu quero mais. Nós dois queremos.

Não preciso ser ardilosa para posicioná-lo entre as minhas pernas. Puxo seu cinto e ele está em cima de mim, tão duro e quente quanto eu me lembrava, mas melhor. Muito melhor. A forma como ele se levanta de repente para olhar para mim... Os olhos dele sob aquela luz, sem segredo nenhum. Minha barriga está exposta, metade do bojo do sutiã, aparecendo e as mãos dele tremem nos meus pulsos enquanto ele os cruza acima da minha cabeça, sobre o travesseiro.

Eu nunca me senti tão desejável. É como uma droga nas minhas veias, um êxtase vertiginoso que me faz sorrir para ele, que me deixa poderosa.

Faça alguma coisa, ordeno com os olhos e os pequenos e incansáveis movimentos dos quadris. *Faça alguma coisa ou eu farei.*

Ele abaixa a cabeça, fazendo os cabelos caírem no rosto, e me beija de novo com tanta força que jogo minha cabeça para trás. Todo o meu corpo se arqueia para cima, indo na direção dele. Estou molhada, e quero os dedos dele. Quero toda a mão dele dentro da minha calça jeans, dentro da minha calcinha. Quero a boca dele nos meus seios, quero passar por todas as etapas na próxima meia hora.

– Por favor – peço.

West respira na minha orelha. Lambe o lóbulo. Me morde.

– Isto não é uma blusa.

Sorrio na direção da cama acima de mim.

– Por favor.

Ele senta de novo.

– Tire.

Com todo o prazer, obedeço, e de repente suas mãos estão... por toda parte.

Por toda parte, mais de uma vez.

Meu sutiã tem o fecho na frente. Mostro isso a ele, solícita, e então o sutiã desaparece e ele está me beijando de novo, com a camiseta com a faixa laranja atrás atrapalhando, a palma da mão quente sobre o meu seio. Dedos compridos. Mãos maravilhosas, capazes, inteligentes. Ele sabe exatamente o que fazer. Exatamente.

– Tire isso – digo, puxando a barra da camisa, e ele obedece.

Depois joga a peça no chão, volta para cima de mim, pele contra pele. Estamos nus da cintura para cima. *Ah, meu Deus, é a melhor coisa que aconteceu a alguém em toda a história do Universo.* Deslizo as mãos pelas costas dele. West traça uma trilha de beijos da minha boca ao meu maxilar, então até o pescoço.

Ele lambe meu mamilo e eu morro. Simplesmente morro.

Somos mãos e braços, luzes coloridas sobre pele macia, calor e suor no quarto abafado. Somos bocas beijando, quadris pressionando, tensão crescente entre as pernas.

– Ah, isto aqui não pode estar bom para você – diz ele, desafivelando o cinto, arrancando-o do cós da calça, atirando no chão.

Ele é um caubói, e o cinto, um chicote. São os quatro segundos de ação mais sensuais que já testemunhei.

Sinto falta da fivela dele pressionando minha barriga, mas não por muito tempo, porque logo ele está tocando os meus seios, me observando, descobrindo do que eu gosto. Me toca lá embaixo, pressiona meu clitóris com os dedos por cima da calça até minha boca se abrir e eu estar arfando, constrangedoramente molhada. Sou pega de surpresa, porque já gozei com um cara antes, mas nunca com fricção, nunca vestindo uma calça jeans. Nunca tão fácil. Não reconheço esse salto do bom para o ótimo e então para o inacreditavelmente incrível, mas West deve reconhecer, porque descobre os ângulos e se coloca sobre mim no ponto exato, tão duro, tão perfeito, até eu estar me desmanchando contra sua rigidez, suas mãos e sua boca. Ah, meu Deus, a boca.

Quando o despertador toca, ainda estou recuperando o fôlego e ele sorri como se eu tivesse lhe dado um prêmio.

Acho que talvez *ele* tenha me dado um. Não foi o orgasmo – embora isso também tenha sido ótimo. Foi me mostrar que pode ser tão *fácil*.

E ele faz de novo antes de ir embora, com a coxa entre as minhas pernas e a boca nos meus seios. Penso que vai se atrasar para a aula, mas meu corpo todo

está mole e há partículas de suor acima do meu lábio superior, que ele lambe quando me dá um beijo de despedida.

Põe as botas de novo e corre os olhos pelo meu corpo seminu, quase desfalecido de prazer.

Nunca me senti tão linda.

Foram os cinquenta minutos mais curtos da minha vida.

O fim do semestre chegou, e não estou preparada. Em setembro, atravessar os dias, manter a cabeça erguida e seguir em frente parecia uma meta impossível. Não sei ao certo quando deixou de ser impossível, mas tenho certeza de que a diferença tem tudo a ver com West.

É semana de provas finais, o que significa que não temos aula. Também não há horários a cumprir, a não ser por algumas provas em sala que preciso fazer.

Sem meus encontros com West às terças e quintas pela manhã.

E o pior é que não o verei por um mês inteiro. Ele vai passar um tempo na casa dele, em Oregon. Meu pai vai nos levar, Janelle, o noivo e eu, a St. Maarten para o Natal, depois vou esperar o começo do próximo semestre em casa. No último ano, passei a maior parte das férias de inverno com Nate. Agora parece que tenho um vácuo entediante à frente – nada a esperar e muita coisa a temer.

Embora não tenhamos aula, West precisa trabalhar, é claro, então eu o vejo na padaria, na biblioteca e na casa dele. Bridget e eu temos passado bastante tempo com Krishna e Quinn, e com West quando ele está por perto. Nós cinco meio que nos transformamos em uma unidade.

Eu não havia me dado conta de como sentia falta de fazer parte de um grupo de amigos até ter um de novo. Existe uma imprevisibilidade nisso, um potencial de diversão – ou pelo menos existem pessoas com quem conversar, algo interessante para ouvir. Quando éramos apenas Bridget e eu, nós duas estávamos sempre nos mesmos lugares. A gente se divertia, mas acho que eu ergui uma espécie de fortaleza depois de agosto, e nós estávamos atrás dos muros.

Agora, atravessando o campus, cruzo com Quinn. Ela está tentando me convencer a comprar um par de tênis de rúgbi. Está planejando uma grande festa para logo depois das férias e quer que eu a ajude a organizar. Desde o final do ano passado, ela é a única responsável pelo time de rúgbi. Acho que quer me recrutar.

Saio da aula de latim e vejo Krishna, e nós dois seguimos na mesma direção, falando sobre nada em especial. A programação na TV. Coisas que a mãe dele mandou pelo correio. O que ele vai fazer no Natal.

As fotos ainda existem, porém não são mais a única coisa que vejo quando

olho ao redor. O primeiro relatório que recebi da agência que contratei tem apenas uma página, com bem poucos detalhes. Eu o desconsidero, feliz por esse assunto agora ser responsabilidade de outras pessoas.

West preenche quase todo o espaço da minha mente que as fotos costumavam ocupar. Ele me desconcentra quando estou tentando revisar minhas anotações na biblioteca. Passa empurrando seu carrinho cheio de livros, com fones de ouvido, levantando as sobrancelhas para mim em um cumprimento discreto.

Basta uma olhada de relance para aquele sorriso e eu saio do ar, volto para a minha cama, embaixo das luzinhas. Embaixo dele.

Não consigo me concentrar nem por uma hora.

Durante nosso horário de encontro de sempre na terça, fico olhando para a minha cama, surpresa com o tamanho da minha saudade. Na noite seguinte, nos encontramos na padaria, mas Krishna está lá e eu não posso tocá-lo. Não poderia, de qualquer maneira. Não na padaria. Não na biblioteca. Não em nenhum lugar onde alguém possa ver.

Sento no meu cantinho no chão, lendo meus fichamentos de latim, e quando olho para cima ele está me encarando do outro lado da mesa.

Tem farinha na parte de cima do nariz. Espalhada pelos antebraços.

Está de calça jeans e botas, pesando ingredientes, limpando tigelas, enchendo latas com sacos de 25 quilos de farinha. Não consigo parar de pensar em uma cena que vi uma vez em um filme, em que um homem e uma mulher faziam sexo com ela sentada na beirada da mesa, ambos completamente vestidos.

Sem dúvida, não seria higiênico, mas acho que eu não me importaria.

– O que você pretende fazer quando sair daqui? – pergunta West.

Está chegando o final do turno. Krishna foi embora. Ele terminou todas as provas e vai para Chicago, passar o feriado com a família.

– Vou tirar um cochilo e depois preciso fazer minha redação de inglês.

– É a última coisa que você precisa fazer, né?

– É. Tenho que entregar na sexta.

– Você vai conseguir dormir?

Ele pergunta isso porque a família de Bridget – o pai, a mulher dele e uns enteados – virá buscá-la de manhã bem cedo e o quarto vai virar uma zona.

– Espero que sim.

– Você pode dormir no nosso sofá. Fazer o trabalho lá.

– É?

– Claro. Por que não?

Enquanto West lava a louça, eu fico sonolenta. Acabo dormindo com a

cabeça encostada no balcão da pia. Acordo uma vez quando alguém aparece para comprar maconha e outra quando West apoia uma panela com força.

Na caminhada até o apartamento dele, eu me sinto bêbada. Caio no sono no sofá enquanto ele toma uma ducha e mal acordo quando ele põe um cobertor sobre mim, beija a minha testa e diz:

– Durma bem.

Acordo tremendo de frio.

O cobertor caiu no chão e o apartamento está gelado. Do lado de fora neva muito. Penso em Krishna na estrada e torço para que esteja bem. Mas a manhã parece já estar no final e a esta hora ele provavelmente chegou ao destino.

Pego o cobertor, enrolo nos ombros e me levanto.

Paro na porta do quarto de West, ainda sonolenta, e olho para ele.

West é um calombo embaixo de um edredom infantil, azul-escuro com estampa de foguetes e planetas. Certa vez, perguntei se ele o havia comprado em um brechó e ele me olhou com uma expressão estranha.

– Trouxe de casa – respondeu, como se fosse algo que todo mundo fizesse.

Como se todos pegássemos o edredom de quando éramos crianças e o levássemos para a universidade. Quase todas as pessoas que conheço se esforçam ao máximo para separar a infância da universidade, para provar que cresceram e que aqueles anos estão no passado remoto. West, não.

Não é por ele ainda ser criança. Eu me pergunto se não é por nunca ter sido.

Sou incapaz de imaginar a infância de West. Incapaz de imaginar qualquer coisa da vida dele fora daqui.

O quarto é quase vazio. Sem decoração, sem luzinhas de Natal. Sem qualquer sinal de que ele é amado ou que ama alguma coisa.

Não é convidativo, mas são nove horas da manhã, segundo o despertador dele. Quinta-feira. Estou descalça, enrolada no cobertor de flanela azul do sofá, e me sinto convidada.

Convidada por ele.

Subo na cama dele e tiro a calça jeans. Levanto as cobertas e deito por trás dele.

Passo o braço por cima de seu corpo e o aninho. Encaixo os joelhos atrás dos joelhos dele. Ele está sem calça. Os pelos de suas pernas fazem cócegas nas minhas coxas e por um momento eu me pergunto se deveria estar fazendo isso. Se ele vai ficar bravo comigo por tomar esta liberdade.

Mas foi West que deu um jeito de ficarmos sozinhos, e aqui estamos, prestes a não podermos nos ver por um mês.

Eu faço isto principalmente porque é ao lado de West que quero estar.

Com a cabeça no travesseiro dele, consigo ouvir sua respiração, lenta e

tranquila. Ele está quente e pesado, seguro e perigosamente essencial.

Fecho os olhos. Ele cheira a pão e sabonete.

Caio no sono.

Quando acordo, trocamos de posição. Ele está de conchinha atrás de mim e a energia está diferente.

Ele está acordado.

Todo o seu corpo está acordado.

– Caroline – diz ele, a voz é baixa e rouca, em um tom que nunca ouvi antes.

– Mmm?

– Você está na minha cama.

– Estou. Estava parecendo aconchegante.

– São dez horas. Quinta-feira.

Eu me viro de barriga para cima e ele vem para cima de mim, levantando meu braço acima da minha cabeça. Nossos olhos se encontram, e então nossos lábios.

O beijo é sonolento, preguiçoso, mas insistente. *Você está na minha cama.*

É assim que sou beijada na cama dele.

Estou usando uma camiseta qualquer. Meu sutiã é sem graça e branco. Seria legal se eu tomasse um banho. Estou com bafo matinal.

Ele me beija como se eu fosse deliciosa.

Tira as minhas roupas como se fosse encontrar algum tesouro incrível embaixo delas, então acaricia meu corpo nu como se dissesse *Isto*. É isto. *Você.*

West tira a camisa. Ele é lindo – bronzeado e perfeito, musculoso e magro. Adoro seu bíceps. Mordo seu ombro. O sabor dele é limpo e vivo, como tudo o que quero.

Em alguns minutos, West está apenas de cueca *boxer*, e eu, de calcinha, e me contorço. Realmente me contorço. Não é algo que eu acreditasse ser capaz de fazer, mas com West não é sequer uma escolha, é apenas algo que acontece. Nossas línguas estão entrelaçadas, minhas mãos estão na bunda dele, puxando-o para mais perto, mais perto, sempre mais perto.

Estou tão molhada... A ereção dele está sondando, empurrando minha calcinha alguns milímetros para dentro com o peso do corpo e a pressão lenta e intermitente. Duas camadas finas de tecido entre nós, úmidas, escorregadias, imateriais. Nossos quadris acompanham o ritmo das nossas bocas, nossas línguas, nosso desejo.

Preciso dele. Preciso dele. Não consigo pensar em mais nada. Minhas mãos acham o elástico da cueca e deslizam para dentro, ao encontro da firmeza dele.

– Meu Deus – diz ele, com o rosto no meu pescoço. – Não faça isso.

Tiro as mãos, desencorajada. West olha para mim. Beija minha testa franzida,

a ponta do meu nariz, meu queixo, minha boca.

– Não, não foi isso que eu quis dizer. Você está me matando, só isso.

– É isto que eu quero: matar você.

Eu quero você dentro de mim. Fundo. Mais fundo. Por favor.

As palavras estão presas na minha garganta e eu não consigo me obrigar a dizê-las. Não consigo pedir.

– Quero fazer você gozar – diz ele.

Isso também seria excelente.

West desliza a mão pela minha perna e eu deixo escapar um som que parece um guincho. Acho que ele gosta, porque me beija com força. A mão dele recomeça, deslizando do meu pescoço até o ombro. Percorre minha clavícula até segurar meu seio, roçar lentamente a palma por cima do mamilo e descer até a cintura, o umbigo.

– Preciso tocar em você.

– Por favor.

Ele se vira de lado, deixando a coxa por cima da minha, o cotovelo ao lado do meu braço. Respira no meu ouvido enquanto acaricia meus seios com as costas da mão. Roça meus mamilos para cima e para baixo. Traça círculos, padrões aleatórios, até eu estar prestes a gritar, porque a ansiedade está me matando. Eu imploro: *West, por favor, por favor*, e ele cede. Desliza a mão lentamente – uma lentidão agonizante – até a minha barriga. Por cima do umbigo. Até o elástico da calcinha, um modelo ridículo de algodão com listras vermelhas e brancas, com azevinhos e um desenho de Papai Noel, a calcinha menos sexy do mundo.

Eu não sabia que estaria aqui, que isto iria acontecer. Não fazia ideia do que esta manhã me traria. Este levantar cuidadoso do elástico. Esta espiada maliciosa, experiente e sacana.

Eu jamais teria imaginado a sensação da mão de West segurando meu sexo em concha. Os dedos dele me abrindo, traçando as formas secretas do meu corpo, o som da voz dele dizendo *Caralho, Caro*, como uma oração e um elogio.

Ele enfia um dedo dentro de mim. E então outro. Quando põe o terceiro, solto um gemido e ele encontra meu clitóris com o polegar. Arqueio o corpo na cama, deliciosamente surpresa.

Tenho a sensação de já ter feito isso antes, mas tudo parece completamente novo e impressionantemente diferente. É tão bom que chega a doer, incomodar, e eu detesto, mas isso não chega nem perto de quanto eu adoro.

– Você gosta disto – diz ele.

Eu mio. Como uma gata. E o sorriso dele é tão convencido que levanto a mão para lhe dar um tapa de brincadeira, mas West muda a posição dos dedos

dentro de mim e eu acabo puxando-o pelos cabelos para mais perto, beijando-o com tanta força que nossos dentes se chocam e eu mordo a língua. Não me importo. Não neste momento em que o polegar de West circunda meu clitóris com um pouco de força de mais, mas é como eu prefiro. Neste momento em que os dedos dele entram e saem de mim num ritmo constante que deixa meu corpo desesperado e faminto.

– Esta é a minha garota – diz ele, quando preciso virar o rosto porque não consigo me concentrar em beijar, não consigo respirar, não consigo fazer nada além de me contorcer em sua mão, inconscientemente, como um animal. – Isso, isso...

Quando gozo, a sensação vai crescendo, e crescendo, até eu achar que vou morrer, e então eu morro mesmo, e é tão incrível que chega quase a ser doloroso. West me observa o tempo todo e agora eu sinto apenas a parte gostosa, a parte que é prazer puro. Sinto em um único empurrão, uma onda, um turbilhão que me captura, me puxa para dentro e depois me liberta.

Eu flutuo.

– Ah, meu Deus – sussurro, quando consigo falar de novo.

Minha voz está fraca. Estou suando nas dobras internas dos cotovelos, nas axilas, nas têmporas. A umidade no meio das minhas pernas desceu pelas minhas coxas, e sinto o cheiro de sexo.

Nate o chamou de “cheiro de peixe” uma vez. Ele fazia piada com isso.

Vá se foder, Nate, penso rapidamente, mas sem qualquer rancor.

Com toda a sinceridade, eu não me importo mais.

Estou me sentindo tão bem...

Não era assim com Nate. Eu gozava, mas era uma meta que precisava ser atingida. Um obstáculo que devíamos transpor para passar para o próximo compromisso, depois o próximo. Nunca foi este... este êxtase, esta coisa que West e eu compartilhamos, uma consequência natural de estarmos juntos, em vez do resultado de nossos esforços obstinados.

– Ei, cadê você?

West está apoiado no cotovelo ao meu lado, com a mão aberta sobre a minha barriga, descansando. Pobre mão, deve estar exausta. Dou um tapinha nela e entrelaço nossos dedos. Ele sorri e desliza o cotovelo pelo colchão. Estou cansada demais para fazer qualquer coisa além de olhar para ele. O rosto, o peito, a barriga, a cueca cinza-escura com o volume intrigante e um ponto molhado ainda mais intrigante.

Nunca o toquei lá. Sempre tive medo de que haja regras que eu não conheça. Como se esperasse que alguém aparecesse com um livro chamado *Como tocar*

no pênis de West e eu pudesse estudá-lo até me sentir confiante, uma especialista.

Mas agora chega. Nesta cama, neste casulo, tenho permissão para tocá-lo. Para aproveitar a força da inspiração dele, das pálpebras baixas, dos dentes mordendo o lábio.

Tenho permissão para percorrer com os dedos o caminho da felicidade, com a barriga colada à dele, os seios pressionando seu peito, a mão aberta deslizando para dentro da cueca dele, ansiosa pelo que vai encontrar.

Duro. Quente. Grande. *Meu Deus*.

– Você parece uma fornalha – digo, e ele ri.

Pelo menos acho que é para ser uma risada. Ele parece estar sofrendo. Quero fazer com que pare de sofrer.

Fecho a mão em volta dele e acaricio de forma experimental, observando seu rosto para ver se ele está gostando. Não é minha primeira experiência nessa área, mas não quero ser ineficiente. Quero dar-lhe o que ele me deu.

Quando acaricio de novo, ele abre a boca e joga a cabeça para trás.

Tudo bem, então. Como isso parece funcionar, continuo até West fazer um barulho que interpreto, oficialmente, como um gemido, mas é tão sexy que quase morro. Encontro o ponto molhado na cabeça do pênis dele, deslizo a palma da mão por ele e a escorrego para baixo. De repente a mão de West está lá, passando rapidamente pela minha, segurando com força.

– Eu... você quer que eu...

– Está perfeita. Totalmente perfeito. Não pare.

Então faço a mesma coisa mais algumas vezes, acariciando e alisando, deixando-o escorregadio. Ele começa a puxar minha mão com mais e mais força, o rosto ficando cada vez mais corado. Adoro isso. Eu o observo, ansiosa por mais sinais de que ele está gostando. Eu o beijo, querendo derrubá-lo de um precipício como ele fez comigo, mas West não consegue me beijar de volta, e eu deduzo que é por não ser mais capaz de se concentrar.

Isso me faz sorrir.

Acelero os movimentos da mão. O rosto dele está tenso, ardente e maravilhoso.

– Caroline. – Ele cobre os olhos com o antebraço e a mão dentro da cueca cobre a minha, guiando o meu ritmo, apertando com uma força maior e mais cruel do que qualquer coisa que eu ousaria fazer sozinha. – Assim. Isso. Vou gozar. Não pare.

Como não consigo decidir o que observar, observo tudo. Nossas mãos trabalhando juntas. A cabeça do pênis espiando entre as duas, os quadris dele levantando da cama, a expressão de abandono em seu rosto quando ele chega ao

orgasmo, molhando as nossas mãos, os meus quadris, a barriga dele. Eu o ouço gemer, sinto o corpo dele se arquear embaixo do meu, sacana, sexy e glorioso.

Quando acaba, os braços dele caem ao longo do corpo e me puxam para o seu lado. Ele solta a minha mão, relaxa os dedos. Relaxa o rosto. Puxo o cobertor sobre nós.

Fico ouvindo o vento do lado de fora, a neve batendo na janela em milhares de toques minúsculos.

Penso nas fotos que já vi na internet. Paus brilhantes, cabeças rosa-arroxeadas, expelindo sêmen. Então penso no que acabamos de fazer. Em como ficaria em uma foto. Mas uma foto nunca seria mais do que uma sombra do que fizemos. Do que somos juntos. Seriam apenas partes, mas não é isso que importa, e sim o todo. O todo de mim e West. A sensação.

West é perfeito. Fotos mentem. Não consigo entender por que não compreendi isto antes: aquela na internet não sou eu. São apenas imagens idiotas. Uma mentira que Nate está decidido a contar para o mundo.

Aquelas fotos são sobre ele, não sobre mim.

– Como está se sentindo? – pergunta West.

Nunca vi o rosto dele tão relaxado. Beijo o canto de sua boca, que se abre num sorriso enviesado.

– Bem – respondo.

O sorriso dele aumenta.

– Bem? Não ótima, Caroline Piasecki?

– Sim, ótima. Foi muito melhor do que imaginei – digo, e beijo seu queixo.

Aquele sorriso pretensioso.

A risada dele é suave como o seu rosto.

– É melhor eu limpar esta bagunça.

Ele se levanta, vai até o banheiro, junta uma calça jeans no caminho e me atira uma toalha para eu me limpar. Ouço o barulho de água correndo.

– Quer comer alguma coisa? – pergunta ele. – Acho que tenho macarrão instantâneo com frango. E trouxe um pão da padaria.

Olho para o relógio, surpresa ao ver como é tarde. Nossos cinquenta minutos acabaram, mas não há despertadores tocando desta vez. Nenhum muro subindo.

– Sim, parece ótimo.

Puxo as cobertas até o queixo e me concedo três minutos para aproveitar o coração batendo animado, guardando lembranças para as semanas solitárias à frente.

– Tenho uma coisa para você – digo a ele.

West está sentado na beirada do colchão, calçando as meias. Daqui a pouco vai fazer macarrão com frango para mim, o que, preciso admitir, é o máximo, embora o processo envolva apenas um pouco de água quente.

– Eu não preciso de nada.

Há certa tensão na forma como ele pronuncia as palavras, e, quando olha na minha direção, sua expressão é cautelosa.

Não deixo isso me perturbar. Talvez West simplesmente não ganhe muitos presentes. Sento do seu lado e pressiono os seios em seu braço, beijando-lhe o pescoço.

– Não seja rabugento. Espere aí, vou lá buscar.

Saio do quarto só de calcinha, a calcinha com estampa natalina, e reviro a bolsa com a bunda para cima, me exibindo porque sei que ele pode me ver e estou me sentindo muito bem. Muito feliz.

Quando volto, entrego a ele o livro que comprei, embrulhado em um papel com estampa de renas e fechado com um laço dourado brilhante. Ele põe o embrulho no colo, relutante, talvez esperando que eu lhe dê o cartão que tenho na mão, então faço isso.

West abre o cartão primeiro, arrancando-o pela lateral de uma forma que ele se dobra e sai meio amassado. O dinheiro cai. Duzentos dólares em notas de vinte, voando em uma pilha desordenada em cima do livro.

– O que é isto?

Quatro palavras, mas a forma como ele as pronuncia me faz estremecer. Alguma coisa está errada.

Alguma coisa está errada, e eu de repente me sinto assustada, pequena. Envergonhada por estar ali parada, quase nua, na frente de West, vestido e fechado. Com West parecendo tão irritado.

Procuro meu sutiã.

– Você devia ter aberto o presente primeiro – brinco. – Quem começa pelo cartão?

– Eu começo.

Consigo encontrar o sutiã e começo a vesti-lo, ajustando o fecho, quando a mão de West se fecha ao redor da minha panturrilha.

– Caroline. Para que é isto?

Ele faz a pergunta lenta e deliberadamente, alongando cada palavra. A fúria se evidencia nas linhas do seu rosto.

Não consigo imaginar o que ele acha que eu fiz. Caridade? Pena?

– O empréstimo. – Digo a mim mesma para ficar em silêncio, mas não consigo parar de falar. Vendo como ele está irritado, começo a tagarelar: – Desculpe por não ter mais. Só consegui economizar isso nas últimas seis

semanas, com o Natal chegando. Espero que você não seja daquelas pessoas que acham livro um presente ruim, porque eu comprei livros para todo mundo este ano. Mas achei que você fosse gostar. É sobre a ciência do pão, e tem um capítulo que... O que foi?

Ele relaxou. O alívio em seus olhos – em todo o corpo – é palpável.

– Caramba, West, o que você pensou que fosse?

Ele não responde. Fico esperando que algo aconteça e ele abre o livro, folheia as páginas. Acho que se fosse em latim ou se estivesse em branco ele não perceberia. Está se recompondo e eu me sinto constrangida por ter ficado parada ali enquanto ele claramente demonstra que gostaria que eu estivesse em outro lugar.

– É maravilhoso – diz West, depois de um longo e embaraçoso minuto. – Obrigado. – Uma pausa. – Você não precisa me pagar.

– Claro que preciso.

Ele enfim levanta os olhos.

– Prefiro que não pague.

Não sei bem como responder a isso. Estou muito confusa, mas ele larga o livro em cima da cama e põe as mãos nos meus quadris. Me puxa para o meio das pernas e apoia o rosto na minha barriga.

– Sério – continua ele. – Não quero que pague.

As mãos dele deslizam sobre minha bunda. Estou preocupada com o que aconteceu, mas o toque dele me tranquiliza. Funciona como uma distração eficiente. Tenho certeza de que ele sabe disso.

– Eu não comprei nada para você – sussurra ele.

– Tudo bem.

– Eu já disse que adorei esta calcinha?

– Esta? Por quê?

– Ela está em você.

Rio. Como não sei bem o que fazer com as mãos, eu as apoio no alto da cabeça dele.

– Achei que você fosse fazer macarrão para mim. Pode ser meu presente.

Ele engancha um dedo no elástico da minha calcinha, puxa para baixo, segue o dedo com o nariz e inspira.

– Tenho uma ideia melhor.

Dou tapinhas no ombro dele. Um deles se transforma em um carinho.

– West...

Alguma coisa aconteceu. Eu gostaria de pressioná-lo, mas a verdade é que tenho medo, e agora ele está com as mãos dentro da minha calcinha. As palmas são grandes e quentes, e a respiração é uma provocação que me faz pensar em

sua língua. Penso que nunca gostei de receber sexo oral, mas, com West, tudo é diferente.

Com West, tenho a sensação de que vou gostar.

– Volte para a cama – ordena ele.

Eu obedeço.

E, ah, meu Deus. Eu gosto.

Mais tarde, a campainha toca.

O vento lá fora diminuiu, mas ainda está nevando. Estou no sofá de West, com o laptop no colo aquecendo as minhas pernas e a mente voltada para poesia romântica, vasos gregos, Mont Blanc. Olho a parte de trás da cabeça de West, que está sentado no chão perto de mim estudando equações para a prova final de física. Tento decidir se o sublime traduz claramente este momento. Este brilho no meu corpo, o meu carinho pelas orelhas dele, a forma como meus dedos querem repousar sobre ele enquanto penso no próximo parágrafo que vou digitar.

O toque da campainha não faz nenhum sentido. Não consigo imaginar por que alguém sairia com esse tempo ou por que alguém além de West e de mim poderia estar ali.

Mas, quase de imediato, ele se levanta, tira o celular do bolso e confere suas mensagens ou seus e-mails.

Ah, sim, ele é um traficante.

– Você está esperando alguém?

A padaria estava bem movimentada ontem à noite, cheia de alunos querendo garantir seu estoque de maconha para o mês inteiro de encontros com os pais e festas com os antigos amigos do ensino médio.

– Não.

Ele vai até a porta e bloqueia minha visão da escada de emergência. O apartamento fica no segundo andar, em cima de uma loja de presentes e roupas femininas. O patamar da escada do lado de fora é pequeno e do sofá a visão para a porta é melhor do que do meu canto na padaria. Consigo ver dois vultos na frente de West.

Não sei bem por que me levanto. Acho que não quero me sentir distante dele hoje. Estou ficando menos disposta a desviar os olhos de coisas que me deixam desconfortável e simplesmente fingir que elas não estão acontecendo.

Isso vai parecer estranho, mas é um pouco por causa do pênis de West também. O que quero dizer é: eu tinha medo de tocá-lo sem orientações claras. Medo de não ser boa nisso ou de fazer tudo errado. Mas veja como deu certo quando toquei.

Tenho medo desta parte da vida dele, mais medo do que tinha de tocar nele. Este West que desobedece às regras, que poderia ser preso e condenado. Eu nem sei por que ele faz isso. Só pelo dinheiro? Porque quer? Porque quer provar que não tem medo?

Ou talvez faça isso porque gosta. Ele tem muito mais experiência que eu em certas coisas – sabe palavras que eu não sei, conhece mistérios sobre sementes e resina, peso e custo. Tem aquela voz que usa quando está vendendo. Acho que foi por isso que pedi que ele me deixasse chapada quando foi à minha casa. Porque quero conhecer todas as partes dele. Mesmo as que me assustam.

De qualquer maneira, não penso em tudo isso de forma consciente. Eu só me inclino por baixo do braço dele, sorrindo, tocando nele, tomando posse desta noite e desta parte da vida dele.

Então fico paralisada e o sorriso desaparece do meu rosto.

É Josh quem está na porta, falando com West. E apoiado no parapeito atrás dele, enrolado em seu casaco de inverno, com um chapéu e o cachecol que dei no Natal passado... está Nate.

Ele parece tão chocado ao me ver quanto eu ao vê-lo. Franze a testa, contrai os lábios e então começa a tentar parecer indiferente, sem conseguir.

A conversa morre.

– Olá, meninos – digo alegremente. Não sei bem como agir de outra forma. Alguém precisa acabar com o constrangimento, e acho que serei eu. – Estão querendo algo para enfrentar as festas de fim de ano?

– Eles não vão levar nada. – O tom de West é áspero. Ele olha para Josh. – Qual foi a parte de “mande mensagem primeiro” e “não vá à minha casa” que você não entendeu?

Josh levanta o queixo, desafiador.

– Nós só tivemos a ideia quando passamos aqui em frente. Imaginei que estaria em casa, com as provas finais rolando.

West faz que não com a cabeça.

– Eu já disse como funciona.

– É, mas...

– *Eu* estabeleço as regras – retruca ele, simplesmente. – Não vocês.

– Nós queremos comprar 30 gramas – diz Nate.

Ele está apoiado no parapeito, fingindo estar relaxado. Sua expressão é arrogante, a mesma que adotava quando sua intenção era me convencer a fazer algo que eu não queria.

West nunca olhou para mim desse jeito.

– Experimentei a que você vendeu para o Marshall – continua Nate. – É da boa. Ele disse que é 150 por 15 gramas.

– Não vou vender para você.

– Eu pago 400.

A forma como Nate diz isso tem um caráter condescendente, como se estivesse tentando adivinhar o preço de West para poder comprá-lo e depois desprezá-lo por ser pobre o suficiente para se permitir ser humilhado.

Estou meio surpresa. Eu o vi caído no chão depois que West lhe deu aquela surra. Não acredito que ele teve coragem de vir até aqui, muito menos de estar bancando o superior.

– Talvez eu não esteja sendo claro – diz West, ficando irritado. – Não interessa quanto você esteja disposto a pagar. Não vou vender nada para você. – Ele aponta para Josh. – Não tenho mais nada para falar com você também. Sumam daqui.

Nate tensiona o maxilar.

– Seu babaca.

– Seu pau no cu.

– Isso não é mais departamento da Caroline?

Tenho tempo de registrar o que as palavras fazem com West: uma estranha onda de tensão e fúria toma conta dele.

Tenho tempo de pensar *Putz, que merda.*

Então tudo acontece muito rápido. West pula para a frente e eu me agarro à sua cintura, tentando evitar que ele brigue hoje, e logo por minha causa.

– Fique fora disso – ordena ele, me empurrando com o braço estendido para dentro do apartamento, mas a escada de incêndio está escorregadia, então eu perco o equilíbrio e bato a cabeça em algo que me faz ver estrelas, o que eu sempre pensei que fosse uma figura de linguagem.

Nate está apoiado contra o parapeito, com West em cima dele, e Josh tenta afastar West, que levanta o punho cerrado... Não acho que seja culpa de West. Realmente não acho.

Quando a confusão termina, West está de pé na escada de incêndio com as meias molhadas, esfregando os nós dos dedos distraidamente, e Nate está de joelhos na base da escada, com as mãos nas costelas e cuspindo sangue.

Acho que você precisa de uma ambulância.

Eu consigo andar.

Fique longe dela.

Ela não é sua.

Nem sua, seu babaca.

Você já teve sua chance e perdeu.

Queria ter tido mais tempo com ela. Tenho saudade dessa bundinha. Ou você não a comeu ainda?

Tire esse cara daqui ou eu não me responsabilizo.

Vamos embora, Nate. Vamos embora.

Você vai se arrepender.

Estou balançando a cabeça e piscando sem parar. Está frio. Queria não ter ido até a porta.

West está bem à minha frente agora, com o semblante mais tenso do que acho que sou capaz de suportar.

– Que merda, Caro. Você está bem?

– Estou ótima.

Ele me ajuda a levantar, passa o braço ao redor de mim e fecha a porta na cara de Nate e Josh. Os dois estão lá fora na neve, Nate mancando ao tentar caminhar.

Tudo isso é tão horrível... Toda essa violência por minha causa... Detesto isso.

Acho que eu deveria gostar. Penso em todos os filmes nos quais o cara leva um soco para defender a honra da mulher. A garota nunca apanha nesses filmes, nunca corre para o banheiro, encolhida, e vomita macarrão instantâneo com frango semidigerido.

Eu claramente não estou fazendo as coisas do jeito certo. Estou fazendo tudo errado.

Ouço West entrando no quarto, mas não sei o que quer comigo. Quando fui até a porta e pus o braço ao redor dele, ele se afastou de mim.

Doeu quando ele fez aquilo. Tudo o que aconteceu depois só piorou as coisas.

Penso, desanimada, no presente que lhe dei. No laço brilhante. Nos 200 dólares em um envelope.

O que ele achou que eu estava pagando com aquele dinheiro?

A insegurança e outros sentimentos horríveis não são um problema só meu. West sofre com eles também e não quer que eu tome conhecimento disso, o que não os torna menos presentes.

Estou me apaixonando por um garoto que vende drogas, que bate nas pessoas quando fica irritado e que conhece meu corpo melhor do que eu mesma.

Na verdade, já estou apaixonada. Apaixonada por esse cara que gosta de estabelecer as regras e que não quer que eu lhe entregue dinheiro em um envelope depois de tê-lo feito gozar batendo punheta para ele.

Não sei quem ele é, nem como é seu passado, porque ele não me conta. Mas o presente é cheio de evidências que deveriam me deixar absoluta e dolorosamente ciente da minha própria ingenuidade.

Estou tremendo, agarrada à porcelana fria do vaso e chorando.

West se agacha ao meu lado.

– Me deixe olhar a sua cabeça.

Eu obedeço. Embora esteja passando mal, chorando mais por ele do que por mim. Embora deteste quem eu sou.

Eu me enrosco no colo de West no chão do banheiro e deixo que olhe minha cabeça à procura de alguma concussão, que me enlace com os braços e simplesmente não pare de me abraçar.

Alguma coisa está errada com nós dois, mas eu nunca mais quero que ele me solte.

FÉRIAS DE INVERNO

West

Minha mãe adora *O Mágico de Oz*. Quando eu era pequeno, ela comprou umas cortinas de tecido xadrez azul e branco e as pendurou no trailer. Elas deixavam tudo com aparência de velho. Fez isso apenas alguns meses depois do último desaparecimento do meu pai e ela ainda estava usando os sapatos vermelhos brilhantes e vagabundos que ele havia lhe dado de presente.

Ela os adorava. Usava-os para ir a qualquer lugar, embora eles a fizessem virar o pé. Certa noite, ela os colocou para sair para beber com meu pai e voltou três dias depois de roupa nova, com uma tatuagem no tornozelo e um copinho de tequila que dizia Reno, que me deu como lembrança.

Após meu pai nos abandonar e levar o carro, fazendo com que minha mãe perdesse o emprego por não ter mais como ir para a cidade, ela fazia uma brincadeira em que batia os saltos dos sapatos um no outro e dizia “Não há lugar como o nosso lar, não há lugar como o nosso lar”.

Então olhava ao redor no trailer e fazia uma careta de decepção.

– Ainda está uma porcaria – dizia. Então encostava o ombro no meu, nossos cabelos se tocando, e contemporizava. – Pelo menos temos um ao outro, Westie.

Todas as piadas dela eram assim, às nossas custas, e depois ela compensava o humor negro destacando o fato de sermos um time. Uma família.

Não há lugar como o nosso lar.

Mas depois que você sai de casa, não pode mais voltar. Aprendi isso em Putnam. Os lares mudam quando você está longe, e você também muda, sem perceber. Entra no carro, vê a imagem da sua mãe e da sua irmã caçula diminuindo no retrovisor e acha que tudo vai estar igual da próxima vez, como se você tivesse apenas ido ao mercado ou ao clube de golfe para trabalhar e então voltasse para casa, como se nunca houvesse ido embora.

As coisas não funcionam assim. Você pega um voo para Portland, depois vai de carona até Coos Bay, aparece na escola da sua irmã para fazer uma surpresa e quando ela passa, cercada de amigos, você nem sequer a reconhece.

Você nunca viu aquelas roupas antes. As orelhas dela estão furadas. O rosto

está diferente.

E a pior parte é que ela também não reconhece você. Ela passa direto. Você tem que ir atrás dela, cutucá-la, se apresentar.

Eu nunca me senti mais diferente do que naquele Natal.

Parte de mim ainda morava no Oregon, com Frankie, mamãe e Bo. Deslocado, preocupado, frustrado, cauteloso, mas lá, no lugar a que pertencia.

O resto de mim estava com Caroline.

Caio no sono depois da minha última prova final e acordo com batidas fortes na porta.

Caroline já foi embora, deve estar no avião a caminho do Caribe com a família. Então sei que devem ser más notícias.

Estou esperando más notícias desde que me atraquei com Nate, há dois dias.

Estou quase certo de que ele vá fazer algo para se vingar. Eu o humilhei. Duas vezes.

Ela é minha. Era nisso que estava pensando quando fiz aquilo. Não me importo com o que aconteça comigo. Não vou deixar ninguém falar merda sobre Caroline na frente dela, na minha frente, na minha casa.

A pior parte é que eu sabia que ela iria acabar com as minhas prioridades, mexer com a minha cabeça. Eu *sabia*, e agora que ela fez isso, eu gosto.

É perfeito. Quero que ela se mude para cá, que durma na minha cama, tome banho com meu sabonete, vista minhas camisetas velhas para andar pela casa. Quero comê-la antes do café todas as manhãs, me esfregar na bunda dela, enterrar o rosto naqueles peitos até gozar.

Estou tão perdido que me transformei no tipo de cara que faz tudo o que a mulher manda e sorri o tempo todo, como se estivesse viciado na boceta dela.

Sou louco por aquela garota. Ela é minha dona.

E é por isso que, quando batem na porta, quase fico feliz. Não estou me aguentando. Detesto o fato de ela ter batido a cabeça e se machucado. Não suporto me lembrar do barulho feio e triste que ela fez vomitando no meu banheiro.

Depois que ela pegou no sono, mandei uma mensagem de texto para Bo dizendo que havia uma grande chance de eu acabar atrás das grades antes de conseguir chegar em casa para o Natal.

Não deixe ninguém entrar na sua casa sem um mandado, ele respondeu.

Quando acabei de calçar as botas, as batidas haviam se transformado em porradas, mas tive o cuidado de tirar o livro que Caroline me deu de cima do

travesseiro, marquei a página que estava lendo e o enfiei na minha bolsa de viagem.

É um bom livro, e não quero que seja estragado.

Dois deles estão na porta, um cara gorducho com cabelos loiros encaracolados e uniforme do departamento de polícia de Putnam e outro mais magro e mais baixo, negro, vestindo uma camisa polo do departamento de segurança da Universidade de Putnam.

– Você é West Leavitt? – pergunta o loiro.

– Sou.

– Meu nome é Jason Morrow, da polícia de Putnam, e este é Kevin Yates, da equipe de segurança do campus. Recebemos uma denúncia anônima de que você está envolvido com a venda ilegal de maconha. Precisamos dar uma olhada no seu apartamento.

Percebo, pela forma como ele diz isso, que o blefe normalmente funciona. Eles batem na porta de dois, três alunos da universidade por ano, sempre que aparece uma queixa séria. Agem de maneira civilizada e gentil e os garotos fazem o que eles querem.

Não deixei nada no apartamento para eles encontrarem, porque, apesar do que Nate parece pensar, não sou idiota. A quantidade total de maconha que possuo por si só representa uma contravenção grave, caso possam provar que é para vender. O que, é claro, eles podem, porque ninguém seria capaz de fumar tanto e continuar sendo um ser humano funcional. Mas deixo tudo em um armário no centro recreativo e vou pegando aos poucos, duas ou três vezes por semana, quando apareço por lá para correr e fazer musculação. Tomo banho e pego uma pequena quantidade, algo que eu saiba que vou conseguir vender.

Não planto nada no campus desde o começo do ano passado, quando fiz isso mais para me exibir do que outra coisa. Só queria que as pessoas comentassem: *Foi ele o cara que plantou aquela erva da boa. Ele é o cara que pode conseguir para você*. Depois da primeira colheita, encerrei a produção. Arriscado demais.

Eu sei em que me meti. Conheço os meus direitos.

– Não – digo para o policial na porta.

Não, ele não pode entrar.

Não, eu não posso sair.

Estou preso nesta confusão que eu mesmo criei, e tenho um mês longe daqui – longe dela – para descobrir como vou escapar.

Minha mãe envolve meu pescoço com o braço por trás para plantar um beijo na minha orelha, mas erra a mira e acaba beijando meu boné.

– Eca, mãe. Você está cheirando a carne cozida.

Ela acabou de voltar de um turno na prisão. Nunca vi a lanchonete onde ela trabalha, mas, se o cheiro com que ela chega é um indicativo, não estou perdendo muita coisa.

De qualquer forma, não me incomodo com o beijo. Suas roupas recendem a comida, mas consigo sentir o cheiro da sua pele também, algum sabonete ou hidratante floral. O balcão do banheiro de Bo está lotado com os produtos de beleza dela.

Passei tanto tempo longe que as impressões mais fortes que tive quando cheguei, há dois dias, foram os odores. Fumaça velha de cigarro, o purificador de ar elétrico, o ar que sai do sofá quando nos sentamos, que cheira a pelo de cachorro e espuma velha misturados com aromatizante.

Na primeira vez que minha mãe me abraçou desde que cheguei, seu cheiro fez minha garganta fechar, uma reação física que não foi exatamente em forma de lágrimas nem alergia. O garoto dentro de mim dizendo *Mamãe* ao mesmo tempo que minhas mãos queriam empurrá-la e pôr alguma distância entre nós.

– Não consigo parar de pensar em como é maravilhoso ter você de volta.

– Largue o garoto – ordena Bo do outro lado da mesa. – Ele está velho demais para essa palhaçada.

Minha mãe tira meu boné e ajeita meus cabelos amassados.

– Ele é o meu bebê. Está com fome, Westie? Posso fazer um ensopado, se você quiser.

Ela está preparando todos os meus pratos preferidos.

– Não, já comi na cidade. Fui com Frankie ao Arby’s depois que voltamos de Bandon.

Bo levanta o olhar.

– Por que vocês foram a Bandon?

Ele não estava em casa quando saímos nem quando voltamos. Acho que não sabia.

– Levei Franks à clínica para fazer o exame médico.

Os olhos dele se estreitam e ele se vira para a minha mãe.

– Você o deixou levá-la para tomar aquela vacina?

Minha mãe pisca rápido algumas vezes e eu me dou conta de que ela me botou no meio de alguma situação espinhosa. Ela me disse que Frankie tinha que fazer um exame para poder praticar alguma atividade esportiva depois das aulas, em janeiro. Quando chegamos à clínica, a enfermeira falou que Franks estava com a vacina contra hepatite vencida e que precisava tomá-la ou não poderia continuar na escola no ano seguinte.

Achei que demos sorte. Como a vacina é paga pelo governo, falei para a

enfermeira aplicá-la e assinei o formulário que ela me entregou.

Mas agora me lembro, tarde demais, que Bo não acredita em vacinas. Ele tem um livro sobre isso, um sermão completo sobre a falácia da imunidade ampla e a toxicidade dos componentes usados como conservantes nas vacinas. É capaz de falar por horas sobre níveis de alumínio no sangue, se você deixar.

– Frankie tomou alguma vacina? – pergunta minha mãe.

Quando ela entrou em casa, a primeira coisa que Frankie fez foi mostrar o curativo no braço.

Olho furioso para ela, que me dá um sorriso fraco. Seus olhos estão suplicantes. *Vamos lá, West. Fique do meu lado.* Eu não quero que haja lados. Não entre minha mãe e o Bo.

– Eu acreditei no que a enfermeira disse.

Bo pega o maço de Camel em cima da mesa e espia para dentro da abertura. Franze a testa e pega o último cigarro. Ele é um cara calmo. Se ele e minha mãe vão brigar por causa disso, não será agora.

Mas ele não vai se esquecer do que aconteceu.

– Vou pegar uma Coca – diz minha mãe, se levantando. – West, você quer alguma coisa?

– Uma cerveja.

– Pega outro maço para mim na geladeira, por favor? – pede Bo.

Mamãe vai até o refrigerador.

– Você não abriu um maço hoje de manhã?

– E daí?

– E daí que você deveria estar diminuindo. Pela Frankie.

Minha irmã está na sala, não dá para vê-la da cozinha, mas a casa de Bo é pequena e ela consegue ouvir.

– Você deveria estar parando, Bo – diz Frankie.

– Quem sabe semana que vem.

Minha mãe pega uma cerveja para mim. Não pergunta se Bo quer uma, e quando ela abre a tampa e me pergunta se quero um copo, ele faz um ruído de irritação e se levanta da mesa.

– Aonde você vai?

– Para a estufa.

Ele abre a geladeira e tira um maço de cigarros do pacote.

– Você jantou?

– Jantei, estou bem.

Ela abaixa os cantos da boca enquanto o observa saindo pela porta dos fundos. Isso faz com que pareça uma velha. Minha mãe tem apenas 37 anos, mas o uniforme largo da prisão lhe deixa com a aparência de uma mulher de meia-

idade, com marcas de expressão profundas no rosto, a decepção nos cantos da boca sempre presente.

Minha mãe detesta esse uniforme. Daqui a pouco vai tomar um banho e arrumar os cabelos, vestir um jeans justo e uma blusa bonita, em busca de uma juventude que está se afastando dela.

Ela sempre pareceu mais uma amiga mais velha do que minha mãe. Uma amiga cujos maus hábitos e defeitos são evidentes a todos que a conhecem, mas que perdoamos, porque ela tem bom coração. Um coração que parece estar sempre sendo partido pelos outros.

Queria que fosse a primeira vez desde minha chegada que Bo tivesse saído num rompante para a estufa, mas não foi. Algo não está bem entre eles.

Há muitas coisas que não parecem certas. Coisas que eu não esperava. Quero colar a aba de fórmica que se soltou na quina do balcão da cozinha – a fita adesiva descolando denuncia três ou quatro péssimas tentativas de consertá-la –, mas a cozinha é de Bo, e quando reviro a gaveta de tralhas em busca de cola e encontro um envelope cheio de dinheiro – um dos muitos esconderijos dele – eu me sinto um ladrão.

Quero dizer para Frankie não ler o livro que ela comprou, uma edição de bolso que as garotas liam quando eu estava no ensino médio e que sei que tem incesto, boquete e outras merdas que ela ainda não tem idade para ler. Mas ela é filha da minha mãe, não minha.

Nada aqui parece me pertencer.

Digo a mim mesmo que é porque nunca morei nesta casa. Antes de ir para Putnam, quando minha mãe decidiu se mudar para a casa do Bo, eu fiquei sozinho no trailer. Apesar de já ter me hospedado na casa dele depois disso e dormido no sofá, nunca considerei a casa dele minha casa também.

O trailer é meu, e meu pai está morando nele.

– O que está havendo com você e o Bo?

Ela agita a mão no ar. Pega um isqueiro Zippo em cima da mesa e o sacode algumas vezes, batendo levemente com ele no tampo da mesa.

– Nada de mais. Acho que ele não anda dormindo o suficiente. Bo detesta quando precisa trabalhar à noite. Fica rabugento.

– Mas vai voltar a trabalhar durante o dia na semana que vem, certo?

– Vai.

Ela senta na cadeira que Bo liberou, tira os sapatos que usa para trabalhar e os atira na pilha de calçados ao lado da porta dos fundos. Suas meias têm minúsculos cachorrinhos estampados, e ela as aponta para mim. Eu lhe dei as meias de presente de Natal.

– Legal – digo.

– Eu adorei.

Ela se inclina para a frente e pega o isqueiro de novo. Aciona a pedra até conseguir uma chama. Um brilho maroto em seus olhos me diz que ela tem um plano para esta conversa.

– É a primeira vez que tenho você todinho só pra mim. Me conte tudo sobre a faculdade.

– Não tenho muita coisa para contar.

– Pergunte a ele sobre a namoraaaaaada – gorjeia Frankie da sala.

Os olhos da minha mãe se iluminam.

– Imaginei que estivesse namorando. Não é de estranhar que nunca me ligue de volta.

– Eu sempre ligo pra você.

Ela revira os olhos e aciona o isqueiro de novo.

– É, quando não está *trabalhando*.

Ela imbui a palavra de dúvida, como se eu estivesse trabalhando para evitá-la.

Metade do dinheiro que ganho eu acabo mandando para ela. Provavelmente paguei as revistas sobre a mesa de centro, assim como as meias.

– Me deixe ver uma foto – pede ela.

– Eu não tenho namorada nenhuma.

– Tem, sim! – Frankie está na soleira da porta da cozinha agora, com o sorriso encantado. – Ela mandou uma foto de biquíni para ele.

Porra.

– Ela mandou uma foto de biquíni para *você* – digo, porque é a mais pura verdade.

Eu entrei na sala e encontrei Frankie com meu celular na mão, trocando mensagens com Caroline, que havia acabado de mandar uma foto de braço dado com uma garota mais gordinha, sua irmã Janelle. As duas estavam de biquíni, com os cabelos molhados e sorrindo.

Preciso parar de mandar mensagens para ela. Parar de olhar aquela foto.

Tenho que definir limites melhores na minha vida, porque era com isso que eu deveria estar me preocupando. Com os problemas nesta cozinha. Com o fato de Frankie estar tirando notas baixas na escola e não parecer conhecer o significado da palavra privacidade. Com o fato de os peitinhos dela estarem crescendo e de ela estar usando sutiã e blusas que anunciam isso para o mundo.

Minha mente deveria estar concentrada no que quer que esteja acontecendo entre minha mãe e Bo, e em descobrir se Wyatt Leavitt tem algo a ver com isso. Quando perguntei a ela se tinha estado com ele, ela disse que não, mas não me

olhou nos olhos. E então ficou toda falsamente alegre, como fica quando mente para mim.

Eu não deveria estar pensando se Caroline está se divertindo no Caribe, em quando vou conseguir vinte minutos para ligar para ela, se há alguma forma de conseguir fazer isso sozinho para poder falar sacanagem, abrir meu zíper e bater uma punheta.

– Me deixe ver – pede minha mãe.

– Não.

Mas Frankie vem por trás de mim e puxa o celular do meu bolso de trás. Eu a agarro, faço cócegas, tento pegar o telefone de volta enquanto belisco suas costelas com força suficiente para ela resmungar, embora esteja dando risada.

– Pegue, mamãe!

Então ela atira o telefone e eu vejo de relance a tela do meu aplicativo de mensagens aberta antes de o aparelho cair no chão e sair deslizando. Então fico de joelhos e tento recuperar o celular antes que minha mãe ou Frankie pegue, e é a coisa mais esquisita, porque as duas estão rindo, mas quando minha mãe estende o braço e me empurra, faz isso com força. Ela consegue pegar o telefone e ao correr para o outro lado da cozinha, gritando *Mantenha ele longe de mim, Frankie!*, não parece uma brincadeira.

Não é engraçado.

Desvio de Frankie sem nenhuma dificuldade, agarro o pulso da minha mãe e arranco o telefone da mão dela. Meu coração está saltando no peito. Estou com calor, descontrolado, cheio de raiva mal direcionada e fúria frustrada.

– Pelo amor de Deus, West, calma – diz minha mãe.

Mas seus olhos estão faiscando, ofendidos e cheios de orgulho, e quando olho para Frankie ela se encolhe.

Quero sair correndo daquela casa. Dar uma longa caminhada até a rodovia e continuar pelo acostamento, no escuro. Quero ficar furioso, mas não tenho nada com que estar irritado a não ser com minha própria incapacidade de deixar os limites da minha vida claros novamente, evidentes o bastante para evitar que esse tipo de coisa aconteça.

Respiro fundo e solto o ar.

Esta é a minha família. Este é o meu lugar. O lugar ao qual pertenço.

Se não sinto isso, estou fazendo tudo errado. Estou me fechando. E é algo que não posso fazer, porque, se perder essas coisas, quem eu serei?

Passo algumas telas do telefone com o dedo e o devolvo à minha mãe, cuja expressão suaviza com a proposta de paz.

– Ela é a da direita ou a...?

– A bonita – eu me ouço dizer. – O nome dela é Caroline.

Q q vc tá fazendo?

Ela responde imediatamente: Nada.

Que tipo de nada?

Deitada no sofá vendo um filme.

Que filme?

O Clube dos Cinco. Vi 400 filmes da Molly Ringwald hoje.

Por quê?

Eram da minha mãe. Eu os vejo às vezes.

Uma pausa. Meu pai está no trabalho. Estou entediada. Férias são um saco.

É.

Mais uma pausa. Vou ligar pra você.

Estou no sofá, sozinho em casa. O ano-novo veio e passou e Franks voltou para a escola. Bo está no turno da manhã de novo. Ele e minha mãe estão trabalhando agora e a casa está em silêncio pela primeira vez desde que cheguei.

Estou de pau duro antes que o telefone toque.

– Oi – diz ela.

– Oi.

Então há um silêncio e Caroline dá uma risadinha que parece um sussurro.

– Isso é esquisito.

– Qual parte?

Posso imaginá-la mordendo o lábio. Desviando o olhar de mim. O pescoço ficando vermelho e cheio de placas. A forma como seus seios levantam a cada inspiração rápida.

– Sabe aquela parte do filme em que o Judd Nelson está no closet e a Molly Ringwald se tranca com ele? – pergunta ela.

– Qual é o Judd Nelson?

– O cara de cabelo comprido e camisa de flanela.

– O *bad boy*.

– Isso. E a Molly Ringwald é a...

– Eu sei quem ela é.

Caroline ri, meio nervosa.

– É a parte que está passando agora.

– E?

– E esta é a melhor parte. Molly está com a blusa de seda cor-de-rosa e os cabelos perfeitos, porque ela é superboazinha, só que agora os dois estão no closet juntos...

Começo a dar risada, percebendo aonde esta conversa está indo.

– Achei que você gostava daquele outro cara – digo.

– Quem? O Anthony Michael Hall?

– O lutador.

– Emilio Estevez? Eca.

– Ele parece o Nate, mas de cabelos curtos.

Silêncio por um instante.

– Meu Deus. Parece mesmo. Você tem razão – diz ela.

Caroline parece tão horrorizada que começo a rir.

– Mas eu sempre gostei mais do Judd – continua. – Mesmo quando ele cospe para o alto e engole.

– Você tem uma queda por *bad boys*, né?

– *Não*.

Mas consigo ouvir o sorriso na voz dela.

– Tudo bem. Talvez eu tenha uma queda por pobres meninas ricas.

– Talvez.

– O que você está vestindo, menina rica?

Ela dá uma risada sussurrada de novo. Há uma mudança que eu quase consigo sentir, um clique na linha, sinais digitais se rearrumando. *O que você está vestindo?* O gatilho do sexo a distância disparando e eu estou preparado, pronto para isso. Com a calça jeans aberta. A mão fora da cueca, porque não posso começar até saber se ela quer brincar. Talvez não queira.

– Estou com a minha blusa de seda cor-de-rosa.

Posso ouvir a mudança na voz dela também. Dizendo sim.

Ponho a mão dentro da cueca.

– E aquela saia comprida e justa – acrescenta. – Botas marrons.

– Você tem botas?

– Claro. Toda garota americana tem botas.

Um apertão. Uma carícia leve.

– Você precisa colocá-las para mim um dia.

– Por quê?

– Eu gosto de botas.

A tensão. Não existe nada parecido com isso. A sensação percorre todos os músculos do meu corpo.

– Ah. – O som é um suspiro.

– Ei, menina rica?

– Oi?

– Abaixe o volume da TV.

Espero, mantendo um ritmo. O barulho de fundo desaparece. Posso ouvi-la respirando.

– O que você acha que eles estão fazendo naquele closet? – pergunto a ela. – Sabe, quando a câmera se afasta?

Uma pausa.

– Eu nunca pensei nisso.

– Quer pensar agora?

– Talvez.

– Onde estão as suas mãos?

– Mmm... Não sei se vou dizer.

– Coloque uma delas em algum lugar interessante.

Caroline aspira, numa espécie de risada, e espero alguns segundos para me certificar de que ela está me obedecendo. Então digo, baixinho:

– Acho que eles começam a se beijar.

– Aham.

– E o beijo vai ficando intenso, e ele a deita no banco.

– Não sei se tem um banco.

– Tem um banco. É comprido e baixo, sem apoio para as costas, então ele pode deitá-la, se ajoelhar ao lado dela e levantar a saia até acima dos joelhos.

– Mas a saia é meio comprida e justa. Não acho que ele conseguiria levantá-la.

– Ele é bom com saias. Não precisa tirá-la. Só a levanta, para que ela sinta o ar nas coxas e comece a se preocupar com a possibilidade de eles serem flagrados. É excitante pensar nisso. Talvez alguém os encontre, a menina boazinha com as pernas abertas, o *bad boy* ajoelhado no chão a beijando. Tocando nela.

– Onde ele a está tocando?

– Em todos os lugares, menos onde ela mais quer.

Caroline inspira fundo e prende a respiração. Já a ouvi fazendo isso antes. Já vi também. O som provoca uma onda de calor nas minhas bolas e eu deslizo a mão até a base do meu pau e subo de volta. Lentamente.

– O que você está fazendo, Caro?

– O que você quer que eu esteja fazendo?

– Quero você deitada de costas com a saia levantanda e as pernas abertas.

Isso me rende um *hmmm* resmungado.

– Você já está molhada, não está?

– Talvez.

– Esta é a minha garota.

– O que você está fazendo?

– Caro, você sabe o que eu estou fazendo.

– Como da última vez? No Dia de Ação de Graças?

– É.

Ela só respira.

– Agora ele levantou a blusa dela – digo. – Está com a boca na barriga dela. Descendo.

– Ela está nervosa.

– Por quê?

– Nunca fez isso antes. É excitante.

– Ele gosta do cheiro dela. Da maciez de suas pernas, de sua pele tão clara. Ela está usando uma calcinha amarela, simples. A calcinha dela está molhada, Caroline?

Ela meio que guincha e eu fecho mais a mão. Meu Deus, como adoro esse som.

– Me diga.

– Está.

– É, eu imaginei. A calcinha dela está encharcada, e ele senta com as pernas abertas em cima do banco e bota o nariz lá embaixo, pressionando o ponto molhado.

– Que tosco.

– Ele é tosco. Por isso ela gosta dele.

– Não é o único motivo.

– Mas é um deles. Ela o acha excitante. Adora saber que ele pensa nela quando ela não está por perto. Que ela o deixa de pau duro. Que o faz gozar na cama, no chuveiro, mas ele nunca a tocou.

– Meu Deus, que delícia.

Sorrio.

– Por que ele gosta dela? – pergunta Caroline.

Preciso pensar nisso. Não é a coisa mais fácil de se fazer com a mão segurando o próprio pau, mas dou um jeito.

– Ele gosta do fato de ela não saber tudo o que ele sabe. De não ter visto as coisas ruins da vida.

– Ela viu mais do que ele pensa.

– Talvez, mas ela ainda tem essa aura, como se as coisas ruins não pudessem realmente atingi-la.

– Ela detestaria isso. Se ele dissesse que é por isso que gosta dela, ela ficaria decepcionada.

– Mas esse não é o único motivo. Não é nem o principal.

– Qual é o principal?

Tento me concentrar no filme. Não em Caroline no sofá, de pernas abertas, se tocando.

– O fato de ela estar naquele closet. Depois que decide o que quer, ela é corajosa. Impetuosa.

– Ele gosta quando ela é impetuosa?

– Gosta. Adora.

De quem estamos falando? Não tenho certeza. Começo a me sentir meio chapado, como se talvez estivesse dizendo mais do que quero, mas na verdade não me importo.

– West?

– Hum?

– O que ele faz depois?

– Ele a chupa através da calcinha. Enfia as mãos por baixo do elástico, a mantém no banco e a chupa sem parar, até a calcinha estar totalmente encharcada e ela praticamente desmaiada.

– Ele gosta disso?

– Demais. Adora deixá-la desse jeito, sem controle, sem pensar, apenas sentindo... É uma viagem. E gosta da calcinha também. Da calcinha amarela. Mas ele precisa de mais, então, em vez de tirar a calcinha, ele só a afasta um pouco para o lado. Apenas o suficiente para enfiar a língua na fenda dela, onde ela está macia, inchada e molhada de tesão. Ele quer mais e mais. Então enterra o rosto nela e fica com o queixo e a boca encharcados.

– West.

– O gosto dela é maravilhoso.

– Meu Deus, West, eu não...

Eu também não. Estou pensando na boceta dela, na sensação dela nos meus dedos, na minha língua. Suas coxas pressionando a minha cabeça, as mãos dela nos meus cabelos, no meu pau. É demais.

– Eu quero você – digo. – Porra, eu quero você.

– Você me tem.

– Aqui, neste sofá, aqui. Eu quero você aqui, Caro. Quero sentir o seu gosto. Quero botar meus dedos dentro de você, quero lamber sua boceta. Quero você nua.

Ela está arfando.

– Use a sua mão – digo a ela. – Finja que sou eu. Goze para mim. Quero ouvir.

– West.

– Hã?

– Você também.

– Estou quase lá.

E então é apenas respiração. Barulho. Apenas gemidos e grunhidos.

Sei o que ela está fazendo, e imagino-a fazendo – seus peitos, sua boceta, os olhos fechados, a boca aberta, a expressão no rosto dela quando a faço gozar...

Minha mão é incansável e rápida, os dedos dela também, e essa é a conexão entre nós neste momento. Não é concreto, não é físico, mas está ali, existe mesmo assim. Não há nada que eu possa fazer a respeito. Nada que eu queira fazer além disso, além de Caroline. Nada.

Ela inspira sonoramente, diz *Agora*, e eu gozo com ela, com um grunhido e um jato quente na mão e um pouco no sofá, que merda, vou ter que limpar, mas não me importo. Ela está se esforçando para não fazer barulho, e embora eu consiga ouvi-la, posso ouvir o não barulho que ela está fazendo, e é glorioso.

Relaxo um pouco. Me recosto no sofá, fecho os olhos, fico ouvindo-a.

Logo depois eu me sinto como se parte de mim tivesse voltado ao lugar.

É tarde. Vou até a estufa, desviando dos cocôs de cachorro no pátio e pensando que devia ter acendido a luz da varanda dos fundos.

Piso em alguma coisa mole demais.

– Merda.

Tento limpar a bota na grama, mas não adianta. Agora o cheiro está impregnado no meu nariz e estou com os lábios retorcidos. Encontro um galho e tento tirar a bosta marrom das ranhuras, mas isso não funciona também e acabo tendo que ligar a torneira do jardim. Cubro a ponta de cobre com o polegar e miro o jato bem na sola, espalhando pedacinhos de merda por todo lado.

Depois que consigo limpar a bota, as calças estão grudando nas minhas pernas. Estou com frio e furioso, com nojo de tudo.

Vou voltar à faculdade em uma semana e toda a minha vida se transformou em um campo minado de bosta.

Quando abro a porta da estufa, não vejo Bo de imediato. Respiro, tentando me acalmar. Não é culpa sua que eu tenha pisado em cocô de cachorro. Não é culpa sua que eu esteja esperando para conversar com ele há dias e nunca encontre o momento certo. Toda vez que tento, ou ele está trabalhando, ou minha mãe está por perto, ou Frankie precisa de ajuda com o dever de casa.

Nos últimos dias, Bo se levanta da mesa da cozinha e some por horas a fio, e eu sempre pensei na estufa como seu domínio, o lugar aonde ele vai para ficar sozinho, para não ser atormentado pelo filho da namorada, que está dormindo em seu sofá, comendo sua comida e atrapalhando sua vida.

Mas vou embora logo e preciso falar com ele antes. Nenhuma outra pessoa vai me dizer.

Ouço música tocando ao fundo. Sigo o som e a luz e encontro Bo encostado na parede, fumando e soprando a fumaça através de uma vidraça quebrada.

Reconheço a música. Metallica. Ele gosta dessas bandas de metal antigas,

mas a mamãe não suporta.

A estufa é um buraco enferrujado, com muitos dos vidros quebrados. Bo adora este lugar. Gosta de plantar – não apenas maconha, que só cultiva no meio do mato, mas legumes, ervas, todo tipo de coisa. Fala em comprar um liofilizador, para estocar comida e se prevenir do colapso da civilização, mas na prática só enche cestas de tomate, milho e pimenta e deixa na beira da estrada com uma placa dizendo SIRVA-SE.

Bo é baixo, atarracado, com a cabeça raspada e pelos grisalhos no peito que em geral estão à mostra porque ele anda sempre sem camisa ou de camisa aberta. Quando está com o uniforme da prisão – o cinto com o rádio, o telefone, o cassetete e a arma –, parece um fodão.

Ele é fodão. E tem as cicatrizes para provar. Certa vez, eu o vi entrar em uma briga de bar. Bo simplesmente destruiu o cara que o provocou.

De certa forma, fui para Putnam, e não para a universidade local, por causa dele. Porque confio que vai manter o emprego, cuidar da minha mãe, tomar conta de Frankie, e não se transformar em um tarado ou um filho da puta. Ele ama as duas.

Nunca tive certeza se minha mãe o ama também. Bo precisou convidá-la para sair muitas vezes antes de ela aceitar. Depois, ainda levou alguns meses para ela começar a dormir na casa dele. Minha mãe gosta de estar com ele, gosta da casa dele, mas não acho que aprecie a ideia de ser sua mulher pelo resto da vida.

Acho que ela é viciada no meu pai. Naquele barato excitante, tenso e doentio que só consegue sentir com ele. *Eu me apaixonei por ele no instante em que o conheci*, ela me contou certa vez. *Eu tinha 15 anos, e quando ele chegou à cidade naquela motocicleta o mundo parou de girar*.

Bo não pode competir com isso. Ninguém pode.

Eu sei, porque foi dessa forma que me senti na primeira vez que vi Caroline. Me sinto assim até hoje. Se há alguma forma de superar essa sensação, ainda não conheço.

Bo bate a cinza em uma lasca de vidro, deixando-a cair no mato do lado de fora da janela.

– O que aconteceu com os policiais? – pergunta ele.

O que quer saber não é se eles vasculharam o apartamento, porque isso eu já lhe contei. Ele quer saber o que eu fiz para chamar a atenção da polícia.

– O ex da garota com quem estou saindo não gosta muito de mim – digo.

– Você deu algum motivo? Além de roubar a garota dele?

– Eu não a roubei. Eles já tinham terminado.

Mas de certa forma eu a roubei, sim. No primeiro ano, quando meu quarto

era em frente ao dela, eu a observava. Tentava chamar a atenção dela, e Nate sabia. Ele já me odiava naquela época. Tem todo o direito de me odiar.

– Eu briguei com ele. Por falar mal dela para as pessoas.

Bo dá uma longa tragada, me observando com os olhos estreitados. Esperando o resto.

– Duas vezes. A segunda vez foi um pouco pior do que a primeira.

Penso em Caroline vomitando no meu banheiro. A dor que senti na mão ao acertar o rosto dele. Suas costelas.

Aponto para o maço de cigarros no bolso da camisa de Bo.

– Posso fumar um?

Ele levanta uma sobrancelha. Eu não fumo, mas isso não quer dizer que não saiba. Estou precisando de um cigarro, do modo como a nicotina deixa tudo mais nítido, me deixa mais cauteloso, mais esperto.

Preciso ficar esperto.

Ele me dá um cigarro, e quando eu o coloco na boca e cubro a ponta com a mão em concha ele o acende com seu Zippo.

– O que ele tem contra você? – pergunta.

– Eu o derrubei de uma escada de incêndio. Posso ter quebrado as costelas dele. Agressão, acho. Principalmente se ele foi para o hospital depois.

– Havia testemunhas?

– O amigo dele. E Caroline.

Ele assente.

– Eu vendi para o amigo dele – acrescento.

– Mais de uma vez?

– Sim.

– Então ele avisou à polícia.

– Provavelmente. Quero dizer, qualquer um poderia ter feito isso, mas deve ter sido ele. Você acha que eles vão voltar?

– Acho.

Dou uma tragada no cigarro, grato pelo som do papel queimando. Grato por ter essa minúscula fagulha para a qual olhar, essa coisa preenchendo meu peito enquanto prendo a fumaça nos pulmões.

É bom ter alguém com quem conversar.

– Você acha que eu devia simplesmente parar de vender? Segurar a onda por um semestre?

– Se você conseguir se virar sem o dinheiro...

Hesito. Dou outra tragada. Reúno coragem e admito:

– Eu acabo mandando a maior parte para a mamãe.

Ele faz um som que não sei bem o que significa. Tipo uma risada, só que

com dor entremeada. Mas Bo não está surpreso.

Há resignação em sua risada.

Ele não diz nada por um bom tempo. Fuma o cigarro até o filtro, larga a guimba no chão de terra e a esmaga com o pé.

– Ela não precisa – diz.

– O que ela está fazendo com ele, então?

Ele dá de ombros.

– Você não faz ideia? – insisto.

– Compra presentes de que eu não preciso. Roupas e porcarias para ela e Frankie. Acho que ela deu dinheiro para uma das primas fazer um aborto, mas não fala sobre isso.

Penso no que ele me contou.

– Ela está indo visitar sua avó uma vez por semana – acrescenta Bo.

Ele não está se referindo à minha avó materna, que morava na Califórnia, que já morreu. Está falando da mãe do meu pai, me contando que as desavenças de uma década entre a minha mãe e a família do meu pai se resolveram e ela não me disse nada. Que o *meu* dinheiro está comprando coisas que a família do meu pai precisa – ou quer –, porque a relação da minha mãe com o dinheiro é assim. Se ela tem, dá para qualquer um.

Se eu tenho, ela acha que é a mesma coisa que ela ter.

– Ele voltou?

Não preciso dizer a Bo que estou falando do meu pai, e é um alívio conversar com alguém sem precisar dizer o nome dele.

À medida que os dias passam, fica mais evidente que as coisas por aqui estão bem fodidas.

A 8 quilômetros de distância, morando em um trailer caindo aos pedaços num lugar onde ninguém mora se tiver opção, há um homem com os meus olhos. A minha boca. Ferrando com tudo ao redor com o simples ato de respirar.

– Uma vez eu o coloquei para correr com uma espingarda – comenta Bo.

– O que ele quer?

Bo me lança um olhar de pena e eu dou mais uma tragada no cigarro, olhando para baixo. Foi uma pergunta idiota. Ele quer o de sempre: o que a minha mãe tiver. O coração dela. A boceta. O dinheiro. O orgulho.

Quer a lealdade de Frankie.

Quer conquistar todo mundo, quer que todos fiquem do seu lado, que sintam pena dele, que se coloquem em seu lugar e digam *Puxa, ele sofreu muito, mas é um cara legal. Que bom que as coisas estão dando certo para ele desta vez. Que bom que ele tomou um rumo na vida*.

Ele quer fazer a minha mãe se apaixonar por ele de novo e depois, quando

ela já estiver tão cega de amor que não vai mais lembrar o que aconteceu antes, quer dar um soco no estômago dela.

Na última vez que vi meu pai, ele me chutou como se eu fosse um cachorro sarnento. Cuspiu em mim. Me deixou lá, com o lábio cortado, encolhido de dor.

Não sei por que minha mãe não consegue compreender. É isso que ele quer.

– Ela o viu?

Bo fica em silêncio por um longo tempo. Chego a pensar que não vai responder. Ele muda um banco de lugar, limpa um montinho de terra derramada, tira as folhas secas de uma planta.

– Enquanto eu estava na Califórnia vendendo a safra do ano.

– Ela contou para você?

A expressão dele fica sombria.

– Você acha que eu a deixaria continuar morando aqui se ela tivesse me contado? Fiquei sabendo por um cara que conheço. Ela diz que é mentira.

– Mas você não acredita.

– Ainda não decidi. Mas você sabe o que vai acontecer se eu descobrir que ela está saindo com ele pelas minhas costas.

Porra. Sim, eu sei o que vai acontecer.

Ele vai atirá-la na rua, e ela vai merecer.

E a Frankie também. Bo não vai criar uma menina de 9 anos que não é filha dele. Não sem a minha mãe na sua cama.

Ele se aproxima de mim e põe as mãos nos meus ombros.

– Eu não queria que as coisas fossem assim.

Não consigo encará-lo. Olho para as estrelas e termino o cigarro.

É o peso do passado, suspenso sobre as nossas cabeças por uma corda desgastada. É uma mulher com uma faca na mão, podendo cortar algo que arruinaria minha vida. A de Frankie. A de Bo. A sua própria vida.

É assim, e não há nada que eu possa fazer a respeito.

Frankie se atira por cima das costas do sofá, pressionando meu pescoço com o antebraço.

– Você precisa mesmo ir?

Viro o tronco para trás e a agarro pela cintura, puxando-a para meu colo.

Frankie é tão leve, as perninhas tão finas... Parece ter o peso de um passarinho. Faço cócegas até ela começar a gritar.

– Pare, West! Pelo amor de Deus, pare, por favor! West!

Eu a levanto, e ela se desvencilha de mim. Está vestindo calça jeans, meias

grossas, uma blusa com pequenos zíperes nos ombros que não é quente o bastante para o inverno nem adequada à sua idade.

Minha mãe e Bo foram trabalhar. Estamos apenas Franks e eu em casa e eu preciso pegar um ônibus que vai me levar ao aeroporto. Preciso voltar para a universidade.

Estou indo embora, mas não acho que vá ficar longe por muito tempo.

Desde aquela noite na estufa com Bo, posso ouvir o tique-taque do relógio. Os ponteiros voam pelo mostrador como em um filme, se fundindo, saindo de foco, até o horário ficar quase invisível.

Nada faz minha mãe ficar com um brilho nos olhos por muito tempo. Suas mãos estão irrequietas, e suas respostas, evasivas.

Dentro de semanas – meses, se eu tiver sorte –, vou receber uma ligação que vai me fazer largar tudo e vir para casa. E a verdade é que eu não preciso estar em Putnam mesmo.

Nunca precisei.

Eu disse a mim mesmo, quando saí de casa para estudar, que estava fazendo isso por Frankie e pela minha mãe, mas eu poderia cuidar melhor delas se ficasse aqui. Se me matriculasse na universidade local. Ficaria de olho na minha irmã e manteria meu pai fora daquele trailer.

Eu fui para Putnam porque quis. Queria saber quem eu poderia ser se não estivesse preso a este lugar. O que eu conseguiria realizar sozinho.

Qualquer coisa, Caroline me diria. *Você pode fazer qualquer coisa.*

Ela acredita nisso também.

Caroline jamais conseguiria compreender como um pensamento desses pode ser egoísta. Como eu sou egoísta por ter ido embora uma vez e por estar prestes a ir de novo, sabendo como as coisas estão.

Frankie sorri para mim, respirando fundo, as clavículas saltando da gola da blusa, o lábio inferior rachado, os dentes um pouco grandes demais para o rosto dela. Está com uma coisa preta ao redor dos olhos e brincos que vão quase até os ombros. Ela tem 9 anos.

Precisa de alguém para estabelecer limites, mandá-la dormir, dizer para ela sair do telefone e ir lavar o rosto.

Precisa de mim para lhe ordenar que faça o dever de casa e para lidar com a mamãe, que só consegue ser uma mãe decente se tiver alguém por perto para obrigá-la a fazer isso.

Minha irmã precisa de mim.

Sou tomado por um ressentimento sombrio e venenoso.

Queria conhecer alguma forma de devolvê-la. Se soubesse como parar de

gostar – se me tornasse tão desleal quanto meu pai –, poderia voltar para Putnam e ficar lá, só mandando cartões para Frankie em seu aniversário.

Poderia me reinventar como o West de Caroline, com horizontes amplos e opções infinitas.

– Vou ficar com saudade – diz minha irmã.

Cerro os punhos e preciso fechar os olhos.

Eu deixaria você para trás, se conseguisse.

Queria conseguir.

Mas abro os olhos e digo a ela:

– Eu também. Estarei de volta em alguns meses. Aí levo você a algum lugar legal. Portland, quem sabe?

– É mesmo? Que tal São Francisco? Keisha disse que tem leões-marinhos lá, e que tem uma loja com todos os tipos de chocolate. A gente devia ir lá.

– É. Acho que podemos ir a São Francisco. Talvez acampar no caminho. Ver as sequoias.

– Acampar? De jeito nenhum. Acampar é um saco.

– Quando foi que você acampou?

– Eu sei como é! A gente dorme em barracas, não toma banho e aranhas caem na nossa cabeça. Não, obrigada.

Eu também nunca acampei. Mas quem poderá levá-la senão eu?

– Nós podemos fazer uma fogueira. Assar marshmallows. Podemos encontrar um lugar com chuveiro.

– Uma fogueira seria legal. Mas tem que ter chuveiro. E você precisa matar todas as aranhas.

– Posso dar um jeito nisso.

O que quer que ela precise, eu posso dar um jeito. Que escolha eu tenho?

Eu me levanto.

– Me dê um abraço de despedida.

Ela se levanta e passa os braços ao redor do meu corpo.

Beijo o topo de sua cabeça. Os cabelos são macios. Têm cheiro de produtos químicos cor-de-rosa e acabam com todo o ressentimento que eu estava sentindo.

Percorremos a entrada da garagem juntos. Ela fica falando sobre São Francisco.

Enquanto eu me afasto da casa, ela fica olhando para mim do meio da rua. Acena sempre que me viro.

Ela pertence a mim, e eu não posso fazer nada a respeito disso.

São 8 quilômetros até a cidade, mas dou sorte e consigo carona com um dos vizinhos de Bo.

Olho a paisagem pela janela do carro. Branco e dourado, bege e marrom, o céu amplo e implacavelmente azul.

Não parece Iowa. Parece comigo. Essas cores são as que me formam, a terra deste lugar está nos meus ossos, sedimentada em meu coração.

Não posso continuar sendo duas pessoas. O relógio está correndo, meu tempo está quase acabando e eu não vou enrolar Caroline, deixá-la pensar que sou outro cara, uma pessoa diferente, outra versão de mim mesmo, quando não sou. Não posso ser.

Eu pertenço a Frankie. Não posso pertencer a Frankie e manter a relação com Caroline. Queria poder, mas não há como.

Todas as vezes que beijei Caroline, eu a puxei para mais fundo. Mais fundo, mais fundo, até que não consegui voltar para casa sem trazê-la comigo.

– Esta é a foto da minha namorada – falei à minha mãe. – A bonita.

Sentei no sofá de Bo, no escuro, e disse a Caroline:

– Quero entrar em você. Quero você aqui.

Mas eu estava fingindo. Não existe um mundo que possa conter Frankie, minha mãe e Caroline juntas, todas pertencendo a mim.

Me meti em uma baita confusão. O resumo é este. Uma porra de uma confusão terrível.

Caroline está dentro de mim, faz parte de mim, e agora eu preciso eliminá-la.

JANEIRO

Caroline

As férias de inverno pareciam que não iam terminar nunca. Eu dormia até tarde e ficava em casa o dia todo, de chinelos. O resto do mundo estava trabalhando, produzindo, mas eu não tinha nada para fazer.

Joguei 6 milhões de partidas de campo minado, o que é... Pois é, nem eu sei. É claro que existem jogos melhores. Mas não consegui me concentrar em nada que envolvesse mais de uma fase ou qualquer tipo de estratégia complexa.

Foi muito cansativo ficar em casa. O Natal no Caribe acabou comigo. Ter que sorrir o tempo todo, conversar sobre a faculdade, os meus amigos, os meus interesses, e nunca falar de West ou da padaria, de Nate ou das fotos.

Guardar segredos é exaustivo. E quando toda a nossa vida se transforma em um segredo?

Contei ao meu pai sobre o rúgbi. Ele não gostou da ideia de eu praticar um esporte de contato.

– Você deveria jogar golfe.

– Eu detesto golfe.

– Qual é o problema do golfe?

Isso me faz pensar em West, em seu trabalho de caddie. Ele deve saber quando se deve usar um taco ferro nove ou um *sand wedge*. Deve ter opiniões sobre tacos e usar uniforme – talvez uma camisa polo impecável com uma bermuda cáqui. Deve ficar muito diferente.

Passei muito tempo olhando para o Google Maps, procurando campos de golfe no Oregon, tentando adivinhar em qual ele trabalhava.

Minhas notas chegaram. Dois A, dois A-. Meu pai as prendeu na porta da geladeira.

Ele perguntou se eu encontraria com Nate, e quando eu lembrei a ele que havíamos terminado, ele disse: *Vocês eram amigos antes de saírem juntos. Talvez seja melhor não derrubar essa ponte.*

É óbvio que eu não liguei para Nate. Em vez disso, tirei um cochilo de quatro horas.

No ano-novo, papai me levou para jantar e fez um auê por ter me deixado beber uma taça de champanhe. Na manhã seguinte, me emprestou o cartão de crédito para eu comprar “alguma coisa legal” para mim. Porque eu tirei boas notas. Porque ele estava muito orgulhoso de mim.

Quando apareci com o casaco de caxemira que comprei no shopping – da cor dos olhos de West –, ele simplesmente me deu um beijo na testa, fez um carinho no meu ombro e me deixou sozinha vendo filmes de má qualidade no escritório.

À noite, bem depois que papai já tinha ido dormir, eu ficava deitada na frente da TV ligada esperando West ligar. Eu apagava algumas vezes. Estava tão cansada...

Mas quando o telefone tocava eu acordava. Dava risada. Sentia desejo. Sentia saudade. Ficava com o corpo em chamas, mordia os lábios, sussurrava palavras que nunca imaginei ser capaz de falar. *Quero você. Preciso de você dentro de mim. Meu Deus, West.*

Ele me dizia coisas que queria que eu falasse. Sacanagens que de alguma forma não eram sacanagem para ele, eram apenas verdade.

Eram reais. Ele pedia que eu falasse e eu falava. Qualquer coisa que ele quisesse.

Mas havia palavras que eu não dizia.

Estou com saudade.

Eu te amo.

Devo ter pensado que haveria tempo para isso depois. Após as férias, quando voltássemos a nos ver, seríamos diferentes. Estaríamos próximos – tão próximos quanto ficávamos pelo telefone. Seríamos reais.

Eu ainda não havia aprendido que, quando toda a nossa vida é um fingimento, a realidade não é algo que aconteça conosco.

Quando nos cercamos de mentiras, todas as coisas verdadeiras começam a se decompor.

Uma hora depois de ter chegado a Putnam, decido ir até o apartamento de West.

Não consigo evitar. Preciso vê-lo.

Queria ter ido buscá-lo no aeroporto ontem à noite, mas ele deixou o carro em Des Moines e ia chegar tarde. Então acompanhei o voo, vi quando chegou a Ankeny, a apenas vinte minutos de mim. Imaginei West dirigindo sozinho para Putnam, no escuro.

Hoje de manhã, eu havia prometido ao meu pai que ficaria para almoçar depois que minha irmã e eu fôssemos à loja de noivas para pegar o meu vestido.

Janelle não parou de me perguntar sobre minha vida amorosa, querendo saber se eu já havia esquecido Nate.

– Você devia começar a pensar em conhecer outro cara – sugeriu ela umas cinco vezes. – Não faz bem só ficar estudando.

Meu pai me disse que eu não deveria ter pressa.

O tempo todo eu pensei em West a uma hora de distância. Quase perto o suficiente para que eu o tocasse.

Quero subir a escada de incêndio de dois em dois degraus, mas me controlo. Eles estão congelados. Bato na porta, sem fôlego, com o coração disparado. Venho sonhando com este momento há semanas. Passei as férias todas esperando este reencontro, este beijo. West me pressionando contra a parede, o corpo contra o meu, a pressão no quadril. Eu passando as mãos pelos braços e as costas dele. Me perdendo nele, assim como fiz na minha imaginação durante o mês inteiro.

Quando ele abre a porta, no entanto, nada acontece como eu havia imaginado.

O rosto dele está inexpressivo. Indiferente como o céu, cinzento e frio.

Fico esperando que ele perceba que sou *eu* – que a recepção fique mais calorosa –, mas ele diz apenas *Oi* e eu percebo que ele já me reconheceu. E que esta é a minha recepção.

West não dá um passo para o lado para me deixar entrar. Está vestido para trabalhar no restaurante – calça social preta, camisa social branca e sapatos pretos lustrosos. Tão lindo que chega a ser assustador, com os olhos daquele jeito.

– Oi. Você voltou – digo.

De repente sinto a vontade urgente de conferir o número na porta para me certificar de que estou no apartamento certo. Na dimensão certa.

– É, voltei.

– Como foi seu voo?

Porra, nós deveríamos estar nos beijando agora.

Ele se vira e pega o casaco no armário.

– Foi bom. Preciso ir trabalhar.

– Numa quinta-feira?

– Peguei um turno.

– Posso ir caminhando com você?

Ele dá de ombros como se não fizesse diferença para ele.

Estou perplexa. Na outra noite mesmo ele disse que queria entrar em mim, me deixar morrendo de tesão, trepar comigo até ficarmos exaustos e trêmulos, e que depois queria fazer tudo de novo, devagar, cuidadosamente, e ficar me vendo gozar.

Ele disse isso há *dois dias*. Eu não inventei.

Quando passa por mim, está cheirando a lã e menta e nem me olha.

Eu o acompanho escada abaixo.

Ele está com um chapéu que nunca vi antes, com listras pretas e cinza-escuras. Olho para a nuca dele. Meus dedos anseiam por tocá-la.

O humor dele me impede de fazer isso. O temperamento de West é algo real dividindo o espaço entre nós, sólido como granito.

Vá embora, diz o comportamento dele, e isso me lembra as outras vezes que ele ficou assim. Semanas atrás.

Eu quase havia me esquecido. Todas as regras que tínhamos, acho que estavam suspensas durante as férias. Nossas conversas sobre nos tocarmos, nos desejarmos, os pensamentos sacanas que trocamos fizeram com que eu apagasse essas regras da mente.

Não sei direito quais são as normas agora, mas sei que, quaisquer que sejam, estão totalmente ativas.

– Qual é o problema? – pergunto.

– Problema nenhum.

– É mesmo? Você parece meio distante.

Ele se vira um pouco para mim, com as mãos enfiadas nos bolsos. Por um instante, todo o rosto dele se contrai.

– Acho que não estou muito a fim de conversar.

Você estava a fim na outra noite.

Você me fez ter dois orgasmos conversando antes de desligarmos o telefone.

Eu ouvi você gozando.

O que há de errado com você?

Eu deveria ser capaz de dizer algo assim. Mas acabei de passar um mês na casa do meu pai escondendo e calando tudo o que eu realmente sentia. West era a única pessoa com quem eu podia me abrir e, mesmo com ele, eu me censurava.

Sinto um nó na garganta.

Chegamos a um cruzamento. A pilha de neve está na altura da cintura, mas há um recorte nela, e nós atravessamos pelo meio. O restaurante fica a meio quarteirão de distância, à direita.

Está ficando escuro, embora sejam apenas quatro da tarde. O mundo parece sombrio e intimidador. Um carro passa por nós e o som dos pneus sobre o gelo parece uma ameaça.

Está frio. Muito frio.

– O que você vai fazer depois? – pergunto.

– Vou trabalhar até tarde.

Ele não diz quando vai voltar para casa. Não me convida para ir até lá.

Esse rosto inexpressivo dele é um truque, um papel que ele aprendeu a desempenhar. E me deixa louca, porque não sei como me esconder desse jeito e não fiz nada para merecer esse isolamento dele.

Me faz lembrar aquele dia na biblioteca em que tentei dar um tapa nele. O jeito dele naquele dia – aquele é West. Aquela era eu também. Nós dois naquela tarde, furiosos, intensos, impulsivos, reais. Enquanto isto aqui... isto aqui é apenas West sendo babaca.

– Como está seu horário de aulas neste semestre?

Ele dá de ombros de novo.

– Preciso conferir. Ainda não decorei.

Há um leve desdém nessa frase. *Ainda não decorei, como tenho certeza de que você já fez.*

West nunca me menosprezou antes. Já me provocou, desafiou, seduziu, mas nunca zombou de mim.

Alguma coisa está profundamente errada aqui.

Reúno toda a minha coragem e seguro na manga do casaco dele, fazendo-o parar no meio da calçada.

– Aconteceu alguma coisa com você? Ontem à noite, ou na sua volta para cá?

É pouco provável, mas ele poderia ter uma desculpa. Uma explicação. *Poderia.*

– Eu já disse, não tem nada de mais.

– Então por que você está agindo assim?

– Assim como?

Empurro o braço dele com as pontas dos dedos, olhando para seu rosto inexpressivo.

– *Assim*.

Ele meio que revira os olhos para mim. Não totalmente, mas olha para o céu, como se eu o estivesse perturbando. Uma garota chata qualquer.

– Acho que você está com uma ideia errada a respeito da gente.

– Como assim?

– Aparecendo no meu apartamento sem avisar. Nós não vamos ser desse jeito.

Nós não vamos ser desse jeito.

Era aí que ele queria chegar com isso. Era esse o objetivo dele.

– Você está me afastando.

Ele ainda não olhou para mim, e a princípio eu acho que é mais do mesmo – uma forma de West fingir que estou ficando previsivelmente reclamona, o

histrionismo feminino completo –, só que os olhos dele estão brilhando. O pomo de adão dele se mexe, subindo e descendo enquanto ele engole.

A voz dele está áspera ao me dizer:

– É só que vou estar muito ocupado. – Ele pigarreia e continua: – Vou fazer dezoito créditos neste semestre, além de um turno extra na padaria, e não acho que...

– Quem você pensa que é?

– O quê?

– Você é a mesma pessoa com quem eu falei pelo telefone há dois dias? E na noite anterior, e na outra, e duas vezes por dia em vários dias, quando a casa estava vazia, com Frankie na escola? Aquele era você ou outro cara que *parecia* você?

– Você sabe que era eu.

– Então o que você está dizendo?

Ele cruza os braços. Totalmente incapaz de olhar para mim.

– Estou dizendo que quero parar com isto.

– Isto?

– Nós dois.

– Você está terminando comigo?

– Nós nunca estivemos juntos.

As palavras desabam sobre mim, seu peso me esmagando. West está parado, tenso – as pernas abertas, os braços cruzados, a porta do restaurante 3 metros atrás dele, brilhando como um farol.

Ele planejou isso. Se preparou. E ainda está se saindo pessimamente, mal fingindo não dar a mínima.

Nós nunca estivemos juntos.

Não somos amigos.

Ele me disse há menos de 48 horas que queria lamber minha boceta até minhas pernas ficarem bambas. Não sei o que mudou. Algo. Nada. Ele não se deu o trabalho de me dizer. Afinal, quando ele se dá o trabalho de me dizer qualquer coisa que seja?

Eu deveria estar com raiva, mas estou bastante surpresa e totalmente decepcionada. Pensei que a esta altura estaria na cama dele. Pensei que estaríamos sorrindo, nus, pegando uma camisinha para que eu *enfim* pudesse senti-lo dentro de mim.

Em vez disso, West está tão distante que eu não consigo sequer reconhecê-lo.

– Certo – digo devagar, lembrando as palavras patéticas que ele acabou de falar. – Nós nunca estivemos juntos.

Ele olha para o restaurante atrás dele.

– Preciso ir.

Eu devia deixá-lo ir.

Devia mandá-lo ir se foder.

Mas eu preciso ter alguma ideia do que vai acontecer a seguir. Então pergunto:

– Quando vou ver você? Na padaria, na festa do time de rúgbi no sábado ou...?

– Tenho certeza de que a gente vai se ver por aí.

– Tá. Ótimo. Que ótimo, West.

Ele franze a testa, como se eu o tivesse afetado um pouquinho.

Pode ser porque as lágrimas estão correndo quentes pelo meu rosto, caindo pelo meu queixo, gelando meu pescoço.

Pode ser isso.

– Tenha um ótimo turno de trabalho – digo. – A gente se vê. Que bom que não somos amigos, senão eu talvez sentisse sua falta. Ou alguma coisa mais do que amigos. Que bom que não estávamos juntos, senão eu estaria destruída agora. Mas, claro, nós não estávamos juntos. Óbvio. É tão óbvio que não sei bem por que não recebi o comunicado. Talvez tenha sido o sexo pelo telefone, enganando meu cérebro feminino imbecil. Ou, caramba, talvez tenham sido todas aquelas horas que passamos juntos na padaria, conversando, ou aquela vez que eu dormi na sua cama e chorei no seu colo no chão do banheiro. Eu só fiquei confusa sobre o que nós somos. Eu não recebi o comunicado.

– Caroline...

Dou um passo para trás, perco o equilíbrio, escorrego e caio de bunda no chão. A dor provoca mais lágrimas. Quando West me oferece a mão, eu a afasto.

– Não. Estou bem. Tenha uma ótima noite.

Eu me levanto com dificuldade, e se os olhos dele enfim se suavizaram – se a expressão dele está tão triste como estou me sentindo –, merda, eu não vou deixar isso me afetar.

Vou me afastar dele antes que tudo possa tomar conta de mim.

Caminho rapidamente e então começo a correr, porque tenho medo de que, ao permitir que todos os meus sentimentos venham à tona, tenha que aceitar que ele está partindo meu coração de propósito, e ele não vai me dizer por quê.

A festa do time de rúgbi é antológica.

Na verdade, são três festas. Primeiro é um jantar, seguido de uma pré-festa no salão Rawlins, apenas para o time. Às nove, começa a festa para todos os

alunos no Minnehan Center. Está lotada, porque é a primeira festa grande depois das férias de inverno, as músicas são as melhores e nunca falta cerveja.

E eis o motivo pelo qual é antológica: concurso de boquete.

No ano passado, perdi a festa. Acho que estava estudando. Mas agora vou, com certeza. Ajudei Quinn com o planejamento, decorei o salão com recortes de revista de jogadoras de rúgbi incríveis e um mural gigantesco, que acho que deveria ser uma representação em tamanho real de um *scrum*, mas acabou ficando parecida com uma grande orgia lésbica, toda cheia de línguas e mãos. Sério, nós temos muita sorte por ninguém da universidade prestar atenção às decorações, porque, nossa...

Nossa.

Quinn disse que vai guardar o mural para pendurar no quarto dela depois da festa.

Fiz uma pastinha de queijo com salsinha e cookies, mas ninguém está com fome. Todo mundo está com sede. Quinn levou 10 litros de ponche e três garrafas de vodca. Misturamos as bebidas direto nos copos de plástico vermelhos. A minha me dá dor de estômago – vodca sempre me dá dor de estômago –, mas tomo uns goles e fico na beirada da pista, vendo os outros dançarem.

Não quero beber demais. Tenho medo de fazer alguma bobagem, como aparecer na porta de West e gritar com ele. Ou lhe dizer que embora eu saiba que ele não vai a festas e que quer parar com “isto”, eu queria que ele estivesse comigo hoje.

Para poder chutá-lo.

E então, provavelmente, beijá-lo.

Eu queria tomar um monte de drinques seguidos, mas isso seria uma estupidez. Então aqui estou eu, bebendo meu ponche bem devagar, com cuidado, como uma boa menina, e quando Quinn me puxa para fazer a dança temática com ela, eu apenas sorrio e digo *Não, obrigada, vou só assistir.*

Vou assistir a Bridget e Krishna rindo juntos do outro lado do salão. Os dois oficialmente não deveriam estar aqui, mas nos ajudaram a arrumar tudo e, na verdade, ninguém se importa.

Vou assistir a Quinn ondular, fingindo ser uma água-viva, porque este é o papel que lhe coube na dança temática.

Vou ficar olhando para a porta, embora West não vá aparecer – ele não foi convidado e, mesmo que tivesse sido, não viria.

Vou ficar parada olhando a vida passar por mim, porque eu sou uma boa filha, uma produtora de festas, uma covarde bajuladora que segue todas as regras. E do jeito que as coisas estão indo, nunca serei mais que isso.

Quando saímos do salão, estamos acabadas. Vestimos casaco e chapéu, enrolamos um cachecol no pescoço e seguimos cambaleando pela noite escura. A temperatura está um pouco abaixo de zero, e a neve, espessa e lamacenta. Caminhamos devagar na direção do campo de rúgbi acompanhando o trilho do trem até um ponto atrás do Minnehan Center que Quinn e eu limpamos cuidadosamente mais cedo. Doze metros de pista livre de neve cintilando em linhas paralelas.

Algumas pessoas já estão por lá – a maioria amigos das jogadoras, namoradas, namorados. Enquanto tiramos as garrafas das mochilas e desembrulhamos copinhos de shot descartáveis para dispor ao longo do trilho, a multidão aumenta. Comigo, um envelope de tecido cheio de dinheiro. Eu devo ser a tesoureira, mas quando Quinn afunda os joelhos ao lado do trilho e diz *Vamos lá, meninas. Alinhar!*, não quero mais ficar só olhando. Não quero estar de fora.

Localizo Krishna no meio da aglomeração e o chamo.

– Você agora é o tesoureiro – digo a ele, entregando-lhe o envelope.

– Só se você fizer em mim de graça.

– Tudo bem. Você pode ser o primeiro. – Vejo o olhar de Quinn. – Quero participar.

– Ótimo! Temos mais uma virgeeeem!

A ideia de que eu nunca tenha pagado um boquete é hilária, mas ninguém está zombando de mim.

Quinn abre um espaço a seu lado, prepara um shot e o coloca no trilho à minha frente.

– Vamos lá! – grita, e a multidão começa a se reunir ao nosso redor. – Todo mundo sabe como isto funciona! Dez dólares valem dois boquetes: um para você, outro para a incrível, maravilhosa e poderosa jogadora do outro lado do trilho. Você paga a sua garota, ela deixa você enfiar a sua nota de dez na blusa dela, tudo bem depravado. Todas começam ao mesmo toque do apito. A bebida é colocada no trilho e é preciso tomá-la sem as mãos em uma tentativa. Se engasgar ou babar a cara toda, vai para o fim da fila. Se a sua jogadora se engasgar ou derramar nela mesma, você recebe o dinheiro de volta. Se vocês dois engolirem feito gente grande, você pode pagar mais dez e ir de novo, se quiser. Todo mundo conhece o Krishna?

Olhos se voltam para ele. Cabeças assentem.

– Ótimo. Todo mundo conhece o Krish. Se precisarem de troco, falem com ele. Eu também o estou nomeando árbitro de babacas. Isto aqui é para ser *divertido* e arrecadar *dinheiro* para o time de rúgbi. Sim, os shots são chamados de boquete. Sim, é bem safadinho. Mas se você ultrapassar a linha da diversão e

começar a agarrar, xingar ou fazer qualquer outro tipo de babaquice, o Krish vai dar um chute na sua bunda e todas as jogadoras vão ajudá-lo. Aqui é um lugar seguro. Para to-do mun-do. Entendido?

Mais assentimentos e algumas vibrações. Todos estão felizes, nós estamos felizes. Não fomos as únicas a realizar uma pré-festa.

– Muito bem! Vamos lá! Onde está a minha garota do apito?

De alguma forma, Bridget está com o apito. A primeira fileira paga e se ajoelha.

– Mãos nas costas! – grita Bridget.

Enfio os dedos nos bolsos de trás, para não ficar tentada.

Krishna pisca para mim.

– Chupem, garotas! – exclama Bridget, e em seguida soa o apito.

Abaixo a cabeça. É estranho apenas baixar o rosto até o nível do trilho, e preciso abrir muito a boca para encaixá-la ao redor do copo, a ponto de doer. Quando me sento, alguma coisa espoca na minha visão periférica, uma câmera ou um flash ou apenas luz refletindo nos trilhos.

Vejo a mim mesma de fora. A cabeça atirada para trás. Os olhos fechados. Uma paródia de *exploitation*, de cinema apelativo.

A bebida desce pela minha garganta – Baileys, Kahlúa, chantili. Quente e gelado ao mesmo tempo, estranho e assustador. Seguro a ânsia de vômito. Meus olhos se enchem de lágrimas. É impossível não me lembrar de mãos nos meus cabelos, puxando com força. O pau de Nate enfiado na minha garganta mais fundo do que eu gostaria e essa mesma sensação de quase engasgo.

Não é divertido. Não é.

Mas quando engulo e levanto a cabeça, ninguém está com as mãos em cima de mim. Quinn encontra-se à minha direita. Bridget sorri com seu apito. Krishna está na minha frente, com chantili espalhado pelo casaco preto todo, sem fôlego de tanto rir.

– Que porra mais *nojenta* – diz ele.

– Você perdeu! – brinca Quinn. – Para o fim da fila.

É a coisa mais estranha do mundo, porque não estou bêbada, não estou traumatizada e não estou louca.

Eu não sou uma boceta burra. Não sou uma vagabunda, não sou frígida, não sou uma decepção.

Sou apenas uma garota que tomou um shot de bebida direto do trilho do trem, comemorando com as amigas, saboreando o calor que desce por sua garganta e chega até o estômago.

É ridículo, mas eu estou bem. Na verdade, estou meio feliz.

Os dois shots seguintes são com caras que não conheço. Consigo beber o

primeiro, mas me engasgo com o segundo e o cara deixa o dinheiro quando tento devolver. Permito que ele compre mais uma dose, embora seja contra as regras. Ele se engasga e baba o líquido amarelo esbranquiçado pelo queixo, o que é nojento o bastante para fazer com que nós dois caiamos na gargalhada.

– Aaron – diz ele, estendendo a mão.

Eu a aperto. Está grudenta.

– Caroline.

Ele sorri.

– Eu sei.

Decido que ele quer dizer exatamente o que disse. Ele sabe meu nome. Nada pior do que isso.

– Quem sabe nos vemos na festa mais tarde? – diz Aaron quando se levanta, com os joelhos da calça jeans molhados.

Quem sabe.

Vem mais um cara. Depois dele, as coxas que se agacham na minha frente pertencem a Scott.

O Scott do rúgbi.

– Oi – diz ele.

– Oi.

– Legal ver você aqui.

Rio disso. Na verdade, eu meio que ronco. Eu bebi... Ô-ôu. Alguns drinques. Cinco. Ou seis? Não foram muito grandes.

Quinn nos ensinou a prepará-los com muito chantili e pouca bebida, porque há alguns anos uma das jogadoras acabou no hospital em coma alcoólico. Nós devemos fazer pausas de vez em quando, mas ainda estou bem. Estou melhor do que bem.

– Você achou que não fosse me ver?

– Hã... – Os olhos dele fixam nos meus. – Essa pergunta tem uma resposta certa?

– Hora de pagar, pessoal! – grita Bridget.

Scott estende a mão, com uma nota de 10 dólares entre os dedos.

– Onde eu devo botar isto?

Há dinheiro saindo do meu bolso e os 20 dólares colados no meu pescoço estão cutucando a minha orelha. Olho para o céu, fingindo exasperação.

– Onde você quiser, garanhão.

Isso faz com que nós comecemos a rir.

Ele põe no meu bolso.

Eu me pergunto se ele andou bebendo também.

E me pergunto por que está aqui. Se veio pensando que iria me ver.

Se estava esperando por isso.

Uma das jogadoras serve um shot na minha frente e outro na frente de Scott.

Bridget sopra o apito.

– BEBAM!

Abro bem a boca. Abaixo a cabeça, posiciono a boca ao redor do copo e viro para trás. Meus olhos não ardem mais. Meus lábios estão grudentos e doces, e as mãos frias, por estarem fora dos bolsos há muito tempo. Scott bebe o shot dele também e tira mais 10 dólares da carteira.

– Eu preciso fazer isso de novo agora? – pergunta.

– Você tem o direito de fazer de novo.

– Ah, é um privilégio.

Sorrio.

– Com certeza é um privilégio. E é por uma boa causa.

Desta vez ele enfia o dinheiro no meu casaco, que está com o zíper fechado até o meu pescoço, enrolado no cachecol. Assim, quando ele enrosca os dedos no colarinho, apenas por um instante, toca uma parte totalmente inocente do meu torso, cerca de 10 centímetros acima dos meus seios. E ainda assim através de duas camadas de roupa.

Mas nossos olhares se cruzam. Eu sei o que ele fez, e ele também.

Apito.

– BEBAM!

Este desce estranho. Começo a me engasgar e preciso me agarrar ao trilho por um instante, ferro frio através do couro marrom. Inspiro pelo nariz. Na minha visão periférica, percebo uma confusão. Movimento. Uma onda de agressividade.

– Não é a sua vez, cara – ouço Krishna dizer.

– Eu tenho o direito de ir de novo – acrescenta Scott.

– Não me interessa.

Conheço essa voz.

Olho para cima e vejo West, apoiado em um joelho na minha frente.

Ele deve ter forçado a barra para chegar até o primeiro lugar na fila. Então empurrou Scott para o lado, o que é estritamente proibido. Se outro cara tivesse feito isso, Krishna o teria expulsado, mas West é West, e além disso eles são amigos.

West é West, e ele quer provar alguma coisa. Sabe Deus o quê.

Ele está com o maxilar tenso. A testa enrugada. Os lábios rígidos. Eu me pergunto há quanto tempo ele estava assistindo e que tipo de direito ele acha que tem.

O músculo do maxilar dele se flexiona e ele range os dentes.

– Você está aqui para um boquete? – pergunto.

– Não.

Cruzo os braços e fecho a cara.

– Bom, é isso que temos. Vai querer ou não?

Alguém põe um shot no trilho diante dele. Bridget grita:

– Pague!

West franze mais a testa, abre a carteira, tira uma nota e a estende para mim.

– Você deve colocá-la em mim.

– Não vou fazer isso.

– Todo mundo está fazendo.

Ele hesita, e eu acho que ele não vai botar. Parece incomodado com tudo isso, sem saber se estou sendo explorada ou explorando a mim mesma.

Eu também não sei, mas quero dizer a ele que às vezes precisamos simplesmente confiar no que sentimos. Precisamos acreditar que coisas felizes podem nos fazer felizes e que coisas erradas parecem erradas.

Quero dizer a ele que esta noite ele precisa confiar em que eu sei o que quero em vez de decidir por mim.

Não estou sob o comando dele. Nunca estive.

Nós nunca estivemos juntos. Não éramos amigos. E eu não passei todas as horas desde que o vi pela última vez, há dois dias, com o coração partido, furiosa, me sentindo traída.

Atrás dele, Scott está esperando. O esperançoso Scott. O legal, normal, *possível* Scott. Um cara que eu poderia apresentar ao meu pai. Ele deve ter vindo de carro de Carson hoje por minha causa.

É uma pena que não seja Scott que eu queira.

Estendo a mão, agarro o pulso de West e o puxo até meu peito.

– Aqui é um bom lugar.

Nossos olhares se encontram. Ele enfia a nota no meu casaco, os dedos compridos em chamas.

Eu não estive tão perto dele desde antes das férias. Só nos meus sonhos. Na minha cama, no escuro, lembrando o som da sua voz no meu ouvido, o calor do seu corpo, o deslizar da sua língua.

O apito toca.

– BEBAM!

Mantenho os olhos em West quando me abaixo para tomar meu shot.

Ele não bebe o dele. Apenas me observa engolir a bebida. Ainda está olhando para mim quando termino.

O que faço a seguir talvez se deva ao fato de estar bêbada, mas acho que não. Acho que é porque estou cansada de agir do modo como todo mundo imagina.

Estou cansada de esperar que alguém me domine e de dizer a mim mesma que é isso que eu quero. Estou cansada de ter medo do que pode acontecer.

O fato é que vou até o outro lado do trilho, me abaixo, pego o shot de West e o viro com os olhos fechados. Então, quando os abro, o encaro diretamente e passo a língua pelos lábios, devagar e de forma sedutora.

É o que basta.

West estende o braço, agarra meu casaco e me puxa para ele. Nossas bocas se encontram.

É o beijo mais obsceno da minha vida. Profundo e forte, quente, doce, molhado, insano.

West nem precisa de palavras para deixar claro o que foi dizer ali.

Minha. *Minha, minha, minha.*

Mas não sou dele. Sou minha. Agarro seus cabelos, puxo, arranho seu pescoço, punindo-o por não entender isso. Castigando-o por fazer isso ou por não ter feito isso antes, não sei. Estou punindo-o por me torturar.

O beijo continua e tenho a vaga impressão de ouvir alguém comemorar. Talvez várias pessoas. Não me importa. Minhas mãos apertam e soltam os quadris dele. Ele chama o meu nome enquanto beija o meu pescoço. Depois para e recupera o fôlego, pressionando a testa contra a minha.

Então se levanta, me deixando no frio. Sozinha.

Olha furioso para Scott e vai embora.

E só então compreendo a profundidade da minha fúria.

Estou só de sutiã, dançando no meio de uma multidão de mulheres sem blusa, sorrindo e rebolando.

Estou segura, bêbada e cansada de homens reivindicando meu corpo.

Vagabunda, Nate escreveu na minha pele, e eu acreditei nele.

Minha, West escreveu, e eu deixei, eu me derreti, eu lhe entreguei a minha rendição e a minha língua, mas agora estou brava. Não aguento mais essa merda.

Quinn dá um tapa na minha bunda, levanta meu braço e me faz girar. Duas garotas se abraçam e dão um beijo de língua na minha frente. Bridget está dançando com Krishna com uma cerveja na mão.

Há um motivo pelo qual a festa do time de rúgbi é popular para além dos boquetes, e tem muito a ver com o monte de blusas em cima do palco, ao lado do DJ. Estamos todas de sutiã, muitos metros de pele exposta, garotas gordas, magras, de todos os tamanhos, e nenhuma de nós se importa. Estamos aqui para dançar. Estamos aqui umas pelas outras.

Começam uma coreografia, mas eu não sei os passos. É simples, só que

sempre esqueço a sequência, bato nas pessoas, giro para longe demais e perco o equilíbrio, que reencontro em seguida. Quando caio, mãos se estendem para segurar a minha e me levantar. Corpos me pressionam, uma irmandade de abraços, quadris e braços levantados, óculos escuros e beicinhos, tudo banhado à luz de globos espelhados.

Não sou má. Não sou boa. Estou apenas viva, dançando.

Amo todo mundo. Todo mundo me ama. Somos calor e suor, jovens e bonitas, sexy e unidas. Nenhuma dessas mulheres me magoaria.

Estou bêbada e continuo bebendo. Danço e respiro, me mexo, vivo.

Estamos no meio da pista de dança, o centro de tudo, e às vezes acho que consigo vê-lo no entorno do salão.

Botas e pernas cruzadas, apoiado na parede. Olhos semicerrados. Observando.

Às vezes, acho que vejo uma calça com baleias estampadas. Um sorriso malicioso que sabe demais. A mesma covinha que me fez pensar que eu estava segura quando isso não era verdade, não importa até que ponto seus pais fossem legais e ele fosse educado.

Mas estou com raiva e estou dançando e não me importo.

Fodam-se.

Fodam-se os dois.

– Eu não quero vê-lo.

– Shh!

– O que foi? Eu estou *sussurrando*.

Tropeço em alguma coisa, e Quinn segura meu cotovelo e me ajuda a levantar. Estamos no apartamento de West. Ainda estou bêbada, mas sóbria o suficiente para saber que vir até aqui foi uma má ideia.

– Você não precisa vê-lo – diz Krishna. – Ele está dormindo. Fique calada e vai ficar tudo bem.

Quinn liga a TV, eu tropeço em algo e caio no chão.

– Ai! – digo.

– Merda!

Ela começa a rir.

Quinn e Krishna brigam pelo controle remoto. Penso se não seria melhor ir embora, mas Bridget me ajuda e coloca uma garrafa de água na minha mão, para que eu beba. Fecho os olhos, saboreando cada gole gelado e incrível.

O som da TV fica bem baixinho. O apartamento tem o cheiro de West e está cheio de lembranças que não quero neste momento – a não ser, é claro, pelo fato

de que sempre as quero, e sempre quero *West*, e não há nada que eu possa fazer a respeito.

A água pelo menos acalma a minha garganta irritada. Já meus sentimentos precisarão esperar por outra noite.

Abro os olhos porque estou ficando tonta, o que se torna muito mais evidente agora que não estamos na festa. Bridget encontra-se bem na minha frente, enfiando meus cabelos atrás das minhas orelhas, e eu preciso estender o braço e me segurar em um armário para que sua preocupação cheirando a cerveja não me derrube de novo.

– Por que vocês me trouxeram para cá? – Minha pergunta é para ser um sussurro, mas parece uma lamúria. – Eu não quero vê-lo.

– Eu sei, querida, eu sei. Nós não sabíamos mais o que fazer com você. Precisamos deixá-la sóbria, e você estava falando alto demais para voltar para o alojamento.

Ela me leva até o sofá, onde Quinn e Krishna já estão sentados. Quando eu também me acomodo, Bridget puxa minha cabeça para o colo dela e desembaraça meus cabelos com os dedos. Sinto frio no pescoço. O filme é ridículo, algo sobre carros e armas. Justamente quando meus olhos começam a ficar pesados, chega comida – três caixas imensas de nachos da pizzaria. Sento-me no chão, entre o sofá e a mesa de centro. Enfio nachos, sal e queijo na boca.

– Isto é tãããããão gostoso.

– Não se esqueça de mastigar – aconselha Krishna. – Você sabe que tudo isso vai voltar depois.

– Não – diz Quinn.

– Você está falando sério?

Krishna e Quinn ainda estão discutindo amigavelmente sobre quais são as chances de eu vomitar antes do amanhecer quando a porta da frente se abre de repente. West pisca para nós numa surpresa embotada durante vários segundos antes de Krishna dizer *Merda*.

– Bela saudação.

Ele se abaixa para tirar as botas cobertas de neve e desaparece. Estou no chão, coberta de farelos de nachos e provavelmente toda suja de queijo. Ele não me viu. Não me importo.

– Cara, achei que você estivesse dormindo no seu quarto – diz Krishna.

– Não estou.

– É, tô vendo. Você estava no bar?

Ouço uma batida surda.

– Estava.

Então um silêncio de alguns minutos e um barulho alto.

– Merda – diz West.

– Você está bêbado.

– Não diga.

Krishna se vira para Quinn com os olhos arregalados. Ela faz um movimento de *xô* com as mãos que quer dizer *Leve ele para o quarto*. Krishna se levanta com os nachos na mão, e é o movimento errado, porque West vê a caixa, pergunta se eles pediram comida e se encaminha para o sofá.

Então dá de cara comigo e para.

– Preciso conversar com você.

– Eu não quero conversar – respondo.

– É. Aposto que não quer. Escute aqui... – Ele para. Olha para Bridget, Quinn e Krishna. – É melhor vocês saírem.

– São três da manhã – diz Quinn.

– E estamos no inverno – observa Bridget.

Krishna cruza os braços.

– Nós somos responsáveis por ela esta noite.

– Eu vou ser responsável – diz West a ele.

– Você está bêbado.

– E daí?

– E daí que você não consegue nem tirar os sapatos sem cair. Não vou deixar Caroline com você.

– Ei! Eu estou aqui! Viva e bem, perfeitamente capaz de tomar minhas próprias decisões.

– Eu quero ficar sozinho com ela – decreta West.

– Eu não vou deixar – insiste Krishna.

– Tudo bem. Fique. Mas nós vamos para o quarto.

– Talvez eu não queira... – começo a dizer.

E então estou de cabeça para baixo, com o ombro de West pressionando minha barriga, e preciso me concentrar, porque meus olhos estão lacrimejando e quentes e estou com medo de vomitar nele.

Ele me levantou. Me levantou do chão e me jogou por cima do ombro.

Que *babaca*.

Quando ele me larga, bato na parede. Ele fecha a porta e a tranca à chave.

Vou matá-lo.

– Seu Neanderthal. Seu... seu... homem das cavernas dos infernos. Como ousa? Como ousa?

Ele está em frente à mesa, tirando a carteira do bolso e guardando na gaveta. Depois, tira o casaco e abre o zíper do moletom. Então abre outra gaveta, pega várias camisinhas e bota uma no bolso.

– Para que é isso?

– Não se preocupe com isso.

– Não me preocupar? Que tal você parar de agir como um verdadeiro homem das cavernas que pode simplesmente me beijar quando quiser, me atirar por cima do ombro, me levar para o quarto e pegar uma *camisinha*, como se *isso* algum dia fosse acontecer, que pode fazer sexo comigo pelo telefone quando quer bater uma punheta e se livrar de mim quando acabar? Que tal...

– Caroline. – Ele senta na cama. Sua voz está baixa e calma. – Nós precisamos conversar sobre algumas coisas. Será que você consegue ficar cinco minutos sem berrar?

– Eu não estou berrando!

Mas a frase sai bem parecida com um berro.

Eu me viro de frente para a parede e cubro o rosto com as mãos, porque dói demais olhar para ele.

Preciso ficar com raiva, porque, se parar de sentir raiva, tudo o que me restará serão decepção e desejo, e eu não posso mais lidar com nenhum dos dois sentimentos. O preço é alto demais e já faz muito tempo que venho pagando por isso.

As molas da cama dele rangem. Até isso me comove, porque me lembro de quando estive na cama dele, com as mãos e a boca dele em mim. Meus olhos se enchem de lágrimas e eu estou muito decepcionada comigo mesma.

– Caroline.

West está logo atrás de mim. Eu já o ouvi dizer meu nome assim, baixo e íntimo, logo antes de ele gozar. A forma como meu coração se alegra e meu corpo reage, mesmo enquanto tento me concentrar na minha raiva e segurar as lágrimas, é mais do que consigo suportar.

– Não.

Mas ele não escuta. Apoia uma mão na parede e a outra nas minhas costas. Se inclina para a frente e aproxima os lábios da minha orelha, o calor do corpo atrás de mim, perto o bastante para me fazer desejar, para me arrastar para ele de novo se eu deixar, se eu ceder, se eu for fraca.

– Por favor – diz ele.

Alguém bate na porta.

– Tá tudo bem, Caroline?

É a voz de Quinn. Posso imaginá-la com Krishna e Bridget do lado de fora. Preocupados comigo.

Penso na festa de hoje, na dança, na sensação de estar cercada de pessoas que me amam.

Não sou fraca. Estou um pouco bêbada – ficando mais sóbria a cada segundo

–, mas sou forte.

Respiro fundo e encontro essa força. Me envolvo nela.

Então afasto as mãos do rosto e me viro de frente para West.

– Estou ótima – digo, alto o bastante para eles me ouvirem. – Ele tem dez minutos.

– Tem certeza? – pergunta Krishna.

– Vão ver a porra do filme de vocês – diz West.

Depois de um instante, o volume da TV aumenta.

Então eu e West ficamos apenas nos olhando. O rosto dele é tão perfeitamente imperfeito. A boca larga e pretensiosa que consegue me deixar acesa, fazer com que eu tenha a sensação de estar me afogando, como se só fosse possível viver dele.

A boca dele é uma mentira.

Eu o desmonto, um pedaço por vez. Queixo, maçãs do rosto, nariz, sobrancelhas. Os olhos com as pupilas dilatadas, a íris clara ao redor, olheiras embaixo.

É apenas um rosto. O rosto de West.

O hálito dele é apenas hálito, cheirando a álcool.

Ele é só um homem aqui parado. Não é um problema que eu precise resolver. Não é uma obrigação, uma necessidade, não é amor. Talvez realmente não seja nem mesmo meu amigo.

Quase consigo me convencer disso.

– O que você quer? – pergunto.

A boca dele se abre. Ele estreita os olhos. Põe a mão na nuca, abaixa a cabeça, expira.

– É – digo, porque é fácil ver agora.

Não sei se é a falsa sabedoria de todos aqueles shots e cervejas ou se é porque estou com muita raiva, mas sinto como se todo o fingimento tivesse sido eliminado, como se todas as mentiras convenientes atrás das quais eu havia me escondido tivessem sido expurgadas na pista de dança. Estou me sentindo sábia, e agora sei coisas que não sabia antes.

Como esta... esta verdade: West não sabe o que quer.

– Este é o seu problema, não é?

Ele fez aquele discurso no meu quarto naquele dia, dizendo *Quero você. Não sei como parar de querer. Quero entrar em você. Entrar fundo, e depois mais fundo, até estar tão dentro de você que a gente não saiba mais quem* é *quem.* Ele só falou, mas não se decidiu. Tem medo. Ainda está desenhando limites ao nosso redor.

Eu poderia dizer que agora é tarde demais. É tarde demais há muito tempo,

talvez desde o começo.

Em vez disso, digo:

– Estou cansada de esperar que você descubra.

Ele levanta os olhos. Aquelas marquinhas brilham com algo, talvez um protesto. Algum apelo.

– Estou cansada de você agir como se eu estivesse disposta a ser qualquer coisa que você queira. Talvez as coisas tenham sido assim até agora. Acho que fiz tudo o que você disse, segui todas as suas regras. Mas acabou. Isto não é um jogo e você não está no comando. E eu acho...

– Caro...

– Não. Eu estou falando agora e você que espere. Eu tenho sido paciente, mas minha paciência acabou, West. Você não pode furar a fila na festa e me beijar na frente de todo mundo depois de ter me dado o fora, depois de ter se recusado a admitir até mesmo para os nossos amigos que nós tínhamos alguma coisa há meses, e então ir embora, como se tivesse dito o que queria e pronto. Você não pode me atirar no ombro e me arrastar para o seu quarto como se eu não tivesse o direito de protestar. E botar uma camisinha no bolso para quê? Caso tenha vontade de me comer mais tarde? Não. Você não pode fazer isso. Quer ser meu amigo? Nós poderíamos ter sido amigos. Quer só me comer e mais nada? Sabe, eu estava disposta a isso! Eu provavelmente teria me apegado demais e ficado de coração partido, mas e daí? Eu não seria a primeira garota da história a passar por isso. Mas foi você quem me falou para dizer quando estivesse pronta para sair com outros caras, e você quem me abandonou depois das férias como se nada do que havíamos dito ou feito pelo telefone importasse, então não venha fingir que tem algum direito de bancar o namorado ciumento quando você *não é a porra do meu namorado.*

Agora estou cutucando o peito dele, e é possível que esteja chorando, mas não quero pensar muito, porque preciso fazer isso. É um alívio imenso botar tudo para fora, acusá-lo, bater nele com essas palavras que eu vinha segurando havia muito tempo.

– Desculpe – diz ele.

– É bom se desculpar mesmo. Você foi um cretino comigo e eu simplesmente aceitei. Eu deixei. Mas não vou mais deixar. Se quer ficar comigo, se decida, porra.

Ele envolve meu rosto com as mãos. Não consigo nem escutar com o barulho do sangue nos meus ouvidos, as batidas do meu coração, a minha fúria. Não sei bem o que há de errado comigo. Eu disse o que queria e agora deveria ir embora, mas ele me prendeu aqui entre as suas mãos, os olhos me encarando, e não quero estar em nenhum outro lugar.

Tudo o que eu disse é verdade e ainda assim quero estar exatamente aqui.

– *Você* é covarde. – Minha voz está rouca.

Baixa. Chocada, porque só agora estou me dando conta disso.

– Eu sei.

– E um mentiroso.

– Eu sei.

– Você está *brincando* com meus sentimentos.

Ele nega com um gesto de cabeça.

– Não. Não estou... Não é a minha intenção. Eu só não posso.

– Não pode o quê?

Dou mais uma sacudida nele e nossos narizes se chocam e passam um pelo outro. Ele não está me beijando. Está com o rosto encostado no meu, roçando a bochecha na minha. Passando a barba por fazer no meu queixo. *Eu preciso de você.* É isso que ele está tentando me dizer. *Eu quero você.*

Eu também preciso dele. Também o quero. Mas não é justo ele me dar isso e mais nada. Não basta.

– Eu não posso – repete West.

– Eu não sei nem do que você está falando. – Não pareço mais tão dura. Minha voz está mais suave, porque, meu Deus, eu gosto dele, embora seja errado e estúpido. Ele está sofrendo, e eu me importo. – Não tenho como saber, porque você não me diz nada.

– Eu sei. Eu sinto muito.

Afasto as mãos dele de mim e agarro sua cabeça do mesmo jeito que ele tinha agarrado a minha. Quero que ele olhe para mim. Quero que ouça, que compreenda. Afundo os dedos nos cabelos dele. Eu o faço escutar.

– Você pode me contar. Não há nada que você não possa me contar. Meu Deus, qualquer coisa... Você sabe que eu estou do seu lado. E se você simplesmente me...

Paro de falar, pensando em como seria se ele me obedecesse.

Eu deveria me calar, mas estou com muito álcool no organismo para ser capaz de evitar dizer tudo o que quero.

Olho nos olhos dele.

– Se você me contasse, nós poderíamos deitar naquela cama e ir para baixo das cobertas. Poderíamos tirar a roupa e ficar juntos. Fundo e depois mais fundo, exatamente como você disse. Você sabe como seria, West. Nós dois sabemos.

– Seria incrível.

Desço o polegar, passando pelo arco da sobrancelha dele.

– É. Incrível.

Passo os braços ao redor dele, aproximo seu corpo do meu, encaixo a cabeça

no pescoço dele, porque acho que West precisa disso. Tenho certeza de que sou a única pessoa em Iowa que já o abraçou, e talvez no Oregon também. Talvez ninguém mais o abrace além de mim.

Eu o abraço apertado, e ele está tremendo. Tremendo de verdade.

Sinto pena de West. Isso é uma novidade. Acho que é a primeira vez desde que o conheci que não tenho a sensação de que é ele o detentor de todo o poder, de todas as cartas. A primeira vez que eu acredito que ele pode ser ainda mais ferrado do que eu.

Beijo seu maxilar. Acaricio suas costas, porque elas são largas, quentes e fortes, e a verdade é que eu não consigo evitar. Nunca consegui.

Mas depois de tudo isso eu o solto. Dou um passo para trás. Olho nos olhos dele e levanto o queixo.

– É mais fundo ou nada – digo. – Então tome uma decisão.

Desta vez, sou eu que vou embora.

FEVEREIRO

West

Janeiro terminou. Fevereiro chegou.

Parei de vender maconha e me livrei do meu estoque. Sem Caroline por perto, a padaria ficava morta. Eu trabalhava muito e estudava enquanto o pão crescia, ouvindo o zumbido das lâmpadas fluorescentes.

Era chato. Chato e triste.

Passei três semanas sem vê-la, e, mesmo assim, ela permeava toda a minha vida. Minhas lembranças, meus sonhos, meus pensamentos. Acontece que não se pode cortar alguém do coração apenas porque se quer.

Eu não queria magoá-la. Não queria dar a ela o poder de acabar comigo. Não queria trepar com ela e ir embora como se não significasse nada, como se *ela* não significasse nada.

Eu só queria estar com ela. O tempo todo. De todas as maneiras. Apesar de ir embora e apesar de não a merecer, era isso que eu queria.

Mais fundo ou nada, ela disse antes de ir embora da minha casa e da minha vida.

Fiquei assustado demais para tomar uma decisão. Assustado demais para ir atrás dela, contar-lhe o que ela queria saber, me ajoelhar e implorar, se fosse preciso.

Eu estava preso demais a todas estas perguntas para as quais não tinha resposta: *E se você for atrás do amor da sua vida e ele te ferrar? E se não for e você perceber que já está ferrado?*

E se não houver resposta certa? Apenas você, a garota que você ama e o seu medo. Um relógio correndo, uma mãe em quem não se pode confiar, uma irmã que precisa de você, um pai determinado a ferrar com qualquer coisa boa em que você põe as mãos.

Eu fugi do *mais fundo*, mas nunca pensei muito na alternativa.

Nada ou mais fundo.

A escolha que eu deveria fazer.

Que tipo de babaca escolhe o nada?

A fumaça enche os meus pulmões, e faz tanto tempo que não fumo que o barato é imediato.

Só que o barato é péssimo. Amplifica o meu desânimo de tal forma que consigo sentir meus lábios virarem para baixo. Minhas narinas se alargam.

Dou outra tragada profunda.

Estou na varanda atrás do restaurante, fazendo um intervalo de cinco minutos para fumar em meio à movimentação do Dia dos Namorados. Está frio na rua e os sons da cozinha são abafados pelo isolamento e pelo acabamento em madeira.

As gorjetas estão boas esta noite. Eu deveria estar contente por ter um trabalho, mas me sinto péssimo.

Estou há 22 dias sem ver Caroline.

Na janela, contra a escuridão do lado de fora, meu reflexo me encara, furioso e mau.

Pareço o meu pai.

Estou com a idade que ele tinha na primeira memória que tenho dele. Ele me deu uma bicicleta com rodinhas laterais e o Homem-Aranha no assento. Eu o achava incrível. Meu pai, quero dizer. Não o Homem-Aranha, embora o Homem-Aranha fosse muito legal também.

Meus pais estavam sempre se beijando, se tocando. Eu não tinha permissão para ir para a cama da minha mãe de madrugada quando ele aparecia. Eles faziam uns barulhos lá dentro, e eu precisava fechar bem os olhos e afastar os pensamentos. Deitava no sofá, dentro de um saco de dormir velho de náilon verde, e ficava esfregando o forro acetinado embaixo do queixo, pensando em como seria incrível quando eles se casassem. Aí eu teria pai e mãe.

Crianças com pai e mãe moravam em casas com jardim. Eu sabia disso porque observava os alunos na escola que tinham o que eu queria, e a coisa mais importante que elas tinham eram os dois pais juntos, como um casal. Pais com emprego e aliança de casamento que iam às apresentações com câmera de vídeo e acenavam.

A 1,5 metro de onde eu ficava, do outro lado da parede de compensado, a cabeceira batia fora de ritmo. As vozes dos meus pais se misturavam, baixas e cheias de urgência, cheias de dor.

Eu achava que não demoraria muito para eu ganhar um cachorro que faria companhia ao gatinho que meu pai havia trazido do nada na semana anterior.

Não demoraria muito e tudo ficaria perfeito.

Mas não ficou. As aparições dele nunca duravam. Dessa vez, ele discutiu com a minha mãe e ela não conseguiu acalmá-lo. Meu pai ficou reclamando de quanto ela havia gastado numa blusa nova. A briga se transformou em um

sermão sobre as reclamações dela, a carência dela, o fardo inútil de merda que nós dois éramos.

Ele entrou no carro bêbado, deu ré na direção da estrada, levantando cascalho por todo lado, e saiu tão rápido que atropelou o gatinho.

Então parou. Eu me atirei de joelhos ao lado do carro. Ele saiu do automóvel enquanto eu e minha mãe ficamos olhando.

Coitado do gatinho. Eu não conseguia parar de olhar para ele. Minha mãe estava encostada na porta, chorando como se ele tivesse passado por cima dela, enquanto eu olhava para o gatinho tentando respirar com o peito estraçalhado.

Pensei que estivéssemos em sintonia. Pensei que ele estivesse vendo o gatinho da mesma forma que eu, tentando respirar por ele, afundado em remorso, confusão e esperança de que o bichinho sobrevivesse.

Então meu pai se levantou e chutou-o.

O gatinho não estava nem morto, mas ele o chutou com força suficiente para fazê-lo voar em um arco, poucos centímetros acima do chão. O bichinho passou rolando pela falha na treliça do vizinho e parou embaixo demais do trailer para que eu o alcançasse.

Ele apodreceria lá. Eu não sabia disso ainda.

– Pare de chorar – disse meu pai. – É só uma porra de um gato.

Quando ele entrou no carro de novo, fechou a porta e foi embora, eu não o odiei. Culpei a minha mãe por tudo – a discussão, a raiva dele, o gatinho.

Não o odiei, mas compreendi pela primeira vez que nós dois não somos iguais.

Ele é o tipo de homem capaz de chutar um gatinho.

Eu não.

Minha mãe parece não entender isso. Hoje de manhã ela me mandou uma mensagem dizendo Feliz Dia de São Valentim para o amor da minha vida!

Segurei o telefone com força. Era isso ou atirá-lo do outro lado do quarto.

O amor da vida dela.

Quando está com meu pai, ela o chama assim. Wyatt Leavitt, o amor da vida dela. Seu homem adorado. Seu viajante.

Não há nada como a paixão, ela me disse na última vez que o aceitou de volta. *Você não tem como compreender, Westie, você é jovem demais, mas nós nascemos para nos apaixonar. Sem a paixão...* Ela deu de ombros e olhou para o teto, procurando as palavras certas. *Sem ela, somos apenas animais.*

Isso a respeito de um homem que deu um soco no estômago dela. Um homem que arrebentou meu lábio quando eu tentei protegê-la dele, dizendo palavrões, dando tapas e a chamando de idiota enquanto ela chorava e implorava que ele não fizesse aquilo, não a machucasse tanto: *Por favor, querido, não.*

O amor da vida dela.

E eu sou a cara dele.

A *hostess*, Jessica, enfia a cabeça pela porta.

– A dezesseis pediu a conta, a oito empilhou os cardápios na beirada da mesa e eu anotei a sobremesa da doze para você. Se não voltar, vou dizer para a Sheila demitir você.

– Estou indo.

Abro a porta, largo o cigarro pela metade no degrau de concreto e o esmago com a sola do sapato. Jessica espera até realmente me ver entrando antes de voltar para a frente do restaurante.

Levo a conta para a mesa dezesseis, anoto o pedido da oito e sirvo a sobremesa na doze. Então confiro as outras mesas. O tempo todo, as palavras da minha mãe não saem da minha cabeça.

O amor da minha vida.

Passei quase dez anos tentando ser o homem que *meu pai* deveria ser. Um homem que põe a família em primeiro lugar, não importa o que aconteça. Um homem que quer ver a família segura, alimentada, feliz.

Eu nunca quis ser o amor dela. O tipo de amor dela... enfraquece. Nos arrasta para baixo.

Mas hoje, mais do que em qualquer uma das últimas 22 noites que passei sem Caroline, não consigo deixar de pensar que há mais de uma forma de nos afogarmos.

Outro garçom passa por mim e diz:

– A Jessica acabou de passar a seis para você.

– Obrigado.

Quando levo a jarra de água, encontro minha professora de economia à mesa. Uma mulher gorducha, ela um dia levou quatro crianças e um saco de rosquinhas açucaradas para um grupo de estudos e as deixou mandarem ver. Hoje está com o marido, bem arrumada. Ela fala bem de mim para ele:

– Um dos meus melhores alunos do semestre passado.

Depois, acrescenta que espera me ter como aluno em seu seminário no ano que vem.

Anoto o pedido deles e desejo um feliz Dia dos Namorados. Como gosto dela, faço um esforço para sorrir ao dizer isso.

Na cozinha, entrego o pedido e pego a entrada de outra mesa, de quatro pessoas. Passo pela porta para o salão com um prato em cada mão e outros dois equilibrados nos antebraços, pensando em outro jantar com outra mulher com idade para ser minha mãe.

Há dois anos, o Dia dos Namorados foi a primeira vez que pisei na casa dos

Tomlinson. A Sra. Tomlinson tinha um jantar para dois preparado na sua enorme cozinha que deveria ser servido à luz de velas, e disse que me pagaria 200 dólares se eu fosse o garçom por algumas horas.

Servi a comida e fiquei em um canto, onde ela me mandou ficar, vendo os dois comerem – o homem que havia me transformado em seu protegido e a mulher com quem ele era casado. O amor da vida dele. O homem com quem eu queria tanto me parecer, porque ele tinha tudo o que eu queria. Respeito, dinheiro, segurança, habilidade.

A Sra. T. usava um vestido preto decotado na frente, com os peitos meio de fora, diamantes pendurados nas orelhas, no pescoço, brilhando nos dedos. Ela arrulhava para o marido, falando sobre o dia do casamento deles.

– O dia mais feliz da minha vida – disse.

Na semana seguinte, trepei com ela na cama dele. Ela queria que eu a comesse por trás. Subi em cima dela e não sosseguei enquanto ela não agarrou os lençóis, arqueou as costas e gozou com um uivo de gata.

Eu me lembro de segurar seus quadris e meter nela. Um êmbolo sem cérebro, apenas um pedaço de carne. Nada além de um animal.

A forma de amar da minha mãe é um desastre, mas eu não estava me saindo muito melhor até conhecer Caroline.

Cheguei a Putnam achando que o amor era uma fraqueza, e o sexo, uma ferramenta. Talvez eu estivesse certo. Acho que, com a vida que tive, eu precisaria ser um idiota para não temer ao menos um pouco a forma como me sinto em relação a Caroline.

Tenho medo de que *mais fundo* seja uma corrente que vá me tirar o controle e me deixar tão impotente e iludido como a minha mãe. Pensei que, se deixasse isso acontecer – se me deixasse ser distraído por Caroline, se desobedecesse às regras, se ligasse o foda-se para meu bom senso –, não conseguiria mais me respeitar, porque não seria melhor do que meu pai nem mais esperto do que minha mãe.

No entanto, aqui estou eu, servindo filés, saladas e tortas de quinoa a um casal após outro, sorrindo e sendo simpático, embora deteste isso, deteste tudo isso, deteste tudo quando não estou com Caroline, pensando o tempo todo *O que vai ser preciso para eu admitir? Uma marretada na cabeça*? *Uma porra de uma placa de néon na testa?*

Eu amo Caroline. Eu a quero. Quero tudo o que ela vai me dar, e isso não vai passar. Nunca vai passar.

E eu não sou o meu pai.

Eu me pareço muito com ele, mas não sou ele. E sei disso há muito tempo.

O que preciso meter na minha cabeça, talvez, é que também não sou a minha

mãe.

Não estou apaixonado por uma mulher que não me merece. Não estou me atirando em uma paixão como se fosse uma droga de que eu precisasse de uma dose, implorando ser aceito, ser dominado, ser arruinado, se for preciso.

Esperei mais de um ano apenas para beijar Caroline, e tive muito tempo antes disso para saber como ela é.

Ela é boa, inteligente, simplesmente incrível.

Na verdade, gostei que ela tenha me dado o fora. Eu estava sendo um babaca e ela me desmascarou. A mulher por quem estou apaixonado é forte o bastante para exigir que eu a trate da forma que ela merece.

Mas eu não fiz isso. Não contei nada a ela sobre mim, sobre minha vida, minha família, porque tinha medo que ela usasse essas coisas contra mim. Que me excluísse. Que me virasse as costas.

No entanto, por que ela faria isso? Ela não é meu pai. Não é minha inimiga.

Ela é Caroline.

Três semanas sem ela me ensinaram o que eu deveria ter aprendido nos dezoito meses desde que a conheci: que ela é incrível. Que estou apaixonado por ela. Que a paixão é uma delícia.

Amar Caroline não me atirou de um precipício. Ainda sou eu. Não sou meu pai. Nem minha mãe.

Se me chamarem de volta para casa, eu vou, porque é preciso. Não é algo negociável.

Não sei o que vai acontecer antes disso – nem com Caroline nem comigo... Com nada, na verdade. Talvez eu precise ir embora amanhã. Ou posso ser morto em um assalto a uma loja de conveniência. Todos podemos morrer da porra da gripe aviária.

Mas hoje é Dia dos Namorados.

Se o mundo terminar amanhã de manhã, vou fazer todo o possível para garantir que termine com Caroline na minha cama, com os cabelos dela no meu travesseiro, as minhas mãos na bunda dela.

E digo isso do jeito mais romântico possível.

Estou diante da porta dela, com uma dúzia de rosas baratas do posto de gasolina na mão. Estou cheirando a suor e vapor de lavadora de louça, e ela está de pijama, com os olhos apertados contra o brilho da luz do corredor.

Eu a acordei.

Acordei Bridget.

Se ficar aqui por mais algum tempo, provavelmente vou acordar metade do

andar, mas não estou nem aí.

– O que você quer saber?

– O quê?

A voz dela está cheia de sono.

– Me diga o que você quer saber. Faça qualquer pergunta e eu responderei. Sou um livro aberto.

Os cabelos dela estão emaranhados. Quero passar a mão neles, beijá-la, abraçá-la.

Cedo demais. Cedo demais, mesmo que isso dê certo. E se não der... Bem, não consigo nem pensar nisso.

– Você é um livro aberto – repete ela.

Deve estar despertando, porque injeta um pouco de ceticismo nas palavras.

– Qualquer coisa que você queira saber.

– Vamos começar com o motivo para você estar aqui às... que horas são?

– Onze e trinta e cinco.

– Onze e trinta e cinco da noite no Dia dos Namorados – neste momento, ela meio que olha para o buquê na minha mão –, depois de não ter ligado, mandado mensagem ou dado qualquer sinal de que se lembra de que estou viva durante quase um mês.

– Vinte e dois dias.

– Você está contando?

– Posso dizer quantas horas foram, se você quiser. O negócio é que... Quando se trata de você, eu sou um idiota. Mais do que você imagina. Provavelmente de muitas formas que você nem tem ideia.

Isso quase a faz sorrir. Posso ver seus lábios se mexendo. Ela decide não ceder, mas lábios se mexendo são um bom sinal, então continuo:

– Olha, eu não queria acordar você. Teria vindo mais cedo, mas estava no restaurante, e apareceu um casal quase às dez, então eu vim o mais rápido que pude. Eu deveria ter deixado para vir amanhã, mas...

... mas eu não aguentava mais.

... mas eu precisava ver você.

... depois que tomei minha decisão, eu não queria ter que esperar nem um segundo a mais do que o necessário.

– Trouxe rosas pra você – digo, estendendo-as para ela.

É o único presente que já lhe dei, vermelho-sangue e, espero, tão romântico que ela vai gostar.

– Estou vendo.

Espero que ela diga mais alguma coisa, me dê uma pista de como estou me

saindo. Ela passa a mão no rosto, algo que a vi fazendo centenas de vezes na padaria para despertar.

– Está bem – diz. – Está bem, Sr. De-repente-sou-um-livro-aberto. De onde você é?

– Oregon.

– De que cidade, idiota.

– Silt.

– Você é de uma cidade chamada Silt?

– Sou.

– Como é lá?

– Fica perto da baía de Coos, que faz parte do oceano. Coos é bonita, está sempre cheia de turistas. Silt fica mais para dentro. É uma espécie de... – *Um cu de mundo*. – Não tem nada de mais.

– E você tem pais ou é, tipo, fruto de geração espontânea?

Caroline parece estar me provocando, mas não é exatamente isso. Minha família é uma ferida entre nós e ela está indo direto ao ponto.

– Todo mundo tem pais, Caro.

Bridget diz de algum lugar no escuro:

– Não se esqueça de que você pode bater a porta na cara dele a qualquer momento.

Penso em dar um passo para trás, mas assumo o risco.

– Tenho mãe. O meu pai... não é presente a maior parte do tempo. O que é melhor para todos os envolvidos. Ele é... encrenca.

Ela olha nos meus olhos com a testa franzida de leve. Totalmente desperta – é assim que fica durante as aulas. Prestando bastante atenção para escutar tudo o que não estou dizendo.

– Como ela se chama?

– A minha mãe? Michelle.

– Ela é casada com o seu pai?

– Não.

– Então o sobrenome dela é Leavitt ou...

– É o sobrenome do meu pai.

– Mais irmãos?

– Só a Frankie. Eu contei a você sobre ela.

– Não, não contou.

Justo.

– Vou contar.

Ela inclina a cabeça, pensativa.

– Qual é a sua cor preferida?

– Verde.

– O melhor lugar onde já passou férias.

– Nós nunca fomos a lugar nenhum. Califórnia, acho.

– O melhor presente que já ganhou.

– Aquele livro que você me deu.

Os olhos dela se arregalam um pouco.

– É só um livro. Sobre pão.

– Eu gostei.

– Que tipo de presentes você costuma ganhar?

– Roupas. Coisas de que preciso. Coisas que a minha mãe acha divertidas mas que não são. Bo me deu uma garrafa de uísque no Natal.

– Quem é Bo?

– O namorado da minha mãe. Ela e Frankie moram com ele.

– Por que você me deu o fora depois das férias?

Eu não estava esperando essa pergunta. Desvio os olhos para a escuridão, por cima do ombro dela.

– Você acha que... se eu prometer lhe contar qualquer coisa que queira saber, você vai comigo até meu apartamento?

Caroline não responde imediatamente. Em vez disso, puxa as flores da minha mão, afasta o plástico transparente e o papel do arranjo e as analisa.

– Se esta é apenas uma tentativa barata de dar uma trepada no Dia dos Namorados, não vai dar certo.

– Não é isso.

Depois de um longo instante, ela olha para cima.

Eu já vi o rosto de Caroline de uma centena de formas. Cauteloso e esperançoso, corajoso e impetuoso, feliz e chorando. Eu a vi suave e aberta, com a boca cuidadosamente beijada. Mas só a vi do jeito que está agora uma vez: naquela primeira noite em que fui até o carro dela e a convidei para entrar na padaria.

Assustada. Ela está assustada com o que vai acontecer.

Mas quer mesmo assim.

– O que é isto, então? – pergunta.

Queria pensar em algo perfeito para dizer. Queria ter palavras que falassem sobre nós dois, sobre dezoito meses de observação e espera, de noites que passei acordado na cama, madrugadas que passamos juntos misturando massa de pão e fazendo o outro rir. Cada sonho que eu tive com ela. Cada noite em que ouvi sua voz ou recebi uma mensagem que me fez sorrir ou balançar a cabeça. Cada noite em que levei o telefone ao ouvido e disse qualquer coisa que me veio à mente para fazê-la gemer e se desmanchar.

Mesmo conhecendo-a como a conheço, ainda não sei como fazê-la compreender por que estou aqui parado, totalmente inseguro quanto ao que estou fazendo, para onde estamos indo, o que é isto – e por que, mesmo assim, ainda consigo ter tanta certeza de que é aqui que devo estar.

Ela é o que eu quero. Mais do que meus planos, mais do que ser inteligente, mais do que obedecer às regras que criei, quero estar com ela.

Eu preciso. Necessito. Quero.

Não posso mais perder tempo. Não quando sei que não temos mais tempo a perder.

– Eu quero ser seu namorado – disparo.

Imediatamente, desejo ter pensado em outra forma de dizer isso. *Eu quero ser seu namorado* – pior do que péssimo. Infantil. As palavras caem pesadas no meu estômago.

Eu nunca as disse antes.

Caroline está olhando direto para mim, com os grandes olhos castanhos cheios de interesse e... compaixão, talvez.

Puta que pariu, ela está com pena de mim.

Tarde demais. Esperei demais.

Mas sua voz é suave quando ela diz:

– Espere um instante.

Fico na porta, com um anzol na boca preso a uma linha que Caroline segura. Apenas esperando para ver aonde ela vai me arrastar.

Ouço barulho de chaves. Ela volta com o casaco e o cordão que usa como chaveiro pendurado nos dedos. Suas botas estão ao lado da porta. Ela enfia os pés, calçando-as por cima da calça do pijama.

– Não me espere acordada, Bridge – diz, passando pela porta, que fecha atrás de si, forçando a maçaneta para garantir que está trancada.

Ela está indo comigo.

Ela se vira, o rosto perto do meu, o corpo perto do meu, pressionando as flores no meu casaco, amassando-as.

– Eu dirijo?

Apenas olho para ela. Não faço ideia do que disse para ter tanta sorte.

Talvez Caroline seja um presente. Talvez o Universo esteja me recompensando pelo fato de o meu pai ser um merda tão absoluto.

Eu aceito.

– West?

– Isto é... isto é um sim?

Ela dá de ombros com mais um farfalhar de plástico.

– Quando eu digo não para você?

– Disse uma vez.

Ela sorri e seu sorriso é como o rosa e o laranja que vejo no horizonte quando saio da padaria pelo beco e sou surpreendido pela manhã.

Eu estava no escuro. Estava solitário, obstinado, em busca de uma vida que parecia que seria o suficiente – até ela aparecer e aquilo deixar de ser.

Mais fundo ou nada. Meu novo lema.

– Eu não disse não para você – retruca ela. – Eu disse para tomar uma porra de uma decisão. E, olhe! – Ela agita as flores na minha frente. – Funcionou. Agora estou sendo cortejada.

– Era isso que você queria, é? – Sorrio. – Uma boa e velha corte à moda antiga?

– Talvez seja parte do que eu queria.

Eu me inclino para a frente, finalmente com os pés firmes no chão.

– Eu vou fazer a corte até você não conseguir mais andar, meu bem.

– Promessas, promessas.

Ela fecha os olhos quando a beijo, mas eu mantenho os meus abertos.

Quero ver o sol nascer.

Acho que deve ter sido estranho caminhar até o carro dela na noite fria a ponto de congelar minhas bolas, ir até meu apartamento com a calefação ligada no máximo e muito silêncio ao nosso redor.

Subimos pela escada de incêndio, deixamos os sapatos ao lado da porta e passamos pela área comum até meu quarto. Penduro o casaco na cadeira da minha mesa e me sento na cama com as pernas estendidas e as costas na parede.

Ela pensa um pouco e faz a mesma coisa.

Estamos lado a lado na cama e eu fico esperando que algo dê errado, que pareça errado, mas tudo o que consigo sentir é alívio, se alívio for algo parecido com tirar uma tonelada de tristeza dos ombros depois de uma vida inteira carregando esse fardo.

Eu me viro um pouco para olhar para ela.

Seu cabelo ainda está todo desgrenhado. Ela tem uma remela no canto de um olho e está com uma parte do lábio inferior inchada, como se estivesse seca demais ou ela a tivesse mordido.

É o que ela faz, enquanto a observo. Prende o lábio entre os dentes, suga para dentro da boca e solta. As linhas brancas que ficam marcadas tornam-se rosadas novamente diante dos meus olhos.

Eu quero devorá-la.

Tenho quase certeza de que ainda não é a hora.

– Você precisa me dizer o que quer que eu faça agora – começo. – Quero dizer, você quer conversar, mas eu não sei direito... sou péssimo nisso.

Isso acaba sendo outro tipo de alívio. Ser péssimo em alguma coisa e poder admitir.

– Nisso o quê? Garotas?

Ela está sorrindo.

– É, você adoraria que eu admitisse isso.

– É, eu adoraria ouvir você dizer que é péssimo com garotas.

– Você não costumava reclamar das minhas habilidades.

– Mas aquilo era tipo um ensaio. Laboratório de amasso.

– Você quer dizer que talvez eu não tenha um bom desempenho numa situação da vida real?

Caroline se vira para mim, apoiando o ombro na parede.

– Quero dizer que acho que você nunca teve uma namorada antes.

– Isso é verdade. Eu já estive com garotas, mas nunca...

Penso em como dizer isso e começo a me enrolar antes de me lembrar que somos apenas Caroline e eu. Não preciso acertar de primeira.

– Você é a primeira garota de quem gostei desse jeito.

Achei que admitir isso seria como tirar um pedaço de mim e entregar a ela.

E é. Mas ao mesmo tempo não é.

É mais como... como se houvesse um monte de coisas que eu guardei dentro de mim, uma defesa contra aquilo de que tenho medo. Pedras e terra, pedaços de metal e lixo que encontrei ao longo da estrada. O que estou dando a ela não é um pedaço de *mim*, mas parte desse muro que eu achava que era eu.

Eu não preciso de muro nenhum. Não para me manter a salvo dela.

Caroline está sorrindo, olhando para as próprias mãos em cima da cama. A poucos centímetros das minhas mãos. Ela mexe os dedos até eles tocarem as pontas dos meus.

– Sabe qual foi a palavra mágica que você disse hoje?

– Não, qual foi?

– Namorado. – Ela olha para o meu rosto, e para baixo de novo. – Foi por isso que vim com você. Porque você disse aquilo.

– Eu devia ter dito há muito tempo.

E estou falando sério. Queria ter conseguido. Queria não ter desperdiçado todas as noites que poderia ter passado com ela.

– Amigo. Namorado. Você merecia as duas.

Ela toca no meu rosto. Acaricia a minha testa, corre os dedos pela têmpora, pela face, desliza-os sobre a minha boca.

– Você vai mesmo me contar qualquer coisa?

– Vou.

A palavra é um sussurro, o leve movimento dos meus lábios na pele dela.

– Se eu quiser saber por que você ficou tão chateado quando eu dei aquele dinheiro para você no Natal...

Caramba. Que talento para pegar uma mulher que vai direto na jugular.

– Sim. Se você me perguntar.

Ela senta, olhando para mim por um instante.

– Se eu quiser saber por que você foi até o meu carro naquela noite na padaria...

Assinto. Dou um beijo na palma da mão dela. É brega, eu sei, mas estou muito feliz por ela estar aqui.

– Quantas... parceiras você teve.

Beijo o pulso dela.

– Sim.

– O que você sente por mim.

– Sim.

Mas acho que ela talvez já saiba isso. Acho que fica evidente quando olho para ela, quando ela olha para mim. Se já não estivesse claro, nós não teríamos durado tanto. Não teríamos submetido o outro a tanta coisa quando teria sido mais fácil simplesmente parar.

Eu gosto dela, eu a amo e a quero.

Se ela perguntar, direi isso.

Por ora, no entanto, como eu quero e ela está olhando fixamente para os meus lábios, eu beijo seu pescoço. Encontro sua pulsação e fico ali parado, lambendo, imaginando o sangue e o calor passando pelas veias. Envaidecido pelo fato de o coração dela estar batendo mais rápido por minha causa.

Fico pensando que ela vai me interromper, mas, como ela não faz isso, eu a beijo embaixo do maxilar, atrás da orelha. Beijo suas pálpebras e seu nariz, as maçãs do rosto, o queixo.

Ponho a mão na base da coluna e pressiono para que ela levante os quadris e se deite na cama.

Beijo sua boca.

Caroline tem o gosto de tudo o que eu mais vinha desejando.

Continuo beijando e ela continua deixando. Seus braços envolvem as minhas costas e descem pela minha coluna. Estou por cima dela, com os quadris em cima dos dela, dureza contra maciez. Eu não havia planejado isso, mas seus lábios formam as boas-vindas que esperei a vida inteira, seus braços são a âncora de que eu preciso, seu corpo é a minha casa.

Nós funcionamos juntos. Mesmo que eu esteja fazendo isso do jeito errado,

completamente errado, não tem importância. Nós funcionamos.

– Diga o que você precisa saber.

Tem que haver alguma coisa. Eu não posso simplesmente poder beijá-la. Nada na minha vida é tão simples.

Ela me afasta e senta. Eu a acompanho, pensando que ela vai começar a fazer exigências. Insistir nas respostas a todas as perguntas que fez um minuto atrás, algumas das quais, bem, não são legais. A resposta àquela primeira pergunta, em especial, pode significar que ela nunca mais queira me beijar de novo, e isso quer dizer que eu *preciso* dizer a ela?

Preciso? Não tenho certeza.

Caroline segura a barra da blusa, que tira pela cabeça e atira no chão.

Ela está sem sutiã.

Porra, isto não é justo. Eu já estou tendo problemas com a ética da situação. Não consigo pensar em certo e errado com os peitos de Caroline na minha frente, os mamilos duros no ar frio, os braços abertos em um convite.

– Eu devia... nós devíamos... sabe, conversar. Se você quiser.

– Estou bem. Mas você está com muita roupa.

Ela desabotoa a minha camisa, começando por baixo enquanto eu seguro a cintura dela e fico boquiaberto como se nunca tivesse visto uma mulher nua antes. Há algo diferente em Caroline. Sempre houve.

Ela afasta os dedos dos botões e os estala na frente dos meus olhos.

– Aqui em cima.

Pisco e balanço a cabeça, saindo do transe.

– Desculpe.

– E eu achando que você havia sentido a minha falta.

Beijo a testa dela.

– Eu senti.

Ela abre o último botão e diz:

– Tire.

– Tem certeza?

Ela se ajoelha na cama e fica mais alta do que eu. Põe as mãos nos meus ombros e olha direto nos meus olhos.

– Tudo o que eu precisava escutar era que você me contaria. Que você confia em mim.

– Eu sempre confiei em você.

– Não. Você não pode guardar tudo para si e ainda chamar isso de confiança. Tire a camisa.

Obedeço, mas hesito quando chega a vez da camiseta. Trabalhei por muitas horas e precisei fazer força.

– Estou fedendo.

Ela olha para o teto e segura a barra da camiseta, então levanto os braços e deixo que ela a tire. Quando abro os olhos, seus seios estão no meu rosto e não vejo qualquer alternativa. Preciso tocá-los.

Meu Deus, ela é tão *macia*... Eu os seguro, sentindo o peso deles nas minhas mãos. Eu não esqueci o gosto dela, a pressão do mamilo na minha boca. Quando ela geme, eu a jogo no colchão e desabo em cima dela, atacando-a sem arte, sem plano ou controle. Chupando e lambendo, amassando e apertando, me esfregando em sua coxa, entre suas pernas, sobre o osso do quadril, como um menino idiota.

Que é como me sinto. Jovem, bobo e muito sortudo.

Ela não age de forma muito diferente. Me agarra por todos os lados: as mãos nos meus cabelos, na minha bunda, puxando meus quadris, arranhando minhas costas. Ainda faço mais uma péssima tentativa de conversar com ela.

– Olhe só, sobre as perguntas...

Ela esfrega a palma da mão para cima e para baixo no meu pau e minha boca se abre. Meu cérebro se embota. Todo o meu corpo está concentrado no que Caroline está fazendo comigo.

– Depois – diz ela.

Por mim, tudo bem.

Ela me deita e monta em cima de mim, em cima do meu pau duro, esfregando para a frente e para trás e balançando os peitos diante do meu rosto. Eu sou o cara mais sortudo do mundo.

Eu a chupo e ela me cavalga. A pele dela é tão pálida, com um mamilo inchando e suavizando, escurecendo enquanto manipulo o outro entre os dedos. Os olhos de Caroline estão fechados, o pescoço vermelho, o corpo subindo e descendo em um ritmo lento e constante que mal consigo suportar. Faz muito tempo desde que gozei pela última vez. Nos primeiros dias depois que ela me deu o ultimato e saiu do meu quarto, eu estava fervendo de ressentimento mal direcionado. Bati tanta punheta que pensei em virar profissional. Mas depois de um tempo perdi o interesse, perdi o entusiasmo.

Estou sem prática.

Que é outra forma de dizer que estou com a energia de um menino de 14 anos.

Agarro seus quadris e a seguro firme. Ela protesta e continua o movimento.

– Não, gata. Sério.

– Está muito gostoso.

– Eu sei. Um pouco gostoso demais. Se continuar assim, eu vou...

Ela puxa os meus pulsos até eu soltá-la e leva minhas mãos a seus seios.

– Vá em frente.

– Você quer que eu goze na minha calça?

Caroline fecha os olhos. Quando passo os polegares pelos mamilos, ela suga o ar como se eu a estivesse machucando e a sensação fosse muito, muito boa. Então ela me segura com ainda mais força.

– Caro, estou falando sério.

– Eu também estou.

– Vai ser uma cagada danada.

– Você precisa lavar essa calça mesmo.

– É, mas ainda assim.

– Eu limpo você. Com a língua.

É o fim da conversa. Toda a parte superior do meu corpo se arrepia – um sinal claro de que tenho apenas alguns segundos. Levo a mão à sua nuca, puxo-a para baixo, enfio a língua em sua boca e ainda a estou beijando quando meus dedos dos pés se dobram e eu preciso arquear a cabeça para trás, fechar os olhos, a cabeça do meu pau insuportavelmente sensível, formigando, vibrando, e então eu gozo, o líquido quente na minha pele, liso e escorregadio, e Caroline vai diminuindo o ritmo, beijando o meu pescoço, passando os lábios pelas minhas clavículas.

Meu Deus. Meu Deus.

Ponho as mãos atrás da cabeça dela, que ri, aninhada no espaço entre o meu ombro e o meu pescoço.

– Foi um barulho interessante.

– Cale a boca.

– Parecia que você estava morrendo.

– Juro que se você não calar...

– Não pareceu bom.

– Foi maravilhoso. Jamais duvide disso.

Ela está tremendo de rir no meu peito, enlaçada pelos meus braços.

– Vou cuidar de você daqui a pouco. Aí vamos ver quem vai rir.

Isso faz com que ela ria mais ainda e eu a observo, sorrindo, porque somos ridículos.

Ridículos e felizes.

Eu e Caroline.

Depois que recupero o fôlego, começo a me dar conta de que sou um bundão.

Tipo, eu simplesmente deixei meu pau ditar o ritmo das coisas. Que babaca.

Deslizo a mão pelas costas de Caroline.

– Você já estava perto?

Ela solta uma risadinha suspirada.

– Hum, perto?

Se eu fosse ela, estaria irritada. Primeiro, ela me dá um ultimato e eu a ignoro por três semanas. Então, eu a acordo, levo até o meu apartamento e nem a faço gozar?

– Eu sou péssimo.

Ela se apoia no meu peito e sorri.

– Sei lá, eu meio que gostei de ver você completamente esgotado no final.

– É, imagino.

– Não, sério. Você está sempre tão no controle. Você me fez gozar, tipo, um milhão de vezes, e eu só... – Ela fica encabulada, desvia o olhar.

– Eu gosto de fazer você gozar.

Caroline se vira de lado e sorri timidamente. Desce a mão até a minha barriga.

– Eu também gosto de fazer você gozar. Muito.

– Você parece surpresa.

– Eu não gostava disso antes.

Eu já havia imaginado.

– Não era... ruim. Sério. Só não era...

– Assim.

– É.

Seus dedos encontram o botão da minha calça.

– Então, agora há pouco eu disse que, hã, limparia você.

– Você não precisa fazer isso.

– Mas e se eu quiser?

– Se quiser, pode se divertir. – Seguro seu queixo e levanto seu rosto para ver os olhos. – Mas se *não* quiser... hoje, nem na semana que vem, nem no mês que vem... tudo bem. Quero dizer, sei que você adora listas e calendários e toda essa merda, mas não existe, tipo, uma planilha de coisas que nós precisamos seguir. Este ponto em que estamos agora... é bom. – Dou uma risada. *Bom.* – Tudo bem, é simplesmente incrível.

Ela pressiona o nariz no meu pescoço e me dá um beijo ali. Não é o tipo de coisa que imaginei que algum dia fosse querer que uma garota fizesse, mas Caroline pode fazer isso a noite toda, se quiser. É legal. Como quando Frankie costumava me acordar no meio da noite e deitar na minha cama, toda quente e macia. Confortável.

– Obrigada – diz ela.

– Não me agradeça. Nós já estabelecemos que eu sou um babaca.

Ela aperta os braços ao meu redor.

– Não é, não. Você é ótimo. Quero dizer, você também é meio que um babaca. Mas na maior parte do tempo é ótimo.

Ela fica em silêncio por um instante e penso em como me sinto com ela, de um modo que nunca me senti com mais ninguém. Nunca deixei nenhuma garota entrar tanto na minha vida.

Fico feliz por também ser assim com ela. Sei que isso faz de mim um idiota, porque significa que tudo o que aconteceu entre ela e Nate precisou ser ruim para que ela viesse para os meus braços e achasse que nós temos algo diferente... algo especial.

Mas fico feliz de qualquer maneira.

Quero que tudo com Caroline seja especial.

Depois de um tempo, ela abre o botão da minha calça e abaixa o zíper. Levanto os quadris para ajudá-la a tirar. Ela enfia um dedo por baixo do elástico da minha cueca, o que me faz inspirar com força.

Já estou pronto para outra rodada.

– Tire isto – digo, agarrando a calça de pijama dela.

Ela obedece, enquanto tiro a minha cueca. Ela ainda está um pouco tímida e continua de calcinha. É um modelo roxo, com renda na parte de cima.

– Bonita – digo.

Isso a faz sorrir. Ela lança um olhar nervoso para a minha virilha e começa a descer, mas eu a agarro por baixo do braço e a puxo para cima, para beijá-la. O corpo dela está pressionado contra o meu, pele com pele, e só existe uma simples calcinha entre nós. Eu a beijo lenta e demoradamente, sabendo a sorte que tenho e querendo aproveitar a sensação por muito tempo.

Quando ela enfim afasta a boca da minha, estou duro de novo e ela está se contorcendo contra mim.

Começa a descer de novo, beijando o meu peito.

– Me deixe fazer você gozar – digo.

– Eu prometi.

Só consigo ver a parte de cima da cabeça dela, e não sei se ela está brincando ou falando sério.

– Você não precisa fazer isso.

– Shhh.

Ela leva um tempo para chegar lá embaixo, e o jeito como faz isso... Meu Deus. Depois de todos aqueles olhares tímidos, de alguma forma comecei a pensar que ela não sabia o que estava fazendo, mas, quando pôs a língua no meu pau, dando uma volta rápida ao redor da cabeça, eu já estava quase morto.

– Malvada – digo com a voz engasgada.

Ela sorri. Estica aquela língua rosada dela. Começa a me lamber.

Mantenho os punhos cerrados nas cobertas para não segurar seus cabelos. Caroline e eu já brincamos muito, mas esta noite é diferente, e eu não quero estragar. Traumatizá-la ou coisa parecida. Ela pode fazer o que quiser comigo, mas não vou pressioná-la.

Só é difícil pra caralho ficar parado. Evitar mostrar a ela exatamente o que quero que ela faça comigo. Caroline segura a base do meu pau, e ali há um ponto que ela poderia pressionar, mas não pressiona. Ela lambe e chupa a parte de baixo, onde sou muito sensível, mas passa direto para o lugar abaixo da cabeça que me deixa louco.

Desisto das cobertas e esfrego as mãos nos ombros dela, no pescoço, nos cabelos. Não a agarro, embora precise fazer um esforço monumental para isso. Eu apenas a toco.

Caroline segura as minhas bolas, mas seus dedos são muito gentis, a boca tão... educada. É legal.

É bom.

Ela levanta a cabeça. Rasteja para cima até estar a poucos centímetros do meu rosto.

– Ei.

– O quê?

– Você não vem com manual de instruções. Diga o que quer.

– Você está indo muito bem.

Dou um pulo da cama antes de entender por quê. Ela beliscou e torceu meu mamilo. Não de um jeito legal.

– Caralho! Isso doeu!

– *Diga o que você quer*.

Caroline está com os olhos decididos, a boca fechada, séria. Parece a Caroline da sala de aula, segura de si, puta da vida comigo por não permitir que ela complete a lição da melhor forma que pode.

Eu a adoro assim.

– Me chupe – digo. – Com força.

Ela dá um sorrisinho. Totalmente satisfeita consigo mesma.

– Obrigada. – Baixa a cabeça de novo. – Agora, me fale como gosta ou eu volto para casa e deixo você sozinho com a sua mão direita. Ou é a esquerda, já que você é canhoto?

Não acho que preciso responder a esta pergunta. Não quando ela está descendo pelo meu corpo, com a bunda para cima. Eu quero pôr as mãos naquela bunda. Quero virá-la para mim, com a boceta no meu rosto, pingando em cima de mim enquanto ela me chupa.

Eu disse coisas assim para ela pelo telefone, quando estava doido demais para me conter, seguro por estar a 3 mil quilômetros de distância. Mas é diferente falar tudo aquilo pessoalmente. Ela gosta assim ou apenas aguenta? Quais são os limites de garotas como Caroline?

Quando ela enrosca a mão ao redor do meu pau, mostro onde puxar a pele.

– Aqui.

Então ela assume. Começa a me lamber de novo, passando a língua pela cabeça, me sugando para dentro da boca. Chupando *com força*.

– Puta que pariu.

Ela me tira de dentro da boca por tempo suficiente para dizer:

– Agora sim.

Não há garotas como Caroline. Apenas Caroline.

Ela é mais do que suficiente.

Ela me chupa, me lambe, passa a língua pelos pontos que indico, até eu estar levantando da cama, com as pernas esticadas, o pau tão duro que dificilmente vou aguentar por muito mais tempo. Quando ela pega as minhas bolas desta vez, eu mostro onde acariciar atrás delas, onde pressionar – ah, *porra*, ela aprende rápido.

– Vire – digo, mas não sei se ela me entende.

Não sei se consigo pronunciar coisas que realmente se pareçam com palavras.

– Caroline. Eu... você pode... *gnuh*.

– Hã? – provoca ela.

Eu me sento e a agarro por baixo dos braços, fazendo-a subir até meu rosto. Ela está com os lábios brilhando, molhados, e eu a beijo, enfio a língua dentro de sua boca, a mão dentro da calcinha e os dedos onde ela está molhada. Ela está escorregadia, encharcada. Meu Deus.

Caroline geme na minha boca.

– West.

– Vire.

– O quê?

– Vire. Traga o seu quadril aqui – digo, puxando-a na direção do meu rosto – e volte com a boca lá para baixo.

– Isso... Não podemos simplesmente fazer sexo agora?

Por um instante, fico atônito. Quando consigo produzir algumas sinapses, respondo:

– Caro, nós *estamos* fazendo sexo.

Suas bochechas, que estavam rosadas, ficam vermelhas. O que é hilário. Quero dizer, eu estou com os dedos dentro dela, que está cavalgando minha mão

lentamente enquanto conversamos, com os cabelos caindo pelos ombros, linda pra cacete... E agora ela vai ficar com vergonha de mim?

– O que você achou que estávamos fazendo? – pergunto.

– Eu sei. Quero dizer, sim, eu também ouvi a palestra da Quinn dizendo que sexo não precisa incluir um pau. Mas quero saber se não vamos fazer sexo *sexo*. Sexo do tipo pênis na vagina. Sexo.

Levanto uma sobrancelha.

– Sexo do tipo pênis na vagina?

– Cale a boca.

– Não, quero dizer, isso é romântico. Provavelmente foi a proposta mais romântica que já ouvi.

Ela está rindo.

– Pare com isso.

Tiro os dedos de dentro dela e a deito de costas. Olho fundo nos seus olhos. Digo, bem sério:

– Caro, eu adoraria fazer sexo do tipo pênis na vagina com você.

Ela bate no meu braço, depois eu começo a beijá-la e agora parece que a brincadeira acabou. Os beijos ficam intensos, rápidos, e as mãos dela estão por todo o meu corpo, me agarrando, posicionando meus quadris onde ela quer, onde eu fico rebolando nela. Sua calcinha está no caminho, e eu já cansei disso. Eu a arranco, tiro pelos tornozelos, abro suas pernas e a lambo e chupo até ela começar a fazer aqueles sons suaves e fracos que eu simplesmente adoro.

– West – diz ela, gemendo.

Sim, eu sei. Ela me quer dentro dela, e se eu não fizer isso nos próximos trinta segundos, o mundo pode terminar.

– Espere um pouco. Não se mexa. Nem um centímetro.

Eu me levanto, pego uma camisinha na gaveta da mesa, rasgo a embalagem e a coloco sem tirar os olhos de Caroline na minha cama, as pernas abertas, molhada e pronta para mim, seu corpo, sua boca, seu sorriso, seus olhos.

– Estou ficando com frio.

– Tá, tá.

Quando volto para cima dela, deslizo o pau por cima da boceta quente e macia dela, nossas bocas se encontrando, os braços dela ao meu redor.

– Tem certeza?

– Tenho.

Desço a mão. Encontro o ponto certo, o ângulo certo.

Entro nela. Centímetro a centímetro. Bem devagar, porque não quero machucá-la, porque faz algum tempo para nós dois, porque não quero passar vergonha e gozar antes de sequer começarmos direito.

Bem devagar, porque quero ver seu rosto e, porra, é romântico. É especial.

É Caroline.

Quando estou todo dentro dela, ela abre mais as pernas, grudando os olhos nos meus, e eu a beijo. Eu apenas fico ali, sem me mexer, porque fazia muito tempo que queria estar neste lugar com ela, mas não pensei que algum dia realmente estaria.

É uma tortura. A pior melhor tortura da minha vida.

Isto que é mais fundo.

Isto é sexo, quando estamos fazendo direito. Quando estamos apaixonados.

É incrível.

Envolvo o rosto dela com as mãos e afasto seus cabelos da testa.

– Está tudo bem?

Achei que aquilo não podia melhorar, mas melhora quando ela sorri. E quando ela se mexe, balançando os quadris lentamente na minha direção, e para trás de novo... *Meu Deus*... Eu inspiro com força e fecho os olhos.

– Maravilhoso.

– Que bom.

Não estou pronto para me mexer ainda. Já me disseram que tenho uma energia incrível, mas agora está claro que isso é verdade apenas quando não dou a mínima. Com Caroline, vou ter que me esforçar muito apenas para não ser o rei dos ejaculadores precoces.

– West?

Ela balança de novo.

– Hã?

– Você vai me comer ou não?

– Eu já disse para você que não gosto de mulheres mandonas?

Caroline pressiona o quadril para baixo na cama e depois arremete com ele para cima. Abre a boca num *O* suave. Então sorri e me encara com um olhar do tipo *Eu sou um gênio*.

Então repete o movimento.

– Mas você... *ah*... gosta de mim... *ah*, *meu Deus*... mesmo assim.

Qualquer que fosse o minúsculo controle que ainda tivesse, eu o perdi. Começo a me mexer e ela me acompanha. Chupo seus peitos, beijo o pescoço, atrás da orelha, em todo lugar que ela gosta. Meto fundo nela, saboreando cada estocada, a boceta apertada dela, a forma como ela geme, o deslizar dos nossos corpos, o cheiro de sexo melhor do que qualquer perfume, o gosto de suor no pescoço dela.

– Você consegue gozar assim? – pergunto.

– Eu... não sei.

Enfio uma mão embaixo da bunda dela, mudando o ângulo. Ela dá um gritinho.

– Melhorou?

– Ah, nossa.

Depois de alguns segundos, ela diz:

– Com mais força.

É como música para os meus ouvidos.

Acelero, paro de segurar as estocadas, dou a ela mais do meu desejo, da minha necessidade, e ela aceita. Ela quer. Passa as pernas ao meu redor, enfia os calcanhares nas minhas costas a cada golpe, ergue o quadril para mim e diz:

– West, isso, ah, meu Deus.

Não achei que ela fosse ser assim, tão aberta, tão falante, mas é, e eu adoro.

– Assim está bom?

Mas não preciso perguntar. Caroline está atirando a cabeça para trás, os calcanhares de volta na cama, se contorcendo, impaciente e desesperadamente.

– Por favor – implora ela. – Por favor.

Caroline sempre implora quando está quase gozando. Eu adoro isso também. Adoro deixá-la tão louca que ela perde o orgulho e simplesmente implora.

– Tão sexy...

Estamos nos mexendo rápido e de forma frenética, e não tenho como descrever de um jeito fiel. Enfio meu pau dentro dela até não ter mais aonde ir, até já estar tão junto que não há mais ela ou eu, mas apenas nós, os nossos corpos, o nosso calor, esse prazer se acumulando, quente e perigoso, perigoso demais, mas não me importo. Não consigo pensar.

Só consigo me mexer com Caroline, fundo, mais fundo, até o centro de alguma coisa maior do que nós dois.

Ela contrai a boceta. Eu gemo. Ela me agarra. Eu a beijo.

Ela geme e sua voz falha, um som maravilhoso. Minhas bolas endurecem e o prazer me vence. Os olhos dela se fecham, seus braços me apertam, meu coração se abre enquanto eu a vejo se iluminar de prazer.

MARÇO

Caroline

Tivemos cinco semanas.

Brinquei com West por ter contado os dias que ficamos separados, apesar de eu mesma tê-los passado me arrastando, duvidando de mim mesma, arrasada de tanta saudade dele. Mas, quando ficamos juntos – as duas últimas semanas de fevereiro e as três primeiras de março –, foi tão bom que cada dia parecia um aniversário. Cada um deles parecia especial, digno de ser guardado para sempre na memória, conservado, escondido do mundo.

Noites na padaria. Banhos juntos na casa dele, lanches silenciosos na cozinha, tentando não acordar Krishna, rindo baixinho. Manhãs na cama, mãos e bocas misturadas, o ritmo lento e lindo do corpo dele dentro do meu.

A forma como ele se mexe sempre me leva à loucura, mas nada se compara com as vezes em que se mexe *dentro de mim*. Nada.

Eu não sabia que podia ser assim. Tão sacana e tão gostoso. Tão maravilhoso e perfeito.

Durante essas cinco semanas, ficamos juntos o tempo todo. Voltei à minha rotina de vampira, dormindo durante as tardes, acordando no meio da noite e indo me encontrar com ele na padaria. Estudava na biblioteca quando ele estava trabalhando lá – me instalava em uma seção do quarto andar e esperava em silêncio até ele passar com o carrinho de devolução de livros. Enterrava os dedos em seus cabelos quando ele se ajoelhava embaixo da mesa, mordia o polegar para não gritar, gozava nos dedos e na boca dele, escandalosa, transgressora e feliz.

Beijávamo-nos no refeitório. Andávamos de mãos dadas pelo campus. Apostávamos corrida nos trilhos do trem, um em cada trilho, tentando nos equilibrar com os braços estendidos, empurrando as mãos um do outro para ver quem conseguia ficar de pé por mais tempo, quem caía, quem ganhava.

Foram as melhores semanas. No final de fevereiro, no pior frio, eu tinha West, e nós éramos bonitos e inteligentes, amigos e amantes, rindo o tempo todo.

Rindo até meu rosto e minha barriga doerem e eu precisar pedir a ele que parasse, porque era tão bom que doía.

Eu o amava.

Não lhe dizia isso, mas era óbvio. Óbvio para mim, óbvio para West.

Óbvio para qualquer um que estivesse prestando atenção.

West está sentado na beirada do colchão, debruçado sobre o telefone. Ele tem aula às oito horas. Eu só preciso me levantar daqui a uma hora, mas já estou acordada. West teve ideias.

Tudo bem, o *pênis* de West teve ideias. Acordei com ele beijando meu pescoço, a mão pesada e quente na minha barriga, a ereção pressionando a minha bunda.

– Bom dia? – falei.

Não foi uma afirmação porque eu não estava tão certa assim. Nem se era bom ou se já era dia.

– Mmm.

Só foi preciso isso para me convencer. Ele tem um jeito de zumbir baixinho, um som suave e delicioso que me faz vibrar até o clitóris. É tão sexy... Tão West. É só ele fazer *mmm* e eu topo.

Quero dizer, como reclamar quando se está com um cara lindo e legal que acorda você com a pressão lenta e inexorável de seus dedos na sua calcinha, abrindo suas dobras, deslizando por seu clitóris e para dentro de você?

Não há como.

Ele me fez respirar pesado, me virou de bruços, posicionou um travesseiro embaixo da minha barriga e entrou em mim por trás, com o dedo no meu clitóris, beijando meu pescoço e meus ombros até eu gozar tão forte que vi estrelas.

Depois de cair em cima de mim como um homem-lesma gigante, ele tomou um banho e agora é o West cheirando a sabonete, com os cabelos molhados. Ainda estou aconchegada na cama e relaxada pelo sexo, e ele está assoviando, acariciando a minha perna nua, lendo suas mensagens de texto.

– Quem mandou mensagem?

– A Franks.

– O que ela está aprontando?

– Ela pegou o telefone da minha mãe e me mandou um monte de selfies.

– Cadê?

Engatinho até o colo dele, que me mostra as fotos.

– Ela é uma graça – digo.

Frankie se parece muito com ele – West com bochechas redondas e queixo

forte, maquiagem nos olhos e camiseta com brilhos. Ela também adora tirar selfies. Eu vi umas trinta delas nas últimas três semanas, porque West tem sido aberto como prometeu ser. Ele me contou tudo sobre Frankie, a mãe dele e Bo e sobre seu pai.

Acho que há algumas coisas que ele está segurando. Algo sobre sexo, sobre aquele dinheiro que eu dei pra ele num envelope. Mas eu sei o bastante. Não preciso conhecer absolutamente tudo para compreender o que mexe com West.

Às vezes penso no que a vida me deu em comparação com o que deu a ele, em como ele trabalha duro, e fico com muita raiva.

Mas West não gosta de falar sobre justiça e injustiça, ou de pensar sobre as diferenças entre as vidas que tivemos. *As coisas são como são,* ele disse da última vez que puxei o assunto. *Está com fome?*

– Ela está com aquela porcaria nos olhos de novo – diz ele.

– Isso se chama maquiagem. – Olho para a foto. – Na verdade, é uma bela produção para a noite. Eu nunca consigo passar o delineador tão bem assim.

– Você não usa essas coisas.

– Não para o dia a dia, mas, às vezes, para uma festa ou algo do tipo...

Ele faz uma careta para as fotos.

– Ela é nova demais.

– Ela só está experimentando. Eu era igual na idade dela. Tinha muita pressa para usar sutiã, batom, todas essas coisas.

– É, mas duvido que tivesse alguém fungando no seu cangote em Ankeny. É diferente com a Franks. Ela precisa ficar ligada ou algum cretino vai engravidá-la antes que ela tenha idade suficiente para saber o que quer da vida.

Eu o vejo digitar uma mensagem. Tire essa merda do rosto. Você é linda sem isso.

– Emocionante.

– Sou irmão dela, não namorado.

Mas acho que ele parece mais um pai. Ou pelo menos o mais próximo que ela tem de um.

West se levanta, se espreguiça e põe o telefone em cima da mesa.

– Pode pegar o meu pra mim? – peço. – Preciso ver se a Bridge vai tomar café da manhã antes da aula.

Depois que me dá o celular, West veste uma calça jeans e uma camiseta. Fico olhando seu peito e sua barriga serem cobertos e fico triste, como sempre, por perdê-los de vista.

West está sorrindo quando olho para o rosto dele.

– O que foi?

– Você. Parece pronta para mais uma rodada.

Passo o dedo pela tela do telefone.

– Eu mal estava acordada na primeira rodada.

– Ah, não sei, não. Você estava bem desperta no final. Achei que teria que enfiar um travesseiro no seu rosto, para você não acordar Krish.

– É provável que me sufocasse sem querer, de tão concentrado que estava lá atrás fazendo as suas coisas.

– *Fazendo as minhas coisas?*

Ele parece ofendido. Adoro ofendê-lo.

– Você sabe – digo, olhando para meu telefone, acenando com a mão para ele. – Aquelas coisas de homem. Enfia, enfia, arfa, arfa. Juro que às vezes não sei por que suporto isso.

Mal o vejo se aproximar antes de ele pegar meu tornozelo e me puxar para baixo na cama. Estou toda enroscada nas cobertas, me debatendo e rindo, quando ele sobe em cima de mim e prende os braços acima da minha cabeça.

– Enfia, enfia, arfa, arfa? Eu devia dar umas palmadas na sua bunda por isso.

– Queria ver você tentar.

Os olhos dele estão queimando de desejo.

– Eu também. Mas aí vou me atrasar para a aula. – Ele me beija. – Vai à biblioteca mais tarde?

– Vou, mas tenho uma reunião de um projeto em grupo depois do almoço, então vou ficar no andar de baixo.

– Suba depois.

Ele está se referindo ao quarto andar. O nosso andar.

Nós ainda vamos acabar sendo apanhados, e ele vai ser demitido.

West diz que vai valer a pena.

– Claro.

Ele me dá mais um beijo, de língua dessa vez, e pressiona meus quadris em um gesto que funciona como uma dica e uma promessa. Então põe a mochila no ombro enquanto passo das mensagens para as chamadas perdidas.

Tenho um monte de ligações. Tirei o som do telefone ontem à noite e o aparelho estava no fundo da bolsa. Não me dei conta disso.

Todas as chamadas são do meu pai.

– Nos vemos mais tarde, baby – diz West.

Uma das ligações é das nove da noite de ontem. Outra às nove e meia. A terceira às dez. Dez e quinze. Onze e meia. Seis horas da manhã de hoje.

Sinto um bolo no estômago.

– O que um cara precisa fazer para conseguir um tchau de uma garota por aqui?

Olho para cima. West está apoiado na porta, segurando o batente.

– Meu pai me ligou seis vezes desde ontem à noite.

– Caramba, tudo isso?

– É.

Má notícia, vagabunda, sussurram os cretinos da internet.

Eu quase havia me esquecido deles. Tinha me permitido esquecer. Fingir.

Ainda não estou pronta para ouvir o recado do meu pai, então passo para o e-mail. Cinquenta novas mensagens. Corro os olhos por toda a caixa de entrada, vendo endereços de e-mail estranhos com assuntos ameaçadores. Vendo o nome do meu pai.

Ligue para mim. É urgente.

Um e-mail da minha irmã Janelle. *PRECISO FALAR COM VOCÊ*.

Não clico em nenhum deles.

Abro o navegador e digito meu nome.

Caroline Piasecki. Busca avançada. Limito às últimas vinte e quatro horas.

Muitos resultados. Todos os piores sites. As mesmas fotos, tudo de novo.

Isso não deveria estar acontecendo, mas está.

West está atrás de mim, com as mãos nos meus ombros. O celular está oculto da visão dele pelos meus cabelos, e eu queria ter algo melhor com que me esconder. Algum lugar, algum mundo aonde eu pudesse levá-lo, onde tudo ainda não estivesse arruinado.

– É grave – diz ele.

Não é uma pergunta. West pode sentir. Ele sabe.

– Sim. É grave.

Mas, depois disso, só piora.

Entro no escritório do meu pai armada até os dentes.

West fica no carro, estacionado no final da entrada da garagem. Eu me sinto péssima por isso, mas ele disse que só posso lutar uma batalha de cada vez, e tem razão. Provavelmente o melhor dia para reapresentar West ao meu pai e contar que estamos namorando *não* é o mesmo dia em que vou falar sobre minhas fotos pornográficas na internet...

Ainda assim, o simples fato de saber que West está lá fora, esperando, e que está do meu lado, ajuda.

Matamos aula hoje. Ele ligou para a biblioteca dizendo que estava doente. Como acho que nunca faltou a nenhuma aula no ano todo e, definitivamente, nunca faltou ao trabalho, valorizo o gesto. Além disso, preciso dele. West não é muito bom com computadores, mas é bom *comigo*. Ficou sentado ao meu lado durante horas enquanto eu pegava minhas planilhas e fazia buscas no Google até

meus olhos estarem ardendo, furiosa ao descobrir cada alcance do ataque de Nate.

Foi pior desta vez. Muito pior.

As fotos estão por todos os lugares, é claro, recentemente postadas em todos os sites pornográficos junto do meu nome, da minha universidade... É, é. Há muito tempo perdi a capacidade de considerá-las chocantes.

O chocante são todas as outras coisas. Posts de ódio no meu perfil no Facebook. E-mails para o meu endereço da faculdade enviados por estranhos querendo me estuprar, me comer e socar minha boceta. Minha conta do Twitter mandando mensagens de spam com links para a minha vulva. E, de alguma forma, todos os meus professores devem ter sido contatados, porque há e-mails preocupados de três deles e uma mensagem na caixa postal deixada pela diretoria de assuntos estudantis solicitando que eu marque uma reunião com eles o mais rápido possível.

Em seis horas, passei pelo círculo de mágoa e raiva, nojo e medo, resignação e fúria. Sou um saco de 50 quilos de sentimentos descontrolados. Estou triste. Furiosa. Arrasada.

Mas West está comigo.

Não só ele: depois das oito da manhã, Bridget apareceu com Quinn. Elas ligaram para Krishna, que criou uma rede temporária que incluía o laptop dele, o meu e o de Quinn. Em uma hora, ele estava coordenando uma busca e a manutenção de registros de operação com Quinn e Bridget, os três sentados à mesa de centro na sala.

Eles fizeram reproduções de tela de tudo o que aparecia relacionado a mim nas buscas, orientados a distância por um amigo nerd do laboratório de matemática de Krishna que é fera em computação. Ao mesmo tempo, passavam um pente-fino no manual do estudante para descobrir que tipo de regras Nate está infringindo e o que pode ser feito a respeito disso.

Estou arrasada, mas todos estão do meu lado, e isso ajuda. Muito.

Foi o amigo de Krishna que descobriu o que deu início a tudo. Escondida em um daqueles sites sem moderação onde os caras gostam de se reunir para serem babacas juntos, há uma discussão sobre mim. Um link para as fotos, uma reclamação-padrão sobre a vagabunda frígida e maligna que eu sou e então uma convocação: *O que podemos fazer para dar uma lição a essa vagabunda?*

Dezenas deles sacaram as armas. Enquanto eu estava na padaria com West, dormindo em seus braços, transando com ele, durante todo aquele tempo, eu estava sendo atacada. Por estranhos. Sem motivo algum.

Se isso tivesse acontecido comigo há sete meses, acho que eu teria desmoronado. Saber que meus professores receberam esses links, que a minha

irmã e as minhas tias, e talvez até mesmo meus avós, receberam spams pelo Facebook com fotos em que estou nua, é uma merda. Me machuca e me dá vontade de chorar se paro e penso bem no que isso significa para o meu futuro, no que diz sobre como será o resto da minha vida.

Mas também me deixa muito, muito furiosa.

Estou pronta para brigar. Tenho uma pilha de impressões nas mãos, uma mochila com meu laptop pendurada no ombro. Tenho West na entrada da garagem.

Na minha frente, meu pai está sentado na poltrona reclinável de couro marrom perto da janela, seu laptop aberto no colo, os óculos na cabeça, em meio aos espessos cabelos grisalhos, desordenando sua aparência normalmente digna. Observo o rosto que conheço tão bem – as sobrancelhas grossas, o nariz redondo que Janelle herdou, mas eu não, a papada maior do que me lembrava. Ele está engordando. Muitos lanches comprados no drive-through.

Ele me chamou e eu vim.

Estou com as palmas das mãos suadas quando sento na outra cadeira, no canto. Ela é profunda e alta, e meus pés mal tocam o chão. Todas as minhas lembranças de castigos na infância começam aqui, com o peso impotente dos meus pés balançando no ar. Eu sei o número de botões de metal que seguram o estofamento até a ponta dos braços da poltrona do meu pai. Nove ao redor do arco. Mais doze de cada lado. Estudei cada franzido no couro e memorizei os arcos geométricos e as espirais no tapete abstrato do escritório para evitar encará-lo.

Agora, sento com a coluna ereta, as mãos úmidas abertas no colo. Prendi os cabelos num rabo de cavalo e vesti a calça jeans e o casaco que ele me deu no Natal, de caxemira azul-esverdeada como os olhos de West. Minha armadura.

Fico em silêncio e espero, porque Janelle é a que puxa o saco dele e Alison é a que chora. Eu sou a filha que se arma com contra-argumentos, defesas inteligentes, manobras espertas.

Sou a filha que luta.

Há meses, venho tendo medo de lutar, tentando viver em uma bolha que Nate estourou em agosto.

Eu não queria acreditar. Disse a mim mesma que conseguiria resolver. Fazer alguns remendos, pintar as rachaduras, desviar o olhar e fingir que estava tudo bem. Mas não está. A bolha realmente estourou de vez.

Mas, do lado de fora da bolha, eu encontrei festas do time de rúgbi e novos amigos que não se importam com as minhas estúpidas fotos pornográficas. Do lado de fora da bolha, há noites na padaria, sexo a distância e longos cochilos no meio da tarde abraçando um cara que cheira a pão fresco e sabonete e que faz

com que eu me sinta importante, independentemente da minha aparência, do que eu tenha feito ou do que tenha sido feito comigo.

O mundo não mudou. Está cheio de homens que odeiam mulheres. Cheio de cretinos que organizam um ataque a um estranho apenas porque ela é mulher e eles são animais com o cérebro pequeno e com complexo de inferioridade.

O mundo não mudou, mas eu mudei.

Fora da bolha existe vida. West.

Eu gosto do lado de fora. E é aqui que vou ficar.

Meu pai clica em alguma coisa, fecha o laptop e olha para mim.

– Caroline.

Por um instante, ele diz apenas o meu nome, porque um julgamento começa se identificando o acusado.

– Recebi uma ligação ontem à noite da sua tia Margaret. Ela viu algo perturbador na sua página no Facebook e queria saber se eu estava ciente.

Os olhos dele são iguais aos meus, castanho-escuros e compreensivos. Seus modos são razoáveis. Sua dicção é clara e cadenciada. Ele não grita no escritório. Ele julga. Chegamos a ele como criminosas e ele nos passa uma sentença, calma e racionalmente.

– Quando eu respondi que não sabia a que ela estava se referindo, ela me mandou o link e eu vi com meus próprios olhos. O link me direcionou para um site em que... – ele pigarreia, o primeiro sinal de que está incomodado – ... em que encontrei várias fotos suas sem roupa. Algumas comprometedoras. Sexualmente comprometedoras. Embora não fosse possível saber com certeza se era você em todas, havia algumas...

Ele desvia o olhar de mim por um instante.

Isto não é culpa sua, digo a mim mesma. *Você não fez isso. Nate fez*.

Papai pigarreia de novo.

– Não há dúvida de que pelo menos uma, se não mais, das fotografias explícitas é sua. Cliquei em um segundo link e o resultado foi praticamente o mesmo, então só posso concluir que os demais links também levem para essas imagens.

Há uma longa pausa e eu me pergunto se devo dizer algo. Mas o que posso dizer?

Sim, sou eu.

Aquela sou eu, fazendo um boquete em Nate.

Aquela é a minha vagina, a minha mão entre as minhas pernas, acariciando meu clitóris.

Sim, sou eu cavalgando o pau de Nate. É o meu rosto coberto pelo sêmen dele.

Sim. Aquela é a sua menininha. O seu orgulho e a sua alegria.

Fico sentada em silêncio. Sabia que seria difícil, mas está sendo mais duro do que eu esperava. Pensei sobre o julgamento dele, temi seu desprezo, mas nunca considerei seu sofrimento. Está estampado no rosto dele, nos seus olhos.

Aquelas fotos o deixaram triste por mim, e isso é insuportável.

– Então – diz ele, cruzando as mãos na barriga, por cima do velho cardigã bege que usa em casa –, me conte como isso aconteceu.

Respiro fundo e imagino uma corda que sai do topo da minha cabeça e se estende para cima, me mantendo ereta e confiante, um exercício que o diretor do coral no ensino médio nos ensinou e que vem a calhar toda vez que preciso estar com a postura perfeita, cuidadosamente perfeita.

– Nate tirou as fotos quando namorávamos. E ele... Elas apareceram on-line logo depois que terminamos.

As marcas de expressão ao redor da boca dele se aprofundam, como parênteses emoldurando sua impaciência.

– Estou correto ao lembrar que você terminou com Nate pouco antes de voltar às aulas em agosto?

– Sim. Foi em agosto que ele as postou pela primeira vez.

– Você sabe que ele as postou.

– Não. Eu deduzo que tenha sido ele, mas não tenho como provar. Elas foram enviadas anonimamente para os sites. Ele negou.

– Caroline. – Meu pai olha direto para mim, inclinando-se um pouco à frente. – Estamos em março.

– Sim.

– Conte o que aconteceu entre agosto e março.

– Fiz um esforço sistemático para retirar as fotos da internet. Configurei buscas automáticas, enviei e-mails com ameaças extrajudiciais...

Meu pai faz um som de impaciência. Ele não aprova que se advogue em causa própria.

– ... e tudo o mais em que consegui pensar para tirá-las do ar. Então, como nada estava funcionando, contratei um serviço especializado. Eles fazem uma varredura avançada na internet, apagam as fotos, tentam fortalecer os resultados positivos nas páginas das ferramentas de busca...

E eu não recebi notícias durante semanas. Os relatórios que me enviaram chegaram atrasados e foram superficiais e incompletos. É possível que sejam uma fraude ou apenas péssimos no que fazem.

É possível que eu tenha jogado fora 1.500 dólares de West.

Quantas horas do esforço e do suor dele eu desperdicei para poder ficar encolhida no meu quarto, me lamentando porque a vida é injusta?

Na lista dos meus arrependimentos, aquele empréstimo está lá em cima, perto do topo.

– Mas este último ataque foi lançado de um fórum on-line – continuo. – Presumivelmente, por Nate. Vários outros participaram também. Desconheço suas identidades. O que sei é que as fotos se espalharam de forma tão ampla que talvez seja um desperdício de energia tentar removê-las. Agora, eu gostaria de focar a minha energia em...

– Um desperdício de energia? Você tem alguma ideia do que vai acontecer caso essas fotos não sejam removidas?

– Sim, tenho uma boa ideia.

– Você vai ter problemas para entrar na faculdade de direito. Será difícil obter recomendações, mas, mesmo supondo que você consiga apresentar uma ficha de inscrição, os comitês de admissão fazem buscas na internet. Candidaturas para estágios, para bolsas de estudo, para empregos. Você não tem chance de conseguir uma bolsa na Rhodes, na Marshall. Tirar as fotos da internet tem que ser a sua primeira prioridade. Você deveria ter me procurado desde o começo, Caroline. Tanto estrago já foi feito...

Tanto estrago.

Mas para quê? Para quem?

– Eu não estou estragada.

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Foi, sim. Você está falando sobre isso, sobre o meu futuro, como se ele fosse algo branco e imaculado que eu sujei. Como se tivesse me deixado brincar usando um vestido branco e eu não tivesse tomado cuidado com ele.

Ele franze a testa.

– Eu não sou um vestido branco, papai. Não fui eu quem tirou aquelas fotos. Não fui eu quem as compartilhou. Não fui eu que disse todas aquelas coisas a meu respeito. Nate fez isso.

– Você não tem certeza disso.

– Tudo bem. Alguém fez isso. O importante é que esse alguém não fui eu.

Ele resmunga e olha para o quintal pela janela. Nossa casa fica na parte mais bonita de Ankeny, em um grande terreno cheio de árvores, com um enorme gramado que eu precisava aparar quando estava no ensino médio se quisesse sair nos fins de semana. O dia está escuro, ainda há faixas de neve no chão e faltam semanas para a chegada da primavera.

Aquele não é mais o meu quintal.

Esta não é mais a minha casa.

Eu não sou mais uma criança.

– Você registrou o incidente na universidade? – pergunta ele. – Ou na

polícia?

– Não. Mas pretendo.

– Você disse que acha que Nate postou essas fotos, em primeiro lugar, porque estava chateado. Ele tem algum motivo para continuar chateado com você? Alguma coisa que tenha provocado esse segundo ataque?

West, claro. West e eu juntos. Em público, pelo campus, tão claramente um casal, tão claramente apaixonados.

O que foi que Nate me disse naquela noite na festa, quando tentava me impedir de sair do salão? Que estava preocupado comigo. Que nós éramos amigos, sempre havíamos sido amigos.

O que ele queria naquela noite quando foi ao apartamento de West com Josh, a fim de comprar maconha? Fazer alguma reivindicação sobre mim? Provar que era melhor do que o cara com quem acabei ficando?

– Acho que ele ainda pode sentir alguma coisa por mim.

– Entendo.

Então meu pai fica em silêncio e eu preciso suportar o tique-taque do relógio de pêndulo e aguardar o seu julgamento.

– Vou falar com o Dick – diz ele, finalmente. – Talvez ele tenha alguma ideia sobre qual a melhor estratégia em questões como esta.

Dick Shaffer é amigo do meu pai, promotor de Justiça.

– Eu já pesquisei – digo. – E tenho uma reunião na diretoria de assuntos estudantis hoje à tarde, na qual pretendo perguntar sobre as abordagens possíveis. Não é ilegal compartilhar fotos pornográficas on-line, desde que sejam fotos de adultos e que elas estejam de posse de quem as compartilha, que não sejam roubadas nem obtidas por meio de coerção. Acredito que isso signifique que não há muita coisa que a polícia possa fazer. Mas se formos atrás de Nate por violar a política de tecnologia...

O olhar do meu pai fica afiado.

– Ir atrás dele?

– Sim, por causa do post que ele fez ontem à noite. Se ele usou a rede do campus, foi uma violação da política tecnológica da universidade, e acho que se isso for a julgamento...

Meu pai se levanta abruptamente e leva o laptop até a mesa, onde o deixa. Com as mãos às costas, começa a andar de um lado para outro, imerso nos próprios pensamentos.

Perdi o fio da minha argumentação. E, de qualquer maneira, não acho que ele estivesse prestando atenção. Não sei o que falar para fazê-lo escutar.

– Você se lembra do que eu disse quando você fez 15 anos e eu deixei que tivesse a própria conta no Facebook? – pergunta ele.

– Lembro.

Ele gira um dedo na minha direção. *Repita o que eu disse*.

– Você me disse para tomar cuidado, porque a internet é um fórum público e o que eu faço ou digo on-line nunca desaparecerá.

– E eu disse que era especialmente importante que *você* tomasse cuidado, não disse? Mais do que as suas irmãs. Porque você quer ser advogada. Você quer ser *uma líder*.

Eu queria.

Ainda quero.

– Esse é o comportamento de uma líder, Caroline?

Esta pergunta me deixa zonza por um instante. Sou tomada por uma onda de calor, uma sensação que não consigo identificar imediatamente.

Antes do meu segundo ano em Putnam, eu não compreendia que todo o nosso mundo pode sofrer uma revolução em poucas palavras.

Uma mensagem de texto dizendo Ahmeudeus.

Uma pergunta do seu pai: *Esse é o comportamento de uma líder?*

A resposta vem de dentro de mim, do meu âmago, do centro daquela ferida aberta que foi cortada, chutada e machucada. Daquela parte de mim que se recusou, e ainda se recusa, a desistir.

Sim, é o que ela me diz. *É, sim, caralho*.

Se aprendi algo ao passar a infância lendo biografias de líderes mundiais, foi que as pessoas que fazem diferença no mundo obtêm sucesso não *apesar* do que lhes aconteceu, mas *por causa* do que lhes aconteceu. Ser um líder não significa fazer o que nossos pais aprovam. Não se trata de ser bom, inteligente, bonito e afortunado. Não se pode liderar de dentro de uma bolha.

É preciso *viver* para ser um líder, e nos últimos meses eu estive viva. Me apaixonei por um garoto com quem meu pai me proibiu de falar. Um garoto porra nenhuma, um *homem*. Um homem inteligente que trabalha duro e nunca mata aula a não ser quando precisa, porque eu estou no meio de uma crise.

Um traficante. Um brigão. West é essas duas coisas.

Mas é também um filho, um irmão mais velho, um amante generoso e um cara gentil e incrível.

Este ano, descobri quem eu sou. Aprendi o que quero, e é a mesma coisa que sempre quis, só que estou diferente.

Líderes vivem, crescem e aprendem. Enfrentam dragões, são queimados por eles, recuperam suas espadas e os vencem.

É isso que eu quero fazer. É quem quero ser. Não essa menina covarde escondida no escritório do pai.

Quero ser impetuosa.

Então, também me levanto e me posiciono no meio do tapete, com os braços cruzados, como ele. Franzo a testa e pergunto a ele:

– O que você quer dizer com isso?

– O quê?

– Você me perguntou “Esse é o comportamento de uma líder?”. O que quer dizer? Você está me perguntando se líderes fazem sexo consensual com seus parceiros monogâmicos? Sim, fazem. Você está me perguntando se líderes são traídos? Sim, o tempo todo. A questão é...

– É uma questão de julgamento – interrompe ele. – Há um motivo pelo qual você nunca viu um escândalo com fotos pornográficas envolvendo o presidente dos Estados Unidos, Caroline, e é porque...

– Porque Monica Lewinsky não tinha um iPhone, papai. Você só pode estar brincando comigo. Sabe quantos senadores foram apanhados enviando fotos do pênis para funcionárias do Senado?

– O suficiente para você ser mais cuidadosa.

Isso me pega desprevenida.

Eu deveria ser mais cuidadosa.

É claro que deveria. As coisas com Nate nunca foram muito certas, e eu devia saber que gostava dele pelos motivos errados, que eu precisei me esforçar pela atenção dele, que ele não se importava comigo de verdade. Acho que isso sempre fez parte do encanto para mim – a sensação de que eu talvez nunca fosse boa o bastante para ele, que ele havia me escolhido mas eu era um pouco inteligente demais, um pouco ingênua demais e precisava provar que eu valia a pena.

Acabei me dando conta disso tudo no fim. Terminei com ele porque não estava dando certo, porque em Putnam eu tinha mais confiança de que poderia encontrar alguém melhor. Alguém como West.

Só não me dei conta disso a tempo.

Cuidado com o que você põe na internet. Ouvi isso uma centena de vezes. *Cuidado com o que faz nesta era digital. Não se permita se tornar uma vítima, porque, se isso acontecer, a culpa é sua. O erro é seu.*

Eu sabia que as fotos eram uma má ideia. Estava com a boca no pau do Nate quando ele levantou o celular e tirou a primeira. Não me senti sexy. Não pareceu ousado ou inteligente, um segredo compartilhado entre nós. Pareceu errado.

Decidi dar-lhe o que ele queria para que ele fosse legal comigo. Para que me aprovasse, para que agisse como se me amasse, como se tivesse orgulho de mim.

Ele tirou aquela foto. Ele gozou na minha boca.

Depois, quis fazer fotos do corpo. Uma, duas, três, quatro. Com o decote melado, entorpecida, com a mandíbula doendo, eu fiz o que ele me pediu.

Eu tinha 18 anos e achava que o amava. Devia ter tido mais cuidado, mas não tive.

E não mereço ser ofendida por isso. Julgada. Xingada.

Não mereço ter a vida arruinada.

– Eu *confiei* nele.

– Pois não deveria. Você acha que o professor Donaldson poderá escrever uma carta de recomendação para a faculdade de direito agora, depois de ter visto essas fotos? Acha que ele será capaz de atestar sobre sua inteligência, sua iniciativa, depois de ter visto isso?

– Provavelmente não.

– Você acha que vai conseguir um estágio no verão? Que poderá se candidatar a bolsas de estudo com essas fotos no seu histórico?

– Eu sei que é um constrangimento, papai, mas...

– Não é um constrangimento. O constrangimento se apaga. Isto é uma mancha negra. É como ter cometido um crime, Caroline, e tudo porque não usou a cabeça.

– *Foi Nate quem postou as fotos*.

– E foi você quem deixou que ele as tirasse.

– *Eu confiei nele*.

Meu pai faz um som de indignação. Desvia o olhar de mim. Passa a mão sobre a boca.

– Pois não deveria – diz, pela segunda vez. Ele olha para mim com mais tristeza do que irritação. – Achei que sua capacidade de julgamento fosse melhor. Estou decepcionado com você. Fiquei... fiquei enojado com essas fotos, e decepcionado.

Ouvi-lo dizer isso quebra alguma coisa dentro de mim.

Dói.

Mas acho que o que quebra... não é meu coração. É algum último fragmento delicado da bolha. É a parte dentro de mim que ainda era a filhinha do pai, vivendo na esperança de que, se eu fosse perfeita, ele me amaria mais. Me amaria muito. Me amaria sempre. E o amor dele me faria poderosa.

Dói ouvir que eu o deixei enojado. Dói saber que, a partir de agora, ele nunca mais vai me amar da mesma maneira, isso se encontrar alguma forma de me amar.

Mas eu não preciso do amor dele para ser poderosa.

Eu já sou poderosa.

E há trabalho suficiente para mim no mundo. Só tentar consertar essa única coisa poderia me ocupar pelo resto da vida.

– Sinto muito que você esteja decepcionado – digo a ele. – Mas eu sou

humana. Tenho 19 anos. Cometo erros às vezes. E acho que... Sabe, talvez eu devesse ter contado logo a você. Talvez isso torne a situação mais difícil para você, porque eu tive todos esses meses para pensar no que essas fotos significam e você teve, tipo, sete horas.

Dou um passo na direção dele e ponho a mão em seu braço.

Ele se encolhe um pouco, me deixando com um aperto no peito, mas eu ignoro.

Eu não sou repugnante. Sou a filha dele.

– Mas, papai, sabe o que elas significam para *mim*? São um ato de ódio. Uma vingança contra mim, de alguém que eu nunca tratei mal. Eu não fiz nada para merecer. E, mesmo que tivesse feito, o que isso significa exatamente? Que, se alguém tira fotos de mim nua, eu sou uma má pessoa e todos têm o direito de me chamar de vagabunda na internet? Você está tentando me dizer que apenas porque eu não impedi Nate de apontar a câmera para mim eu mereço o que aconteceu comigo, para sempre? Que eu mereço esse ataque porque pedi isso? Você percebe como isso é horrível?

– Eu nunca disse que você pediu isso.

Ele parece diferente, com a voz engasgada e insegura.

– Sim. Disse, sim.

Meu pai sempre falou que o primeiro passo para se conseguir o que se quer é saber o que se quer. Depois é preciso ir atrás.

Então obrigo-o a olhar para mim. Faço com que me escute.

– Disse, sim.

Este é o meu poder agora, e ele não precisa gostar dele.

Vou usá-lo, quer ele goste ou não.

E vou continuar usando até as pessoas começarem a escutar.

West levanta assim que me vê.

Ele estava esperando na recepção da diretoria de assuntos estudantis, atirado na frente do assistente em uma cadeira cor-de-rosa de espaldar alto pequena e muito cheia de detalhezinhos para ele.

Passei mais de uma hora na reunião, mas ele está exatamente no mesmo lugar onde o deixei. A única coisa diferente é que seus cabelos estão repartidos em vários locais, com sulcos profundos entre as mechas, que observo por um tempo até me dar conta de que foram provocados pelos dedos.

Quantas vezes ele passou as mãos nos cabelos para deixá-los com essa aparência de campo arado na primavera?

– Como foi?

Ele toca no meu cotovelo quando me aproximo, deslizando a mão para a minha cintura. Com uma leve pressão, me conduz pela porta até o corredor.

A diretoria de assuntos estudantis ocupa parte do subsolo do centro acadêmico, junto a uma galeria e outros escritórios.

O ambiente todo é um labirinto branco muito iluminado e eu sempre me perco nele, mas tenho quase certeza de que entramos pelo lado oposto àquele para onde West está me levando.

– Bem, acho eu. Contei um monte de coisas e eles fizeram algumas perguntas. Então entreguei os registros impressos. Vão falar com Nate, e então veremos.

A expressão de West fica sombria.

– Só isso? “Veremos”?

Ele está assim desde que saímos da casa do meu pai. Tenso, amargo, um pouco sarcástico. Acho que devia estar com a ilusão de que, só porque tenho razão, todos vão ficar do meu lado. Como se o mundo funcionasse assim.

Já parei de pensar que vou conseguir qualquer coisa sem brigar.

– Bom, sim. O que você achou? Que iriam amarrá-lo atrás de um cavalo e arrastá-lo pelo campus?

Ele não acha graça na piada. Levanto a mão e toco na profunda linha de preocupação entre suas sobrancelhas.

– Ei. Por que isso?

– Por nada. Está com fome? Você precisa comer. Descansar um pouco. Quero que durma enquanto eu estiver na padaria hoje.

Paro de caminhar.

– West.

– O que foi?

– Qual é o problema?

Porque há algo mais acontecendo com ele que não pode ser explicado pela decepção com o andamento da minha entrevista. Há uma energia emanando dele, uma nuvem carregada, sombria e perigosa. Me faz lembrar aquele dia em que fui procurá-lo na biblioteca depois que ele bateu em Nate – uma violência física, átomos vibrando, elementos químicos primitivos.

– Nada. Está tudo bem.

Seguro os braços dele com força e o puxo para mais perto. Fico na ponta dos pés para beijá-lo. West só fica parado como um bloco de concreto, e quando me abaixo dá um sorriso tão forçado que eu quero arrancá-lo do rosto dele.

– É, está tudo ótimo mesmo – digo. – Foi um beijo maravilhoso, estou quase arrancando a calcinha e dando para você aqui no corredor.

Nenhum sorriso. Absolutamente nenhum senso de humor. Ele puxa a minha

mão.

– Vamos sair daqui.

– Não enquanto você não falar comigo.

– Não aqui.

– Por que não? Não tem ninguém por perto.

Ele olha por cima do meu ombro para a outra ponta do corredor.

– *Caralho* – diz.

Imagino por que ele está xingando – o único motivo provável para West estar tão tenso – enquanto me viro. Vejo Nate parado onde alguns segundos antes não havia ninguém, e a visão dele é mais uma confirmação do que uma surpresa.

– Você sabia que ele estava vindo?

West não responde. Talvez ele tenha ouvido algo, talvez a secretária tenha dito a ele, mas, de alguma forma, ele sabia.

– Está tudo bem, West. Quero dizer, o fato de você estar tão preocupado é fofo, mas eu teria que cruzar com ele mais cedo ou mais tarde. Eu só...

Um olhar de relance me diz que ele não está me escutando.

Encaro os olhos dele e percebo que a tentativa de West de me tirar dali não era para minha proteção. Pelo menos não do jeito que eu imaginei.

Ele está vermelho. Focado.

Homicida.

– Não se atreva – digo a ele. – Nem pense nisso.

– É melhor você ir.

Nate nos viu. Está a cerca de 10 metros, perto o bastante para eu vê-lo ficando paralisado.

Acho que, se estivesse mais perto, veria medo nos olhos dele.

– Você vai acabar sendo expulso.

Minha mão está no peito de West e sinto seu coração galopar. Não sei nem se ele consegue me ouvir, e já estou farta de ninguém me escutar hoje. Meu pai, o reitor, o supervisor dos dormitórios que participou da reunião... Nenhum deles realmente me escutou. E agora West.

– Saia daqui, Caroline.

Ele passa por mim e segue a passos firmes pelo corredor na direção da presa, e tenho certeza de que não vai apenas bater em Nate. Não, ele vai esmurrá-lo até que alguém o impeça de continuar. Vai mandar Nate para o hospital. Talvez até o mate.

Acho que eu deveria estar preocupada por West, ou até por Nate, mas não estou. Imaginar o que está prestes a acontecer não me assusta. Me irrita.

West já mijou neste poste para marcar território. *Duas vezes*.

Agarro as costas da camiseta dele e puxo com força.

O tecido rasga. West gira.

– Esta briga é minha – digo a ele. – *Minha*. Não é sua.

– Saia daqui se não quer ver o que vai acontecer.

– Você está ouvindo o que está dizendo? Isto não é um filme de ação. Pare com isso.

– Solte a minha camiseta.

– Não vai ajudar em nada, West. Você só vai se encrencar, talvez ir para a cadeia, e então eu vou ficar sem você e ainda terei que lidar com isso. Não vai ajudar.

West tenta tirar minha mão da blusa dele, mas estou agarrando com força. Então ele simplesmente tira a camiseta. Bem ali no meio do corredor, ele arranca a camiseta e sai pisando duro na direção de Nate.

Largo a minha bolsa e começo a correr.

Nunca fui muito boa no rúgbi, mas antes do final da temporada aprendi algumas coisas sobre como bloquear adversários. Nenhuma delas é parecida com o encontrão sem jeito que dou em West. Me jogo por trás na direção das coxas dele, abraço seus joelhos e escorrego até os tornozelos.

Mas sou obstinada. Não o largo. Se quiser brigar com Nate, ele vai ter que me arrastar junto. Eu me agarro a ele feito um bebê chimpanzé. Não vai ser nada digno, mas não me importo.

– Caroline, pelo amor de Deus.

– Eu não vou soltar.

Com as mãos nos quadris, ele olha com fúria para Nate, que está sorrindo agora. Ele realmente *merece* levar um murro na cara.

Mas isso não tem nada a ver. Deixei muito claro o que penso sobre violência quando vomitei no banheiro de West. Não gosto. Não quero. Não pedi isso.

– Me largue – ordena West. – Isto é entre mim e ele.

– Não, não é.

– Ele mandou a polícia atrás de mim.

– E isso foi uma estratégia em uma guerra mais longa, e a guerra é por minha causa, e eu estou dizendo *não*. Sem briga. Eu odeio isso. Não resolve nada. Só dá uma desculpa para extravasar o ódio, o que não é justo de qualquer maneira. Quero dizer, eu também quero extravasar, mas não saio por aí batendo nas pessoas. – Levanto os olhos para West, os braços ao redor dos tornozelos dele. – Eu entendo que você esteja frustrado, está bem? Eu entendo. Você está furioso. Quer consertar isto para mim. Mas você *não pode consertar isto para mim*. Tudo o que vai fazer é piorar as coisas.

Consigo ver o momento em que ele se dá conta do que estou falando. Talvez

nem tanto o que estou dizendo, mas o fato de que estou praticamente deitada no chão, enroscada nas pernas dele. Ele não vai conseguir nada desse jeito.

Nate percebe isso também. Entra na sala da diretoria sem olhar de novo para nós.

West solta o ar em um longo, alto e frustrado suspiro.

Depois de alguns segundos, quando começo a me sentir meio tola – quero dizer, como exatamente acabei enroscada nas pernas de um homem sem camisa em um período tão curto de tempo? –, ele me dá a mão.

– Venha cá.

A palma da mão dele está quente e úmida, e ele me segura firme. Quando já estou de pé, ele envolve meu rosto com as mãos.

– Você é minha. Ele machucou você. Eu quero machucá-lo.

– Eu sei.

– É a única coisa que eu posso fazer por você.

– Na verdade, não é. Não é isso que eu preciso de você. Você precisa confiar que *eu* consigo resolver isso. Esta briga é minha.

– Eu sinto que é minha também.

Viro o rosto para a palma da mão dele. Dou um beijo no pulso, bem no ponto em que consigo sentir sua pulsação.

– Você sente isso porque nós somos um time. – Sorrio contra a pele dele. – Mas eu sou a líder.

Ele ri.

– Você não é a líder.

– Sou, sim. Você devia ter me visto naquela reunião. Eu matei a pau.

– Aposto que sim.

– West? – Olho para ele. Sua expressão está mais tranquila agora, mais suave. – Eu preciso que você acredite em mim. Mesmo que haja ocasiões em que ninguém mais acredite, preciso que você seja a única pessoa na minha vida que confie que sou capaz de lidar com todos os obstáculos que surgirem à minha frente.

– É claro que você é capaz. Mas não é...

– Então... – interrompo, porque isso é importante. – Então, embora eu saiba que é mais difícil e que não é o que você quer, eu preciso que você me deixe fazer isso.

Ele olha para além de mim, para a porta pela qual Nate sumiu.

– West, olhe para mim.

Ele obedece.

– Vai haver outra chance como esta. Em algum momento eu não estarei por

perto quando você vir o Nate. Quero que você me prometa que não vai fazer nada.

– Caro...

– Por favor – digo, tocando sua face.

Acaricio seu pescoço. Ele parece tão perigoso, no limite, e eu preciso puxá-lo de volta, porque sei que esta decisão, neste momento, é crucial.

Não posso ficar com West se ele não me deixar lutar minhas próprias batalhas.

Ele cobre a minha mão com a dele e a segura entre o pescoço e o ombro.

Eu adoro os olhos dele, adoro a forma como ele me olha, o que ele vê em mim, o que somos juntos.

– Detesto não poder fazer nada por você – lamenta ele.

– Você está fazendo tudo por mim apenas sendo você. – Dou um beijo nele. – Prometa.

A respiração dele contra a minha boca é um suspiro e uma renúncia.

– Prometo.

– Obrigada.

Faço mais um carinho em seu pescoço e lhe dou mais um beijo. Ele ainda está quente, ligado, animalesco.

E também está sem camisa.

Quando sua língua invade minha boca, me desmancho nele. O beijo fica profundo, mais rápido. Minhas costas vão de encontro à parede e ele segura atrás da minha coxa.

– Vamos para casa – digo.

Nem chegamos ao estacionamento e ele está me empurrando contra uma árvore, a casca do tronco ferindo a minha cabeça até ele protegê-la com a mão.

Então, muito calor e mãos agitadas. Estou molhada, já estava molhada no corredor, e estou ainda mais quando abro a porta do carro e ele me empurra para dentro, agarrando minha bunda do jeito mais sacana.

– Para casa – digo, arfando.

– É.

– Você dirige.

– Me dá as chaves.

Eu as tiro de dentro da bolsa, embora não saiba muito bem como. West não ajuda. Está com as mãos em cima de mim.

– Aqui.

Preciso balançá-las na frente do rosto dele para chamar sua atenção.

No apartamento, Krishna e Bridget estão nos esperando.

– E aí, como foi?

– Você arrasou com ele?

West nem me deixa falar. Vai me empurrando na frente, diz *Esperem só um minuto* e bate a porta do quarto diante dos rostos surpresos dos dois.

– Que grosseria.

Ele está ocupado demais desabotoando a calça para responder.

Uns pulos rápidos, um empurrão em cima da cama, uma camisinha de dentro da gaveta e ele já está em cima de mim, abrindo minhas pernas e checando com os dedos se estou molhada o suficiente. Quando sente que estou encharcada, faz aquele som *hmmm* que me deixa louca.

– Rápido – digo a ele.

Não dura muito, mas, ah, meu Deus, é incrível. Uma estocada confiante e ele me preenche, nossas línguas dançam, a fivela do cinto dele tilinta enquanto ele entra em mim, forte e profundamente. Não falamos. Não sei nem se respiramos. Ele precisa de mim, assim como eu preciso dele, com seus defeitos e sua raiva, com aquela bobagem de machão protetor, sua promessa, seu corpo e a forma como ele é, frustrante e imperfeito, maravilhoso e gostoso, violento, inteligente e real.

Ele suga meu mamilo, percorrendo com a língua do jeito que sabe que me deixa louca. Enfia as mãos por baixo de mim e levanta meu quadril para aumentar a fricção onde eu mais necessito. Não é preciso muita coisa. Estou perto. Tão perto, e ele parece maior, mais duro e mais profundo do que nunca, rápido, com a respiração áspera no meu pescoço.

– Vamos lá, baby – sussurra ele, e eu faço um som que parece um soluço, mas nunca me senti tão bem.

Quando começo a gozar, enfio os dedos nos ombros dele. Preciso me segurar nele, mantê-lo aqui, bem pertinho. Ele geme, encosta a testa na minha, beija a minha têmpora quando viro a cabeça e goza dentro de mim, com os dedos entrelaçados nos meus. Ele me segura com tanta força que a dor nas juntas é a primeira coisa que me chama a atenção quando consigo sentir qualquer outra coisa além de prazer.

Agito os dedos e ele os solta.

– Puta merda.

Ele sorri.

– É, foi... Puta merda.

Ele beija o meu nariz, ainda sorrindo, e balança a cabeça.

– Sério, só consigo falar isso. Sei que deve haver palavras mais adequadas, mas...

West começa a rir, a barriga se sacudindo contra a minha.

– Você nunca poderá dizer que essa coisa homem das cavernas não deixa

você excitada.

– Não deixa!

Como ele continua rindo, eu o belisco.

– Da última vez que você bateu no Nate, eu *vomitei*!

– Você acabou de gozar em, tipo, quinze segundos. E aquela vez na biblioteca...

– Nem fale daquela vez.

– Depois que eu bati nele. Você estava com tesão por mim.

– Não estava, não!

– Você teria me deixado fazer qualquer coisa com você naquele dia.

– Não teria, não.

– Ah, teria, sim. Eu devia ter beijado você. Pulado todos aqueles meses que passamos nos enganando. Não me diga que você não estava pensando nisso.

– Não estava.

– Claro, porque você é uma menina muito boazinha.

Passo as mãos ao redor da cabeça dele, então o puxo para perto e lhe dou um beijo.

– Tudo bem, talvez eu tenha pensado nisso. Mas só porque você claramente precisava de uma válvula de escape para todo aquele excesso de testosterona.

– Você seria minha válvula de escape?

– Só porque sou muito generosa.

– Eu acabei de fazer você gozar tão forte que você ficou vesga.

– Bem, claro. A generosidade tem suas vantagens.

Ele começa a rir de novo e eu lhe dou um abraço apertado, amando a sensação do corpo dele contra o meu.

Amando West.

Saímos do quarto saltitando, a mão de West no meu quadril, um sorriso safado no rosto que eu não consigo ver mas posso sentir com todo o corpo.

Felizes.

Acho incrível conseguirmos tanta felicidade em um espaço tão curto de tempo. Claro que me refiro, sim, ao sexo. Mas não é só isso. Há mais. É como ele faz com que eu me sinta, como eu faço com que ele se sinta, como nós somos juntos. É este ápice de algo lindo que sempre tivemos entre nós, mesmo naquele dia em que nos conhecemos, quando eu estava espiando para dentro do carro dele e tentando não olhar muito para a pequena faixa de barriga nua refletida no vidro da janela. Mesmo quando tivemos aquela discussão na biblioteca, ou quando ficávamos na padaria sem nos tocar, mesmo quando nos beijamos nos

trilhos do trem. Mesmo no dia que eu disse para ele se decidir e saí, esse ápice estava presente – uma possibilidade latente.

Eu me sinto um pouco constrangida, porém, em relação a Krishna e Bridget, que estão sentados no sofá, vendo TV, meio... tensos.

Bridget está sentada ereta e Krishna está com o braço por cima do encosto, o corpo todo virado para ela, com um joelho em cima do sofá, e eu fico com uma impressão de pressa, como se ele tivesse acabado de se afastar dela, embora fosse algo que eu teria visto.

Se ele estivesse meio metro mais perto de Bridget, com o braço logo atrás dela, inclinado sobre ela, apoiado nela, e tivesse se afastado apressadamente para onde está agora quando abri a porta do quarto... eu não teria como não ter visto.

Só que acho que posso ter visto, porque, quando Krishna se vira, há alguma coisa acentuada e brilhante nos olhos dele que me faz pensar em um cavalo prestes a dar um pinote.

Eu nunca vi um cavalo fazendo isso, mas acho que deve ser parecido com Krishna neste momento. Um impulso terrível, mal contido.

– Que porra é essa que vocês estão vendo? – pergunta West.

É uma dúvida justa, porque eles estão vendo *Meu Pequeno Pônei*, com o volume estranhamente baixo. Tipo, mal dando para ouvir de tão baixo.

Bridget está puxando o tecido da calça de corrida, beliscando na dobra do joelho, onde o pano enruga. Krishna está olhando para todo lado e para lugar nenhum ao mesmo tempo.

Não acho que alguma vez tenha visto os dois no mesmo ambiente juntos sem conversar. Eles nunca param de falar. Conversar é quase uma religião para eles. Tenho certeza de que nunca os vi tão constrangidos. Também nunca vi Bridget deixar de responder a uma pergunta direta.

Neste momento, sinto vontade de enfiar a cabeça na terra e esperar passar a vergonha, porque é claro que a culpa é nossa. West e eu com nosso bater de portas e gritos durante o sexo, altos o suficiente para passar através das paredes finas enquanto Bridget e Krishna estavam aqui fora ouvindo tudo.

Não somos horríveis?

Absolutamente horríveis. Não sou uma boa amiga. Eles estão aqui para me dar apoio depois da minha reunião com a diretoria e eu os deixei *sexolados* na sala de estar, mergulhados no desconforto dos nossos sons e grunhidos copulando.

Se é que era isso mesmo que eles estavam fazendo. Mergulhando no desconforto.

Não sei. Só quero descobrir a melhor forma de varrer tudo para baixo do

tapete. Pedindo desculpas? Mas como alguém pede desculpas pelos barulhos que fez transando? E de repente West, em vez de mudar de assunto, piorou tudo:

– Vocês são daquelas pessoas que deixam a TV no mudo e, enquanto assistem ao que quer que seja, ouvem outra trilha sonora? Tipo ver *O Mágico de Oz* ouvindo *Dark Side of the Moon*? Só que, neste caso, com *Meu Pequeno Pônei* e Caroline e eu trepando?

Eu quero *morrer.*

Dou um soco no braço dele.

– West!

Krishna começa a rir.

Bridget cobre o rosto com as mãos e enterra a cabeça na almofada do sofá. Acho que ela diz algo sobre Twilight Sparkle, um dos pequenos pôneis, mas é difícil escutá-la com a boca encostada no couro.

– Cara – diz Krishna. – Foi épico.

– Né? – West sorri como só um homem seria capaz de fazer: 70 por cento ego inflado, 30 por cento orgulho do próprio pau. – Eu merecia uma medalha.

– Querem uma régua? – pergunto. – Para medir os pênis de vocês e compararem?

Krishna faz um barulho de desprezo.

– Ele ganharia.

Das profundezas das almofadas do sofá, Bridget faz um barulho que parece um grito misturado com um guincho.

– Querem sorvete? – pergunto.

Porque é tudo o que tenho a oferecer. Infelizmente, não tenho o poder de apagar lembranças com a força da mente.

– Eu quero – diz Bridget. – Mas só se você tiver aquele de baunilha com pretzels e manteiga de amendoim no meio, e chocolate por fora, com aquelas faixas de manteiga de amendoim.

– Chubby Hubby.

– Isso. Eu tomaria um de menta com gotas de chocolate também. Mas não aquele horroroso que vocês compraram daquela vez, com fruta dentro, porque você sabe o que eu acho de fruta no sorvete.

– Por que você não vem comigo ver o que tem?

Ela se levanta. Espero que passe por cima de Krishna, cuja perna está bloqueando parcialmente o caminho entre a mesa de centro e a cozinha, mas em vez disso ela dá a volta pelo outro lado e não olha para ele.

– Twilight Sparkle, é? – diz West para Krishna. – Foi isso que deixou vocês dois vermelhos e incomodados?

– Não, foi aquela foto que a sua mãe mandou para mim só de calcinha.

– Ah, é? Era tão boa como o vídeo que eu recebi da sua avó na semana passada?

– Cara. Deixe a minha avó de fora.

– Foi o que a sua irmã disse quando queria que fosse a vez dela.

– Ah, meu Deus – diz Bridget. – Mande esses dois pararem.

Já estou com a cabeça quase dentro do freezer, mas grito em direção à sala:

– Parem com isso, meninos! Vocês dois são lindos.

Tento parecer desdenhosa, mas é difícil fazer isso quando se está sorrindo tanto a ponto de ficar com dor nas bochechas.

A semana depois do dia das fotos pornográficas é insana.

As férias da primavera estão chegando. West e eu temos trabalhos e projetos de meio de semestre para entregar. Enfrento mais uma reunião com a diretoria de assuntos estudantis, porque meu pai decidiu que quer participar de tudo, só que não diz nada durante o encontro. É uma estranha repetição da primeira reunião, só que com mais gente na sala.

Os e-mails dos cretinos da internet continuam invadindo minha caixa de entrada. Acho que encontraram também meu número de telefone, porque agora fico recebendo um monte de mensagens de voz com respiração ofegante e ameaças malucas. Preciso rastrear todas as minhas ligações e apagar três quartos das mensagens de texto. Decido cancelar meu perfil no Facebook e minha conta no Twitter.

Tudo isso também precisa ser documentado, rastreado. Já estou farta desta situação. Queria que fosse possível simplesmente desconectar o telefone, desligar o computador e ignorar toda a enxurrada de lixo em que minha vida se transformou.

E, como se isso não bastasse, West não consegue falar com a mãe pelo telefone. Já faz alguns dias que Frankie não lhe manda nenhuma mensagem de texto. Ele está preocupado.

Não há nada que eu possa fazer.

Estou sobrecarregada, cansada de ser odiada, exausta de tanto trabalho duro.

Não há nada que *ele* possa fazer.

Ficamos juntos como se tivéssemos nascido grudados.

Estamos na padaria quando o celular dele finalmente toca, enquanto preparo a mistura do pão de endro e ele abre um saco de farinha para colocar na lata. Como estou mais perto do aparelho, olho para a tela.

– É o Bo.

Ele larga a lâmina no chão e eu me adianto para lhe entregar o telefone. Sei

que estava esperando que Bo, a mãe, *alguém* retornasse suas ligações.

– Oi – diz ele. – O que está havendo?

Viro de costas para diminuir o volume da música e os dez segundos que levo para fazer isso são o tempo necessário para o rosto de West ficar pálido.

– Há quanto tempo?

Ele percorre a lateral da mesa enquanto escuta.

– Você tentou fazê-la desistir? Ou... Não, eu sei... Não. Tudo bem. E a Frankie, ela...

Ele deixa os ombros caírem. Seus dedos estão brancos ao redor do telefone.

– Tudo bem. Obrigado. Foi bacana da sua parte ligar. Eu... eu assumo a partir daqui.

Quando desliga, ele fica parado por tanto tempo que tenho medo de tocar nele.

– West?

– Ela voltou pra ele.

– O seu pai?

– Puta que pariu, ela voltou pra ele.

Era essa a possibilidade que ele estava com medo de mencionar nos últimos dias.

A pior coisa.

– Como isso aconteceu?

– Não sei. Bo nem sequer... ele nem sequer a mandou embora. Voltou para casa e todas as coisas dela tinham sumido. Ela deixou um bilhete dizendo que sentia muito, mas que precisava seguir o coração. – Ele dá um soco na mesa. – O coração.

– Elas saíram da cidade ou...?

– Estão no trailer. Ela e Frankie. Foram morar com meu pai.

– Ah.

Não sei bem o que dizer. Nenhuma palavra vai poder consertar a derrota na postura dele. O som pesado em sua voz, como se alguém tivesse lhe tirado todo o ânimo de lutar.

Eu sei que ele está mal porque, quando vou abraçá-lo, ele desaba em cima de mim tão pesadamente que preciso me segurar para não deixá-lo cair.

Mas isso não dura muito tempo. Depois de dez segundos, ele se afasta.

Não olha para mim quando diz:

– Vou ter que ir pra casa.

– Claro. – Ele precisa se certificar de que as duas estão bem. Conversar com a mãe. Checar a irmã. – Diga o que posso fazer pra ajudar.

– Eu preciso pegar um voo. Arrumar as minhas coisas. Assim que sair daqui.

– Você vai ficar para a prova?

Ele tem uma prova às dez da manhã do dia seguinte.

– Não, não tem por quê. Olha só, você pode procurar voos para mim? Veja qual é o primeiro disponível para Des Moines.

– Tudo bem, mas talvez você devesse fazer a prova, pelo menos. Para que quando voltar...

É a forma como ele desvia o olhar que me faz parar. A dor que consigo vislumbrar antes que ele vire o rosto justamente para que eu não a veja.

– West?

Ele agarra o tampo da mesa com as duas mãos. Estou olhando para ele de perfil, os braços tensos, a cabeça baixa, a coluna ereta.

Eu sei antes que ele me diga.

West não vai voltar.

– Nunca ia dar certo mesmo – diz ele, baixinho. – Eu não devia ter achado que daria.

– O quê?

– Eu não devia ter me permitido acreditar.

– Não sei do que você está falando.

Ele balança a cabeça.

– Não tem importância.

– Claro que tem importância. West?

Quando ele vira para mim, é com o olhar muito distante. Em um estado onde eu nunca estive, em um lugar de onde vi fotos, mas não consigo imaginar, cujo cheiro não consigo sentir. Uma cidade ao lado de um oceano que eu nunca vi.

Oregon. Nem sei onde fica no mapa. Ele precisou me mostrar.

– Vamos lá. Fale comigo.

– Eu sinto muito. Ela é minha irmã, e eu preciso cuidar dela. Ninguém mais vai fazer isso, ninguém nunca fez. A culpa foi minha por achar... A culpa foi minha.

A forma como ele me olha parece um adeus, mas não pode ser. Nós estamos fazendo massa de pão. Vamos ficar aqui durante horas – acendendo os fornos, cortando os pães, ventilando o vapor. Depois de amanhã começam as férias da primavera e eu provavelmente não vou vê-lo muito durante a semana, mas depois teremos o resto do semestre. O penúltimo ano. O último ano.

Ainda temos todo esse tempo.

Isso não pode estar acontecendo.

– Você não pode simplesmente *ir embora*. Precisa pelo menos falar com o seu orientador, tirar uma licença, ou...

Estou apenas começando meus argumentos quando ouço uma batida forte do

outro lado da cozinha. A porta do beco está aberta, como sempre, porque a cozinha fica quente demais. Parados ali, emoldurados pela porta, há dois policiais uniformizados.

– Sr. Leavitt – diz o da frente. Ele é loiro, de meia-idade, e tem boa aparência. – Policial Jason Morrow. Nós nos conhecemos em dezembro.

– Eu me lembro – responde West. – O que vocês querem?

– Temos motivos para acreditar que você está envolvido na venda ilegal de maconha nestas instalações. Gostaríamos de dar uma olhada no local.

Eu me aproximo de West. Ele passa o braço ao meu redor e beija o topo da minha cabeça.

– Não diga nada – murmura para mim. Para o policial, ele diz: – Este local não é propriedade minha. Não posso autorizar a busca.

– A jovem é funcionária?

– Não. Ela está comigo.

– Então você é o único funcionário aqui, certo?

West se afasta de mim e vai na direção da porta, bloqueando minha visão dos policiais.

Já estive nesta posição muitas vezes, olhando para as costas dele enquanto ele se colocava entre mim e algum problema. Só que desta vez o problema veio para ele.

– Sou.

– Então, como é a pessoa encarregada das instalações, pode permitir.

– Vocês terão de ligar para o Bob. Ele é o proprietário. Ele decide.

– Sr. Leavitt, nós temos uma equipe no seu apartamento neste momento, com um cão farejador. Cooperar com a nossa investigação a esta altura é do seu interesse.

West segura a porta e usa a bota para afastar o pedaço de madeira que Bob usa como calço.

– Enquanto vocês não voltarem com Bob ou um mandado, eu não abro esta porta.

Então ele fecha e tranca a porta.

– Ligue para Bridget – diz ele. – Vou ligar para o Krish.

– West, você acha...

Mas ele não está sequer ouvindo. Está agachado, mexendo na minha bolsa. Encontra meu telefone, que põe na minha mão.

– Estamos no meio de uma confusão enorme e não temos muito tempo para resolvê-la. Se eles estão no apartamento, preciso saber o que está acontecendo. Ligue para ela.

Meus dedos obedecem.

Sinto-me como se visse tudo isso acontecer a alguns metros do meu corpo, sem conseguir fazer nada além da tarefa que me foi designada, que não entendo direito. Tudo está girando na minha cabeça. *West está indo embora. A polícia está do lado de fora. Ele fechou a porta na cara dos policiais. Eles estão fazendo uma busca no apartamento. Ele precisa ir cuidar de Frankie. West está indo embora. Ele pode ser preso. Eu também. Eu sou cúmplice. Não posso fazer isso.*

Tudo está absolutamente ferrado.

O telefone toca sem parar, mas ninguém atende. West está com o próprio celular no ouvido, olhando para o nada.

– Ninguém atende? – pergunta ele.

– Ninguém.

Então meu telefone apita com mensagem chegando.

O que está acontecendo???!!!

– É da Bridget.

– Pergunte onde ela está.

Pergunto e ela responde: no apê de W e K. na escada de incendio. Policia ta aqui c/ cachorro farejador!!!

West está atrás de mim, lendo por cima do meu ombro.

– Merda. Eu achei que eles estivessem mentindo. Pergunte onde está o Krish.

O minuto que precisamos esperar parece uma eternidade.

No quarto do West c/ policiais e cachorro.

– Tem alguma coisa lá que eles possam encontrar? – pergunto a West em um sussurro.

– Não. Eu não vendi o semestre todo, você sabe disso.

– Então não temos com que nos preocupar.

O olhar que ele me dá é quase de pena.

– Queria que as coisas fossem assim. Pergunte se ela pode ligar para você. A gente não devia estar falando isso por mensagem.

Bridget diz Tem uma policial me vigiando. Não me deixou atender o tel.

Uma pausa.

Ela tentou pegar, mas perguntei se tava presa, ela disse não, então fiquei c ele. Mas texto é melhor.

– Estou surpreso com que ela tenha pensado nisso – diz West.

– Ela vê muitos programas policiais na TV.

Depois de alguns segundos, mais uma mensagem: Estão no quarto do Krish.

West está com a mão na minha cintura, bem atrás de mim, junto de mim.

Acho que não suportaria se ele saísse.

Encontraram alguma coisa.

– Puta que pariu – diz ele. – Aquele idiota. Eu *disse* a ele. Eu disse.

– Disse o quê?

– Para não guardar maconha no apartamento. Nunca. Sob nenhuma circunstância. Mas ele é um preguiçoso de merda e não pensa. Puta que pariu.

Ele pega o telefone da minha mão e começa a digitar.

– O que você está dizendo?

– Shh. Vou ligar para ela. Estou dizendo para ela ficar me escutando quando atender. Ela não precisa falar.

Ele deve ter recebido o ok de Bridget, porque depois de um segundo faz uma ligação e fica esperando.

– Bridge, olha só, preciso que você faça uma coisa que vou pedir. Se quiser ajudar o Krish, e eu sei que quer, você fará. Em alguns minutos já vai ser tarde demais, então é o seguinte: quero que entre naquele quarto no meio de tudo e diga à polícia que a maconha é minha. Aja como se fosse namorada de Krish, como se ele estivesse sendo nobre tentando assumir a culpa. Diga que você me odeia, que quer que eu seja preso por tentar colocar a culpa nele. Diga o que for preciso. Talvez você tenha que ir à delegacia prestar depoimento, mas só continue agindo como se não soubesse de nada, o que é verdade, e dizendo que a maconha é minha. Você vai ficar bem, e o Krish também. Não é ele que eles querem. É a mim. E se ele dificultar a sua vida, dê um jeito de dizer que eu mandei fazer isso. Que *insisti*. Entendeu?

West olha para mim, então para o teto.

– E depois que tudo terminar e você for liberada, quero que encontre Caroline e cuide dela para mim. Cuide muito bem dela. Sei que você não pode falar agora, mas me prometa mesmo assim. Ela vai precisar de você.

Uma batida violenta na porta da padaria me faz dar um salto.

– Sr. Leavitt!

Eles estão pronunciando o nome dele errado. Não sei por quê, é isso que me faz chorar.

– Obrigado, Bridge – diz West, e desliga o telefone.

Depois abre a agenda do meu telefone.

Mais batidas à porta.

– Sr. Leavitt!

Bo, ele digita. Então insere um número de telefone com código de área 541 e me entrega o aparelho.

– Eu vou abrir a porta – fala. – Vou deixá-los entrar, porque não há nada aqui para encontrar. Eles vão conseguir um mandado e voltarão amanhã para incomodar o Bob de qualquer maneira. Então, eles vão fazer a busca e nós vamos fazer pão, está bem? Talvez eles levem dez minutos, talvez três horas,

mas a certa altura vão decidir me levar para a delegacia. Você fica aqui e termina o turno. Não quero que Bob se ferre mais do que precisa. Depois fique na sua, Caro. Eles não devem ter encontrado mais do que 10, 15 gramas no quarto do Krishna. É uma simples contravenção. Só isso.

– Por que você está fazendo isso?

– De manhã você liga pro Bo e conta a ele o que aconteceu. Ele vai fazer o que deve. Diga que eu pedi que ele me fizesse mais um favor, que é ficar de olho em Frankie até eu resolver tudo isto.

– West...

Mais batidas.

– Sr. Leavitt!

Continuam pronunciando o nome dele errado. Não suporto isso. Simplesmente não suporto.

– Preciso que você faça o que eu pedi – diz West. – *Por favor*. Está bem?

– Está bem.

Quando ele me beija, sua boca está quente e cheia de vida, os braços apertados ao meu redor, mas algo acabou, algo já morreu, e eu quero gritar. Agarro a camiseta dele com as duas mãos.

– Eu te amo – digo a ele, sem planejar.

Não é a hora certa, não é a coisa certa a fazer, mas é o que faço quando abro a boca e digo o que precisa ser dito agora, antes que seja tarde demais.

Os olhos dele estão cheios de carinho e lamento. Uma cor tão linda, um rosto tão lindo.

– Eu te amo – digo de novo.

Ele me beija mais uma vez, mas tudo o que diz é:

– Desculpe.

Então abre a porta.

Preciso jogar fora o pão francês. O fermento estragou antes de West terminar a mistura e a massa ficou com uma aparência estranha. Mas o resto dos pães está legal e eu continuo com o trabalho, conferindo a prancheta, cuidando das batedeiras sozinha no silêncio gritante.

West foi embora. Foi levado para a delegacia.

Ele está perdido e eu estou aqui, cercada por centenas de tarefas, objetos, cheiros, gostos que lembram ele.

Eu choro. Muito.

Eu fico e faço o trabalho.

Às cinco e meia da manhã, Bob chega. Fica espantado ao me ver.

– West me falou de você – diz ele, depois de se dar conta de quem eu sou. – Ele está doente?

– Ele foi preso.

Não sei, talvez eu não devesse ter dito isso a ele. Mas ele vai acabar descobrindo, e imagino que West preferiria que ficasse sabendo por mim.

A conversa leva meia hora. É desagradável. Depois que termina, fico pensando que deveria ter lidado melhor com a situação. Bob parece triste e derrotado, e eu sinto que fiz um péssimo trabalho defendendo West.

Talvez, depois que eu for para a faculdade de direito, aprenda a maneira correta de defender o homem que amo quando ele se entregou por posse de drogas que não eram dele mas que poderiam muito bem ter sido.

Então penso que é possível que não haja uma maneira correta.

Quando saio da padaria, ligo para Bo, que é monossilábico e um pouco assustador. Acho que o acordei. Não importa.

Então não sei bem aonde ir. Eu poderia ir para a delegacia, mas o que faria lá? West me disse para ficar longe. Quero fazer o que prometi, mas não aguento. Não sei como é onde ele está. Já vi muitos programas policiais, assim como Bridget. Já li histórias de detetives. Tudo o que consigo imaginar é West em uma sala impessoal sendo interrogado por uma policial loira, que exige que ele lhe dê nomes.

Imagino West com aquele jeito de espertinho dele, dizendo a coisa errada. Ficando cada vez mais encrencado.

Mas então penso em Frankie e sei que entendi errado. Ele só iria até certo ponto para livrar a cara de Krishna. Há um limite do que ele abriria mão.

West vai entrar em um avião de qualquer maneira. Hoje à tarde, amanhã, depois de amanhã... Nada o impedirá de ir.

Queria não saber isso a respeito dele. Queria não ter tanta certeza de que ele fará exatamente o que considera certo, sempre.

Queria que a coisa certa pudesse ser o que eu quero, mas não é, e isso me deixa nesta situação. Preocupada com West. Sozinha, à beira das lágrimas, porque ele vai embora e eu vou ficar, e eu o amo.

Não é justo.

Simplesmente não é justo.

Caminho alguns quarteirões até a delegacia e me sento nos degraus do lado de fora. Não há ninguém por aqui tão cedo, apenas alguns carros passando na manhã fria. As férias da primavera começam amanhã, mas Iowa está preso no inverno, congelado e derretendo para voltar a congelar.

Hoje eu odeio este lugar. Odeio Oregon, também – o oceano, as montanhas que nunca vi. Odeio estacionamentos de trailers. Odeio a mãe de West por ser a

fracassada que é, por amar um homem que não merece e levar o homem que eu amo para longe de mim.

Sinto muito ódio. Mas meu ódio não parece venenoso ou tóxico. Parece verdadeiro, inevitável. Preciso odiar essas coisas porque elas estão atrapalhando a minha vida. São problemas que parecem impossíveis de serem resolvidos, pelo menos por mim.

Odiar é minha única opção.

Ainda estou sentada nos degraus uma hora depois quando o amigo de Nate, Josh, sai da delegacia e faz uma pausa para acender um cigarro.

– Caroline – diz ele quando me vê. Tinha acabado de dar uma tragada e se engasga com a fumaça. Leva um tempo para recuperar a voz. – Caramba.

Não pergunta *O que você está fazendo aqui?* Ele sabe por que estou aqui.

Josh com seus cabelos compridos, braços largados e molenga. Eu achava que ele fosse meu amigo. Achava que gostasse de mim.

Ele dedurou West.

– O Nate está aí? – pergunto.

– O quê? Não.

– Então foi só você quem o dedurou.

Josh parece ter sido atingido por uma marreta na testa por mim. Totalmente despreparado para esta conversa.

Eu me levanto com o único objetivo de me aproveitar da surpresa dele. Penso no meu pai no escritório dele – a forma como se levanta para andar de um lado para outro quando quer assumir uma posição de poder sobre mim – e inclusive fico um degrau acima de Josh. Por que não usar quaisquer vantagens que eu possa ter?

Por que não acusar? Não mereço isso, a esta altura do campeonato?

– O que ele fez contra você? – pergunto. – O que *eu* fiz, aliás, para você me odiar tanto? Não entendo. Preciso que você me explique.

– Nada. Quero dizer, eu não odeio você.

– Você o entregou.

– Não, não entreguei, eu juro. Eu...

– O que foi que aconteceu? Você ligou para fazer uma denúncia ou foi pego?

Olho para ele com os olhos estreitados, esperando alguma pista. Mas não preciso ser esperta para perceber. É evidente.

– Eles pegaram você. O que você fez?

– Eu estava fumando um no meu carro.

– Onde? No campus?

– No estacionamento do supermercado.

– Você está brincando comigo.

Ele balança a cabeça.

– Você foi detido por fumar maconha dentro do carro em um supermercado? Como pode ser tão burro?

Agora ele não olha para mim.

– Aí eles perguntaram quem vendeu a maconha e você deu o nome de West. Mesmo sendo mentira.

– Eu não tinha escolha.

– Você tinha escolha. Apenas escolheu o mais fácil. Por que não culpar West? Nate o odeia mesmo. E West não é exatamente seu amigo. É só um traficante. Um artigo descartável. Um ninguém. Ninguém o ama nem vai se importar se ele for expulso da faculdade, certo? Ele não é tão importante como você. Ninguém é tão importante como você.

Quanto mais falo, com mais raiva fico. Mas não de Josh. De Nate.

Eu nunca fui realmente humana para Nate. Nunca fui realmente alguém. Se tivesse sido, ele não teria me tratado daquela forma – nem quando estávamos juntos, nem em agosto, nem agora.

Ele está por trás disso. Não me importo que tenha sido Josh quem entregou West. Foi Nate quem tornou isso possível. Foi Nate quem convenceu todos os nossos amigos, Josh inclusive, de que eu era uma vagabunda maluca. Foi Nate quem me tratou mal, me magoou e me agrediu, e foi Nate quem se safou disso tudo.

Passei tantos meses sem raiva dele. Por que diabo eu não senti *raiva*?

– Cadê o Nate?

– Não sei. Deve estar dormindo.

– Ele está em casa?

– Hã?

– Ele já foi para Ankeny, para as férias? Ou ainda está na cidade?

– Ele foi para casa.

– Obrigada.

Desço a escada correndo e deixo Josh lá parado esperando... qualquer coisa. Os urubus. As chuvas de abril.

Não estou nem aí. Finalmente tenho força e velocidade, uma direção a seguir, e assim que chego à calçada, começo a voar.

Quando chego a Ankeny, são quase oito horas e a estrada está cheia de gente a caminho do trabalho. Como o trânsito no bairro de Nate segue todo na direção oposta à minha, eu já me sinto desobedecendo às regras quando paro em frente à garagem da casa dele. Mais ainda quando a mãe dele abre a porta.

Ela é muito legal. Sempre foi incrível comigo. Parece não saber o que fazer com o fato de eu estar parada diante da porta dela, o que é compreensível. Eu costumava entrar sem bater. Praticamente morava nesta casa no último ano de escola.

Agora, sou perigosa – para seu filho, para sua paz. Percebo que ela sabe disso.

– O Nate está?

– Ele não acordou ainda.

– Pode acordá-lo?

– Você não deveria estar aqui.

– Bem, mas estou.

– Você deveria deixar a universidade tratar disso, Caroline.

Estou de saco cheio dessas expressões indefinidas. Tenho ouvido muitas delas desde a primeira vez que meu pai usou uma. São palavras e expressões utilizadas como refúgio, um pedacinho de linguagem escorregadia que pode ser escondida. *Esta situação. Este problema. Esta questão.*

Eu sou uma promotora de justiça. Não vou permitir que ela se esconda atrás de palavras.

– A senhora viu as fotos?

Ela não consegue olhar para mim.

– Caroline, eu não quero falar sobre isso.

– A senhora viu ou não?

– Vi.

– A senhora reconheceu o edredom de Nate ao fundo?

Ela cruza os braços. Olha para um ponto no chão perto dos próprios pés.

– Sou eu naquelas fotos – digo. – Mas é o seu filho também, quer ele goste disso ou não, quer ele queira admitir que está comigo naquelas imagens ou não. Eu não contei a *ninguém* que elas existiam. Portanto, o fato de o mundo inteiro agora as conhecer é culpa dele. Nate precisa responder por algumas coisas. Portanto, eu gostaria que a senhora fosse acordá-lo.

Por meio minuto ficamos ali paradas. Acho que ela fica esperando que eu vá embora, mude de ideia, mas isso não vai acontecer.

Por fim, ela se vira e sobe a escada acarpetada. Deixa a porta aberta. Fico parada na soleira, à luz cinzenta da manhã. Um presente indesejado na porta.

Posso ouvir o rádio na cozinha. Do andar de cima, escuto um murmúrio de vozes, uma dança verbal entre Nate e a mãe, abafada demais para que eu entenda os detalhes.

Uma reclamação. Uma resposta enfática. Então a conversa fica mais alta. Uma porta é aberta.

– Por que você está do lado dela?

– Eu não estou do lado dela. Mas se descobrir que foi você que fez isso, não espere que eu o apoie apenas porque é meu filho. O que aconteceu com ela é desprezível.

– O que ela fez é desprezível.

– O que ela fez, ela fez com você. Agora se vista e desça.

Passos. Água correndo no banheiro do andar de cima.

Nate desce descalço, com uma camiseta vermelha e uma calça jeans, cheirando a pasta de dente.

Esfrega a mão na nuca.

– Eu não deveria falar com você.

– Quem disse? O reitor? Ora, por favor...

– Eu posso ser expulso.

– Você deveria ter pensado nisso antes de tentar arruinar a minha vida.

Ele estreita os olhos.

– Sendo melodramática?

– Você acha que estou *exagerando*?

– Ninguém tentou arruinar a sua vida, Caroline. A sua vida está ótima. Vai ser sempre ótima.

– O que isso quer dizer, afinal?

Ele contrai os lábios. Não responde.

– Você não faz ideia.

Acabo de me dar conta de que ele *realmente* não faz ideia. Quando disse que sempre seríamos amigos, de alguma forma distorcida, ele estava falando sério.

– Você acha que é como... um trote, uma pegadinha. Como aquela vez em que você e os outros caras encheram todas as janelas da escola de sabão, ou levaram o carro do treinador de futebol até o parque e o deixaram em cima da gangorra. O que você pensou? Estava acordado tarde da noite tomando cerveja, batendo punheta com pornografia na internet e então pensou *Acho que vou colocar aquelas fotos da Caroline aí*?

– Roubaram o meu telefone – murmura ele.

– Ah, mas que papo furado. Isso é uma mentira tão absurdamente deslavada que eu não vou nem... Meu Deus. Foi você, não foi? Você pensou que poderia fazer isso e que seria engraçado, ou incrível, ou que eu merecia. Você não pensou que acabaria com as minhas chances de entrar para a faculdade de direito. Que destruiria o meu relacionamento com o meu pai. Não sabia que eu não dormiria direito durante meses, que eu não seria mais capaz de olhar para um cara sem ter medo, que eu não conseguiria mais vestir uma blusa de manhã sem pensar *Será que fico parecendo vagabunda com essa roupa?* Eu pensei em

mudar de *nome*, Nate. Recebo ligações de estranhos dizendo que querem enfiar uma *lâmina de barbear* na minha *boceta*. Foi isso que você provocou. Isso e um milhão de outras coisas horríveis. Eu quero saber por quê.

– Não fui eu que fiz isso.

A voz dele está baixa, insegura. É mentira, uma mentira absoluta e ridícula, frágil demais até para ser reforçada com volume, linguagem corporal, qualquer coisa.

– Foi você.

Ele dá de ombros.

– Você é patético – digo. Porque ele é. É ridículo. Se escondendo atrás desse ódio, olhando com desprezo para mim, olhando com desprezo para West. – Eu sinto pena de você.

– É? Bom, você é uma vagabunda.

– Por quê? Por que eu sou uma vagabunda? Porque eu terminei com você? Porque estou parada aqui? Porque não deixei você enfiar o pau no meu cu? Eu era *legal* com você, Nate! Eu amava você! Durante três anos, fiz todas as coisas bacanas em que pude pensar para você. E então você me recompensou com isso. Eu quero ouvir, da sua boca, o que você acha que eu fiz para merecer isso.

– Eu não vou dizer merda nenhuma para você.

A expressão dele é de teimosia. Queria que sua mãe pudesse vê-lo agora. Queria, sim, de verdade. Ele parece uma criança de 4 anos. É um garoto teimoso demais para me dizer a verdade, infantil demais para compreender as consequências dos próprios atos.

Ele me odeia porque pode odiar.

Porque tem permissão para isso.

Porque é homem, rico, privilegiado, e o mundo o deixa se safar disso.

Não mais. A vida que aquelas fotos arruinaram não vai ser a minha.

– Aproveite as suas férias – digo a ele. – Aproveite o resto do seu semestre. Vai ser o último.

Então consigo ver o medo nos olhos dele. Pela primeira vez, Nate está com medo de mim.

Gosto disso.

Quando entro no carro, bato a porta e me tranco no silêncio. Estou dentro da caixa de metal agora, mas está tudo bem. Posso ir e vir como desejar. Posso encontrar uma forma de ficar confortável com todas as impossibilidades da minha vida.

Não sei o que vou fazer a respeito de Nate. Não sei se a diretoria me apoiará em uma luta contra ele, se há alguma maneira de enquadrá-lo em um processo criminal ou civil. Fucei um pouco na internet, mas, como até este mês eu não

queria pensar em lutar, não havia realmente levado em consideração como essa luta vai ser. Quanto tempo pode levar. Não sei nem o que quero de Nate, agora que estou me permitindo querer coisas de novo.

Hoje não é o dia em que vou me preocupar com isso. Hoje tenho outras impossibilidades em que pensar.

West está indo embora, e eu o amo.

Não posso mudar isso. Posso apenas encontrar uma maneira de lidar com a situação.

Tenho trabalho a fazer aqui, coisas erradas a consertar.

Saio da garagem e sigo para a casa do meu pai.

Preciso de um favor e ele é o único que pode me ajudar.

– Preciso que você tire meu namorado da cadeia.

É uma frase que eu nunca esperei precisar dizer a alguém, muito menos ao meu pai, mas ela sai direta, fluida e fácil.

Toda a perturbação e a confusão ficam com ele.

– Você precisa que eu... O seu o quê? Da cadeia?

Talvez eu devesse ter preparado o terreno.

Queria ter escolhido outro momento, alguma manhã em que entrasse na cozinha e ele ficasse feliz em me ver. Ao contrário de hoje, quando o encontrei lendo jornal e tomando café, com olheiras profundas, a boca triste demais ao me ver à porta.

Mas não existe outro momento. Só este, com esta dor revirando meu estômago enquanto penso que o futuro com meu pai pode ser assim para sempre, essa decepção perpétua, nosso antigo relacionamento impossível de ser recuperado.

– O nome dele é West Leavitt e ele está detido em Putnam. Pelo menos, acho que está. Seria legal se você pudesse descobrir isso para mim, na verdade. Ele estava planejando admitir posse de maconha.

– Você tem um namorado. Que fuma maconha.

– Mais ou menos. Quero dizer, sim, ele é meu namorado. E às vezes fuma maconha. Mas, na maior parte do tempo, ele só...

Vende.

Ai. Preciso prestar mais atenção ao que estou dizendo, porque meu pai é esperto. Ele conversa com acusados há muito tempo. Acho que é muito bom em ouvir até o que não é dito.

Posso ver em seus olhos quando ele assimila a informação. As rugas do rosto se aprofundam e a papada fica ainda maior.

Sempre o achei o pai mais bonito de todos. Nunca o vi como um velho antes, ou fraco, e dói muito, para mim, ser o motivo do seu enfraquecimento.

– É aquele garoto – diz ele. – Aquele do outro lado do corredor. Do ano passado.

– É.

– Você me prometeu que ficaria longe dele.

– Eu fiquei. Por um longo tempo.

Então o silêncio cai sobre ele e a neve começa a bater nas janelas, porque o tempo ficou péssimo.

Meu pai toma um gole do café.

Seguro as costas de uma cadeira da cozinha e penso na minha mãe. Me pergunto se ficaria do meu lado, se não tivesse morrido.

Penso na minha irmã Alison, no Corpo da Paz. Ela tem acesso à internet onde está e pode checar seus e-mails. Me pergunto se ela já sabe.

Penso também na minha irmã Janelle, que sabe. Ela me mandou um e-mail. Um texto muito, muito longo que eu fechei sem ler, porque o primeiro parágrafo continha as palavras *eu perdoo você*, e eu não quero o perdão de ninguém.

Não sou eu que preciso ser perdoada.

– Conte o que aconteceu – diz meu pai.

– Com as drogas?

– Me conte tudo.

Então eu tento.

Tento contar de uma forma que não tentei no outro dia porque estava com muita raiva.

Tento contar apesar de sentir que não há tempo para isso e de preferir estar com West. Não sei bem o que preciso dizer ao meu pai para tentar tocá-lo através do filtro da dor e da decepção.

Tento contar porque o conheço e sei que ele é justo, e que me ama.

Começo pelo início e sigo até o momento atual. Digo tudo o que acho que ele realmente precisa saber. O que Nate fez comigo. O que West me deu. Tudo o que aconteceu, tudo o que é pertinente. E mais.

Uso a palavra amor. Digo que amo West. Porque isso também é pertinente.

E porque, agora que disse a West, posso dizer a qualquer um.

Eu amo West. Eu o amo, eu o amo, eu o amo.

Quando termino, meu pai sai da cozinha, mas não vou atrás dele. Lavo a caneca de café na pia. Moo mais grãos que tiro do freezer e faço mais um bule. Coloco alguns pratos de cima do balcão e da mesa na máquina de lavar louça.

Dou um tempo a ele.

Se eu fosse meu pai, acho que precisaria de um tempo.

Sou sua filha mais nova, a garota que perdeu a mãe mais cedo, quando ainda era pequena demais para se lembrar dela. Era ele quem me consolava quando eu tinha pesadelos. Foi ele que compareceu a todas as cerimônias de entrega de prêmios, todos os torneios, todas as formaturas.

É ele que tem uma foto minha em seu escritório, com um sorriso de dentes separados e os cabelos presos numa maria-chiquinha.

Talvez quando o seu último bebê, a filha sem mãe, de maria-chiquinha, cresce e vai embora, fica o consolo de que ela é inteligente e ficará segura. De que saberá fazer boas escolhas.

Deve ser muito difícil para ele, agora, lidar com as consequências das escolhas que eu fiz.

Eu não sou um vestido branco. Meu futuro não é algo que eu possa sujar, rasgar ou estragar. Não mesmo. Mas, para meu pai, acho que sou um vestido que ele lavou, uma esperança que alimentou, e ele precisa encontrar uma maneira de se ajustar ao que eu fiz.

A filha dele está nua na internet.

Sua bebezinha está apaixonada por um traficante.

Dou um tempo a ele.

Depois de apenas dez minutos, ele volta à cozinha. Aceita a xícara de café que lhe ofereço. Fica olhando fixamente para a bebida escura. Olha nos meus olhos e diz:

– Vou fazer algumas ligações.

– Obrigada.

Ele suspira. E larga o café.

– Não me agradeça ainda. Acho que não há muito que eu possa fazer. E preciso dizer, Caroline, que não sei se faria nem isso se esse garoto...

– West.

– Se esse... West não estivesse com um pé na porta.

– Está certo. Obrigada.

É uma grande concessão da parte dele. Se vai fazer algumas ligações, isso quer dizer que está colocando a própria reputação em jogo por West, o que significa que confia em mim. Pelo menos um pouco.

Passo o braço ao redor dele. Seu pescoço cheira a loção pós-barba. Como meu pai.

– Eu te amo – digo.

Porque é verdade. Sempre o amei. Ele é o meu mundo e me deu muita coisa. Segurança e força, inteligência e coragem, além do conhecimento que é minha arma.

Ele é um ótimo pai, e eu o amo.

Quando o aperto, ele levanta os braços e me aperta de volta.

– Depois disso, podemos dar um tempo nas notícias bombásticas? – pergunta ele. – Eu vou acabar enfartando por sua causa.

– Espero que sim. Embora talvez este seja o momento de dizer que não vou estar aqui nas férias. Depois que você livrar o West, vou ficar com ele até ele voltar para casa.

Mais um suspiro. Um longo minuto, com a neve batendo no vidro, sem a gente se soltar. O colarinho da camisa dele é duro, seu corpo está quente e seu tamanho é surpreendentemente estranho agora que passo tanto tempo abraçada com West.

Meu pai não é muito alto. Sempre pensei nele como sendo mais alto do que eu, mas ele não é, afinal.

É apenas normal.

Nós dois estamos fazendo o melhor que conseguimos.

– Falei com o Dick – diz ele. – Temos algumas estratégias a considerar.

– Está bem. Por que não marca uma reunião para nós três e eu levo tudo o que ele tiver para submeter a apreciação?

Meu pai dá um passo para trás e olha para mim com as sobrancelhas erguidas.

– Você vai submeter a apreciação?

– Isso. – Toco em seu braço. – Esta luta é minha, papai. Vou querer a sua ajuda se for o que eu achar que preciso. Mas não se engane quanto a quem está no comando.

Ele ri. Não é uma grande risada. Apenas uma fungada com um meio sorriso e um leve balançar da cabeça.

– Você sempre foi dominadora – diz ele.

Mas diz isso com orgulho.

Queria ter uma foto dela naquele dia.

Eu disse para ela não ir, para não se envolver, mas não esperava realmente que fosse me obedecer. É como Caroline me disse: somos um time, e ela é a líder.

Alguns caras teriam problemas com isso, tipo o idiota do ex dela. E, claro, até eu protestei quando ela disse isso, mas foi mais para fazê-la sorrir.

O fato de Caroline ser a líder não significa que eu esteja abaixo dela. Não me diminui. É só quem ela é.

Sempre gostei disso nela. A forma como ela entrava em uma sala de aula com seus livros, o fichário, as canetas... Dava para ver pela forma como levantava a mão, pelas perguntas que fazia, pela sua postura: ela *é* a líder.

É o que a torna tão incrível.

Então eu queria ter uma foto de Caroline nos degraus da delegacia de polícia. Sua postura perfeita. A forma como os cabelos caíam sobre a gola do casaco, brilhantes e sedosos. Sua expressão, séria num instante e radiante no minuto seguinte. A luz que tomou conta daqueles olhos castanhos enormes quando ela me viu saindo da delegacia.

Nunca vou me esquecer disso. Jamais poderia esquecer como Caroline estava na primeira vez que a vi depois de ela dizer que me amava.

Ela foi a única pessoa além da minha mãe ou de Frankie a me dizer isso. A única garota a me entregar o coração, e detesto o fato de ela ter feito isso justamente quando eu estava indo embora. Quando eu ferrei com tudo – a faculdade, minha situação em casa, a maconha, meu trabalho. Fui demitido da padaria. Perdi a prova do meio do semestre, quase fiz com que ela fosse presa, e foi nesse momento que ela decidiu que estava na hora de me dizer aquilo.

Eu não sabia o que responder. Ainda não sei.

Eu também te amo.

Acho que ela sabe disso. Se não sabe, eu estava fazendo alguma coisa errada durante todas as semanas que passamos juntos.

Caroline sabe, mas não faria nenhum bem a nós dois dizer isso abertamente. Se eu dissesse, seria apenas mais uma perda para suportarmos.

Pensei em responder *Não deveria*, mas também não consegui.

Ela não deveria me amar, mas ama. Fico feliz por isso. Mais do que feliz, fico exultante. Não há nenhuma parte do meu corpo – um osso, uma molécula, um único átomo – que queira que ela se sinta diferente.

Ela está apaixonada por mim.

Graças a Deus.

Então eu queria essa foto. De Caroline em pé sob o sol com nossos amigos ao redor. Bridget e Quinn na escada, ouvindo enquanto ela dizia alguma coisa. Pedi que Bridge cuidasse dela, mas vendo Caroline ali, percebi que ninguém mais precisa cuidar dela, se é que um dia isso foi necessário. Ela estava com as amigas enquanto o pai aguardava suas ordens dentro de um carro no meio-fio.

Ela era a líder.

O pai dela mexeu alguns pauzinhos e conseguiu que me soltassem em liberdade condicional, com permissão para sair do estado, desde que eu realize algum tipo de programa de combate às drogas em Oregon. Ainda há obstáculos a serem superados, mas o defensor público disse que a contravenção será retirada da minha ficha depois que o processo for concluído. Ele me garantiu que o acordo era bom – talvez melhor do que eu merecia. Já o pai dela disse que ficaria feliz em me ver pelas costas. Entendo isso. No lugar dele, eu me sentiria da mesma maneira.

Melhor do que eu merecia – essa era Caroline. Da cabeça aos pés, do começo ao fim, todos os dias em que a tive.

Eu deveria me lamentar por ter dormido com ela, por termos nos tornado amigos, por um dia ter ido até o carro dela e a convidado para entrar na minha vida.

Há coisas que lamento. Ter deixado Frankie. Ter pensado que eu poderia sair da minha cidade e ser bem-sucedido. Que poderia dar as costas à responsabilidade que assumi há dez anos e confiá-la a outra pessoa.

Lamento ter vindo para cá, porque, se tivesse ficado em Oregon, talvez pudesse ter evitado que isso acontecesse. Teria mantido minha mãe longe do meu pai. Ela teria continuado com Bo, e Frankie estaria segura em sua cama com bichinhos de pelúcia e esmaltes com glitter. Eu deveria ter ficado lá, contando histórias para ela dormir. Dizendo que ela pode ser quem quiser.

É isso que posso fazer: dar essa certeza a Frankie. Não pegá-la para mim.

Eu lamento por ter tentado.

Mas não lamento por Caroline. Nem um pouco.

Mas queria ter essa foto.

O sorriso dela.
Os olhos dela no instante em que levantou a cabeça e me viu saindo, livre.
Queria ter essa foto, só para ter algo de Caroline para guardar comigo.

ABRIL

Caroline

Eu o tive por mais uma semana enquanto algumas questões jurídicas eram resolvidas.

Sete dias.

West tentou se afastar de mim, mas eu jamais deixaria isso acontecer. Dormi na cama dele. Eu o beijei, lambi, mordi e arranhei. Coloquei a língua em cada ponto do corpo dele que tive vontade.

Ele era meu. Eu sabia que precisava devolvê-lo, mas não era obrigada a fazer isso ainda. Recusei-me a chorar sua perda antes de ele ir embora.

Eu o ajudei a fazer as malas. Ajudei a vender o carro para Quinn.

Levei-o para a cama.

Fui com ele até a diretoria de assuntos estudantis e o obriguei a trancar formalmente a matrícula. Não por achar que ele pode voltar, mas porque é a maneira correta de ir embora. De forma planejada. Cuidadosa.

De forma planejada, cuidadosa e lenta, coloquei a boca no pau dele e o chupei até ele parar de dizer meu nome e começar a corcovear no colchão, embolando os lençóis embaixo dos calcanhares, gozando com as mãos enroscadas nos meus cabelos, as pontas dos dedos suaves atrás das minhas orelhas.

Eu o abracei.

Eu o toquei.

Naquela última noite, acariciei suas costas e seus ombros, os quadris e a bunda, os braços, o pescoço, o rosto.

Enquanto ele ainda era meu para amar, eu o amei.

Então o deixei ir.

No aeroporto, eu não sei o que dizer.

Ficamos de mãos dadas no caminho entre o estacionamento e o balcão de check-in. No caminho entre o balcão de check-in e a fila de embarque. Até

chegar, finalmente, o momento em que ele precisa ir e eu tenho que ficar e nós não podemos mais permanecer de mãos dadas.

Ele solta a mochila no chão e me puxa para um abraço.

Não consigo pensar em nada significativo para lhe dizer. Com meu corpo, é fácil ficar perto dele. Esfregar os cílios molhados na camisa dele, sentir seus lábios no topo da minha cabeça, seus braços tão apertados ao meu redor.

Não digo que gostaria que ele não tivesse que ir. Do outro lado do país, há uma menininha que precisa dele. Há um lugar onde ele se encaixa, uma outra vida, e não posso questionar o peso que isso tem para ele. Não tenho esse direito.

Posso desejar que as coisas fossem diferentes. Já desejei isso mil vezes. Mas, como não são, não vou dizer que gostaria que ele ficasse.

– Ei – chama ele.

Olho para seu rosto. Ponho as mãos em seu pescoço, cubro suas orelhas, parcialmente tapadas pelo boné preto. Ele vai embarcar em um avião ao lado de uma mulher qualquer que acha que ele é um estudante universitário aleatório, ninguém importante. Ela não sabe que ele é tudo.

– Vou sentir saudade das suas orelhas – digo a ele.

– Vou sentir saudade desse espaço entre os seus dentes.

– Eu nunca te mostrei como consigo cuspir através dele.

– Tudo bem. Ocupamos nosso tempo com outras coisas.

Isso me faz sorrir, o que também o faz sorrir, e nós apenas nos encaramos. Observo como os olhos dele formam ruguinhas nos cantos, como as marcas de expressão se acentuam ao redor dos lábios, como seus dentes são bonitos. O nariz ligeiramente torto. O sorriso vai embora e deixa sua boca muito séria, tão séria como os olhos.

Brinco com as orelhas dele. Belisco os lóbulos.

– Não sei como fazer isso – digo.

– Não tem um jeito certo. A gente simplesmente faz.

Seguro a aba do boné, giro em sua cabeça e fico na ponta dos pés para lhe dar um beijo de despedida. Estou dando um beijo de despedida em West.

Ele me segura pela nuca. A língua entra na minha boca e o beijo fica profundo, e mais profundo, até que chegamos ao ponto onde não há limites entre nós. O ponto onde eu lhe dou um pedaço do meu coração, da minha alma, um estandarte com franjas macias que se agitam ao vento, declarando-o meu para sempre.

Digo, com este beijo, que quero que ele fique bem. Que quero que ele cresça. Que quero que ele use a mente e as mãos, sua curiosa energia incansável, sua criatividade, a serviço de algo que alimente sua alma.

Digo que quero que ele se lembre sempre de comer, de fazer bons pães, de

prestar atenção ao que faz com seus dias, ao que põe para dentro do corpo, ao que o alimenta.

Digo que o amo e que meu amor significa que eu quero que ele seja feliz, que seja inteiro.

Meu amor significa que eu preciso deixá-lo ir.

Quando ele afasta os lábios e pressiona a ponta do nariz na minha bochecha, estou chorando, molhada e descabelada, e ele diz:

– Caroline. Meu Deus, Caroline. Não.

– Está tudo bem – digo. – É assim que as coisas são.

As mãos dele estão nos meus ombros, no meu pescoço, os polegares acariciando a minha boca, e eu faço carinho em seus braços, os músculos firmes e tensos. Brinco com seus pelos, desejando que tivéssemos mais tempo.

Acho que não é justo não termos mais tempo.

Não há ninguém com quem reclamar.

Meus dedos seguram a pulseira de couro no pulso dele, as letras do seu nome. Encontro o fecho e o abro com o polegar. A pulseira cai no chão e, quando me abaixo para pegar, damos uma cabeçada, porque ele se abaixou ao mesmo tempo que eu, para pegá-la para mim. Apenas mais uma coisa que ele faria por mim. Mais uma forma como ele quer me ajudar na tarefa de viver.

– Eu preciso ficar com isso.

Ele sorri e diz:

– Tudo bem.

Coloca a pulseira em mim, então beija meu braço, em cima do fecho, bem no meu pulso.

Há estandartes dentro de mim também, dizendo que sou dele. Eu os levarei pelo resto dos meus dias.

– Se cuida – diz West. – Não deixe ninguém se safar com um papo furado qualquer.

– Pode deixar.

– Bridget e Quinn vão cuidar de você. E tente evitar que Krish se autodestrua, se puder.

Krishna.

Krishna está acabado.

Ele deixou West assumir a culpa por ele, saiu da cadeia e foi direto para um bar. Não voltou para o apartamento e não atende às ligações de West.

Apenas Bridget parece saber o que ele anda fazendo. Ela falou com Krishna algumas vezes. Está preocupada com ele, mas nenhum de nós sabe o que fazer.

Na verdade, não consigo pensar em Krishna no momento.

– Vou fazer o possível.

Minha voz está chorosa. Meu coração está tão cheio de cortes, de ferimentos... A cada segundo eu sangro mais um pouco.

West encosta a cabeça no meu pescoço e me dá um beijo ali.

– Não chore por minha causa. Você vai ficar bem. Ótima. Melhor do que ótima. Você vai dormir muito mais também, o que é bom. Vai viver mais tempo.

Volte para mim.

As palavras gritam dentro de mim, mas mantenho a boca fechada e pouso as mãos no corpo dele, apenas para sentir seu calor e sua respiração.

Não sei se algum dia voltarei a vê-lo.

– Prometa... – digo, embora tivesse decidido ficar calada. Embora tivesse jurado a mim mesma que não faria nenhum pedido. – Prometa que você vai ser meu amigo. Prometa que vai me ligar, me mandar mensagens, me contar o que está acontecendo na sua vida. Prometa que, se acordar no meio da noite, se estiver sozinho, se precisar de alguém...

Ele levanta a cabeça e seca as minhas lágrimas de novo, desta vez com os polegares.

– Eu prometo.

– Você vai precisar de uma amiga.

– É.

– Eu quero ser sua amiga, West.

Ele beija a ponta do meu nariz.

– Você já é, Caroline Piasecki.

Eu fecho os olhos. Apenas fecho os olhos, abro as mãos e solto a parte de trás da camisa dele.

– É melhor você ir para a fila.

– É.

– Mande uma mensagem quando chegar.

– Pode deixar.

– Diga à sua irmã que eu mandei um oi.

– Ela vai gostar disso.

Desta vez, quando ele me beija, não me permito tocá-lo em lugar nenhum além da boca.

Os lábios dele são tão macios...

Eles me dizem tudo o que eu disse a ele, e mais.

Viva. Respire. Lute. Seja quem você é. Seja melhor. Seja forte.

– Não me espere – sussurra West, e me beija de novo. – Eu não quero que você espere.

Quando ele pega a mochila e vai embora, fico pensando no dia em que nos conhecemos.

Em como ele parou o carro quase em cima dos meus pés. Em como me provocou, me fez sorrir, me fez desmaiar.

Em como ele segurava aquela galinha de borracha idiota, sorrindo, perguntando *Quer brincar?*

Acho que talvez eu sempre tenha estado esperando por ele.

Sempre.

Não sei como vou conseguir parar.

DEPOIS

Ser uma boa moça significa passar a vida toda desenvolvendo um radar bastante preciso para detectar qualquer coisa capaz de fazer com que as pessoas nos amem menos.

Garotas como eu – ou como eu era em agosto passado – se alimentam de aprovação. Nós vivemos para isso. Então, quando somos atacadas cruelmente por um cara que faz tudo o que pode para que nos sintamos sujas e repugnantes, nossa primeira reação é sempre assumir a culpa.

Minha culpa, dizemos. *Minha culpa, minha culpa, minha culpa.*

É preciso um tipo especial de pessoa para tirar as mãos da frente dos nossos olhos e nos mostrar o que estamos vendo de verdade. De quem é a culpa. Que exercício inútil a culpa pode ser.

West me ensinou a fazer pão. Me empurrou para cima de um telhado e me beijou até que eu visse estrelas.

Ele me ensinou que vale a pena ir mais fundo.

Porque uma mensagem de texto é capaz de nos tirar o chão. Uma decisão ruim, um flash de uma câmera e a parte ensolarada e perfeita da nossa juventude está acabada.

Então podemos decidir. Olhamos ao redor, remexemos nos escombros, fazemos nossas escolhas.

Nos armamos de amor, amigos, conhecimento.

Descobrimos quem somos. O que queremos.

Descobrimos e vamos atrás, a qualquer preço.

E isso às vezes significa que devemos nos permitir ficar assustados. É preciso virar à esquerda, assumir riscos e cometer erros, porque, de outra forma, como encontrar amigos que nos ensinarão a fazer uma defesa, a beber licor de caramelo só por beber, a ficar só de sutiã e dançar?

Quando temos a chance de ir mais fundo, precisamos agarrar essa chance de qualquer maneira. Agarrar sua camisa com força, até a chance estar nua, em contato com nosso corpo, e estarmos famintos e satisfeitos, desesperados e saciados, tontos e centrados.

Precisamos fazer isso, porque a feiura está em toda parte.

Porque a vida não é justa.

Porque o mundo é um lugar seriamente fodido.

Precisamos fazer isso porque a beleza está lá fora e vale qualquer sacrifício para aproveitá-la.

Vale a pena, mesmo que não consigamos mantê-la.

NOTA DA AUTORA

Queridos leitores,

O que aconteceu com Caroline se chama “vingança pornô” ou “pornografia não consensual”, e é uma droga. É também perfeitamente legal em todos os Estados Unidos, com exceção de Nova Jersey e da Califórnia.

Vingança pornô é uma forma de abuso que usa imagens sexuais sem o consentimento da pessoa retratada como forma de constranger, ferir e denegrir a vítima. Acontece o tempo todo, abertamente, com o consentimento do sistema jurídico norte-americano.

Isso precisa parar.

Se quiser saber mais sobre o assunto ou emprestar sua voz para apoiar a criminalização da prática, peço que visite o site End Revenge Porn (www.endrevengeporn.org), uma campanha que tem a finalidade de dar visibilidade à questão, apoiar vítimas e sensibilizar legisladores para modificar a lei.

Com carinho,
Robin York

NOTA DA EDITORA: No Brasil, as vítimas desse tipo de crime – ou seus responsáveis – podem recorrer à Justiça e requerer a exclusão imediata do material divulgado sem consentimento. Além disso, para apoio, informação e orientação sobre o assunto, podem visitar o endereço http://new.safernet.org.br/helpline e conversarem com psicólogos de forma anônima e com garantia de sigilo sobre tudo o que for dito.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de fazer um agradecimento pessoal a todas as mulheres que escolheram falar sobre suas experiências como alvos de pornografia não consensual. Suas histórias deram forma à que escrevi, e eu só posso desejar que o livro desempenhe um pequeno papel na conscientização sobre o assunto e na mudança da postura pública. Há muito que melhorar.

Ao escrever este livro, recebi muito apoio da equipe de suporte da Random House. Um imenso agradecimento à minha editora, Shauna Summers, que foi inestimável para me ajudar a montar a história, e à editora associada Gina Wachtel, cujo entusiasmo por West e Caroline tornou a escrita um prazer (na maior parte do tempo).

Durante toda a confecção do livro, como nos outros, eu estaria perdida sem a ajuda das minhas amigas-barra-parceiras-críticas. Mary Ann Rivers sempre compreendeu West melhor do que eu, graças a Deus. Quando eu não sabia o que deveria acontecer a seguir, ela me dizia. Ela também escreveu para mim uma *fanfiction* sobre Caroline e West quando eu comecei a choramingar sobre o final deste livro, uma história que só me resta guardar em uma pasta especial, de tão incrível que ficou. (Havia uma surra envolvida.)

A minha agente, Emily Sylvan Kim, e a minha melhor amiga, Serena Bell, que leram sucessivos rascunhos com avidez e me ofereceram milhões de excelentes sugestões de melhoria. *Profundo* é um livro melhor graças ao feedback delas.

Também me sinto em dívida com várias pessoas por compartilharem suas ideias e experiências na fase de pesquisa deste livro, inclusive Maisey Yates, Phoebe Dantoin, Morgan Tuff, Laura Bickle e Curt Johnson. Meu irmão Austin partilhou comigo as lembranças de suas noites como padeiro e eu complementei suas memórias assistindo aos ótimos vídeos de Vincent Talleu no YouTube seis ou oito vezes cada. Ou dez. Quem está contando?

Meus agradecimentos também à padaria Not by Bread Alone, em Green Bay, Wisconsin, onde a padeira Angela me permitiu acompanhá-la em uma madrugada durante a semana.

Poucos personagens me deram tanto prazer e satisfação de escrever como

West e Caroline. Espero que eu lhes tenha feito justiça. Quaisquer erros que permaneçam são de minha responsabilidade.

SOBRE A AUTORA

© Mark Anderson / STUN Photography

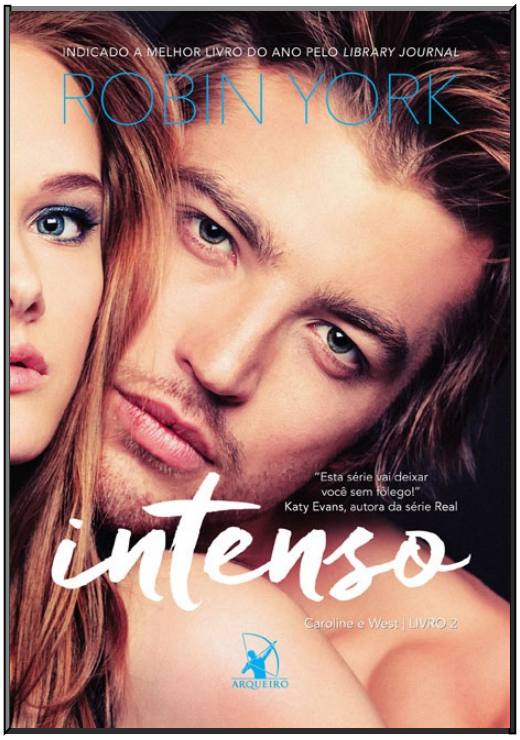


ROBIN YORK foi criada numa universidade, depois fez faculdade, inscreveu-se num segundo curso superior e então se casou com um professor universitário. Ainda não sabe ao certo por que não lhe ocorreu escrever para jovens adultos antes.

Sob o pseudônimo Ruthie Knox, é autora best-seller do *The New York Times* e foi indicada ao prêmio RITA. Ela também é mãe coruja, arrasa na cozinha e resolve problemas na trama de seus livros enquanto corre, faz trilha ou anda de bicicleta.

www.robinyork.com

CONHEÇA OUTRO LIVRO DA SÉRIE



Intenso

West

Esta será a última vez, foi o que pensei quando me despedi dela no aeroporto. *A última vez que a beijo. A última vez que a toco. A última vez que vejo seu rosto.*

E então me virei e fui embora. *É o fim. Acabou.*

Lembro-me vagamente de ter passado pelo portão de embarque e entrado no avião. Alguém sentou ao meu lado, mas não recordo se foi homem ou mulher. Nada poderia ser mais difícil do que me afastar de Caroline.

Isso quase me faz rir agora, se é que podemos chamar de riso o som que sai da garganta quando precisamos engolir em seco, incapazes de nos livrarmos do sabor amargo dos nossos erros.

Voltei para Silt com o humor de quem se prepara para um duelo no Velho Oeste. Estava prestes a confrontar meu pai. Ao meio-dia, sacaríamos nossas

pistolas. Eu atiraria, o abateria e então... bem, essa era a parte em que evitava pensar. A tela ficaria escura. Fim. Nada.

Nada. Era onde eu viveria depois de tirá-lo da minha vida de uma vez por todas. Dentro da escuridão, eu montaria uma barraca, puxaria um cobertor por cima de mim e aguentaria o tranco.

Eu era o xerife, certo? E ele era o bandido. Mas depois que eu o derrubasse, qual seria a minha recompensa? Uma eternidade vazia. De que vale então uma estrela dourada presa na minha camisa?

Tinha certeza de que eu era o xerife da história, mas o que aconteceu quando cheguei foi bem diferente do que eu esperava.

Fiz o impossível. Me afastei de Caroline.

Só que tudo ficou mais difícil depois disso.

Caroline

O toque de celular de West ressoou no quarto escuro, entrando no meu subconsciente. Estou tendo um daqueles sonhos deliciosos: a pele quente dele contra o meu corpo, o peso e o cheiro dele, sua mão deslizando pela minha barriga. Tudo isso lento, quente e West... até a canção finalmente penetrar através da névoa do meu sonho e me despertar.

Acordo excitada e furiosa, porque sei o que vem a seguir. A sensação ruim no estômago, o dia inteiro tentando não me lembrar daquela enxurrada de memória sensorial. Preciso enfrentar isso e esquecer West de vez. No entanto, meu desejo é voltar urgentemente para aquele sonho.

Estou tão distraída que pego o celular e deslizo o dedo pela tela antes de registrar o que aconteceu. *Era* o toque de West. West me ligou à uma da madrugada, depois de sumir por dois meses e meio.

Se ele me ligou bêbado, vou pegar um avião para o Oregon e dar um chute no saco dele, penso. Mas não é assim que me sinto. Queria que fosse. Queria poder ouvir West dizer "Alô?" sem me sentir... assanhada.

Retorno a ligação.

– Alô?

Levanto no quarto escuro, ciente de que cada centímetro da minha pele reage à respiração do outro lado da linha. Tenho muitas lembranças que começam assim. Muitas conversas em que disse a mim mesma que não faria besteira, mas acabei fazendo. Tenho essa carga imensa de saudade e dor, tão insuportável que posso escutá-la na minha voz quando disparo:

– O que você quer?

– Meu pai morreu.

Minha cabeça clareia em um instante.

– O quê?

– Ele levou um tiro – explica West. – Tudo está uma bagunça. Caro, sei que não posso pedir isso, mas simplesmente preciso...

Um barulho o interrompe. Fico ali parada, esperando ele completar a frase. Estou apertando o celular contra a orelha, com a respiração acelerada, com o tipo de clareza que só encontrei em momentos de crise. Mas por que eu deveria me importar com o que ele vai dizer a seguir?

Porque às vezes a razão não está no comando. Ele me deixou. Ele me

magoou. Sei disso. Mas ainda estou ali, segurando o telefone, e sei que entrarei em um avião em poucas horas.

Retiro a minha mala da esteira de bagagem, saio do aeroporto e vejo West apoiado em uma caminhonete suja. A primeira coisa que penso é: *Ele cortou o cabelo.*

A segunda coisa que penso é: *Talvez tenha feito isso por ela.*

Se é que há alguém. Nunca acreditei naquela história. Se ela existe mesmo, não está ali. *Eu estou*.

West está assustador. Com a barba por fazer, uma sombra parece emoldurar sua fisionomia: maçãs do rosto, globos oculares, testa saliente, queixo bem desenhado, boca tensa. Os músculos em seus braços cruzados estão mais definidos.

O West que me deixou em Des Moines há quatro meses era um rapaz, às vezes um menino, mas aquela pessoa me esperando é um homem grande, duro e com jeito de mau. Quando olha na minha direção, eu congelo.

Estou usando um cardigã branco sobre uma blusa verde nova que custou caro demais. Jeans de grife. Sapatilhas nada práticas. Roupas ridículas para agosto, porque sempre faz frio nessa época. Eu queria ficar bonita, mas me atrapalhei. Tenho o dom de fazer coisas erradas. Ainda assim, acho que nada que eu possa fazer pode ser comparado com o que está acontecendo na vida de West.

Ele se endireita e dá um passo à frente.

– Oi – digo, quando nos encontramos a poucos metros da caminhonete preta dele. Tento sorrir. – Você veio.

Ele não sorri em resposta.

– Você também.

– Desculpe pelo trabalho.

Eu havia mandado uma mensagem para ele pouco antes de embarcar. Como não queria dar chance de ele dizer não, apenas informei o número do voo e quando chegaria.

Quando o avião aterrissou em Minneapolis, havia três mensagens de texto e uma mensagem de voz dele, todas variações do mesmo tema: “Dê meia-volta e vá para casa.” Esperei até estar embarcando para Portland para mandar outra mensagem: Vou alugar um carro.

Saindo da ponte de embarque, recebi a resposta dele: Vou pegar você.

Como era o que eu estava esperando, respondi: Tudo bem.

Mas nada parece bem. Nem perto disso. West está de bermuda cargo e camisa polo vermelha com o logotipo de uma empresa de paisagismo. Está

bronzeado. Não reconheço seu perfume, um cheiro fresco e resinoso, como a parte interna de um armário de cedro depois de ser lixado.

– Você veio do trabalho? – pergunto.

– Sim. Precisei sair mais cedo.

– Desculpe. Você devia ter me deixado alugar um carro.

West estende a mão. Por um instante, acho que vai me puxar para si, mas ele apenas pega a alça da minha mala. *Recomponha-se, Caroline. Você não pode pirar toda vez que ele se aproxima.*

Ele abre a porta do lado do carona para colocar minha bagagem atrás do banco. A caminhonete é imensa, com a lateral dianteira violentamente amassada. Tomara que ele não estivesse dirigindo quando aquilo aconteceu.

Quando West volta, estou avaliando a musculatura de suas costas, lembrando a sensação de ter os ombros dele sob as minhas mãos na última vez que o vi. Ele é West e não é West.

Ele dá um passo para o lado para me deixar entrar. O interior do veículo tem cheiro de tabaco e, embora eu esteja com muito calor, opto por continuar de casaco. Eu me sentiria estranha em relação a me despir, de qualquer forma.

Viro para fechar a porta e nossos olhos se cruzam. É quando me dou conta. Ele não está diferente por causa do cabelo, do bronzeado ou dos músculos. São os olhos. A expressão dele está civilizada, mas seus olhos estão mais selvagens, como se quisesse rasgar o mundo e arrancar suas entranhas.

– Quer comer alguma coisa? – pergunta ele.

Não acho que o tom de ódio e cinismo de sua voz seja direcionado a mim. Tenho quase certeza de que é direcionado a tudo. Mas isso me causa um arrepio de apreensão, porque nunca ouvi West desse jeito antes.

– Não, estou bem. Jantei em Portland.

– São quase três horas até Silt.

– Estou bem – repito.

Ele está me encarando. Contraio os lábios para não me desculpar.

Sinto muito por ter vindo quando você me ligou. Sinto muito por ter precisado de uma carona do aeroporto. Sinto muito por estar aqui, sinto muito por você não me amar mais, sinto muito que aquele cretino violento do seu pai esteja morto.

Meu pai não queria que eu viesse. Precisei pedir demissão do meu emprego temporário como recepcionista de um consultório dentário algumas semanas antes do combinado e usar quase tudo o que recebi no verão inteiro para pagar a passagem de avião – uma atitude que meu pai chamou de “estúpida”.

Ele não confia em West e, pior, não confia em mim quando se trata dele. Sempre discutimos quando o assunto vem à tona. Brigamos feito cão e gato no

café da manhã, até meu pai perceber que não conseguiria me convencer a não fazer isso.

Para piorar a situação, estamos preparando minha ação civil contra Nate, meu ex-namorado, por invadir minha privacidade e me causar danos morais. Meu pai me quer por perto para que possamos ler juntos, mais quatro mil vezes, a queixa que ele preparou. Ele é juiz de profissão, pai solteiro de três filhas, um controlador detalhista e irritadiço por natureza. O que o torna, nesta situação, meio que insuportável.

Lembro a ele que foi justamente para se dedicar aos documentos que pagamos um zilhão de dólares antecipados ao nosso advogado, mas papai alega que se trata de uma experiência de aprendizado para mim. Se eu quero ser advogada, preciso prestar atenção.

Eu *presto* atenção. Tento, pelo menos. Ficou muito mais difícil depois que West contou que estava saindo com outra pessoa. E, quando ele me ligou ontem à noite, todos os outros pensamentos desapareceram da minha mente.

O julgamento está se aproximando e é importante. Manter os meus compromissos também. Mas West é *mais*.

Não vou abandoná-lo.

– Você não precisa exagerar. Estou aqui para ajudar.

Sem dizer uma palavra, ele bate a porta, senta-se ao volante e começa a dirigir. Eu pensava que Eugene fosse uma cidade, mas me enganei. Depois que deixamos o aeroporto, entramos imediatamente no meio do nada. É tudo tão verde!

West vira à direita, seguindo na direção das montanhas. São quase sete horas da noite. Chegaremos a Silt antes das dez, se tudo der certo. Não sei onde vou dormir esta noite.

Três horas dentro daquela caminhonete com West no escuro.

Por fim, decido que é melhor tirar o casaco. West liga o ar-condicionado e estende o braço para redirecionar a ventilação. Minha pele grudenta de suor esfria, fico arrepiada e meus mamilos enrijecem instantaneamente.

Ele direciona o vento para baixo.

– Você está fazendo paisagismo?

– Estou.

– Você gosta?

Por um segundo, West me recorda o gato da minha irmã Janelle. Ela costumava dar um jato d’água com uma pistola de brinquedo na cara dele para evitar que pule em seu armário. O bichinho faz exatamente essa expressão de desdém incrédulo.

– Sinto muito – digo.

Então tento contar quantas vezes me desculpei desde que saí do aeroporto.

Vezes de mais. Estou permitindo que ele me atinja apesar de ter prometido a mim mesma que não deixaria nada me afetar. É uma situação complicada. Alguém morreu e West estava arrasado o bastante para me ligar: minha função é ser imperturbável. Não vou ficar brava com ele ou bancar a magoada. Não vou me lamentar ou me atirar sobre ele. Vou simplesmente apoiá-lo.

Farei isso porque foi o que prometi quando ele deixou Iowa. Eu o fiz jurar que me ligaria e disse que poderia contar comigo para ser sua amiga.

Ele ligou. Eu vim.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
Antes
Setembro
Outubro
Novembro
Feriado de Ação de Graças
Dezembro
Férias de inverno
Janeiro
Fevereiro
Março
Férias da primavera
Abril
Depois
Nota da autora
Agradecimentos
Sobre a autora
Conheça outro livro da série
Informações sobre a Arqueiro